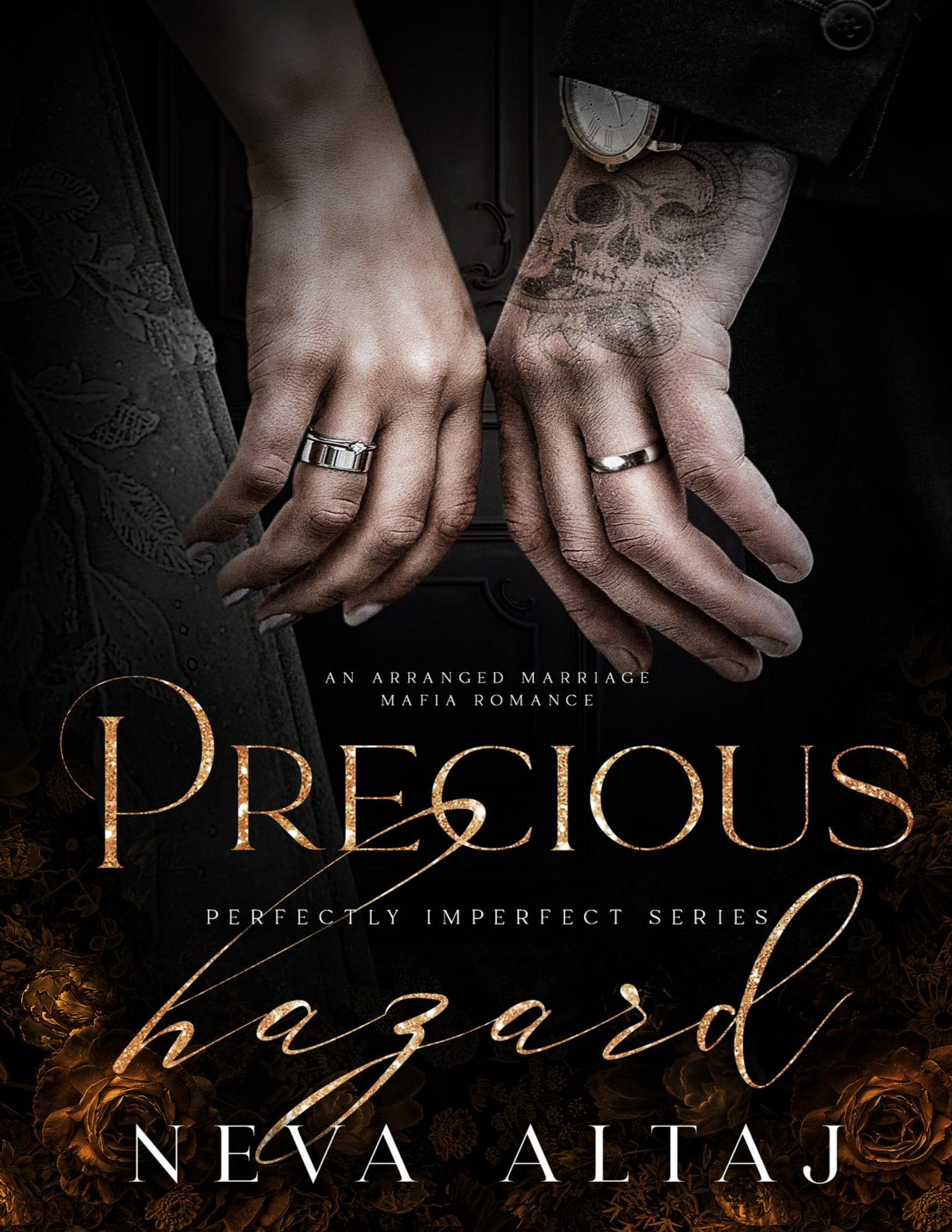

AN ARRANGED MARRIAGE
MAFIA ROMANCE
PRECIOUS
PERFECTLY IMPERFECT SERIES
hazard
NEVA ALTAJ

AVISO

VOCÊ NÃO TEM DE PAGAR PARA TER ACESSO A ESSE LIVRO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.
O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.
Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.
A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.
Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.
O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.
PROIBIDA A VENDA DESTE LIVRO.
É PARA USO GRATUITO.
DE FÃS PARA FÃS



Agosto 2025

Série Perfectly Imperfect

Neva Altaj

(Ordem de Leitura e Enredos)

1 - Painted Scars (Nina & Roman)

Herói deficiente, casamento falso, age-gap, atração de opostos, herói possessivo/ciumento

2 - Broken Whispers (Bianca & Mikhail)

Heróis com cicatrizes/deficiente, heroína muda, casamento arranjado, age-gap, a bela e a fera, herói possessivo/ciumento acima da média

3 - Hidden Truths (Angelina & Sergei)

Age-gap, herói quebrado, só ela o acalma

4 - Ruined Secrets (Isabella & Luca)

Casamento arranjado, age-gap, herói possessivo/ciumento acima da média

5 - Stolen Touches (Milene & Salvatore)

Casamento arranjado, herói deficiente, age-gap, herói sem emoções, herói possessivo/ciumento acima da média

6 - Fractured Souls (Asya & Pavel)

Age-gap, ele a ajuda a se curar, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento, ele acha que não é bom o suficiente para ela

7 - Burned Dreams (Ravenna & Alessandro)

Guarda-costas, amor proibido, vingança, inimigos para amantes, age-gap, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento

8 - Silent Lies (Sienna & Drago)

Herói surdo, casamento arranjado, age-gap, herói taciturno, heroína otimista, atração de opostos, herói super possessivo/ciumento

9 - Darkest Sins (Nera & Kai)

Heroína otimista, herói taciturno, atração de opostos, age-gap, herói perseguidor, só ela pode acalmá-lo, ele odeia todo mundo menos ela, toque nela e morra

10 - Sweet Prison (Zahara e Massimo)

Age-gap, romance proibido, só ela pode acalmá-lo,
atração de opostos, ele odeia todo mundo, menos ela, toca nela e morre,
herói exageradamente possessivo/ciumento.

11 - Precious Hazard (Tara e Arturo)

Casamento arranjado, diferença de idade, inimigos que se tornam amantes,
Grumpy/sunshine, atração de opostos, toque nela e morra, OTT,
herói possessivo/ciumento.

12 – Frozen Heart (Iris e Adriano)

Opostos se atraem, diferença de idade, herói perseguidor, casamento forçado/arranjado, só ela consegue acalmá-lo, toque nela e morra, herói possessivo/ciumento exagerado.

Sinopse

Tara

Minha vida é perfeita do jeito que está agora,

Sem Arturo DeVille nela.

E agora sou obrigada a me casar com aquele arrogante egocêntrico.

Ele espera que eu seja uma esposa sofisticada e dócil,

Que apenas sorria e acate cada ordem e exigência dele.

Mas é a última coisa que pretendo fazer.

Nossos votos de casamento podem dizer que devo amar e obedecer ao meu marido,

Mas o único voto que prometo cumprir é tornar a vida dele um inferno.

Até que ele se arrependa do dia em que disse: 'Aceito'.

Arturo

Há três qualidades que espero em uma esposa:

Obediente. Submissa. Respeitosa.

Uma mulher que se encaixe no mundo da Cosa Nostra.

Não obtive uma única característica que eu queria em uma esposa.

Em vez disso, recebi tudo o que nunca soube que desejava.

Ela invadiu minha vida como um terremoto,

me abalando até ao âmago.

Meu belo prenúncio do caos.

Meu precioso perigo.

Minha esposa.

Dedicatória

Para Andie,

Obrigada por estar ao meu lado desde a primeira palavra até a última letra. Pela ajuda e orientação em cada página bagunçada, entre cronogramas apertados e desalinhados, e por todo o caos que eu lhe lanço a cada vez, e que, de alguma forma, você sempre consegue organizar.

Obrigada pelas suas percepções, pelo incentivo e pelo apoio inabalável que moldaram não apenas este livro, mas toda a minha jornada como escritora. Eu não seria a autora que sou sem você.

Obrigada por caminhar ao meu lado desde o início, minha amiga. <3

Glossário

Putana – Prostituta (italiano)

Gattina – Gatinha ou gatinho, filhote de gato (italiano)

Madonna Santa – Santa Madonna, mas como exclamação, equivalente a ‘Meu Deus’ (italiano)

Ma sei impazzita! – Você está louca! (italiano)

Svadba – celebração de casamento; não se refere apenas ao ato de se casar, pois as pessoas podem casar-se no cartório ou na igreja em um dia e fazer a *svadba* no mesmo dia ou muito mais tarde (sérvio)

Pasulj – Um prato sérvio simples feito com feijão; uma refeição caseira tradicional e muito apreciada

Sljamu nalickani – Um insulto sem tradução literal, que significa algo como ‘um traste que se arruma demais, exagerando na aparência’ (sérvio)

Sunce ti jebem – Sem tradução literal, equivalente a ‘puta que pariu’ ou ‘caralho’ (sérvio)

Isuse! – Jesus! (sérvio)

Slava – Celebração familiar sérvia em homenagem ao santo padroeiro

Sarma – Rolinhos de folha de repolho recheados, prato típico sérvio

Gattina nera – Gatinha preta (italiano)

Ma lasciami dormire – Deixe-me dormir (italiano)

l’Onore – Honra (italiano)

Famiglia – Família (italiano)

Rispetto – Respeito (italiano)

Gattina mia – Minha gatinha (italiano)

Stronzo – Idiota / Babaca / Canalha (italiano)

Uma nota sobre as flores

É costume na Sérvia que, quando se oferecem flores como presente (por exemplo, em aniversários ou ocasiões românticas), o buquê contenha um número ímpar de flores (por exemplo, 3, 5, 21, etc.). Arranjos com um número par de flores são apropriados apenas como presente para pessoas falecidas (ou seja, levados a um funeral).

Nota da Autora

Querido leitor

Se você seguiu a ordem de leitura recomendada para a série *Perfectly Imperfect*, provavelmente percebeu que os dois últimos livros foram um pouco mais sombrios do que as histórias anteriores. Houve muito foco nas políticas internas da máfia e bastante intriga para mostrar esse mundo. Era o que aquelas histórias pediam, mas, para ser honesta, senti falta do lado mais leve.

Quando comecei a escrever *Precious Hazard*, queria me divertir um pouco. Optei por explorar a dinâmica dos personagens e gostei de ver como eles evoluíram diante dos meus olhos. Por isso, você vai perceber que este livro é um pouco mais leve, com bem menos assuntos obscuros envolvidos.

Espero que a história de Tara e Arturo seja tão divertida para você quanto foi para mim ao escrevê-la.

Com carinho

Neva

Aviso de Conteúdo

Este livro contém elementos que alguns leitores podem considerar perturbadores ou sensíveis, como menções à morte de um familiar próximo, sequestro, bem como descrições gráficas de violência, tortura e gore.

Lembre-se de que esta é uma obra de ficção, na qual a autora utilizou liberdade criativa para retratar certas cenas que seriam consideradas arriscadas e não são recomendadas no mundo real. Não tente reproduzir nada disso sob nenhuma circunstância.

Prologo

Quinze anos atrás

(Arturo, 20 anos)



Tudo começa como uma chama latente, no fundo do meu peito. Então, uma faísca ganha vida, explodindo em uma pequena chama que lentamente preenche a cavidade oca. Como um deserto seco e aberto, em pouco tempo, sou consumido por uma tempestade de fogo violenta. É difícil imaginar que tal ira possa nascer de um simples acender de um fósforo. Uma chama delicada que muitas vezes nem consegue resistir a uma brisa suave. No entanto, aqui estou eu. Com combustível em abundância para alimentar minha fúria, o fogo em minhas veias está pronto para destruir tudo em seu caminho.

Porque o bastardo sentado com ar presunçoso diante de mim quer minhas irmãs.

Quer arrancá-las de mim.

O chefe dá uma tragada no charuto e joga o fósforo apagado em um cinzeiro próximo. Ele está sentado em uma enorme poltrona com encosto alto no centro da sala, momentaneamente hipnotizado pelo charuto cubano em sua mão enrugada e manchada pela idade. Com sua pele seca e flácida e cabelos ralos, ele

sempre me lembrou um cadáver em decomposição. E hoje à noite, se ele insistir em tirar minhas irmãs de mim, vou transformá-lo em um.

— As meninas vão precisar da orientação de uma mulher, Arturo. Certamente você entende isso. — Outra tragada é puxada para seus pulmões impregnados de alcatrão, e não consigo evitar desejar que ele engasgue com ela. — E quem poderia cuidar melhor delas do que a irmã da sua mãe?

Aquela maldita vadia! Eu sabia que aquela *putana* estava por trás disso. E não tem nada a ver com ela ser uma tia preocupada. Depois que a Cosa Nostra praticamente a renegou quando ela se casou com um homem de fora da Família, ela tem tentado tudo o que pode para entrar nas boas graças do chefe. Especialmente desde que seu marido morreu, há dois anos. E agora, ela encontrou a maneira perfeita.

Só por cima do meu cadáver!

— Eu cuidarei das minhas irmãs, — rosno enquanto a ira corre pelo meu sangue, transformando o fogo que arde dentro de mim num inferno. — Ninguém mais.

— Oh, vamos lá, meu rapaz... Você mal tem vinte anos. Como pode esperar criar duas crianças de cinco anos e também cumprir suas obrigações para com a Família? Para comigo? — O chefe me lança um sorriso condescendente.

Minhas mãos se fecham em punhos ao lado do corpo, as unhas cravando-se na pele calejada das palmas. A vontade de envolver meus dedos em torno do pescoço daquele filho da puta egocêntrico e matá-lo na hora é insuportável.

— Darei um jeito, — digo entre dentes.

— Vitoria ama as meninas. Ela já começou a decorar os quartos delas em sua casa. Sua tia está muito animada para tê-las morando com ela.

Claro que está. A única coisa com que aquela bruxa intriguista se preocupa é renovar a própria vida. Se ela se tornar a tutora legal de Sienna e Asya, terá muito a ganhar com os casamentos delas. Ela venderá minhas irmãs para quem der mais.

— Vou lutar pela custódia. — De alguma forma, consigo cuspir as palavras, apesar do nó na garganta. O desespero pressiona meu peito como uma pedra.

— Não, Arturo. Você não fará isso.

Cada célula do meu corpo está fervendo. Meu sangue se transformou em lava derretida, pronta para incinerar o filho da puta que está recostado na cadeira à minha frente como se estivesse em um maldito trono. Menos de três metros me separam do chefe. Se estivéssemos sozinhos, eu já teria tirado a vida dele.

Mas não estamos sozinhos.

Todos os chefes da Família estão presentes. O bando de capangas em ternos perfeitamente ajustados, alinhados como soldados de brinquedo ao longo da parede. Para garantir que eu não saia da linha na frente do chefe, eu acho. Salvatore Ajello, alguém que considero um amigo, apesar de nunca ter demonstrado qualquer estima por mim, está entre eles. Seu olhar penetrante está fixo diretamente em mim.

Podemos ser amigáveis no trabalho, mas não tenho dúvidas de que ele me mataria sem hesitar se eu fizesse qualquer movimento para matar o pedaço de merda que atualmente governa a Família de Nova York. Aquela pobre desculpa de chefe, que faz pouco ou nada para proteger seu povo. Que agora se rebaixou a arrancar meninas de cinco anos de idade de suas casas, poucos dias após a morte de nossos pais. O que significa que eu não dou a mínima... Amigo ou não, se Ajello ficar no meu caminho, vou encontrar uma maneira de passar por ele e matar o bastardo que

está tentando roubar minhas irmãs. Sienna e Asya são tudo o que importa para mim. Sem elas, não terei mais nada a perder.

— Você pode ir agora. — O chefe apaga o charuto no cinzeiro. — Já tomei minha decisão. Certifique-se de que as meninas estejam com as malas prontas para partir amanhã de manhã.

Vermelho.

Tudo o que consigo ver é vermelho. A raiva cobre minha visão em uma névoa espessa enquanto flexiono as mãos e dou um passo à frente, preparado para cometer a maior traição, independentemente das consequências para mim.

O chefe é um homem morto.

Dou um passo em direção a ele quando, do nada, uma dor explode no lado direito da minha mandíbula e minha cabeça se vira para o lado. Levo vários segundos para piscar e tirar a névoa que obscurece minha visão e reconhecer a figura larga de Ajello bloqueando meu caminho.

— Vire-se e saia. — Ele agarra a frente da minha camisa, empurrando-me para trás. — Agora mesmo.

Não vai rolar. Eu o empurro e dou um soco no queixo dele, assim como ele fez comigo.

— Saia da frente, — digo com voz rouca.

Ajello simplesmente limpa o sangue do lábio cortado com as costas da mão. Seu rosto permanece completamente inexpressivo enquanto ele agarra minha camisa novamente e se inclina em direção ao meu rosto.

— Eu vou resolver isso. — Suas palavras são quase inaudíveis, baixas demais para que alguém além de mim possa ouvir. — Eu te dou minha palavra.

Muito chocado com a expressão sincera em seu rosto, implorando para que eu confie nele, ainda estou processando o que ele disse quando Ajello enfia o joelho no meu diafragma. A força do golpe me faz cambalear para trás.

— Dê o fora, DeVille, — ele grita. — E faça o que lhe mandaram.

Lutando para respirar, olho para Ajello confuso. Tenho quase certeza de que aquele idiota quebrou uma ou duas das minhas costelas. Como ele é membro da segurança pessoal do chefe, não estou nem um pouco surpreso com a proteção que ele oferece ao velho. Mas se ele está cumprindo seu dever, por que há um olhar estranho em seus olhos normalmente impassíveis? Por que eles estão me encarando, mas não com raiva? Há um apelo quase reverente em seus olhos normalmente frios. Algo totalmente incompatível com sua postura pronta para lutar.

Um movimento quase imperceptível de sua boca atrai minha atenção, mas nenhum som sai da boca de Ajello enquanto continuamos nosso impasse evidente. Ele repete o movimento. Muito mais devagar desta vez, permitindo-me ler seus lábios.

Confie em mim.

Nunca vi Ajello demonstrar qualquer tipo de cuidado por outra pessoa, mas, enquanto ele me olha de costas para a sala cheia de cobras, percebo o que é aquele olhar nos seus olhos.

Preocupação.

Por mim.

Posso confiar nele? Esse cara estranho e sem emoção? Apesar de ser apenas um ano mais velho que eu, ele deixa homens com o dobro da nossa idade cautelosos por causa dessa esquisitice. Por que diabos ele se importaria comigo ou com minhas irmãs? Não faz nenhum sentido.

Meu olhar percorre os homens reunidos ao redor da sala. A maioria deles tem as mãos nas armas, prontos para me matar na hora se eu der um passo em falso. Mesmo que eu consiga passar por Ajello, isso não significaria nada. Alguém me mataria por insubordinação antes que eu chegasse perto do chefe. Respirando fundo, cruzo o olhar com Ajello novamente.

Não tenho escolha a não ser confiar nele.

Aceno com a cabeça.

— Vá. — Ele acena com a cabeça em resposta.

Enquanto minhas costelas gritam de dor, eu me endireito e saio da sala. Agarrando-me desesperadamente a uma pequena esperança de que ele cumpra sua promessa.

Capítulo 1

Presente

Escritório de Salvatore Ajello, Nova York

(Arturo, 36 anos; Tara, 24 anos)



— Então? — pergunta Ajello, recostado na poltrona à minha frente. — Tem algo a dizer?

Olho para a taça em minha mão, girando-a, observando o líquido vermelho girar e espirrar no interior. Os traços tênues de vinho que permanecem na taça me lembram sangue.

Eu sangrei pela nossa causa mais vezes do que consigo contar. Durante negócios de drogas que deram errado. Brigas de gangues. Confrontos com organizações rivais. Não me arrependo de uma única gota. Sempre soube no que me meti. O sangue que derramei pela Cosa Nostra não foi desperdiçado. Hoje, porém, posso acabar sangrando por causa da minha pura teimosia.

— Aceito. — Levo o copo aos lábios e dou um gole. — Não vou me casar com Tara Popov, chefe.

A sobrancelha direita de Ajello se levanta levemente. Essa deve ser a demonstração de emoção mais significativa que vi nele em anos. Excluindo seu comportamento com a esposa e a filha, é claro. Depois de conhecê-lo por mais de duas décadas, ainda não tenho certeza se ele é realmente humano.

As pessoas acreditam que Salvatore Ajello é psicótico, mas não é. Ele é um homem que não aceita meio-termo. Para ele, é tudo ou nada. Ele pode me considerar um amigo. Talvez? Quem pode saber com Ajello? Mas eu sei que ele levaria um tiro por mim. Sem pensar duas vezes.

No entanto, nada disso influencia sua decisão em relação à minha situação atual. Ele é *o* Don de Nova York, e eu simplesmente me recusei a seguir sua ordem direta. Matar-me por insubordinação seria perfeitamente justificável.

— Por que não? — Ajello franziu as sobrancelhas, enrugando a testa. — A irmã de Drago pode ser um pouco temperamental, mas tenho certeza de que vocês dois formariam um casal perfeito.

— Um *pouco* temperamental? Aquela mulher tentou arrancar minha cabeça com uma bandeja de aperitivos. Se o irmão dela não a tivesse jogado por cima do ombro e levado embora, eu teria estrangulado aquela psicopata ali mesmo.

— É exatamente isso que estou dizendo. Você precisa desse tipo de desafio, Arturo.

— Fico emocionado com sua preocupação, chefe, mas tenho certeza de que já tenho desafios suficientes na vida. Especialmente agora, com esse projeto em que estamos trabalhando em parceria com Boston. Não preciso adicionar uma mulher maluca a tudo o mais com que tenho que lidar.

Levantando-se e pegando sua bebida na mesinha lateral, Ajello caminha até a janela que vai do chão ao teto, com vista para o horizonte da cidade. Esse é seu

gesto habitual quando está ponderando sobre um assunto particularmente delicado. Ou planejando a morte de alguém.

Os minutos se arrastam em silêncio enquanto ele simplesmente fica olhando para a vista.

— Eu não me aproximo das pessoas, Arturo, — finalmente diz. — Isso simplesmente não combina com a minha personalidade. De todas as pessoas que já conheci, você é a pessoa mais próxima que tenho de um amigo. O único homem a quem eu consideraria dar esse título.

— Tudo bem. — Aceno com a cabeça, um pouco perplexo com a nova direção que nossa discussão tomou. E com o fato de ainda estar respirando.

— Você é meu braço direito há mais de uma década, — continua Ajello, virando-se. — Como meu braço direito, confio em você mais do que em qualquer outro, e lhe dei quase total liberdade em uma infinidade de decisões de negócios. Tenho total confiança em você para fazer o que é certo para a Família, não importa quão complexa ou delicada seja a questão. Você nunca me decepcionou.

— Então qual é o problema?

— O problema é que você se envolveu demais, Arturo. Você insiste em estar presente em todos os negócios. Seja para cuidar dos detalhes de um contrato importante envolvendo um grande carregamento de drogas ou supervisionar um trabalho rotineiro que um de seus tenentes poderia facilmente fazer. Além disso, nenhum dos nossos projetos de construção pode avançar antes de você aprovar pessoalmente os planos e examinar as plantas, mesmo sabendo que não entende nada de construção. E, há uma semana, Nino me disse que você exigiu ser consultado sobre os horários dos turnos dos seguranças dos armazéns.

— Gosto de ser minucioso. Não vejo nada de errado nisso.

— Eu sei que não vê. — Ele toma um gole de vinho. — Quando foi a última vez que você transou?

Quase engasgo com o gole que acabei de tomar. — Com todo o respeito, chefe, isso não é da sua conta.

— É sim, se isso afeta seu desempenho. Você tem se afogado em trabalho. Às vezes, nem vai para casa dormir, apenas desaba no sofá do seu escritório. Trabalhando sem parar porque simplesmente não sabe o que fazer consigo mesmo atualmente. Com Asya e agora Sienna casadas e fora de casa, não há mais ninguém para você cuidar. Para proteger. Ninguém precisa mais que você os salve. Você é um cuidador por natureza, Arturo. E não tem ideia de como lidar com sua nova realidade.

Eu trinco os dentes, flexionando o maxilar. De alguma forma, aquele bastardo astuto nunca deixa de trazer à tona as preocupações internas que a maioria das pessoas prefere manter enterradas. Ele te faz enfrentá-las, esteja você pronto e disposto ou não. O homem pode ser emocionalmente distante na maior parte do tempo, mas tem um talento especial para despertar uma tonelada de emoções nos outros. Ajello nunca erra o alvo. Vê-lo a libertar o seu 'voodoo', especialmente quando faz os nossos rivais contorcerem-se, é uma coisa bonita. Tê-lo a vasculhar a *minha* psique? Nem por isso.

— Então você decidiu me sobrecarregar com uma esposa?

— A Cosa Nostra valoriza muito os valores familiares. Como meu segundo em comando, espera-se que você seja um exemplo para os outros. Como um homem de tradição, você entende isso, certo?

— Por quê ela? — pergunto com os dentes cerrados. — Se é tão importante que eu me case, eu aceitaria de bom grado uma garota da Família.

Alguém legal e dócil. Com todas as mulheres italianas disponíveis, por que você escolheria uma megera Popov?

— Sua animosidade por Drago atingiu o auge e está prejudicando nossa colaboração. Preciso que vocês dois resolvam suas diferenças e se deem bem.

— Ele é um idiota presunçoso e mal-educado que, de alguma forma, fez minha irmã acreditar que deveria se casar com ele! — respondo bruscamente. — Independentemente de como as coisas estão entre eles agora, nunca vou esquecer isso. E nunca vou me dar bem com aquele idiota!

— De fato. Pelo menos, não até que vocês dois estejam em pé de igualdade. Estou lhe dando essa chance. — O olhar de Ajello recai pesadamente sobre mim. — Ele pegou sua irmã. Você pega a dele. Problema resolvido.

Olho para meu chefe, sem palavras. Deixar para Ajello encontrar a solução mais ultrajante que, de alguma forma, faz sentido.

— E no que diz respeito a garotas italianas bonitas, — ele continua, — não acho que essa opção seja a melhor para você. A maioria delas já te idolatra, então onde está o desafio nisso? Tara Popov, por outro lado, é a mulher perfeita para você. Ela não será tão fácil de conquistar.

Comecei a rir. — E eu achava que você não tinha senso de humor, chefe.

— É. Minha esposa concorda com você. — Ele se vira para as luzes brilhantes da cidade além da janela. — Já reservei um local adequado para o casamento. Todas as despesas são por minha conta, é claro. Meu presente para o casal feliz.

— *Não* vou casar com a irmã de Popov, — rosnei novamente.

— Claro que vai. A alternativa é eu executá-lo por desobedecer minha ordem. Suas irmãs não aceitarão bem sua morte. Não depois de já terem sofrido tantas tragédias em suas vidas. — Ele toma um gole de vinho antes de continuar, com um tom completamente relaxado e sem emoção. — Asya sem dúvida vai chorar, mas com o tempo ela vai encontrar uma maneira de lidar com isso. Ela sempre foi forte, mesmo que não pareça assim por fora. Mas Sienna... Pobre Sienna, — ele suspira. — Não tenho certeza se ela algum dia superará sua perda. Perder pessoas que ama sempre foi seu medo mais profundo. Muito parecido com o seu, devo acrescentar. — Ele se vira novamente, fixando-me com um olhar. É penetrante, mas o homem permanece calmo, casual e confiante. — Você sabe por que ela concordou em se casar com Drago?

A raiva se acende dentro de mim, tão ardente que mal consigo formar as palavras. — Não.

— Eu disse a ela que mataria você se se opusesse ao casamento. No fim, tudo deu certo, é claro, mas isso não muda o fato de que ela estava disposta a se sacrificar por você. Que tipo de irmão não faria o mesmo?

Estou segurando os braços da cadeira com tanta força que espero que eles se partam em pedacinhos a qualquer momento. Filho da puta! Eu *sabia* que suas táticas dissimuladas tinham influenciado a decisão de Sienna de se casar com o sérvio. A única razão pela qual ainda estou preso à cadeira, em vez de atravessar a sala para dar um soco na cara daquele filho da puta, é por causa do que ele fez por mim há tantos anos.

Se não fosse por Ajello, só Deus sabe o que teria acontecido com Sienna e Asya. Nenhuma delas saiu completamente ilesa sob meus cuidados, mas fico arrepiado só de pensar no que poderia ter acontecido se minhas irmãs tivessem sido tiradas de mim quando tinham cinco anos.

É estranho que Ajello não esteja usando suas ações do passado como vantagem contra mim agora.

— Você não vai insistir que estou em dívida com você? — pergunto com raiva. — Que devo minha lealdade e obediência por causa do que você fez pela minha família?

— Tanto a obediência quanto a lealdade devem ser inspiradas pelo respeito, Arturo. Um homem que pede a alguém que considera um amigo que faça o que ele quer como retribuição por uma ajuda dada de graça não é digno desse respeito. O que eu fiz, fiz porque era a coisa certa a se fazer. Você não está em dívida comigo por isso.

Meu olhar volta para a taça de vinho que coloquei na mesinha ao lado. As palavras calmas de Ajello me abalaram profundamente.

Líderes como Salvatore Ajello são raros em nosso mundo, e eu apostaria que são quase inexistentes se considerarmos esse mundo como o lado sombrio da sociedade legítima. Ele é o tipo de homem que nunca recua do campo de batalha se isso significar deixar seus homens para trás. Alguém que sempre colocou o bem-estar de seu povo, da Família, acima de tudo. Ele quase morreu por isso. O maluco.

É por isso que o respeito, é por isso que sempre lhe fui fiel. Nunca houve uma vez em que não segui as ordens de Ajello. Será que recusar casar com a irmã de Drago Popov vale a pena virar as costas a este homem? Ao meu líder? Ao meu amigo?

— Você realmente vai colocar uma bala na minha cabeça se eu não fizer isso?

Ele me olha por cima da borda do copo. — Não. Mas eu ficaria muito grato se você simplesmente concordasse.

Fecho os olhos e respiro fundo.

Honra.

Lealdade.

Compromisso.

Junto com as tradições, esses são os princípios que segui durante toda a minha vida, mesmo antes de jurar lealdade à Cosa Nostra aos dezoito anos. Há uma década, quando aceitei o privilégio de ser o subchefe de Ajello, jurei lealdade e devoção a ele como chefe da família. Tenho muito orgulho disso.

Mas minha lealdade a Ajello vai além da minha dedicação a ele como meu chefe. Serei eternamente grato a ele, mesmo que tenha deixado claro que não lhe devo nada por sua ajuda. Não que importe o que ele sinta a respeito, ele conquistou meu apoio incondicional.

— Quer ouvir uma coisa? — pergunto. — No dia do carnaval de casamento atroz de Popov...

— *Svadba*, você quer dizer?

— Sim, isso mesmo. Depois de estacionar o carro e me dirigir para a casa gigantesca dele, um gato preto atravessou a rua bem na minha frente.

— Não me diga que você acredita nessas superstições tolas.

— Eu não acreditava. Até aquele dia, pelo menos. Dez minutos depois, porém, encontrei a irmã de Drago. — Balanço a cabeça. — Uma matilha de cães raivosos é menos ameaçadora do que ela. Então você me diz que não há nada de mau presságio nisso.

— Algumas culturas acreditam que gatos pretos trazem boa sorte.

— Acho que vou descobrir em breve.

— Devo entender que você vai se casar com essa mulher, então?

— Sim. — Solto um suspiro. — Mas Tara Popov nunca concordará. Ela me odeia. Provavelmente mais do que eu a odeio.

— Hmm. Talvez você não devesse ter tentado matar o irmão dela. Você precisa encontrar uma maneira de consertar isso. Flores podem ajudar. Elogios, com certeza. Tente convidá-la para tomar um café primeiro.

Aperto as têmporas, gemendo por dentro. Salvatore Ajello me dando conselhos sobre como cortejar uma mulher? — Porque funcionou bem para você, chefe?

— Bem, você sempre pode ameaçar aniquilar todos que ela ama. Quando as flores falharam, foi isso que me conquistou Milene. Eventualmente. No que diz respeito às mulheres, o segredo é não ser mole com elas.

O telefone de Ajello começa a tocar, e ele dá de ombros enquanto o pega. — *Cara mia*, você ainda está acordada?... Não, ainda não tive tempo de comprar comida para o gato. Vou fazer isso assim que terminar com Arturo.... Sim, estou ciente de que Kurt está vomitando desde ontem. A maldita peste provavelmente comeu outro inseto nojento e... Como assim ele te arranhou? — Girando, Ajello corre em direção à porta do escritório. — Fica aí. Estou indo agora. Ligo para Ilaria no caminho.... Não me importa se é só um arranhão!.. Não, não estou exagerando! E se infeccionar?

Uma corrente de ar atravessa a sala com a força com que Ajello abre a porta. Ele para na soleira, com o telefone ainda colado ao ouvido, e olha para mim. — Você tem dois meses para convencer sua futura noiva a se casar com você.

A porta se fecha com um estrondo, mas ainda posso ouvir o som de sua voz se afastando enquanto ele continua fazendo barulho por causa do maldito

arranhão da esposa. Jesus. Se alguém tivesse me dito há alguns anos que Salvatore Ajello seria tão apaixonado por uma mulher, eu teria rido na cara dessa pessoa. É uma tragédia, realmente. Pelo menos ninguém jamais me veria perder a cabeça assim. Especialmente por uma esposa *indesejada*.

Estou mesmo a entrar neste circo?

Sim, estou. Eu dei minha palavra e ninguém pode me fazer voltar atrás. Muito menos a maldita Tara Popov.

Pego o celular no bolso e ligo para Nino Gambini. Como nosso chefe de segurança, ele fica de olho em qualquer pessoa que possa afetar a Família. Considerando a importância da nossa colaboração com a organização sérvia, ele deve saber onde está a irmã de Popov. Como Ajello já deu início às coisas, estabelecendo um prazo ridiculamente curto antes do casamento, preciso entrar em ação imediatamente. Descobrir o que a minha futura esposa anda a fazer atualmente é o primeiro passo para pôr as coisas em ordem.

— Preciso saber onde posso encontrar Tara Popov, — digo assim que a ligação é atendida.

— Espere. Deixe-me verificar os registros no arquivo dela. — O som rápido de teclas sendo digitadas ecoa na linha.

— Você tem um *arquivo* sobre ela?

— Temos arquivos de todas as pessoas com quem tivemos contato na última década e de qualquer pessoa considerada de *interesse especial*. — Os toques e cliques continuam até que Nino diz: — Aqui está. Na última semana, a Sra. Popov está trabalhando como garçonete no clube do irmão. Que dia é hoje?

— Quarta-feira.

— O turno dela termina à meia-noite.

Puxando a manga da camisa, olho para o relógio. Tenho menos de duas horas para chegar a Naos. — Obrigado, Nino.

Meus passos largos me levam pelo escritório de Ajello. Paro rapidamente para pegar meu paletó no encosto do sofá e saio pela porta.

Vou encontrar minha futura esposa.

Enquanto ela está servindo mesas em uma maldita boate.

Que ótimo.

***

O trânsito de Nova York é uma merda.

— Dá pra sair da frente, seu idiota? — Bato no volante com a palma da mão.

O carro à minha frente não se move. Claro que não. Há uma fila de pelo menos dez outros carros entupindo a pista. O carro ao meu lado não está em melhor situação. Se eu não chegar ao Naos nos próximos cinco minutos, vou perder minha *noiva*.

— Foda-se. — Eu viro o volante para a direita e piso fundo no acelerador, deslizando para um beco entre dois prédios estreitos e antigos.

Na verdade, eu não preciso ver Tara Popov hoje à noite, mas quero resolver esse casamento o mais rápido possível. Se não fizer isso, essa merda vai ficar na minha cabeça, me assombrando enquanto durmo. Não posso deixar isso

acontecer, não com todas as outras merdas que têm me impedido de dormir direito ultimamente.

Nossos compradores estão me pressionando porque nossa última remessa de drogas atrasou. Mas, em vez de lidar com isso, estou atendendo reclamações idiotas de barulho em um dos nossos prédios em Chinatown. Nossos trabalhadores estão demolindo o porão, e Wang, aquele filho da puta da Tríade, está exigindo que limitemos a demolição a três horas por dia. Três horas, porra! Levaria meses para terminar o depósito personalizado nesse ritmo, e eu precisava que estivesse pronto ontem.

Esses são os *verdadeiros* problemas que me fazem arrastar o traseiro até o amanhecer. Eu não vou perder nem um minuto de sono por causa daquela mulher.

Com o pé pesado no acelerador, voo pelas ruas estreitas em meu SUV Land Rover. Normalmente, sou um motorista cuidadoso, preferindo não chamar atenção indesejada para mim. Mas com tudo o que tem acontecido ultimamente, minha paciência está se esgotando. Os engarrafamentos também não estão ajudando meu humor. Já recebi duas multas por excesso de velocidade no mês passado; mais uma e terei minha carteira suspensa. De alguma forma, não consigo me importar com isso hoje.

Estou chegando ao clube de Drago quando um gato preto magro pula de uma lixeira à frente, aterrissando no meio da rua.

— Droga! — Piso no freio e bufo a buzina.

O maldito nem se mexe. Fica parado no lugar, com as costas arqueadas e o rabo todo eriçado, enquanto meus faróis refletem em seus olhos arregalados. Meus pneus guincham quando eu dou ré e acelero, virando o volante para a direita e saindo do beco para a rua principal. Se eu acabar perdendo Tara por causa de um gato, um

maldito *gato preto,* eu vou... *Droga!* Faltam apenas alguns minutos para o fim do turno de Tara, então eu piso no acelerador, de olho na entrada principal do Naos, a menos de um quarteirão de distância.

O som de uma sirene soa atrás de mim, seguido pelas luzes vermelhas e azuis iluminando meu retrovisor. Uma rápida olhada no espelho lateral confirma que um carro da polícia está me seguindo.

Gemo. — Só pode estar de sacanagem comigo.

Capítulo 2

No dia seguinte

Clube Naos, Nova York



As quintas-feiras costumam ser tranquilas. Não que o Naos se transforme em uma cidade fantasma, isso nunca acontece, mas os grandes apostadores que costumam frequentar o clube sofisticado do meu irmão preferem as noites de sexta e sábado para se divertir. Infelizmente para mim, hoje à noite todo o clube foi reservado para um evento privado. No entanto, em vez dos ternos sob medida e vestidos de grife típicos, o espaço está cheio de uma multidão vestida de couro e jeans rasgados.

Os motociclistas locais, cujo líder é amigo de Drago, decidiram fazer uma festa de aniversário para um dos membros do grupo no nosso clube.

Que sorte a minha.

— Se você continuar olhando para os meus seios, vou chutar suas bolas, Johnson. — Bato no peito do cara barbudo com meu bloco de notas e sigo em direção ao bar. É mais fácil falar do que fazer, já que primeiro preciso passar por uma parede de homens suados. Garrafas e copos de cerveja vazios chacoalham quando levanto

a bandeja acima da cabeça para passar entre duas mesas altas lotadas de mais caras barbudos, todos cantando junto com uma música que toca alto nos alto-falantes no teto.

— Tara! — grita o barman por cima do barulho. — Esses highballs estão ficando sem gás aqui!

— Vai se foder, — murmuro baixinho e bato a bandeja no balcão.

Aparentemente, esses caras podem beber um rio inteiro. Meus pés estão me matando e estou farta das piadas sem graça que tenho ouvido. O que eu não daria agora para lidar com as garotas pretensiosas e os machões arrogantes que costumam frequentar este lugar. Na maioria das vezes, a clientela é de cerca de oitenta pessoas, cada uma com os bolsos cheios do dinheiro sujo de seus negócios obscuros. A multidão de quase duzentas pessoas desta noite está muito longe disso. Além das ilegalidades, é claro.

Adoraria matar meu irmão quando chegar em casa por me obrigar a fazer essa porcaria, mas ele e Sienna estão em Chicago agora, visitando a irmã dela. Minha vingança terá que esperar.

Eu sei, eu sei... Ser forçada a tirar uma 'licença disciplinar' do meu cargo de gerente geral do contrabando de diamantes de Drago *é* um castigo justo por ter causado uma cena no casamento atrasado dele e de Sienna. Tudo isso me faz sentir como se estivesse de volta ao ensino médio e tivesse sido suspensa novamente. Mas eu entendo. Eu o envergonhei. Estraguei o dia perfeito da minha cunhada. Sim, eu estraguei tudo. *De novo.* Mas me obrigar a trabalhar no Naos? Isso é um saco!

Para piorar a situação, não consegui um emprego fixo em outro lugar enquanto cumpria minha 'pena'. Não porque não quisesse ou não tentasse, mas por causa de um 'risco à segurança'. Parece que o Grande Irmão decidiu fazer outra

jogada ousada nos negócios e pode ter irritado outra pessoa em Nova York, então, no momento, não posso ficar por conta própria. Tenho me perguntado se isso tem algo a ver com a máfia grega, porque Drago ficou completamente louco quando soube que eu estava namorando Stavros.

Porco teimoso e superprotetor!

Depois de uma palestra de vinte minutos sobre como eu deveria ter minha vida em ordem a essa altura, Drago estabeleceu a lei. Eu devo substituir quem quer que ligue dizendo que está doente no clube dele. Garçonete, barman, zelador... não importa. Fui rebaixada a substituta neste momento. Uma mulher para tudo! Mestre em nada, ao que parece.

Até agora, fiz um inventário de tudo o que há no depósito. Tive que sair no meio da noite em uma 'caçada' para comprar limas quando elas acabaram inesperadamente. E ainda tive a oportunidade de experimentar *o coquetel* Tom Cruise, trabalhando atrás do balcão por algumas noites. Foi divertido, até que eu errei uma mistura e um dos clientes acabou no pronto-socorro.

Que vida de merda.

Agora sou garçonete e odeio isso ainda mais do que fazer inventário. Mas prometi a mim mesma que iria vencer. Não vou estragar tudo! Deus sabe que já estraguei praticamente tudo até agora.

— Isto é para o senhor na mesa reservada. — O barman coloca uma garrafa de Dom Perignon e duas taças em uma bandeja de prata e empurra-a na minha direção.

— Tem um *cavalheiro* entre esses neandertais?

— VIP. Ele está na mesa número doze.

Empurro a bandeja para trás. — Jelena e Maja estão servindo todos que estão nas cabines.

— Esse cara pediu você especificamente. — Ele se inclina sobre o balcão de madeira, sorrindo maliciosamente. — Não sabia que você gostava de italianos, Tara.

— Ha! Antes o inferno congelaria. — Pego a bandeja e atravesso a pista de dança em direção ao outro lado da seção de cabines semiprivadas.

O meio da boate está lotado. Corpos balançam e se esfregam ao ritmo da batida forte. O baixo retumba pelo chão, enviando pulsos incessantes para o centro do meu peito. É quase impossível abrir caminho até as cabines VIP. Pelo menos reconheço a maioria dos rostos. Já fui com Drago a alguns encontros organizados por este MC. São um grupo barulhento, mas ter tantos motociclistas por perto não me incomoda. Muito. No entanto, em geral, não me dou bem em multidões de pessoas que não conheço. Sinto sempre que todos estão a olhar para mim, à espera que eu faça alguma asneira. Não suporto.

Mantendo a bandeja o mais firme possível, empurro dois caras que estão olhando para uma das outras garçonetes. A última coisa que preciso é derrubar essa maldita garrafa de champanhe vintage. Aposto que custa mais do que meu carro.

É verdade que ainda dirijo o velho carro que usei na faculdade. Sou boa com o dinheiro dos outros, mas péssima em lidar com o meu. Nunca consegui economizar o suficiente para comprar algo melhor. Então, estou presa com a velha Betsy porque Drago se recusou a me comprar um carro novo enquanto eu estava na faculdade, dizendo que eu tinha que ganhar. Essa é a personalidade balcânica dele, de ponta a ponta. Podemos ter nos mudado para os Estados Unidos há duas décadas, mas ele nunca perdeu nem um pouquinho das lições do velho continente.

Ugh, se eu não amasse tanto meu irmão, teria mandado *tudo para o inferno* e voltado para o meu apartamento assim que ele se recuperasse totalmente do tiro. Eu poderia ter feito isso, se não tivesse sido despejada por esquecer de pagar o aluguel. Em minha defesa, eu estava mais preocupada com a vida do meu irmão do que com as contas naquele momento. Apesar de mais um erro meu, respeito Drago o suficiente para aceitar suas preocupações com segurança. Embora ainda não esteja totalmente convencida de que alguém realmente tentaria *me* machucar só para chegar até ele. Quem se importaria comigo, sinceramente? Mas tudo bem, concordei em ficar onde estou.

As cabines luxuosas que custam quinze mil dólares em uma noite normal circundam a pista de dança em um amplo arco. As paredes de vidro fosco separam cada área de estar e proporcionam uma aparência de privacidade aos ocupantes que relaxam no santuário interno. Garçons designados ficam normalmente posicionados na entrada, prontos para atender esses VIPs em tudo que precisarem. A cabine doze é o espaço pessoal de Drago. Normalmente, ninguém além dele tem permissão para usá-la. Mas hoje não é uma noite *normal*. E parece que o bastardo que está sentado lá decidiu estragar ainda mais a minha noite.

As duas lâmpadas nas extremidades do sofá de couro branco estão apagadas, tornando o espaço mais escuro do que o resto do clube. Girando em torno de um casal que dança na beira da pista, nem olho para o ocupante da cabine enquanto me aproximo e coloco a bandeja no meio da mesa baixa de vidro. — Seu champanhe, senhor.

— Bem, bem... parece que ela tem boas maneiras, afinal. — A voz rica e grave ressoa em minha pele, provocando um arrepio inesperado.

Minha cabeça se levanta rapidamente, meus olhos se fixando no homem relaxado com os braços estendidos sobre o encosto do sofá. O couro branco contrasta

fortemente com sua roupa totalmente preta. Os três botões superiores de sua camisa social justa estão abertos, revelando um pedaço de seu peito bronzeado e esculpido. A luz reflete na grossa corrente de ouro e na cruz que pendura em seu pescoço. Deixo meu olhar vagar mais para cima, até o rosto dolorosamente lindo que eu esperava nunca mais ver. A parte inferior do rosto é coberta por uma barba cerrada que o faz parecer estar sempre com aquele aspecto de barba por fazer, sedutor. O corte impecável não esconde o queixo forte nem o maxilar maravilhosamente anguloso. O nariz é reto, e seus olhos castanhos profundos são emoldurados por cílios grossos e escuros. E então há aquele cabelo levemente ondulado, impecavelmente penteado e tão negro que praticamente absorve a luz ao seu redor.

Maldito Arturo DeVille.

O irmão de Sienna.

A fúria me invade ao observar suas feições perfeitas. Eu gostaria de poder estragá-las um pouquinho. Ou muito. Eu chamaria isso de vingança por ter deixado meu irmão com uma cicatriz na bochecha quando os dois tentaram se matar. Eu sei que DeVille não saiu ileso, mas não foi o suficiente. Tenho certeza absoluta de que Drago teria conseguido matar aquele bastardo se Ajello não tivesse aparecido e interrompido a briga. O destino pode ser muito cruel às vezes. Gostaria de dar uma surra nele, junto com DeVille. Meu irmão é a única família que me resta, e a ideia de alguém machucá-lo me deixa furiosa.

Ah, certo... Se eu precisasse de um lembrete de como cheguei onde estou agora, lá está ele.

O diabo em pessoa.

— Que porra você está fazendo aqui? — pergunto entre dentes.

— Assim está mais parecida com você. — Os lábios de Arturo se curvam em um sorriso condescendente. — Sente-se, Tara.

Sorrio de volta o máximo que posso. — Acho que você está esquecendo onde está, DeVille. Você não dá ordens aqui. E para você é Srta. Popov.

Aquele sorriso desaparece, transformando-se em uma careta. — Pode sentar, mulher? Preciso falar com você sobre um assunto sério.

— Não temos nada a discutir. Nada do que você diria me interessa.

DeVille aperta a ponte do nariz e solta um suspiro exasperado. — Ajello talvez estivesse certo. Eu deveria ter trazido flores. Mas você provavelmente odeia flores, não é?

— Ajello? — Levanto uma sobrancelha. — Por que seu chefe teria alguma opinião sobre minhas preferências? Ele nem me conhece.

E por que eu não gostaria de flores? Eu adoro flores. Tem um vaso gigante de lírios da paz ao lado da minha cama. Drago comprou para mim depois de uma de suas tiradas sobre como eu não levo minhas responsabilidades a sério. Isso foi quando eu desisti da faculdade. Minha terceira faculdade. Mas a planta ainda está viva e bem! Tá bom... a parte do ‘bem’ pode ser um pouco discutível, já que, da última vez que verifiquei, ela só tinha algumas folhas verdes entre uma infinidade de folhas secas.

— Pode sentar, por favor?

— Não. Estou bem assim, obrigada.

— Eu deveria ter pedido uísque. — DeVille balança a cabeça enquanto pega a garrafa de champanhe. — Tudo bem. É assim que as coisas estão. O chefe da Cosa Nostra expressou seu desejo de que nós dois nos unamos em santo matrimônio.

Eu vim aqui hoje à noite para que pudéssemos concordar com os termos e avançar com os detalhes finais. Suas *preferências*, por exemplo.

Eu fico boquiaberta, processando o absurdo que acabou de sair da boca dele. Um casamento. Com ele? Uma risada incontrolável explode do meu peito. Tento contê-la para não chamar muita atenção para nós, mas é tão engraçado.

— Você realmente me enganou por um momento, — resmungo. — Foi Sienna que te mandou fazer isso? É a maneira dela de se vingar de mim porque eu preguei uma peça nela com aquela história sobre a loja de sapatos favorita dela fechar? Pode lhe dizer que estamos quites. Tchau!

Ainda rindo muito, viro-me para voltar ao trabalho, mas a voz irritantemente sexy de DeVille me atinge novamente.

— Tara. — Aquele timbre rouco deveria ser ilegal, ou pelo menos vir com um aviso. É perigoso para quem não está preparado.

Olho por cima do ombro. Ao que tudo indica, o irmão de Sienna ainda está confortavelmente recostado no encosto do sofá, bebendo champanhe em sua taça. No entanto, não há nenhum traço de tranquilidade ou suavidade em suas feições. Seu queixo está firme, e sua testa está franzida enquanto ele me observa por cima da borda do copo. Não sei bem como sei disso, mas estou convencida de que o homem é um barril de pólvora prestes a explodir. Uma câmara magmática entupida, pronta para entrar em erupção. Aquele olhar nos olhos dele? É o olhar de raiva contida. Poderia me incinerar onde estou.

— Estou falando sério. Ajello até reservou o local.

O quê?

Agarro a borda de uma poltrona próxima e me deixo cair no assento de couro.

Salvatore Ajello é o homem mais temido da costa leste. Já vi homens adultos - gangsters e bandidos - quase se borrarem nas calças quando o nome de Ajello é mencionado. Como diabos fui parar na mira dele?

— Como assim? — engasgo.

— Está tudo acertado. O chefe quer fortalecer os laços entre nossas organizações, então não há o que discutir. Nossa função é decidir como vamos lidar com essa situação.

— Ah? É um acordo fechado, é? — Minha voz está firme e consigo manter o tom calmo. Mas, ao me inclinar sobre a mesa para aproximar meu rosto do de DeVille, estou transbordando de raiva. A pressão que sobe no meu sangue pode rivalizar com a do homem que se autoproclama meu marido.

Puta merda, isso não pode estar acontecendo.

— Bem, deixe-me dizer como vamos lidar com essa situação, DeVille, — digo com os dentes cerrados. — Vou tomar uma dose dupla de tequila e depois continuarei com minha noite de merda. E você... — Aponto meu dedo para o peito dele. — Você vai voltar para o seu chefe maluco e dizer a ele que ele pode continuar mandando em seus lacaios, como você. Arrumando casamentos e outras bobagens para satisfazer seus caprichos. Mas eu não sou um deles. Então, gostaria que vocês dois fossem se danar.

Mantenho meus olhos fixos nos de DeVille e me levanto da poltrona com toda a graça que consigo reunir, ajeitando o avental enquanto me levanto. Uma pessoa inteligente faria qualquer coisa para ficar fora do radar de Ajello, com medo de acabar em um saco para cadáveres por irritar o chefe. Pena que nunca fui acusada de ser inteligente.

— Tara... — A voz de DeVille parece ter se transformado. Ela baixou vários decibéis e ficou mais grave, ganhando um tom quase rouco. O tom grave dá a impressão de que ele está a um passo de perder o controle. Não é tanto um aviso, mas uma promessa da minha morte.

— A sua bebida é por minha conta, DeVille. — Aceno com a cabeça em direção à garrafa sobre a mesa, depois dou meia-volta e vou embora.

Sinto o peso do seu olhar enquanto atravesso a pista de dança lotada. Não pode ser real, porque há tantas pessoas entre nós, mas quando chego ao bar e deslizo por baixo do balcão para chegar aos fundos, a sensação de estar sendo observada, observada por ele, permanece comigo. É como se o seu olhar estivesse queimando um buraco em mim enquanto pego uma garrafa de tequila e sirvo uma dose dupla. Essa sensação escaldante persiste enquanto bebo de um só gole.

Eu me movo, tentando avistá-lo. Vejo-o rapidamente enquanto a multidão de motociclistas felizes e bêbados se move. Ele ainda está na cabine. Ainda reclinado no sofá como se fosse o dono do lugar e de todos os que estão nele. Por que ele não vai embora, droga? Arrepios percorrem minha pele exposta como se seguissem o caminho de seu olhar ardente. Estou imaginando coisas, eu sei, mas juro que o olhar dele queima minha pele como uma carícia física.

Isso me deixa nervosa.

Puta merda, nunca conheci um homem mais irritante na vida. Ele se comporta como se fosse a pessoa mais importante da sala. Seu tom é sempre autoritário, como se cada frase que ele dissesse fosse uma ordem que ele espera que seja obedecida. E, a menos que você faça parte de sua amada Cosa Nostra, ele parece ver você como se fosse inferior a ele. Tudo, absolutamente tudo que esse homem faz me irrita profundamente.

O que quer que tenha levado seu chefe a pensar em mim para essa ideia maluca de casamento, esperando que eu sequer considere passar mais de um minuto na companhia de DeVille, não é problema meu. É problema de Drago. Ele se meteu nessa confusão com os italianos, então ele é que deve resolver essa bagunça. Gostaria de poder ligar para Drago agora mesmo para falar com ele sobre isso, mas meu irmão não atende telefonemas. Isso também terá que esperar até ele voltar de Chicago. Mas não tenho dúvidas. Drago vai resolver isso. Ele sempre resolve.

Quase o perdi quando os romenos atacaram nossa casa e Drago foi baleado... Meu coração quase parou de bater. Meu irmão mais velho, bem, ele é meu porto seguro, a cola que me mantém inteira, a pessoa mais importante do mundo para mim. Ele cuidou de mim quase toda a minha vida. Não importa quantas vezes eu tenha errado, ele sempre esteve lá.

Mas isso... Droga. Isso não é culpa minha. Então, eu sei que ele vai consertar tudo. E eu só quero ir para casa e deixar tudo isso para trás. Pena que essa noite está longe de acabar. Preciso voltar para o trabalho, mas estou paralisada, oprimida pelo olhar escaldante de Arturo DeVille.

É um esforço físico real da minha parte me mover, me concentrar pelo resto do meu turno.

Nas três horas e meia seguintes, corro pelo clube. Dou o dobro de mim para servir os pedidos de todos, mantendo-me ocupada enquanto tento de tudo para evitar olhar na direção da cabine VIP. Não há necessidade de olhar para lá para ver se o irmão de Sienna já foi embora. A sensação de queimadura que me persegue a cada passo é prova suficiente de que ele ainda está lá.

— Tara! — Jelena grita do outro lado de uma mesa lotada com quatro motociclistas bebendo cerveja como parte de algum jogo imaturo. — Stavros está lá atrás, perguntando por você.

Perfeito. Espero que ninguém mencione isso para Drago. A última coisa que preciso é que ele descubra que meu ex apareceu aqui hoje à noite.

— Diga aos seguranças para expulsarem esse idiota e não deixarem ele entrar de novo, — resmungo enquanto tento colocar outro copo vazio na minha bandeja.

— Ah, tudo bem. Tive medo que vocês dois tivessem voltado.

— Não. Não cometo o mesmo erro duas vezes. — Uma pequena mentira. Normalmente, preciso de três erros antes de aprender a lição. Mas soou bem.

Ela ri. — É, tudo bem. Odeio dizer que *avisei*, mas sabia que nada de bom sairia desse relacionamento. Você tem um gosto péssimo para homens.

Como se eu não soubesse.

No entanto, ainda tento enfatizar esse fato com todos os homens com quem saio.

Eu sabia que Stavros era um idiota desde o momento em que o conheci, mas mesmo assim concordei em sair com ele. O carro esportivo caro e os ternos elegantes não conseguiam esconder a verdade. O cara é um imbecil. Não tenho certeza se ele tem dois neurônios funcionando naquele cérebro. Ele fica exibindo o anel feio com um selo no dedo indicador e se gabando das bugigangas caras que compra com o dinheiro dele. O dinheiro que ganha trabalhando para o pai. O principal interesse de Stavros, porém, é a sua rotina de exercícios, sobre a qual insiste em me contar todos os detalhes. Todas. As. Vezes. Então, dinheiro e academia, é tudo sobre o que ele fala. Ele é o único homem que conheço que é tão convencido

sem ter um motivo real para isso. Namoramos nos últimos dois meses, e eu queria terminar há pelo menos um mês e meio. Mas não terminei. Talvez eu seja masoquista. Ou simplesmente burra.

Ontem, porém, Stavros me levou para jantar em um restaurante exclusivo. Antes mesmo de os aperitivos chegarem, ele já estava tagarelando sobre o grande sonho da sua vida: encontrar a mulher perfeita, alguém que fosse compatível com ele em todos os aspectos, para que ela pudesse lhe dar um monte de bebês perfeitos que herdariam seus genes espetaculares. Com licença, mas o mundo já tem idiotas demais. Pedi desculpas, dizendo que precisava usar o banheiro, e então me afastei o máximo possível daquele imbecil.

Ok, *tecnicamente* eu não 'terminei' com ele, mas acho que minha mensagem foi bem clara.

Além disso, esse é o meu *modus operandi* habitual. Eu fujo muito.

Principalmente de mim mesma.

Pena que não consigo escapar do olhar de Arturo DeVille.

Porque os olhos dele AINDA ESTÃO QUEIMANDO MEU TRASEIRO!

Meia hora depois, com o horário de fechamento se aproximando rapidamente e a multidão começando a se dissipar, digo a Jelena que vou embora e deslizo para a sala dos funcionários. Depois de pegar minha bolsa e o casaco no armário, saio do Naos pela porta da cozinha, desesperada para evitar uma certa pessoa e o olhar incendiário dele.

Encostada na lateral do prédio, com a lixeira me protegendo da vista de qualquer pessoa que pudesse sair para o beco atrás de mim, relaxo os ombros pela primeira vez em horas. — Finalmente.

Ainda é madrugada, mas, como dizem, Nova York nunca dorme. O ar frio revigora meus sentidos cansados, e respirar fica muito mais fácil sem a pressão constante de tantos olhos em mim.

Especialmente um par de íris castanho-escuras que queimaram meus últimos nervos esta noite.

Endireito-me, pronta para ir para o meu carro, quando uma onda de profunda perda me invade e, por um breve instante, sinto falta daquele calor ardente.

— Definitivamente estúpido, — murmuro, e sigo para o estacionamento. Claro que eu ia esquecer o chaveiro em casa hoje e não conseguir entrar na garagem subterrânea do Naos.



Entro no banco de trás e bato a porta. Maldita mulher!

— Sr. DeVille? — Riggo olha para mim do banco do motorista do BMW sedan totalmente equipado que decidi usar, já que não posso dirigir meu Land Rover. — Você se divertiu? Alguma garota bonita por lá?

— Dificilmente.

— O quê? Mas eu vi pelo menos uma dúzia, talvez duas, entrando enquanto eu esperava. Incluindo uma loira que estava usando o vestido mais curto que já vi, e ela tinha um sorriso lindo. Você a viu?

De jeito nenhum. A noite toda, meu foco estava exclusivamente na morena baixinha com um avental bonito, batendo nas pessoas com seu bloco de notas. E a pior parte? Eu estava inconcebivelmente encantado.

— Ligue o carro.

— Claro, Sr. DeVille. Já estou nisso. Ah, Nino ligou. Ele está tentando falar com você, mas seu telefone está desligado?

Pego meu celular no bolso. A bateria está descarregada. Perfeito. — O que ele queria?

— Ele mencionou que há um problema no local em Brooklyn. Ele está esperando por você lá.

— São duas da manhã, — suspiro, apertando a ponte do nariz. — Tudo bem. Pode ir.

Nossa mais nova propriedade em construção fica a meia hora de distância, e passo todo o trajeto imaginando como Tara Popov conseguiu escapar da minha vista em Naos.

Considerando a tensão contínua entre mim e Drago, encurralar a irmã dele na frente do pessoal dele depois que ela fugiu de mim estava fora de questão, então mantive distância, esperando até que fosse a hora certa. Meu olhar, no entanto, a seguiu pelo resto da noite, enquanto ela corria para servir um bando de motociclistas barulhentos que eu nunca imaginei ver no clube chique de Drago. Que diabos foi aquilo? Drago tem sido tão imprevisível quanto sua irmã em algumas de suas decisões de negócios ultimamente.

Uma dessas decisões resultou em uma bala alojada em seu peito. Se não fosse pela Cosa Nostra, o homem estaria seis palmos abaixo da terra, em vez de ser uma irritação constante na minha vida. Mas talvez eu pudesse usar o fato de ele ainda

estar vivo como vantagem, para fazê-lo concordar em deixar o casamento entre mim e sua irmã prosseguir, exatamente como Ajello planejou. Talvez. Eu realmente nunca sei o que esperar quando lido com esse bando de sérvios.

Exemplo: a irmã dele. Qualquer mulher sensata entenderia que o casamento fortaleceria os laços entre nossas organizações. E uma mulher sã nunca teria sequer considerado rejeitar abertamente a ordem do chefe da Cosa Nostra. As ramificações de tal ação só poderiam significar a ruína para ela e sua família. Apesar de a gangue de Popov ser grande o suficiente, não é páreo para a Família de Nova York. Em um confronto direto, nós os exterminaríamos. Tara Popov certamente deve saber disso. Ignorar tal ameaça apenas confirma o que eu já sabia. Ela é claramente louca.

O arquivo que Nino me forneceu sobre ela não tinha muitas informações. Parece que ela só foi classificada como 'importante de nível médio' nos últimos quatro anos, desde que Ajello decidiu que valia a pena ficar de olho nela. Nino conseguiu reunir algumas informações básicas sobre as escolas que ela frequentou, seu histórico profissional e um pouco sobre sua vida pessoal.

Parece que, durante o primeiro ano do ensino médio, ela foi expulsa da escola, mas conseguiu se formar em outra com apenas uma suspensão no histórico. Seguiram-se anos 'ilustres' no ensino superior. A jornada de Tara rumo ao ensino superior a levou a três faculdades diferentes antes de desistir, sem nunca concluir o curso de humanidades. Em seguida, veio uma série de empregos temporários que não a levaram a lugar nenhum, e foi aí que seu irmão deve ter entrado em cena. Desde então, ela trabalha para ele e, embora tenha passado alguns anos como uma espécie de administradora de seu negócio de pedras preciosas, parece que isso também não deu certo para ela, já que agora ela é garçonete no clube dele. Isso só prova uma coisa... Tara Popov é irresponsável, sem comprometimento e,

obviamente, uma pessoa tola. Alguém com quem esperam que eu passe a vida inteira. Jesus Cristo. Que porra é essa.

Embora sua trajetória profissional não seja nada impressionante, a mulher certamente se certificou de que sua vida amorosa fosse bastante agitada. Embora sem detalhes completos, o arquivo de Nino incluía uma lista dos nomes e, às vezes, das profissões dos homens com quem Tara teve relacionamentos amorosos. A lista chegava a dois dígitos, mas seus relacionamentos nunca duravam mais do que dois meses. Como se isso não bastasse para ilustrar suas más escolhas na vida, o fato de seu namorado mais recente ser Stavros Katrakis, o filho idiota do homem que atualmente lidera o Sindicato Grego, é a cereja no topo do bolo.

— Chegamos, Sr. DeVille, — diz Riggo ao parar ao lado do SUV de Nino, a seis metros de um prédio em ruínas que será demolido amanhã. Droga. Mais tarde *hoje*.

Iluminados por um holofote LED industrial montado ao longo da linha do telhado na esquina da mesma estrutura, três homens parecem estar envolvidos em uma discussão acalorada, suas vozes elevadas chegando até mim. Um carro que não reconheço está estacionado nas proximidades.

Sem saber no que estou me metendo, tiro minha arma do coldre debaixo da jaqueta e a coloco na cintura, nas costas. Fácil acesso.

— Tenha sua arma pronta, por precaução, — digo a Riggo, depois saio do carro e sigo em direção ao grupo.

Nino está à direita e os outros dois homens estão de frente para ele. O mais baixo está no meio de uma discussão, gesticulando com a mão enquanto continua a insistir no que quer que seja que o está irritando. Ele está de costas para mim, então não tenho ideia da identidade do intruso enquanto me aproximo.

— ...e exijo que parem todo o trabalho até que essa questão seja resolvida! — grita o homem com um leve sotaque.

Nino percebe que estou me aproximando e um alívio passa rapidamente por seu rosto resignado. Em questões de segurança, as habilidades de Nino são de primeira linha. Mas sua paciência para lidar com as besteiras das pessoas é praticamente inexistente. É por isso que sei que, apesar das aparências, Nino já está no limite. Ele quase nunca se envolve em nossos assuntos comerciais porque seu dedo no gatilho é muito tentador para resolver todos os confrontos.

— Você precisa discutir isso com Arturo. — Nino acena na minha direção. Sua voz calma me diz que a situação dificilmente vai piorar. A menos que ele seja obrigado a continuar essa conversa.

O cara frustrado se vira. Minha testa se franze no momento em que o reconheço. Que coincidência! Tobias Katrakis. O que o chefão dos gregos está fazendo na nossa propriedade? Além de um pequeno negócio de drogas entre nós há seis meses, a Cosa Nostra não faz negócios com o Sindicato. O grupo deles está envolvido principalmente em agiotagem e administração de complexos de armazenamento duvidosos na região dos três estados. Um negócio lucrativo para eles, mas insignificante em comparação com o que fazemos. Normalmente, nossos interesses não se cruzam.

— Katrakis. — Eu me aproximo de Nino. — Qual é o problema?

— Isto. — Ele aponta com a mão, indicando tudo ao nosso redor. — Este terreno é meu, e vocês precisam parar imediatamente o que estão fazendo. Houve um grande erro e ele precisa ser resolvido.

— Não há nada para resolver. Compramos este terreno há meses. Eu mesmo assinei o contrato de venda. A documentação estava clara; não havia outras

reivindicações sobre a propriedade. Também não vi o nome Katrakis em nenhum lugar do contrato de compra do imóvel.

— Sim, bem... A propriedade foi *temporariamente* transferida de nós para outra empresa por motivos que não estou disposto a revelar a você. E, portanto, essa propriedade nunca deveria ter sido colocada à venda. Quero comprá-la de volta.

— Sim, isso não vai acontecer. — Aponto com a cabeça para o portão de saída. — Agora vá embora.

— Tenho muitos contatos nesta cidade, DeVille. Muitas pessoas importantes me procuram quando precisam de financiamento e, às vezes, em troca, aceito a realização de um favor em vez de dinheiro. Vários dos meus devedores têm negócios com a Cosa Nostra.

Eu estreito os olhos para o idiota nojento e dou um passo agressivo em direção a ele. Não há praticamente nenhuma maneira de ele não perceber o quanto suas palavras me irritaram. — Você está me ameaçando? Por favor, diga que está, para que eu possa tornar meu dia de merda um pouquinho melhor quebrando seu pescoço miserável.

O guarda-costas de Katrakis saca a arma, mas Nino agarra o pulso do idiota e torce o braço do homem. Um tiro perfura o ar e a bala acaba em algum lugar no escuro. É imediatamente seguido por um grunhido de dor quando Nino joga o guarda-costas no chão e enfia o joelho entre as omoplatas daquele pedaço de merda inútil. Antes que o cara perceba o que aconteceu, o cano da Desert Eagle de Nino beija a nuca dele.

A atenção de Katrakis oscila entre seu homem incapacitado e eu. Nem me dei ao trabalho de sacar minha própria arma. Um único soco em sua cara feia o mandaria direto para o mundo dos sonhos.

— Saia da minha frente, Katrakis! — grito.

O bastardo me dá um aceno curto e se dirige para o carro. Nino solta o guarda inútil, e o homem se arrasta atrás do patrão enquanto Nino o mantém na mira. Então, nós dois esperamos até que as luzes traseiras desapareçam pelo portão.

— Você não deveria ser o cabeça-fria? — resmunga Nino enquanto caminhamos em direção aos nossos respectivos veículos. — Você sabe que os gregos têm influência na administração da cidade.

— São quase três da manhã, Nino. Estou cansado pra caramba, com fome e mais do que um pouco irritado.

— Hum-hum. A reunião com a irmã de Drago não correu como planejado?

— Não, não correu.

— Então você achou que poderia desabafar nos arrastando para uma disputa de quem é mais macho com o grego?

— Eu não nos arrastei para nada. Katrakis e seus capangas apareceram sem ser convidados em *nosso* terreno. Mas sim, acho que você está certo. Eu poderia ter lidado melhor com isso, — admito. — Veja se consegue descobrir quem está por trás da empresa offshore que nos vendeu este terreno.

— Vou tentar.

— Enquanto estiver nisso, localize o filho idiota de Katrakis para mim. Seu pai pode não estar disposto a compartilhar como a terra que ele não tinha intenção de vender acabou indo a leilão, mas aposto que aquele idiota a colocou como garantia em um de seus esquemas idiotas. O que significa que quem vendeu a escritura nos colocou nessa situação complicada e precisará ser tratado.

— Claro. Você sabe que Stavros está saindo com sua futura esposa?

Eu zombo. — Sim, eu li o arquivo. Ela terá que terminar isso imediatamente. Ou eu terminarei por ela.

— Tenha cuidado. Katrakis pode ser um peixe pequeno, mas tem dentes. O Sindicato é engenhoso. Não queremos nenhum envolvimento com eles. Pelo menos, não mais do que já temos, aparentemente. — Ele me dá um leve empurrão com o cotovelo. — Então, como ela está? A irmã de Popov?

— Teimosa, imprudente e absolutamente irracional.

— Mas bonita, não é? Só a vi de longe, mas... — ele assobia. — ela é uma gata. Eu não me importaria de ficar com ela se vocês dois não terminarem...

Meu punho voa como se tivesse vontade própria, acertando em cheio o rosto de Nino.

— Que merda é essa, cara? — ele geme, pressionando a mão sobre o lábio ferido.

— Cuidado com a boca, — rosno, e saio a passos rápidos em direção ao meu carro.

É... *Que merda* foi essa?

Capítulo 3



Vou chegar atrasada para o meu turno. De novo. E os sábados são as noites mais movimentadas no Naos. Pego meu casaco no cabide na entrada e corro para fora.

— Drago foi muito claro nas instruções, Tara, — comenta Iliya, um dos homens do meu irmão, enquanto passo correndo por ele na garagem. — Você deveria levar um dos rapazes com você sempre que trabalhar no turno da noite. Especialmente enquanto o chefe estiver fora.

— Então é bom que você não vai me denunciar. — Eu pisco, jogo minha bolsa e meu casaco no banco de trás do meu carro velho e me sento ao volante.

O trajeto direto de casa até Naos geralmente leva pouco mais de uma hora, mas não quando eu dirijo. Para evitar o trânsito intenso, costumo pegar muitas ruas secundárias em vez das principais. Mas não hoje à noite. Já estou quinze minutos atrasada, então entro na interestadual.

Consegui passar por aquele inferno e até não perdi a saída, mas agora é que a diversão começa. Quanto mais perto chego da boate, mais congestionadas ficam as ruas, e preciso me concentrar para não atropelar nenhum pedestre idiota que atravessa a rua onde bem entende ou bater nos entregadores de bicicleta que passam perigosamente perto dos carros. Com o semáforo a ficar verde, estou prestes

a virar à esquerda quando uma pickup, vinda do outro sentido, passa em vermelho. Carrego com o pé no travão no meio do cruzamento. Uma explosão de buzinas furiosas soa atrás de mim.

— Tudo bem. Tudo bem. — Aceno para o idiota que está colado no meu para-choque e piso no acelerador. A velha Betsy dá uma falha e o motor morre.

Droga!

Giro a chave várias vezes, mas só ouço um clique rápido. As buzinas continuam de todos os lados, ecoando os gritos furiosos do idiota atrás de mim, com a cabeça para fora da janela. É uma cena comum em Nova York e não deveria me incomodar, mas meus ombros ficam tensos a cada buzina, a cada palavrão dirigido a mim. Cada buzina ressalta o quanto sou incompetente.

Minha ansiedade aumenta. Imagino outros motoristas saindo de seus carros ou marchando em direção ao meu e gritando todos os palavrões do mundo para mim. Quando meu carro finalmente dá a partida, gotas de suor escorrem pela minha testa e minhas mãos tremem.

Respirar fundo geralmente me ajuda a me acalmar, mas enquanto dirijo pela rua, o nervosismo não passa. A adrenalina corre solta em minhas veias. Ainda estou a cerca de dez minutos do Naos, mas não consigo manter o foco na estrada.

Meus dedos se contraem ao redor do volante de vinil e eu viro na rua lateral mais próxima, percebendo tarde demais que a estrada está fechada devido a obras. Tanto faz. Para mim, está bom, já que parece estar completamente deserta a esta hora. Assim que vejo, entro no que parece ser um beco sem saída, estreito. À minha direita, há um prédio que está claramente em reforma. Grandes lonas cobrem metade da fachada. À minha esquerda, há um estacionamento público de três andares, mas também está fechado e completamente vazio. À distância, ainda posso

ouvir o barulho do trânsito, o ruído sempre presente da cidade. Mas ao meu redor, a noite está tranquila e calma.

Exatamente o que eu preciso para me controlar.

Estaciono e saio do carro, apoiando-me na porta para me equilibrar. Meus membros estão fracos e instáveis, enquanto meu peito permanece apertado, com respirações rápidas escapando dos pulmões. O ar frio ajuda, no entanto. Respiro fundo e devagar, tentando visualizar um ambiente sereno. Um campo verde. Flores silvestres. O canto alegre dos pássaros.

Exalo um suspiro trêmulo. Não. Não está funcionando. Preciso de outra coisa.

Em vez de imagens calmantes, minha mente evoca os olhos furiosos de Arturo DeVille de duas noites atrás, me encarando por cima da taça de champanhe. Por mais irritada que eu estivesse com ele naquela noite, adorei ver o idiota normalmente tenso perder um pouco da compostura. Vi sua superioridade escorregar dele como uma máscara mal ajustada. Tive uma satisfação perversa em mexer com o diabo.

Jelena me disse que ele esteve no Naos nas duas últimas noites. Provavelmente voltou com a intenção de insistir no acordo matrimonial idiota. O homem deve não entender o significado de ‘vá se foder’. Quase me arrependo de ter concordado em trocar de turno com Jelena, trabalhando à tarde. Eu adoraria ter apagado aquele sorriso presunçoso do rosto irritantemente bonito de DeVille, dizendo-lhe mais uma vez que ele pode enfiar a brilhante ideia de Ajello no próprio rabo. Pode ter sido a última vez que vi aqueles traços bonitos intactos, porque, quando meu irmão voltar, ele certamente vai espancá-lo por ter sugerido esse plano idiota.

Um pequeno sorriso se forma nos meus lábios. Imaginar a morte de Arturo DeVille está se mostrando mais terapêutico do que a influência calmante do canto dos pássaros. De repente, fica muito mais fácil respirar.

Sentindo-me melhor, viro-me para voltar para o carro, mas uma mão machucada envolve meu braço e me puxa para longe.

— Sua vadia! — grita uma voz masculina furiosa na noite.

— Stavros? — grito. — Que merda é essa? Me solta!

— Você achou que poderia fugir de mim, não é? — Meu ex me sacode, seus dedos e a aliança com um feio selo cravando-se na minha pele. — Me fazer passar por idiota? Mandar seus amigos seguranças me expulsarem como se eu fosse lixo? E depois me enviar sua mensagem idiota de término hoje?

— Stavros! Você está me machucando! — Tento me livrar do seu aperto, mas ele coloca a outra mão na lateral do meu carro, prendendo-me com o corpo.

— Esperei você voltar do banheiro por quase uma hora, — ele grita, apertando meu braço com força suficiente para me fazer estremecer. Seu rosto está vermelho agora, e o olhar dele é assassino. — Todos os garçons daquele lugar estavam rindo pelas minhas costas! Nunca me senti tão humilhado na vida!

Empurro seu peito enquanto tento não entrar em pânico. O bastardo deve ter me seguido até aqui. O medo se acumula no meu estômago. Um minuto atrás, eu achava que este lugar tranquilo era minha salvação; agora se tornou o local do meu último e talvez maior erro. Não há ninguém à vista. Nenhuma chance de alguém se aventurar por aqui ou me ajudar.

Droga, eu deveria ter ouvido Drago! Ele me mandou terminar com o Stavros quando descobriu que eu estava namorando esse idiota, mas eu mandei meu irmão se danar e parar de se meter na minha vida pessoal.

Outro erro.

Grande erro!

— Sinto muito! — grito, tentando acalmar o homem que se desintegra rapidamente diante de mim.

— Você deveria estar muito arrependida, sua vadia maldita! Meu pai é amigo do dono daquele restaurante e agora todos sabem como uma vadia estúpida me largou sem dizer nada.

A dor explode em minha cabeça quando a palma da mão dele atinge minha bochecha. Todo o lado do meu rosto parece estar em chamas. Meus punhos voam, batendo no peito de Stavros, enquanto lágrimas quentes brotam dos meus olhos bem fechados.

— Você se acha especial? — ele rosna. — Melhor do que eu? Você acha que pode fazer...

Um estrondo abafado irrompe no ar no momento em que algo espirra no meu rosto.

Meu corpo fica completamente imóvel. Um momento depois, percebo que não estou mais sendo pressionada contra o carro. Meu braço parece pesar uma tonelada quando levanto a mão para limpar os olhos. Abrindo lentamente as pálpebras, concentro-me nos meus dedos trêmulos.

Eles estão cobertos de sangue.

— Stavros? — engasgo. Ele estava bem aqui na minha frente e... Olho para baixo, boquiaberta, para o homem caído no chão aos meus pés.

Meu Deus.

Recuo, com o olhar fixo no corpo de Stavros. O lado da cabeça dele está ensanguentado e ele parece não estar respirando. Encher meus pulmões de oxigênio se torna um problema. Não consigo engolir com o nó na garganta.

Que diabos aconteceu?

Com as costas coladas à porta do carro, congelo como um veado diante dos faróis de um carro.

Passos.

Vindo em minha direção, do canto escuro do beco sem saída. Saindo das sombras, onde a luz da rua não chega.

Se aproximando.

Preciso voltar para o carro, trancar as portas e dirigir o mais rápido que a velha Betsy conseguir. *Dá meia-volta, Tara!* Meus instintos gritam, empurrando-me para a segurança. Mas ficar presa em um carro que pode não dar partida é a aposta mais segura? Talvez seja. Por outro lado, com a sorte que tenho tido ultimamente, provavelmente *não*.

Reprimindo todos os impulsos que me dizem para fugir, concentro-me no cadáver e tento acalmar meu coração acelerado. Se há algo que meu irmão, líder de uma poderosa organização criminosa em Nova York, me ensinou, é a nunca agir antes de pensar.

Stavros trabalhava para o pai e tinha muitos inimigos, tenho certeza. É possível que um deles tenha decidido eliminá-lo. Não tenho nenhum desejo de saber quem cometeu o crime ou de me tornar uma testemunha infeliz.

Alguém que precisaria ser eliminado.

Mas se eu não vir o atirador, tenho mais chances de sair daqui. Viva.

Tap. Tap.

Tap. Tap.

Passos cada vez mais próximos. O barulho de vidro quebrado sob uma sola pesada. Vindo da minha direita.

Mordo o lábio inferior e fecho os olhos com força.

— Não vi nada, — digo, alto o suficiente para que o atirador me ouça. — Por favor. Não se aproxime. Não posso divulgar nada que não sei.

Tap. Tap.

Tap. Tap.

Passos lentos e medidos. Relaxados, como se fosse um passeio noturno.

Mais perto. Mais perto.

— Não sei quem você é. E não me importo. — Minha voz fica estridente. Minha garganta começa a fechar e fico lutando para respirar. — Não vi nem ouvi nada!

Os passos param bem na minha frente. Instantaneamente, um aroma rico de madeira com um toque de especiarias enche minhas narinas. Então, um toque leve agarra meu queixo. Dedos inclinam minha cabeça para cima e a viram para o lado.

Sem esperança, aperto os olhos com ainda mais força. — Por favor, só quero ir para casa. Prometo que não direi nada.

— Acho essa promessa muito difícil de acreditar, Tara. — Uma voz rica e aveludada chega aos meus ouvidos.

Abro os olhos rapidamente.

— Você!



Ignoro o olhar furioso de Tara e concentro-me na marca que se espalha pela sua bochecha esquerda. O filho da puta bateu-lhe com força. — Dói?

— Sim! — Ela empurra minha mão. — Que merda é essa, DeVille? Achei que você fosse alguém que meu ex havia ameaçado ou com quem ele tivesse se envolvido. Talvez um idiota que não conseguiu pagar seu empréstimo e decidiu matar o mensageiro. E eu achei que seria a próxima!

Olho para o cara morto. Stavros Katrakis. O filho da puta idiota que eu segui depois que os caras de Nino conseguiram colocar um rastreador no carro do merdinha para mim. Esse pau pequeno me devia respostas. Respostas que agora não vou mais conseguir. Que maravilha. Como se nossos problemas com o Sindicato Grego não fossem suficientes. Acabei de torná-los infinitamente piores.

A verdade é que eu não dava a mínima para quem estava atirando quando puxei o gatilho. Eu vi aquele idiota bater em Tara, e uma raiva como nunca senti antes explodiu nas minhas veias.

— E se você tivesse errado? Pensou nisso? — ela continua tagarelando. — Seu louco, você poderia ter me matado, DeVille! E o que está fazendo aqui, afinal?

Ela não demorou muito para voltar a cuspir veneno. Há poucos instantes, estava tremendo como uma folha. Afasto esse pensamento. Agora não é hora de examinar por que vê-la assustada e ferida me fez perder a cabeça. Matar o filho de Katrakis não foi exatamente inteligente, não que eu me arrependa. Mas se eu

estivesse pensando com mais clareza, teria escolhido uma maneira diferente de fazê-lo pagar.

— Eu não erro, Tara. — Enfiando a mão no casaco, pego meu celular e ligo para meu motorista. — Puxe o carro para o final da rua.

— Está escuro! E a cabeça de Stavros estava a poucos centímetros da minha. E agora olhe para ela! Tem um buraco bem grande no crânio. Por que diabos você atirou nele?

De jeito nenhum vou admitir que matei o bastardo por levantar a mão para ela. — Você é sempre assim, histérica?

— Eu não sou...

O barulho de um motor e o guincho de pneus interrompem a explosão verbal de Tara. Meu carro vira a esquina e para bem ao lado do corpo, quase passando por cima da mão direita de Stavros. Que idiota precisa usar um anel de selo só para que os outros saibam da autoridade que recebeu do pai?

— Sr. DeVille! — Riggo irrompe do volante e corre para a frente do sedã de luxo alongado, quase tropeçando no corpo sem vida de Katrakis. — Eu só... O que... Oh, merda! Esse cara está morto!

— Sua dedução nunca deixa de me surpreender, Riggo, — suspiro, lembrando a mim mesmo que ele é apenas um garoto animado de 19 anos. — Coloque o cadáver no porta-malas. Vamos deixar a Srta. Popov em casa e depois você se livra do corpo.

— Você não vai me deixar em lugar nenhum, — diz Tara, irritada. — Meu carro está aqui. Além disso, estou atrasada para o trabalho.

Sinto meu olho esquerdo tremer. Essa porcaria começa sempre que meu temperamento está prestes a explodir. Respiro fundo e tento manter o tom calmo e uniforme. — Você não vai dirigir hoje à noite.

Ela pode fingir que não está perturbada, mas as pessoas raramente conseguem esconder coisas de mim. A mulher tola mal consegue se controlar. Provavelmente vai se envolver em um acidente a caminho de Naos, de casa ou de qualquer outro lugar para onde decidir se aventurar. Talvez eu devesse simplesmente deixá-la dirigir até sua própria ruína. Isso resolveria todo esse 'problema matrimonial' de forma bastante eficaz.

— Quem você pensa que é para me dar ordens?

— Você está em choque, — respondo bruscamente. — Suas mãos não param de tremer. Considere-me um bom samaritano e entre no carro. Agora, Tara!

— Estou bem. Vou chamar um Uber. — Ela se vira e, passando por cima do corpo, pega a bolsa no banco de trás. Mal balança ao caminhar rapidamente em direção à saída do beco.

— Você está coberta de sangue! — grito.

— Vá se danar, DeVille!

Eu a observo por alguns segundos, admirando a agilidade com que ela atravessa o pavimento irregular com seus sapatos de salto alto, depois me viro para Riggo. — Você tem dez segundos para enfiar esse corpo no porta-malas, — eu grito e saio correndo atrás da minha futura esposa indesejada.

Ela é bastante rápida, mas suas pernas são muito mais curtas que as minhas. Eu a alcanço pouco antes de ela chegar à esquina. Seguindo o exemplo do irmão, eu a agarro pela cintura e a jogo por cima do ombro. Com sua bunda empinada

saudando o céu noturno, eu me viro para voltar ao carro enquanto meu braço envolve suas coxas que se debatem.

— O que... Solte-me!

— Fale baixo.

— Não vou baixar a voz! Vou gritar se você não me soltar agora mesmo!

— Preciso lembrar que temos um cara morto e você está coberta com o sangue dele?

— Eu não tive nada a ver com isso! Você o matou.

— Exatamente. E vou te matar se você não calar a boca.

— Ha! Você não ousaria.

Eu paro e encaro-a por cima do ombro. — Quer testar essa teoria?

Ela franze o nariz e bufa.

— É, eu imaginei que não.

Quando chego ao meu carro, Riggo já conseguiu enfiar o corpo de Katrakis no porta-malas e agora está segurando a porta traseira aberta. Abaixei a mulher resmungona no chão e acenei para o banco. — Entre.

Algo duro cutuca meu estômago. Olho para baixo e vejo minha própria arma apontada para minha barriga.

— Não vou entrar nesse carro com você, DeVille.

Eu realmente devo estar perdendo meu instinto se não percebi que ela tirou minha Sig da parte de trás das minhas calças enquanto estava pendurada de cabeça para baixo. Ou talvez eu estivesse muito distraído com a bunda dela a poucos centímetros do meu rosto.

— Você sabe usar uma arma? — pergunto.

— Quer descobrir?

Suspiro. A segurança ainda está ativada. Estou farto deste impasse. Agarrando o cano, puxo-o lentamente para cima e pressiono-o contra o meu peito. — Ou dispara ou entra no maldito carro.

Olhando para mim como se pudesse me estripar com os olhos, Tara relutantemente solta a arma. Então, como se milagres nunca acabassem, ela realmente faz o que lhe mandam e entra no carro.

Dou a Riggo o endereço e as instruções para chegar à mansão de Popov antes de abrir o porta-malas. O corpo de Stavros está amontoado lá dentro, com os braços caídos em ângulos estranhos. Esse bastardo tem sorte de não estar vivo, senão estaria sofrendo muito pela manhã. Jogo a arma dentro do carro, e ela bate na cabeça de Stavros e ricocheteia, caindo em algum lugar atrás do corpo.

— Um carro com motorista, — murmura Tara quando me sento ao lado dela. — Eu deveria ter adivinhado. Dirigir você mesmo está abaixo de você, DeVille?

— Não. Vou recuperar minha carteira daqui a alguns meses.

— Como assim? Como uma pessoa que segue as regras como você conseguiu perder a carteira?

— Excesso de velocidade.

Apertei o botão para levantar a divisória de privacidade. Assim que a barreira ficou totalmente levantada, virei-me para encarar a pequena rebelde.

Ela se afastou o máximo possível de mim, encolhida com a cabeça encostada na janela lateral. Enquanto cruzamos as ruas iluminadas, o brilho

intermitente das luzes da rua incide sobre o rosto de Tara. Ela é uma garota bonitinha. Mas apenas na aparência.

Seus longos cabelos castanho-escuros estão presos em um rabo de cavalo alto que, de alguma forma, enfatiza suas delicadas feições faciais. O mais marcante são seus olhos grandes e redondos, delineados por longos cílios negros. Sua cor é o tom mais vibrante de verde. Como uma floresta na primavera. Ou esmeraldas. Eles me lembram as íris do gato que pulou na frente do meu SUV outro dia. Os olhos daquele felino brilhavam no escuro. Olhos de bruxa. Mas os de Tara brilham com sua determinação obstinada. E então, há seu lábio inferior... Um pouco mais cheio que o superior, dando-lhe uma aparência permanentemente emburrada. Seu nariz é pequeno e ligeiramente arrebitado, salpicado com uma infinidade de pequenas sardas. Conhecendo sua personalidade, no entanto, eu esperaria que ela tivesse chifres, não sardas. Ainda não estou totalmente convencido de que ela não tem, apesar de sua aparência inocente.

— Precisamos terminar nossa conversa da outra noite, Tara.

— A bobagem do casamento? Acho que fui bem clara.

— Sim. Mas parece que não. Nós vamos nos casar. A decisão foi tomada e não há nada que nenhum de nós possa fazer a respeito. No entanto, você está convidada a compartilhar suas preferências em relação à decoração e ao bufê.

Ela se contorce na cadeira, praticamente lançando-se a poucos centímetros do meu rosto. — De jeito nenhum...

Pressiono meu dedo sobre sua boca, silenciando-a. — Você não deveria ter matado o herdeiro Katrakis, Tara.

— O quê? Você atirou em Stavros, não fui eu!

— Sério? Então por que *suas* impressões digitais estão em toda a arma usada para matá-lo?

Aqueles olhos verdes sedutores se arregalam, me observando com uma expressão que denota confusão e alarme. E, por um instante, eu me perco em suas profundezas misteriosas.

Tão bonitos.

Como o orvalho beijado pelo amanhecer brilhando sobre um tapete de grama jovem.

É difícil voltar ao presente.

— Sou uma pessoa muito cuidadosa, *gattina*. Limpo e seco minhas armas todas as noites. Você não encontrará minhas impressões digitais em nenhuma das armas que uso. Não se eu puder evitar. Afinal, nunca se sabe quando uma delas pode aparecer como arma de um assassinato.

O rosto de Tara se transforma em uma máscara de horror enquanto ela me observa tirar as luvas de couro e jogá-las no console lateral.

— Você tem uma escolha a fazer, Tara. Se fizer a escolha errada, terá três possíveis desfechos. Opção número um: o corpo de Stavros é descoberto pela polícia de Nova York, junto com a arma do crime com suas impressões digitais. — Eu seguro seu queixo, deixando a ponta do meu polegar roçar seu lábio inferior.

Tão macio. Muito mais macio do que eu imaginava que seria.

— Dois... Eu simplesmente *te* matarei. Farei seu corpo desaparecer sem deixar vestígios. Isso certamente resolveria mais de um dos *meus* problemas. — A ameaça de morte é um blefe, mas deixo que ela veja a verdade nas minhas próximas palavras. — Não permitirei que minha lealdade ou compromisso sejam

questionados. Obedecerei ao meu chefe e me casarei com a mulher que ele escolher. Mas isso não será necessário, é claro, se minha noiva não estiver mais entre os vivos.

O lábio carnudo sob meu polegar começa a tremer. Tara pisca, e duas lágrimas escorrem por suas bochechas. Meus olhos traçam seu caminho sobre sua pele rosada e impecável. Não é tão dura assim, afinal. Eu sabia que ela não seria. Embora, no minuto depois de eu ter atirado naquele filho da puta por bater nela, ela tenha me surpreendido. Ela ficou completamente imóvel. Não gritou. Não fugiu como a maioria das outras mulheres teria feito.

Mas as duas gotas brilhantes que escorrem por sua pele não mentem, mesmo que Tara permaneça em silêncio.

— Então, meu conselho é que você escolha a opção três, — continuo. — Em menos de dois meses, você vai subir ao altar. Vai sorrir e, quando lhe for solicitado, vai dizer ‘sim’. Entendeu?

Outra lágrima rompe sua barreira, caindo como ácido escaldante na minha pele. A qualquer momento, sua atitude de garota durona vai se dissolver e ela vai entrar em colapso total. Ela vai concordar com o casamento e vai me implorar para me livrar daquela arma.

Seus lábios se abrem levemente, como se ela estivesse pronta para pronunciar as palavras. Por um breve momento, a ponta de sua língua toca a ponta do meu polegar. Esse toque leve envia uma descarga elétrica direto para meu pau.

Levo vários segundos para registrar a dor. Não é no meu pau, mas sim no meu polegar, preso entre os dentes afiados e brancos de Tara. A mulher louca me mordeu! Puxo a mão para trás e me lanço em direção a ela, envolvendo sua garganta com a outra mão. Inclinando-me em direção ao rosto dela, rosno: — Você é uma selvagem. Igual ao resto da sua laia.

— Vá se foder! — ela grita enquanto suas mãos voam em direção ao meu rosto e ela tenta enfiar meus olhos de volta no meu crânio com os polegares. — Você me enganou, seu bastardo!

— *Ma sei impazzita!* — Agarro seus pulsos, tirando suas mãos de mim. Minhas ações a desequilibram e ela cai para frente, batendo a testa na minha.

— Ai! — ela grita e tenta libertar as mãos.

Aperto seus pulsos finos com força, não o suficiente para machucá-la, mas o suficiente para que ela não consiga escapar. Seus antebraços ficam presos entre nossos corpos enquanto eu a puxo contra meu peito.

Um grande erro da minha parte.

Nossas testas ainda estão pressionadas uma contra a outra, e a ponta de seu nariz minúsculo está roçando o meu. Não tenho escolha a não ser olhar diretamente para os olhos verdes místicos que estão a apenas alguns milímetros de distância. Eles me olham de volta.

O doce aroma de seu xampu de morango me envolve, confundindo ainda mais minha mente. Eu esperaria o cheiro de enxofre e sálvia queimada de uma bruxa como ela, definitivamente não frutas vermelhas de verão que dão água na boca.

Sua respiração quente e rápida sopra em meu rosto, provocando formigamentos em meus lábios. Tentando matar a sensação antes que se espalhe, passo a língua e os dentes pelo lábio inferior. A única coisa que isso faz é me deixar ansioso para descobrir qual é o gosto dela. Doce ou amargo? Provavelmente uma mistura dos dois.

E então, um desejo diferente surge. Quero saber como seria ter essa gata selvagem na minha cama. Ela ronronaria? Miaria docemente? Ou ela chiaria e arranharia minhas costas?

Conhecendo Tara tão pouco quanto conheço, aposto nas *duas* opções também.

— Me solta, Satanás, — ela zomba entre os dentes.

Ergo a sobrancelha. — Satanás?

— DeVille. Diabo. Satanás. Combina perfeitamente com você.

Um canto da minha boca se contorce. Eu não deveria achá-la tão divertida. Ela é selvagem, rude e infantil. O oposto das mulheres por quem me sinto atraído. Então, por que diabos estou fantasiando em tê-la debaixo de mim? Em devastar aquela boca atrevida só para calá-la?

Relutante, eu a solto. No momento em que ela fica livre, ela se afasta, ficando o máximo possível longe de mim no assento. Sua blusa branca de mangas curtas está salpicada de sangue, e há manchas em seu rosto também. Pego uma caixa de lenços e uma garrafa de água no porta-objetos e coloco os itens no assento entre nós.

— Use isso para se limpar.

Ela não olha para mim enquanto pega um lenço e começa a limpar cuidadosamente a bochecha esquerda. A que está vermelha pela mão de Katrakis, mas sem marcas do sangue dele.

Cerro os dentes e pego outro lenço, jogando um pouco de água nele. — Olhe para mim.

— Não.

— Tara.

— O quê? — Ela se vira para mim.

Eu seguro seu queixo mais uma vez, mantendo sua cabeça no lugar enquanto limpo o sangue de sua pele macia.

A mulher me encara durante todo o tempo em que passo cuidadosamente o lenço umedecido pelo lado direito do rosto dela e ao redor daqueles olhos verdes luminosos. Trabalho lentamente, demorando-me enquanto limpo delicadamente o queixo, o nariz, a orelha... tudo, mesmo depois de remover todos os vestígios de sangue.

Tara não diz nada, apenas continua me encarando. Ela permanece imóvel, mas o ar ao seu redor está em constante movimento. É quase como se um gato assustadiço e selvagem estivesse congelado na minha frente. Pequenos arrepios surgiram em seus braços, fazendo os finos pelos se arrepiarem. Assim como o pelo de um gato tende a fazer momentos antes de atacar.

— Você está com frio?

— Sim.

Jogo fora o lenço sujo e tiro o paletó. — Aqui. Vista isso. Vou aumentar o aquecimento.

Um olhar que é parte repulsa, parte desejo cruza seu rosto quando ela olha para o paletó em minha mão. Aperta os lábios, depois pega a peça e a veste.

— Melhor?

— Um pouco, — ela diz, virando-se. — Por que você se importa se estou com frio?

— Não me importo. Mas você ficar doente e de cama não combina com meus planos.

Tara murmura e aperta o casaco em volta do corpo.

O resto da viagem passa em silêncio. A casa de Popov fica fora da cidade, no meio do nada. O ar ao nosso redor continua tenso.

— Tenho alguns assuntos de trabalho para resolver nos próximos dias, — digo quando nos aproximamos do complexo do sérvio. — Mas estou livre na terça-feira. Passo a recolher você às sete.

— Para quê?

O BMW para no portão enorme que bloqueia a entrada do terreno. Abaixo a divisória de privacidade e aviso Riggo que vou cuidar de nos deixar entrar.

Um segurança se aproxima, mas antes que ele possa bater na janela do motorista, eu abaixei a minha e chamei a atenção do homem.

— A Srta. Popov teve um pequeno problema com o carro esta noite, então estou deixando-a aqui.

O cara olha para Tara, acena com a cabeça e grita algo em sérvio por cima do ombro.

— Por que você foi me buscar, Satanás? — Tara pergunta novamente assim que o carro passa pela guarita.

— Jantar.

— Não vou jantar com você.

— Claro que vai. Senão, Drago pode ficar desconfiado quando, daqui a um mês, dissermos que vamos nos casar. Do jeito que as coisas estão, nosso segundo encontro acidental despertou uma atração inegável entre nós, e estamos ansiosos para ver aonde isso vai dar.

— Você realmente acha que meu irmão vai acreditar nessa besteira?

— Ele vai acreditar. Porque, sejamos honestos, você não é exatamente conhecida por suas decisões bem pensadas, Tara. Confie em mim. Nós temos informações muito completas sobre você.

O carro diminui a velocidade e para em uma entrada circular em frente a uma mansão de quatro andares. Saio e vou até a porta de Tara para abri-la. Ignorando minha mão estendida e com os lábios firmemente cerrados, ela praticamente sai correndo do veículo em direção à casa. Em algum momento durante nossa briga, seu cabelo deve ter se soltado. Ou talvez ela mesma tenha puxado o laço. Seja como for, seus fios escuros agora estão agitados por uma rajada de vento forte.

Pouco antes de chegar à porta da frente, ela para e se vira. O frio do olhar que ela me lança rivaliza facilmente com a brisa desta noite. Parada ali, praticamente afogada no casaco grande demais, banhada pelo brilho quente das janelas de ambos os lados da porta principal, sua expressão carrancuda fica um pouco estragada. Mas minhas bolas ainda doem com a visão resultante.

Ela é linda.

Uma gata vingativa, mostrando os caninos e as garras afiadas.

— Lembre-se do que eu disse, Arturo DeVille. — Seu tom ácido é levado pelo vento enquanto ela aponta o dedo para mim. Pelo menos, é o que imagino que ela esteja fazendo. É difícil dizer com as mangas do meu casaco engolindo toda a sua mão. — Vou tornar sua vida um inferno.

— Disso, *gattina*, não tenho a menor dúvida.

***

As luzes da rua estão apagadas e nenhuma janela está iluminada. Apenas um pedaço da lua, quase toda escondida pelas nuvens, fornece luz suficiente para guiar meus passos. O ar está fresco, indicando que vai nevar. Está congelando.

— Asya! — grito enquanto corro pela viela deserta e escura como breu.

O chão está duro e frio. Meus membros estão dormentes, mesmo depois de correr por horas. Procurando.

— Asya!

Meu dedo do pé prende em algo no concreto, fazendo-me tropeçar e perder o ritmo, mas me recupero e continuo correndo. Gritando o nome da minha irmã.

Semanas. Já se passaram semanas desde que ela desapareceu sem deixar vestígios. Os dias e as noites se misturaram, tornando-se um esquecimento interminável e horrível do qual não consigo escapar. Eu questionei, subornei ou espanquei todos os ratos desta maldita cidade que poderiam ter alguma informação sobre seu paradeiro. Tudo sem sucesso. Ninguém a viu. Ninguém tem nenhuma pista. Ela simplesmente desapareceu no ar.

— Asya! — grito com toda a força dos meus pulmões.

Não há resposta. Apenas o vento soprando latas de refrigerante vazias e pedaços de papel pela estrada deserta pela qual corro cegamente.

A culpa é minha. Eu deveria ter protegido melhor minhas irmãs. Deveria ter colocado segurança mais rigorosa, 24 horas por dia, 7 dias por semana, ao redor delas. Então, as meninas nunca teriam conseguido fugir. Elas são minha

responsabilidade. Minha responsabilidade de cuidar delas. Minha responsabilidade de mantê-las seguras.

Eu falhei.

Então corro. Procuro no escuro. Procuro até encontrar algo.

Até recuperá-la.

Não posso parar. Tenho que encontrar...

Acordo de um salto na cama, coberto de suor. O coração bate forte contra o peito. Ainda está escuro lá fora, sem nem mesmo um raio de luar para romper a escuridão. Estendo a mão para a mesinha de cabeceira e pego meu celular para verificar a hora. Quatro da manhã.

— Ótimo.

Jogando o celular na colcha ao meu lado, caio de volta no travesseiro. Mais cinco horas até eu precisar estar no escritório. Mais vale usar o tempo para verificar meus e-mails ou dar uma olhada no novo contrato que chegou ontem na minha caixa de entrada. Não há como conseguir voltar a dormir agora. Não depois daquele sonho.

Pesadelos me atormentam desde o dia em que Asya desapareceu. Eles se intensificaram dez vezes mais quando Sienna engoliu metade de um frasco de comprimidos para dormir por causa da dor e quase morreu. Eles continuaram por meses, muito depois de Asya ser encontrada sã e salva. Antes desta noite, eu não tinha tido nenhum em mais de um ano. Algo deve ter desencadeado isso.

Só não sei o que foi.

Capítulo 4



A porta do meu quarto se abre.

— Você ganhou outro! — Sienna grita da soleira da porta, pulando alegremente no mesmo lugar. Várias pétalas vermelhas se soltam do buquê em suas mãos, caindo no chão de madeira.

Olho para o enorme arranjo de rosas vermelhas em seus braços e reviro os olhos. É tão grande que a única parte de Sienna que consigo ver é o grande laço verde neon no topo de sua cabeça.

— Eba. — Tento sorrir, mas provavelmente sai uma careta, então abaixo rapidamente a cabeça e me concentro no meu livro.

— Sabe, eu não tinha ideia de que meu irmão era tão romântico, — minha cunhada diz alegremente enquanto carrega as flores pela sala. — Uau. Cem rosas vermelhas! Arturo deve estar realmente apaixonado por você. Não me lembro dele ter comprado flores para mais ninguém. E... — Ela para de repente. — Onde estão as orquídeas?

— Orquídeas? — murmuro distraída. O herói está prestes a salvar sua namorada dos sequestradores. É a melhor parte do livro.

— As de ontem. As brancas e rosa, no lindo vaso dourado que você prometeu me dar mais tarde.

Oh, merda. Fecho rapidamente o livro e procuro na minha mente uma explicação plausível. — Hum... Levei-as para o trabalho.

— Para o Naos? — Sienna franze o nariz para mim, depois coloca o buquê de hoje em cima da penteadeira. No mesmo lugar onde estavam as orquídeas. — Mas por quê? Elas ficavam tão bonitas aqui, no seu quarto.

— Bem, eu... só queria olhar para elas enquanto trabalhava?

Merda. Isso não deveria ter soado como uma pergunta, mas sou péssima em mentir.

Na verdade, enterrei as flores no quintal, atrás das casinhas dos cachorros. Não tinha como simplesmente jogá-las no lixo. Muito arriscado. Alguém poderia encontrá-las e começar a fazer perguntas. Mas o pequeno inconveniente e um pouco de trabalho acabaram sendo uma coisa boa. Eu até gosto da ideia dos cachorros de Drago mijarem e cagarem em cima do presente do Satanás.

— Oh, que fofo! — canta Sienna. Ela dá outra olhada nas rosas e, depois de um suspiro suave, pula na cama ao meu lado. — Estou tão feliz que vocês estão namorando. Queria que Drago convidasse Arturo para jantar, para que nós quatro pudéssemos passar um tempo juntos em família, mas ele recusou. Ele está convencido de que você e meu irmão não estão realmente namorando e que o Arturo está enviando flores para você apenas para irritá-lo. Talvez você pudesse conversar com Drago? Se for sério, é claro. Quero dizer... é sério?

— Eu diria que é bem sério. — Infelizmente.

— Tenho que admitir que não esperava por isso. Especialmente depois de todo o fiasco que aconteceu no meu casamento. Ah, e... você não é exatamente o tipo dele.

— O quê?

— Sim. O Arturo é muito conservador. Eu costumava rir e provocá-lo, dizendo que ele tinha perdido uma grande oportunidade. Se tivesse nascido algumas décadas antes, poderia ter arranjado uma esposa perfeita. É esse o tipo de mulher com quem ele namora.

— Ah? — Arqueei as sobrancelhas. — E houve... muitas?

Por que perguntei isso? Não dou a mínima para DeVille ou suas aventuras sexuais.

Quero dizer, o histórico de namoros dele.

Não. Não estou pensando em sexo e Arturo DeVille.

— Na verdade, não. Pelo menos, pelo que eu sei. — Sienna dá de ombros. — Nenhuma com quem ele tivesse um relacionamento sério ou que ele realmente trouxe para casa para conhecer Asya e eu. Mas, sempre que ele tinha uma acompanhante em uma reunião ou evento familiar, era sempre alguém recatada e comportada, com a coluna ereta como se tivesse uma vara enfiada na bunda. Imagine isso: mãos cruzadas recatadamente no colo quando sentada. Nunca dizia uma palavra, a menos que lhe fizessem uma pergunta específica, — reclama ela, imitando um vômito com o dedo na boca. — Não faço ideia de onde ele encontrava essas garotas. Não sabia que ainda existiam mulheres assim! Mas acho que Arturo está acostumado a estar no controle, dando ordens o dia todo e esperando que elas sejam seguidas. Ele exige isso dos seus homens, então talvez não seja tão estranho que ele faça o mesmo com as mulheres com quem sai. Isso parece loucura?

— Hmm. Não o considerava um machista. Ele não é, certo?

— Não. Mas é um pouco tradicionalista e as coisas mais bobas o irritam.

Mordo a parte interna da bochecha para esconder meu sorriso. — Que tipo de coisas?

— Nossa, por onde eu começo? — Ela ri, ficando mais confortável na cama ao meu lado. — Comida muito temperada. Pessoas que dormem metade do dia. Hum... Palavrões, principalmente em público. Na verdade, Arturo diz que *as mulheres* não devem dizer palavrões. Mas essa regra de não dizer palavrões não parece se aplicar à sua boca suja, aparentemente... Ah! O clima, quando fica muito quente. — Seus olhos se arregalam de forma cômica, como se ela estivesse rindo por dentro das manias ridículas do irmão. — Ele não suporta fast food. Toalhas molhadas...

Confere. Confere. Confere. Eu mantenho uma lista mental, alegremente adicionando ideias ao meu plano *'Como fazer Satanás me odiar'*. Talvez eu consiga fazê-lo mudar de ideia?

— …ou quando uma roupa está simplesmente velha e deselegante, — continua Sienna. — Ele nunca sairia de casa sem que suas roupas estivessem perfeitamente passadas. Nem me faça falar da obsessão dele com a lavanderia *especial*. Evidentemente, ninguém mais consegue fazer o trabalho direito. Até mesmo uma única ruga em seu terno seria um crime contra a humanidade! — Ela olha para mim. — É assim que ele se sente em relação aos seus encontros também. Deus me livre que uma garota use uma saia curta ou qualquer coisa que seja muito reveladora. Nada além de trajes impecavelmente elegantes, adequados ao local e ao evento para a dama que está ao lado do meu irmão.

— Claro. — Aceno com entusiasmo. — Continue.

— Redes sociais. Ele odeia isso. Se dependesse de Arturo, ele se livraria de tudo, exceto do LinkedIn.

Criar uma conta no Instagram. O mais rápido possível. Confere.

— Ele é um bastardo rabugento, — resmungo, e rapidamente acrescento: — É tão fofo.

— É mesmo! — exclama Sienna. Inclinando-se para mais perto do meu ouvido, mesmo estando sozinhas no quarto, ela sussurra: — Ninguém sabe disso, mas por baixo da grosseria, dos grunhidos e das carrancas constantes, Arturo é na verdade um grande e doce ursinho de pelúcia.

Minhas sobrancelhas se levantam. Objetividade não é o forte da minha cunhada. — Ele tentou matar Drago, Sienna. Ou você esqueceu esse pequeno detalhe?

— Meh. Arturo nunca teria feito isso. Foi apenas um mal-entendido entre eles. E Drago o irritou ao zombar de sua lealdade ao chefe. Esse é o único assunto sobre o qual meu irmão é super sensível.

— Então... o 'ursinho grande e fofo' é realmente tão dedicado assim? Ele seguiria todas as ordens de Ajello, independentemente do que fossem? — pergunto.

Sienna suspira, com o olhar perdido na janela. Ela não parece mais a mesma pessoa alegre de antes. O silêncio entre nós se prolonga por tanto tempo que acho que ela não vai responder.

— Você não é membro da Cosa Nostra, Tara, então não tem como entender, — ela finalmente diz. — A honra é tudo. Esse é o ideal que está acima de todos os outros em nossa sociedade. Quando os membros juram lealdade à Família, eles fazem um voto de respeitar a liderança do chefe e ser sempre leais a ele. Recusar-se a seguir as ordens do chefe é como cuspir na própria honra.

Ótimo.

— E... e no caso de Arturo, — ela continua, sua voz ficando mais baixa, — a lealdade dele a Ajello transcende o código da Cosa Nostra. — Lágrimas se

acumulam em seus olhos, prestes a cair. — Você sabe como nossos pais foram mortos durante uma batida no cassino onde trabalhavam?

Aceno com a cabeça. Drago me contou o que aconteceu com os pais de Sienna. Ela e sua irmã tinham cinco anos na época. Após a tragédia, elas foram criadas pelo irmão. Sozinho, supostamente. Mas estou achando difícil acreditar nisso sobre o idiota que está arruinando minha vida atualmente.

— Arturo solicitou ser nosso tutor legal. No entanto, o velho Don decidiu que nossa tia distante deveria ficar com a custódia de Asya e de mim. A palavra do Don é lei. Ele é a autoridade máxima. Nós... Nossa... O que restava de nossa pequena família estava sendo destruído. Seríamos forçadas a nos separar de nosso irmão e enviadas para morar com uma mulher que nunca conhecemos, Tara. E não havia nada que Arturo pudesse fazer para impedir isso.

Pego sua mão e aperto-a levemente. Sei muito bem como é perder entes queridos em uma idade tão jovem. Infelizmente, a história de Sienna e a minha são muito parecidas. Provavelmente é por isso que nos aproximamos tão rapidamente. Ambas perdemos nossos pais quando éramos crianças. Ambas sobrevivemos a essa dor inimaginável. Minha dor foi amplificada pela morte da minha irmã gêmea, que morreu ao mesmo tempo que nossa mãe e nosso pai. Drago era o único membro da minha família que me restava. Até Keva, é claro. Os dois me ajudaram a superar aqueles momentos difíceis. Não sei se teria conseguido se tivesse sido separada deles. Só de pensar nessa possibilidade, fico fisicamente doente.

— Mas você não foi? — pergunto com a voz embargada. — Separada do seu irmão?

— Se não fosse por Ajello, com certeza teríamos sido.

— Salvatore Ajello?

— Sim. Estávamos prestes a partir quando Ajello chegou. Ele disse a Arturo para desfazer as nossas malas, dizendo simplesmente que o velho chefe tinha mudado de ideias. Foi só isso. Um minuto depois, ele virou-se e foi-se embora. Até hoje, não faço ideia do que aconteceu exatamente. Pelo que ouvi, o velho chefe não era dado a mudar de ideias, por isso deve ter sido obra de Ajello. Mas ele nunca falou nisso. Nunca.

— Bem... Não tenho certeza se alguém realmente sabe como Ajello faz as coisas que faz.

— É. Aquele homem me dá medo, — ela ri. — Então, veja, essa é a verdadeira razão pela qual Arturo é tão leal a Ajello. Não é apenas o princípio que exige sua obediência à Cosa Nostra. Para Arturo, é porque ele se sente em dívida. Ele tem uma dívida pessoal com Ajello e, não importa o que aconteça, meu irmão nunca irá contra o Don.

Um peso enorme se instala no meu estômago. Isso é ruim.

— Ah! Quase me esqueci! — Sienna pula de joelhos e bate palmas com alegria. É tão típico dela. Triste em um momento, animada no outro. — O primeiro rascunho do meu romance sobre hóquei está pronto. Você tem tempo para ler e me dar sua opinião?

— Hum... claro. Precisa que eu conte seus membros novamente?

Sienna é incrível quando se trata do enredo geral da história e de criar personagens e cenários bem desenvolvidos, mas é péssima com pequenos detalhes irritantes. Verificação de fatos. Consistência. Esse tipo de coisa. O que significa que, em todas as cenas de sexo que ela escreve, ela parece acabar com pelo menos duas mãos a mais, de alguma forma.

— Por favor! Vou enviar por e-mail em um segundo.

Eu a observo sair dançando do meu quarto com seus chinelos turquesa brilhantes, depois me deito na cama e fico olhando para o teto. Em pouco tempo, meu laptop apita com a chegada de um e-mail. Eu o pego da mesinha de cabeceira e coloco sobre o meu estômago, abrindo o anexo que Sienna enviou. Depois de várias tentativas, desisto de ler. Minha cabeça não está no lugar; não consigo me concentrar no texto.

O que vou fazer? Passei os últimos três dias esperando que aquele demônio arrogante caísse em si e desistisse desse plano idiota de se casar. Na verdade, ainda não consegui aceitar totalmente o fato de que estou sendo forçada a me casar, então, por enquanto, estou simplesmente seguindo o fluxo. A tentação de contar ao meu irmão o que aconteceu e contar com ele para me tirar dessa confusão é irresistível. Ele provavelmente mataria DeVille por mim. Talvez. Não consigo imaginar que ele machucaria Sienna assim. E, mesmo que ele estivesse disposto a fazer isso, não acho que conseguiria pedir isso a ele. Além disso, teria que explicar como minhas malditas impressões digitais foram parar em uma arma do crime e pedir a Drago para limpar mais uma das minhas bagunças. De novo.

Como da vez em que ele teve que me buscar na delegacia depois que meus amigos e eu fomos presos por conduta desordeira. Um grupo de nós deixou montes de fezes do lado de fora de uma boutique de luxo. Em minha defesa, eles estavam vendendo casacos de pele. Casacos de pele *verdadeira*, feitos com peles de animais em extinção! Como fui considerada a líder do grupo e usei o terreno da escola para organizar esse pequeno ‘protesto’, fui expulsa daquela escola no meu primeiro ano do ensino médio.

Minha passagem pela segunda escola não foi muito melhor. Drago teve que pagar para descontaminar e reformar todo o laboratório de química depois que eu acidentalmente derramei uma substância perigosa ao tentar resgatar um

porquinho-da-índia que fugiu da sala de biologia vizinha. Só fui suspensa por isso, e só porque Drago tinha muito dinheiro. Tenho certeza de que ele subornou os funcionários da escola para me livrar da punição.

Sendo mais velha, seria de se esperar que eu tivesse aprendido a lição. Mas não. No ano passado, meu irmão teve que me 'resgatar' mais uma vez. Bêbada como um gambá, entrei no trem errado, adormeci e acabei no meio do nada. Não é de se surpreender que minha carteira e meu celular não tenham chegado comigo. Felizmente, isso foi o pior que aconteceu. Tive que implorar a um estranho para me deixar usar o telefone para enviar uma mensagem a Drago. Ele estava furioso quando veio me buscar, praticamente pronto para me estrangular por ter desobedecido. Ele me disse especificamente para entrar em contato com ele quando estivesse pronta para sair do bar e ir para casa. Mas eu sabia que ele estava exausto, era muito tarde e eu simplesmente não queria acordá-lo.

Meu Deus! Estou tão cansada de ficar presa neste carrossel. Por mais que eu esteja farta de sempre estragar tudo, Drago deve estar chegando ao limite de quanto está disposto a aguentar. Ele tem uma esposa agora. Sua atenção deveria estar em cuidar dela, não em limpar a bagunça que eu faço.

E isso me leva à outra grande preocupação que tenho em mente. Estou apavorada com a reação de Drago se ele descobrir a verdade. E se ele desafiar Ajello? A última coisa que quero é colocar meu irmão em perigo porque consegui me meter em outra confusão.

Estou olhando fixamente para o teto, contemplando minhas opções, quando uma agitação repentina irrompe na garagem. Deve ser algo importante, porque várias vozes elevadas seguidas pelo bater rápido de portas de carro chegam até mim. Corro para olhar para fora, bem a tempo de ver Drago subindo em sua moto e saindo como se estivesse com o rabo pegando fogo.

— Adam! — grito depois de abrir a janela. — O que está acontecendo?

O amigo de infância do meu irmão, e agora seu capanga, vira seu corpo robusto para olhar para mim. — Agentes especiais do IRS acabaram de aparecer no Naos, — ele diz enquanto coloca o capacete de motocicleta na cabeça.

— Merda.

— É. — Ele abaixa a viseira e, na mesma hora, sai com a moto também.

Voltando para a cama, pego meu laptop novamente para verificar os arquivos administrativos do Naos, caso haja algo com que eu não esteja familiarizada. Drago pode precisar da minha ajuda para lidar com o que quer que seja que eles estejam investigando. Meu telefone começa a tocar e eu atendo sem olhar para o identificador de chamadas, distraída demais abrindo uma pasta após a outra.

— Espero que você não tenha esquecido nossos planos para esta noite, Tara. — A voz grave e refinada ressoa na linha, provocando um leve arrepio na minha espinha, mesmo à distância.

— Agora não é uma boa hora, DeVille. — Aperto o círculo vermelho na tela e jogo o telefone na mesinha de cabeceira. Ele começa a tocar novamente assim que cai na superfície de madeira.

— Jesus. — Pego o maldito aparelho e o coloco no ouvido. — Eu disse que...

— Nunca mais desligue na minha cara.

— Anotado. — Depois de desligar a chamada, desligo o telefone completamente. Não posso lidar com esse idiota agora, não quando podemos estar enfrentando um desastre no clube.

Ao longo dos anos, pedi várias vezes a Drago para me deixar supervisionar a contabilidade do Naos, mas aparentemente não sou responsável o suficiente. Não posso culpá-lo por estar relutante, considerando meu histórico. Em praticamente todos os empregos que tive, de alguma forma eu estragava tudo. Lidar com pessoas realmente não é meu forte. Por outro lado, palavras e números são como massa de modelar nas minhas mãos. E sou excelente em detectar inconsistências.

A primeira pasta em que mergulho contém cópias de faturas de nossos fornecedores. Distribuidores de bebidas alcoólicas. Atacadistas de produtos agrícolas. A lista é interminável. A maioria deles são nossos parceiros que inflacionam seus preços, permitindo-nos mostrar despesas maiores nas demonstrações de resultados. À primeira vista, tudo parece estar em ordem. Mesmo assim, pego cada fatura do ano atual e comparo com nosso banco de dados principal. Quando termino os registros da cozinha e do bar, passo para o atendimento ao cliente, revisando cuidadosamente as reservas de mesas e as entradas noturnas.

Com os agentes do IRS CI[1] à nossa porta, é provável que estejam investigando evasão fiscal ou lavagem de dinheiro. Keva lida com a lavagem de dinheiro através do clube e faz isso há anos. Ela é ótima, mas nos últimos meses tem estado muito sobrecarregada. E se ela tiver deixado passar alguma coisa? Drago pode estar em sérios apuros.

No meio da pilha de recibos de fevereiro, alguém bate à minha porta.

— Tara. — Jelena enfia a cabeça pela porta, segurando o celular.

— Agora não.

— Hum... Arturo DeVille está na linha para você.

---

[1] **Internal Revenue Service – Criminal Investigation** (braço investigativo do fisco dos EUA)

Minha cabeça se levanta rapidamente. — Como ele conseguiu seu número?

— Não faço ideia, querida. Mas ele não parece feliz. — Ela joga o celular para mim, e eu quase caio da cama tentando pegá-lo.

— Hum. Um pouco de privacidade, por favor?

— Claro. — Ela me dá uma piscadela. — Brigas de namorados são as mais fofas.

Eu gemo. Mais da metade da turma do meu irmão mora nesta casa. São mais de cinquenta pessoas sob o mesmo teto. O que significa que, cerca de vinte segundos após a chegada do primeiro buquê do Satanás, todas as pessoas sabiam que eu estava 'namorando' ele.

— O quê? — respondo bruscamente ao telefone.

Um som grave e rouco vem do outro lado da linha.

— Você acabou de rosnar para mim, DeVille?

— Você tem três minutos. — Uma pausa. — Para descer aqui. — Outra pausa. — Ou meu amigo da Divisão de Investigação Criminal da Receita Federal vai começar a fazer perguntas que ninguém no Naos quer ouvir.

— Seu bastardo! Você os enviou?

— Achei que você precisaria de um incentivo, — ele responde bruscamente. — Três minutos, Tara.

Nada além do silêncio me recebe após aquela ameaça não tão velada. Olho para o telefone, confirmando o que já sabia. '*Chamada encerrada'* está piscando na tela. Tudo o que posso fazer é cerrar os dentes para não gritar de frustração.

Eu te odeio, Arturo DeVille!



— Tudo bem, Sr. DeVille? — Riggo pergunta do banco do motorista.

— Sim. Perfeito pra caralho.

Jogo o telefone no assento de couro macio e aperto a ponte do nariz. Nenhuma outra pessoa em meus trinta e seis anos de vida me fez perder a cabeça tão rápido quanto aquela mulher insuportável.

— Tem certeza? Está com uma expressão muito estranha. Talvez esteja sentindo efeitos colaterais da doação de sangue? Minha irmã me disse que isso pode acontecer, especialmente se tirarem muito...

Gemo por dentro. A única razão pela qual fiz de Riggo meu motorista enquanto minha carteira está suspensa é porque não queria desperdiçar ninguém neste trabalho idiota. O garoto está ansioso para ajudar, mas é um chato de galocha que fala o tempo todo. Sua irmã trabalha na clínica com Milene Ajello, e isso de alguma forma levou o chefe a me pedir para encontrar um emprego para o cara.

— … que ato nobre. Salvar o mundo uma gota de cada vez, não é? Ouvi a Dra. Ilaria dizer que você faz isso regularmente. Ela diz que seu sangue O negativo salva muitos dos nossos rapazes. Especialmente com alguns deles levando tiros com tanta frequência e tudo mais. Ei, você sabe quem vai receber seu sangue da próxima vez?

— Você. A menos que pare de falar.

— Ah. Tudo bem, — ele engasga. — Hum... Então, para onde vamos agora?

— Del Vecchio's Grill. — É uma joia de churrascaria italiana, escondida no Brooklyn. O único lugar onde meu bife malpassado nunca foi estragado.

Com toda a merda que tive que lidar nos últimos dois dias, nem me lembro da última vez que comi uma refeição decente. Ter que lidar com a irmã irritante de Drago depois de passar por toda a merda que Wang continua jogando é a última coisa que quero fazer. Mas, para vender essa farsa em benefício de pessoas com o dedo no gatilho, sacrifícios devem ser feitos.

Puxo a manga da jaqueta e olho para o relógio. Vinte segundos. Se ela não...

A porta do carro se abre e o pesadelo da minha vida entra. Eu a examino, das calças de moletom cinza esfarrapadas à camiseta curta que deixa a barriga à mostra e exibe um piercing brilhante no umbigo. Finalmente, meu olhar para na parte de cima da cabeça dela.

— Você está brincando comigo?

— Você disse que eu tinha três minutos, — ela diz com indiferença, enquanto ajusta um dos rolos de velcro laranja no cabelo. — Eu tive tempo apenas para fazer xixi, pegar minha bolsa e calçar os sapatos. Então...

— Vamos jantar.

— Ah, eu sei. Não se preocupe, eu tiro os rolos antes de chegarmos lá.

Fechando os olhos, começo a contar até dez, na esperança de que isso acalme minha vontade de matá-la. — Riggo. Mudança de planos. De volta para casa.

— O quê? Não vou com você para o inferno que você chama de lar.

Madonna Santa, me dê força e paciência para não terminar este dia em um banho de sangue. Respirando fundo para me acalmar, eu a encaro com um olhar fixo.

— Você vai para onde eu mandar você ir. Estou farto do seu comportamento infantil, então é melhor você se controlar e começar a cooperar. Ou vou tornar essa situação muito, muito pior para você. Entendeu?

— Acho que não pode ficar pior do que já está. Satanás maldito.

— Pare de me chamar assim!

Tara cruza os braços sobre o peito e desvia o olhar. Com a atenção voltada para a paisagem além da janela, ela começa a murmurar algumas bobagens para si mesma. Não consigo entender tudo o que ela está dizendo, ouvindo apenas palavras como ‘fofo’ e ‘urso’, seguidas por um ou dois palavrões.

Tanto faz. Pego meu laptop, abro meus e-mails e mergulho no trabalho. Ignorando completamente a mulher furiosa ao meu lado.

***

— Está com fome? — pergunto enquanto jogo a jaqueta no encosto do sofá.

— Não vou dividir o pão com um inimigo, especialmente debaixo do teto dele.

Parando no caminho para a cozinha, lanço um olhar por cima do ombro. Tara continua parada no meio da sala. Com as mãos na cintura, ela me lança um olhar irritado.

Encolhendo os ombros, vou até a geladeira. — Então passe fome.

Nos últimos dois dias, comi fora todas as refeições, então minhas opções para um jantar caseiro decente são limitadas. Pego um pacote de peito de frango e alguns cogumelos cremini, coloco-os ao lado da tábua de cortar enquanto me ocupo em preparar tudo o mais para fazer um prato clássico ítalo-americano.

Enquanto trabalho - cortando a carne em tiras, temperando, passando na farinha e colocando em uma frigideira quente com manteiga derretida e óleo, - dou uma olhada rápida em Tara. Ela anda pela sala, examinando as várias bugigangas de Sienna espalhadas pelas estantes. Cada vez que pega uma para examinar, ela a coloca de volta, mas nunca no lugar original.

— Eu não imaginava que você gostava de sereias.

Eu levanto os olhos da frigideira para ver Tara parada perto do rack da TV com um globo de neve na mão.

— É de Sienna. Ela adora deixar suas porcarias brilhantes espalhadas pela casa, — digo. Assim que as palavras saem da minha boca, sinto a necessidade de corrigir-me. — Quer dizer, adorava. — Às vezes, esqueço que nenhuma das minhas irmãs mora mais aqui.

— E você deixou no lugar?

— Sim.

Tara devolve a decoração ao suporte, mas do lado oposto ao que estava antes, e continua sua inspeção. Ela está com uma expressão um pouco perplexa enquanto vasculha descaradamente todas as minhas coisas. Acho que ela presumiu que eu seria um solteiro típico, com preferência por uma decoração minimalista. Para falar a verdade, aquele estilo ultramoderno que aparecia nas revistas que Sienna costumava deixar espalhadas pela casa não me atrai nem um pouco. Os quartos

apresentados sempre pareciam estéreis, montados para serem vistos e nada mais. Uma casa deve parecer e dar a sensação de que é vivida, não como um maldito anúncio de design de interiores.

Atravessando a sala até o balcão que separa a cozinha da sala de estar, Tara para diante das fotos penduradas na parede próxima.

— Esta está quebrada. — Ela aponta para uma foto emoldurada de Asya aos 12 anos.

— Eu sei. Seu irmão bateu minha cabeça nela. Ainda não tive tempo de substituí-la.

— Hum-hum. Espero que tenha doído.

Agora que o frango marsala está pronto na panela e o molho cremoso engrossou, começo a picar um pouco de salsa para finalizar o prato. — Provavelmente menos do que o corte que eu dei nele. Quantos pontos ele precisou?

— Vários. Felizmente, ele se recuperou em poucos dias, em vez de semanas. A propósito, como está seu pulso? Cicatrizou bem? — A preocupação em seu rosto é tão falsa quanto o tom compassivo com que ela fala. Ela se aproxima da geladeira, pega uma garrafa de água, volta para a bancada da cozinha e se senta de frente para mim. — Ouvi dizer que a recuperação de uma fratura no pulso pode ser muito difícil e demorar muito tempo. E, mesmo depois, o osso curado simplesmente não fica tão forte quanto antes. Que pena.

Minha mão, presa ao pulso recentemente curado, fica parada no meio do corte na tábua. Sei que ela está me provocando de propósito, mas não entendo por que isso está me irritando tanto. *Ignore-a*, digo a mim mesmo. Não vou me rebaixar ao nível dela nem lhe dar a satisfação de conseguir a reação que ela obviamente deseja.

— Para alguém na sua profissão, é fundamental ter total mobilidade e reflexos de primeira, — ela continua a tagarelar com voz melosa entre goles de sua bebida. — Eu odiaria saber que o dano que meu irmão causou ao seu pulso deixou você com uma deficiência.

Eu cerro os dentes e concentro-me na salsa, que a esta altura está toda machucada depois de eu ter cortado agressivamente.

— Suas habilidades motoras finas parecem estar sofrendo um pouco em termos de delicadeza, para ser honesta. Essa pobre salsa parece quase moída.

Filha da...

Meu autocontrole se esvai. Jogo a faca para cima, pego a ponta enquanto ela gira no ar e a lanço para longe. A lâmina passa a poucos centímetros da orelha de Tara, atravessa a sala e atinge a madeira maciça da porta da frente.

— Huh. — Inclino a cabeça. — Você pode estar certa. Estou meio centímetro à esquerda do meu alvo.

Quando volto meu olhar para Tara, ela está me encarando de boca aberta, com choque estampado em seus traços marcantes.

Uma pontada de culpa me atinge. *Eu não queria assustá-la, droga!* Eu só... sei lá o que é. Nunca ninguém me incomodou tanto antes. Será porque ainda não aceitei a intromissão sorrateira de Ajello na minha vida privada? Será que ela simplesmente se tornou um alvo conveniente para eu descarregar minhas frustrações? Ou será que sou assim tão fodido?

Fechando os olhos por um momento e apertando as têmporas com as pontas dos dedos, suspiro. — Escute, Tara, me desculpe. Eu...

Um líquido frio atinge meu rosto.

— Não ouse chegar perto de mim, seu doente, — ela zomba. Em seguida, ela joga a garrafa vazia no meu peito e corre para a porta da frente.

Merda.

— Tara!

Corro atrás dela, alcançando-a bem quando ela está a pegar na maçaneta.

— Fica longe de mim! — ela grita, empurrando minha mão de seu antebraço quando tento impedi-la. Agarrando a maçaneta novamente, ela tenta abrir a porta com força.

Empurro o braço por cima do ombro dela e minha palma bate na superfície de madeira, fechando a porta com força. Meu peito colide com as costas dela, prendendo a mulher furiosa. Ela não tem para onde ir.

— Tara. Estou tentando me desculpar.

— Não preciso das suas desculpas. — Ela está puxando a maçaneta com tanta força que um rangido se junta ao som de sua respiração pesada. — Preciso sair!

Com a maneira como ela está se contorcendo, ela está esfregando sua bunda empinada bem na minha virilha, o que deixa meu pau duro como aço.

— Tara. Preciso que me escute.

— Não! Posso ser uma fracassada que não consegue fazer nada direito, mas não vou ser aterrorizada por um maluco crescido com problemas de raiva!

Certo.

Mudança de tática.

Envolvendo meus braços em torno de seus joelhos e costas, eu a pego no colo e vou em direção à sala de estar.



Meu coração bate forte contra o peito enquanto luto em vão para escapar das garras de Satanás. Mesmo com todos os meus chutes e gritos, ele simplesmente caminha com calma até o sofá. Seu aperto forte não vacila, mesmo quando ele se senta e se recosta. A maneira como ele me posicionou, prendendo rapidamente meus membros com o corpo, não me deixa espaço para sequer tentar dar um soco em seu rosto.

— Alexa, — ele diz. — Coloque a playlist ambiente.

Um momento depois, a sala se enche com uma combinação de uma melodia clássica de piano e o som suave da chuva.

— Você está falando sério? — Eu fico boquiaberta olhando para ele. Nossos rostos estão tão próximos que posso ver gotas de água grudadas em suas sobrancelhas e barba.

— Eu já disse. Mas vou repetir. — Ele se inclina ainda mais para perto. — Sinto muito. Pelo que aconteceu antes. Não queria assustar você assim. Eu só... perdi o controle... um pouco.

— Porque feri seu orgulho masculino?

— Talvez?

— Isso é ridículo.

Algo parecido com um sorriso malicioso se forma em seus lábios. Eles parecem bonitos. Seus lábios. Não são excessivamente carnudos, mas têm um arco de cupido bem definido, o que contribui para sua aparência marcante.

— Eu sei. Podemos ter uma conversa civilizada agora?

— Me solta, e eu vou pensar nisso.

Ele afrouxa o aperto. Imediatamente saio do seu colo e dou vários passos para trás.

— Não adianta lutar uma batalha que você não pode vencer, Tara. Nós vamos nos casar, independentemente do que você sinta. Por que simplesmente não aceita a situação como ela é?

Porque não consigo! Minha vida tem sido uma porta giratória de desastres causados por mim mesma. Erros constantes e grosserias. Mesmo quando tentei fazer a coisa certa, não consegui manter o foco.

Meus relacionamentos não melhoraram porque continuo escolhendo namorar um perdedor atrás do outro. Sou como um ímã para todos os idiotas e traidores que existem. Se eles têm sorte, apenas pisam no meu coração e vão embora. Se não têm, acabam mortos. Namorar comigo parece ser perigoso para a saúde de um homem. Prova A: Stavros. Prova B: Petar, que morreu em um confronto com a Cosa Nostra há quase três anos.

Esse tipo de histórico não é um bom presságio para encontrar o amor da minha vida. O único homem que me amaria apesar dos meus defeitos. Cujo amor por mim rivalizaria com as maiores histórias de romance já contadas. E passaríamos nossos dias e noites felizes.

É isso que eu quero. É com isso que eu sonho. Mas agora, esse sonho está sendo destruído por uma ideia idiota que o chefe da Cosa Nostra de Nova York inventou. E depois ainda mais destruído por esse Satanás teimoso escondido em um corpo lindo. Por alguma razão, os dois acharam que tinham o direito de ditar minha

vida. De destruir todas as possibilidades de eu encontrar minha própria felicidade, tudo por causa de seus caprichos cruéis.

Não posso deixar isso acontecer! Não posso desistir da luta. Quero o meu ‘felizes para sempre’! E Arturo DeVille definitivamente não é isso!

— Vá em frente e entregue a arma com minhas impressões digitais, — sussurro. — Prefiro apodrecer na prisão do que me casar com você.

— Tem certeza? Porque o tempo atrás das grades não seria o pior dos seus problemas. O boato é que o velho Katrakis está enlouquecido, procurando pelo filho em toda a região. Talvez eu devesse dar uma dica para ele sobre o paradeiro do seu ex?

— Fique à vontade.

DeVille se inclina para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e sustentando o queixo com as mãos entrelaçadas. Seus olhos escuros me queimam por baixo das sobrancelhas franzidas.

— Um ano, — ele diz depois de um tempo.

— Um ano... o quê?

— Vamos ficar casados por um ano. Depois, eu te dou o divórcio.

Minhas sobrancelhas se levantam. — E o que seu amado Don diria a isso?

— Ajello acredita que o casamento entre nós vai consertar meu relacionamento com seu irmão. E... algumas outras coisas. Quando o plano dele não der certo e ele perceber que você e eu provavelmente vamos nos matar, ele não vai se opor.

— Sério? Eu não tinha ideia de que seu chefe era um homem tão razoável.

— Ele não é, mas é pragmático. Sem nada a ganhar, ele cederá.

Mordo o interior da bochecha. — Dois meses, — respondo.

— Um ano. Nem um dia a menos.

— Por quê?

— Ajello não é do tipo que se convence facilmente de que está errado. Vai levar um ano, no mínimo.

Bato com o dedo nos lábios enquanto uma miríade de pensamentos passa pela minha cabeça. — E se, na nossa noite de núpcias, eu tentar cortar sua garganta? Isso o convenceria mais rapidamente de que nosso casamento é uma má ideia?

— Não. Ele diria apenas que não nos esforçamos o suficiente. — Ele abaixa a cabeça e parece olhar para o nada no chão.

É evidente que ele não quer este casamento tanto quanto eu, mas está determinado a levá-lo adiante. Ele está totalmente disposto a sacrificar tudo *o que* deseja na vida para honrar seu compromisso com o chefe. Eu admiraria o homem, sua lealdade e determinação, se sua resolução de ferro não estivesse arruinando *minha vida*.

Pela milésima vez, eu gostaria de poder me dar um chute. O que diabos me deu para pegar a maldita arma dele? Se eu não tivesse feito isso, ele não teria nada para me chantagear. Nenhuma impressão digital. Nenhuma ameaça para me pressionar. Não é como se eu fosse atirar nele. Afinal, ele é o irmão de Sienna. E meu amor por ela supera até mesmo o ódio que sinto por ele. Droga!

— Tudo bem. Um ano. E só se for uma cerimônia civil. Não vou me casar com você na igreja. — Ergo o queixo. — E quero metade de *todos* os seus bens, não apenas os bens conjugais, no divórcio. Você pode colocar isso no acordo pré-nupcial.

Ele começa a rir. — Isso não vai rolar.

— Se estou sendo forçada a ser sua esposa, espero uma compensação. Uma compensação substancial. Metade de tudo o que você possui parece justo.

— Não vou te dar 500 milhões, Tara.

Uau. Eu pisco. Eu não tinha ideia de que o irmão de Sienna era *tão* rico. — Tudo bem. Eu aceito doze. Um milhão por cada mês que ficarmos casados.

Não há como ele concordar com isso. A única coisa que os homens da Cosa Nostra valorizam, além de sua amada *família,* é dinheiro. Ele vai pesar os prós e os contras e ver que simplesmente não vale a pena. É um preço muito alto para o seu orgulho.

Não. Vamos lá, deixe-me ouvir. N-Ã-O.

DeVille range os dentes. Seu olhar me queima enquanto ele se recosta nas almofadas do sofá, estendendo os braços ao longo da borda superior. Ele posou exatamente da mesma maneira em Naos. Idiota arrogante. Essa postura grita *'eu sou o rei e você deve se curvar diante de mim'*. Exceto que isso não funciona muito bem com sua expressão carrancuda e o olhar sombrio de frustração em seu rosto.

O que ele está esperando? Ele está realmente considerando isso?

Não, DeVille é teimoso demais para ceder.

Mas, por mais que seus traços autoritários tenham ficado claros desde o início, ele conseguiu me surpreender com uma coisa. Eu nunca teria imaginado que Arturo DeVille fosse um homem que gostasse de tatuagens. Ele arregaçou as mangas da camisa social quando começou a cozinhar, e agora estou quase hipnotizada pela tinta escura em seu antebraço direito, marcado por músculos grossos e tensos como cordas.

— Tudo bem. — Sua voz grave explode no silêncio da sala. — Aceito os termos.

— O quê? — Recuo, confusa.

— Um ano. Doze milhões de dólares. Temos acordo, *gattina*.

Sinto um gosto amargo na boca. Não. Não. Não. Não quero o dinheiro dele! Não quero nada dele, exceto que ele desapareça da minha vida. — Eu... eu não estava falando sério. Eu só...

Ele salta do sofá e fecha a distância entre nós tão rápido que eu nem tenho chance de terminar a frase.

— Você o quê? Está brincando comigo de novo? — Seus olhos escurecem. — Ninguém brinca comigo, Tara. Você fez sua oferta. Eu aceitei. Então nem pense em voltar atrás. Porque se fizer isso, eu vou te destruir. Pedaço por pedaço. Junto com todos que você ama. Entendeu?

Engulo em seco quando um gosto amargo enche minha boca. Meu estômago revirou e depois caiu no chão. Havia tanta hostilidade e convicção em seus olhos que não duvidei de uma única palavra. Ele estava falando sério. A pressão atrás dos meus olhos significava que eu estava a segundos de perder a compostura. Mas eu seria uma idiota se deixasse mais uma lágrima cair na frente desse bastardo.

Levantando o queixo, encaro seu olhar implacável. — Quero ver o acordo pré-nupcial assim que você o redigir. Os doze milhões devem ser depositados na minha conta no dia em que nosso divórcio for finalizado.

— Tudo bem. O local já está reservado, mas você tem algum interesse em escolher a decoração ou outras porcarias de casamento?

— *Zero*.

Seus olhos caem nos meus lábios quando eu pronuncio o som *‘o’*.

— Perfeito, — ele retruca. — Este será um evento de alto nível, com a presença da elite da Cosa Nostra. Não vou deixar você me envergonhar como tentou fazer hoje à noite. Certifique-se de que seu vestido de noiva seja bonito e elegante. Nada de fendas até a bunda ou decotes profundos que deixem seus seios à mostra. Não mostre suas ligas para que todo mundo possa imaginar você em lingerie. Entendeu?

Arqueio uma sobrancelha. Ele reparou na minha roupa no *casamento* de Drago e Sienna? Pensei que ele estivesse demasiado ocupado a desviar-se dos canapés que lhe atirei. No entanto, considerando que ele acabou de descrever com detalhes exatos o que eu vestia naquele dia, não posso deixar de pensar que reparou.
— Vou certificar-me de que me cobre da cabeça aos pés. Não quero ofender a sua delicada sensibilidade.

— Que bom que estamos de acordo. Quinta-feira. Passo a buscá-la ao meio-dia para almoçarmos. Vista-se adequadamente para aparecer em público e... — ele olha significativamente para o topo da minha cabeça, — de preferência, mantenha seu cabelo... sem acessórios.

— Claro. Se é tudo, vou me retirando. Não se preocupe, vou chamar um táxi.

— Isso. É. Tudo, — ele rosna. — Mas eu vou levá-la de volta.

Capítulo 5

Uma semana depois



— Em algum momento deste século, Tara, se tiver a gentileza.

Olho para cima e encontro o olhar severo de Keva. Ela está encostada na borda do fogão, com os braços cruzados sobre o peito. O vapor que sobe da panela de ensopado atrás dela faz parecer que ela está fumegando.

— O quê?

— Batatas. — Ela aponta uma colher de pau comprida para a tigela à minha frente. A mesma que eu usei para apoiar meu livro para poder ler. Acho que me empolguei um pouco com a história.

— Ah. Desculpe. — Guardando o livro, retomo a tarefa de descascar as batatas.

Se fosse qualquer outra pessoa interrompendo minha leitura, eu teria mandado ela se danar. Mas não posso fazer isso com Keva. Ela é praticamente uma mãe para mim.

Depois que nossos pais e nossa irmã morreram, Keva trouxe Drago e eu para os Estados Unidos, fugindo da Sérvia para proteger nossas vidas. Nós também

poderíamos ter morrido se ela não tivesse nos contrabandeado para fora do país. Trabalhando em vários empregos, ela nos deu um teto e garantiu que tivéssemos comida na mesa. Só quando o negócio de Drago decolou e seu sucesso lhe permitiu comprar esta casa é que Keva finalmente deixou seus empregos externos. Mas, em vez de descansar e aproveitar o merecido descanso, ela assumiu a gestão da casa, que está cheia com quase metade dos funcionários de Drago. Todos os dias, ela alimenta mais de cinquenta bocas, cuida dos ferimentos de todos e, além disso, lava o dinheiro das operações de Drago. Ela faz isso há anos, enquanto cria uma filha adotiva que lhe deu mais do que alguns cabelos brancos ao longo do caminho.

Eu sorrio. É nos momentos em que Keva me chama a atenção que eu realmente aprecio o quanto ela é incrível. Não há como eu amá-la mais do que já amo.

— Você vai tirar aquelas férias que Drago está te enchendo para tirar? — pergunto, pegando outra batata. Meu irmão está tentando mandar Keva para uma viagem com tudo pago. A cada poucos meses, ele compra uma passagem de avião na primeira classe e reserva as acomodações mais luxuosas para ela, mas Keva sempre cancela tudo.

— Ha! Você sabe para onde ele tentou me mandar no mês passado? Para as Maldivas! — Ela ri enquanto mexe o ensopado. — O que eu faria nas Maldivas? Aqueles resorts de luxo sobre a água não são para mim. E, de qualquer forma, vocês morreriam de fome ou se matariam sem mim por perto.

— Tenho certeza de que as meninas se virariam. E eu ajudaria.

Keva olha para mim por cima do ombro. — Tara, você nem sabe fazer *pasulj*.

— Claro que sei!

— Claro. Mas tem gosto de água de lavar louça, querida.

— Não é minha culpa! Toda vez que eu pedia para me ensinar, você me mandava embora.

— Porque você estava sempre com o nariz enfiado em um dos seus livros de romance! Não ouvia uma palavra das minhas instruções, estava ocupada demais olhando para aqueles homens seminus nas capas. Além disso, é difícil cozinhar com uma dessas coisas coladas nas mãos. Você quase nunca largava o livro.

— Isso não é verdade.

Suas sobrancelhas saltam em direção à linha do cabelo, e seu olhar se move significativamente para o livro de bolso sobre a bancada. Eu nem percebi que o tinha reaberto. É que... Sienna me deu esse ontem. Ela disse que é o melhor romance de inimigos que se tornam amantes que ela já leu. E eu estou no clímax da história!

— Você precisa tirar isso da cabeça e voltar para o mundo real, garota. Esse tipo de obsessão não é saudável.

— Eu sei. — Encolho os ombros. — Mas é tão fácil me perder na fantasia onde os personagens sempre, de alguma forma, conseguem fazer as escolhas certas. Especialmente a heroína bonita, mas tímida. Ela não deixa nada a derrubar, apenas lida calmamente com seus problemas enquanto mantém a cabeça erguida. E todos não conseguem deixar de amá-la porque ela é tão perfeita. E então, há o seu interesse amoroso, supergato e taciturno. Ele é bem rude e totalmente inflexível. Mas isso é só uma fachada. Secretamente, ele é louco pela heroína doce e perfeita e mal pode esperar para roubar as estrelas do céu para colocá-las aos pés dela. Quer dizer, como não amar?

— Há muitos homens bons e *reais* por aqui, Tara.

— Sim, claro. E todos eles estão esperando por mim.

— Você poderia descobrir se terminasse com o italiano mal-humorado.

Solto um resmungo. Keva não faz parte da base de fãs de Satanás.

— É incrível que você não fique encantada com ele como todas as outras mulheres da casa parecem estar. Elas ficam constantemente elogiando o quanto ele é um cavalheiro por me enviar flores todos os dias.

— Ha! Ele te enviou lírios brancos ontem à noite. Essas são flores de funeral. E anteontem... jacintos amarelos. Eles simbolizam ciúme. Um *cavalheiro* deveria saber essas coisas. E nem me faça falar das cem rosas! Ele não poderia ter acrescentado mais uma, poderia?[2] Que vergonha!

— Bem, ele chegará em breve para me buscar, então vou incentivá-lo a pesquisar bem o significado das flores na cultura balcânica para que esteja mais informado no futuro, — rio.

Esta manhã, acordei com uma mensagem de um número desconhecido. Dizia apenas: *'13h. Esteja pronta'.* Não estava assinada. O idiota provavelmente acha que toda a gente no planeta deve reconhecer o seu decreto real; não precisa de se identificar. Nem se deu ao trabalho de perguntar se, por acaso, eu tinha outros planos para hoje. Ah, não, *Sua Excelência* simplesmente presumiu que eu estou sentada esperando por sua convocação para que eu possa pular e cumprir suas ordens.

— O que você está fazendo com esse homem, afinal? — Keva continua, mexendo o ensopado com força suficiente para transformá-lo em pudim. — Você

[2] Ver explicação das flores no início, sobre número par e ímpar.

está realmente namorando ele ou essa é uma nova maneira de irritar Drago? Porque está funcionando.

Mordo o lábio inferior. Estou tão tentada a confessar. Dizer a Keva que Arturo DeVille está ameaçando me incriminar por um assassinato - um assassinato que ele cometeu! - a menos que eu aceite esse relacionamento falso e me torne sua esposa. Sei que, se eu contasse a verdade, Keva me abraçaria, acariciaria minha cabeça e me deixaria chorar em seu ombro. Mas então ela iria direto para Drago e contaria tudo!

Ugh! Isso seria um desastre. Posso facilmente imaginar como tudo se desenrolaria a partir daí. Meu irmão ficaria furioso e tentaria matar DeVille. Mas se ele conseguisse manter sua inteligência, lembrando-se de que Satanás é irmão de Sienna, Drago voltaria suas atenções para Ajello.

E então ele acabaria morto!

Não. Não posso arriscar. Não vou permitir que Drago se magoe novamente por minha causa. Ele já carrega cicatrizes suficientes no corpo para lembrá-lo diariamente de que quase morreu no incêndio em que me salvou.

Nunca mais.

— Drago não tem o direito de me dizer com quem devo namorar. — Levanto o queixo, na esperança de convencê-la. — E não preciso que ele aprove meu namorado. A vida é minha.

— Ele só está preocupado com você.

Sim. Todos estão sempre preocupados comigo. É como se eu fosse incapaz de viver de forma independente, ou algo assim. Alguém precisa constantemente segurar minha mão para que eu não estrague tudo enquanto tento ser ‘adulta’.

Puta merda. O discurso de Drago de que ‘o mundo é um lugar perigoso e eu tenho muitos inimigos’ ainda ecoa na minha cabeça desde que ele me obrigou a voltar para a mansão. Não importa que eu saiba atirar melhor do que alguns dos homens dele. Na verdade, é uma das poucas coisas em que sou boa. Mas meu irmão ainda acha que não consigo cuidar de mim mesma.

— Bem, ele não deveria se preocupar. Eu estou bem. Na verdade, estou me sentindo muito bem. — Jogo a última batata descascada na tigela e saio furiosa da cozinha.

Alguém me chama enquanto corro pelo hall de entrada, mas ignoro. Preciso de ar fresco antes que enlouqueça. Abro a porta da frente com força e saio correndo, apenas para bater com o rosto em um monte de pétalas vermelhas e macias. O aroma floral e adocicado das rosas invade meus sentidos.

— Que diabos... — Empurro com as mãos, tentando afastar a investida floral do meu nariz, espirrando no processo.

— Eu deveria ter esperado por isso, — comenta uma voz irritantemente sexy diretamente acima da minha cabeça. — Você nem consegue aceitar flores normalmente.

Empurrando o maldito buquê para longe, olho para o convidado indesejado. O sol do meio-dia realça um tom azulado em seus cabelos negros levemente ondulados. Ele os usa penteados para trás, dando-lhes uma aparência um pouco despenteada. O terno cinza de três peças lhe cai como uma luva, assim como todas as outras roupas que já vi ele usar. É realmente uma pena que um cara tão bonito seja um idiota. Tanto potencial desperdiçado.

— Ainda nem é meio-dia, — resmungo. — O que você está fazendo aqui?

— Cortejando você. Não é óbvio?

— *Me cortejando*? Você é um fugitivo da era Regency ou algo assim?

Os olhos de Arturo escurecem. — Acredite, não estou gostando disso mais do que você. Estou me esforçando para manter as aparências. E você também deveria. Aceite as rosas.

Ele tenta me entregar as flores, mas eu as empurro de volta. — Não posso. Não tenho mais lugar para enterrá-las. Fique com elas.

— Tara? — A voz do meu irmão ressoa atrás de mim. — O que está acontecendo?

Droga.

Troco a expressão carrancuda do meu rosto por um sorriso radiante, pego o buquê das mãos de DeVille e o aperto contra o peito como se fosse a coisa mais importante do mundo para mim.

— Olha essas rosas lindas! — Minha voz poderia muito bem estar coberta de cristais de açúcar. Sabendo que Drago provavelmente não me ouviu claramente, eu me viro para que ele possa ler meus lábios. — Meu futuro marido não é simplesmente maravilhoso por me trazer flores tão bonitas?

— Mm-hmm. — Pela expressão de nojo no rosto do meu irmão ao olhar para as rosas, alguém poderia pensar que eram vísceras. Mas então, sua atenção se volta para o cunhado, e o olhar de Drago se torna frio e impassível. — E por que o garoto bonito está comprando flores para você de novo?

— Pode ser uma surpresa para você, — responde Satanás em um tom condescendente, — mas um homem com boas maneiras faz isso quando vai buscar a namorada para um encontro.

— *Namorada?* — Drago estreita os olhos.

— Por enquanto. Em breve, espero, muito mais do que isso.

Em um piscar de olhos, meu irmão fecha a distância entre nós. Um grunhido ameaçador sai de sua garganta quando ele passa por mim e agarra a frente da camisa de DeVille.

— *Sljamu nalickani!* — rosna Drago.

— Cristo! — Jogo as flores para o lado e envolvo os braços em torno de um dos braços de Drago, tentando afastar meu irmão de DeVille.

Mas Satanás usa isso a seu favor, esticando o braço para envolver a garganta de Drago com a mão. — Tira suas mãos de mim, — ele sibila.

Os dois acabam em um impasse, segurando-se à distância de um braço. Minha cabeça oscila entre meu irmão e meu 'namorado'. Esses caras estão travando uma guerra fria silenciosa desde que Arturo tentou se intrometer no casamento de Sienna com Drago. Pelas expressões assassinas em seus rostos, esse conflito gelado está a segundos de ficar muito, muito quente.

— Você está fazendo isso só para me irritar ainda mais, não é, seu idiota? — grita Drago.

— Ao contrário do que você possa acreditar, o mundo não gira em torno de você, Popov! — rosna DeVille em resposta.

— Oh, pelo amor de Deus! — Eu solto o braço de Drago e me enfio entre seus corpos enormes, virando-me para encarar meu irmão enquanto prendo meus braços em seus membros fixos. O resultado é eu pendurada em seus antebraços tensos como uma boneca de pano, com meus pés balançando a vários centímetros do chão. — Parem com isso! Soltem-me, vocês dois! — Eu grito, esperando que meu peso faça com que cada um deles solte seu aperto.

— Não! — As duas vozes explodem simultaneamente, fazendo tremer as vigas do hall de entrada.

Merda. Não tenho escolha a não ser cuspir as palavras que preferia engasgar.

— Drago! — grito. Então, quando ele olha para mim, continuo: — Por favor, parem. Eu... hum... estou apaixonada por ele.

O ácido praticamente inunda minha boca.

Meu irmão pisca. Seu olhar volta para Arturo, depois volta para mim. — Não acredito em você.

— O quê? Por quê?

— Você é a pior mentirosa que já conheci, Tara. Pare com essa palhaçada, agora mesmo!

— Mas estou dizendo a verdade!

— Ah, é? Até algumas semanas atrás, você se referia a esse idiota como 'aquele italiano pretensioso'. E agora, de repente, você está toda amorosa com ele?

Bem, droga.

Abro a boca. Fecho. Meu cérebro entra em ação, procurando uma maneira de convencer Drago. Enquanto isso, ele continua me encarando.

Ele precisa acreditar nessa farsa. Tudo depende de meu irmão nunca suspeitar que fui forçada a me envolver com Satanás. Há muito em jogo. Não vou deixar que meu último erro coloque minha família em perigo. *Limpe sua própria bagunça, Tara*. Repito o mantra em minha cabeça.

— Sim, estou. — Abandonando meu aperto inútil nos antebraços dos homens, eu os solto. Quando meus pés tocam o chão, eu fico presa entre eles,

empurrando cada um para longe. Sem realmente esperar que meu empurrão adiante, fico surpresa quando os dois baixam os braços e dão um passo para trás.

Engolindo o nó na garganta, viro-me para encarar meu inimigo. Um sorriso malicioso dança em seus lábios sensuais quando ele encontra meu olhar. Minhas pernas estão pesadas enquanto me aproximo e fico na ponta dos pés. Deslizo as mãos para cima, passando pelo peito dele, e as prendo atrás do pescoço.

— Eu te detesto, — sussurro. Em seguida, puxo sua cabeça para baixo e coloco minha boca na dele.

Era para ser um beijo rápido. Apenas o suficiente para convencer Drago de que eu estava falando a verdade, mas não tão longo a ponto de me dar vontade de vomitar depois. Esse era o único resultado que eu podia prever depois de compartilhar tal intimidade com Satanás.

Como sempre, porém, meus instintos e intenções se revelam ruins.

No momento em que nossos lábios se tocam, meu cérebro basicamente entra em curto-circuito, como se 110 volts passassem direto pelo nosso toque. Sou reduzida a nada além de terminações nervosas. Obrigada a sentir... tudo.

Atordoada.

A fragrância picante do perfume dele está me arrastando para baixo. Suas notas sutis e terrosas estão me deixando louca. Voraz. Luxuriosa. Talvez seja porque eu não esperava que um homem dominador como ele tivesse lábios tão macios. Ou talvez porque ele enfia a língua na minha boca exatamente nesse mesmo instante. Com certeza não por causa de suas mãos fortes envolvendo minha bunda e me erguendo para ser esmagada contra seu corpo masculino e rígido.

Meus dedos percorrem seu cabelo perfeitamente penteado para trás, emaranhando-se nos fios sedosos. Ele devora minha boca sem me dar chance de

respirar. Meu lábio inferior é puxado entre seus dentes; a picada da mordida é dolorosa e eufórica. Se eu fosse capaz de pensar conscientemente, ficaria mortificada com o gemido de desejo que escapou de mim. O beijo é brutal, doloroso e... meu Deus... o melhor que já tive...

— *Sunce ti jebem*.

O palavrão alto do meu irmão me atinge como um balde de água fria.

Congelo, e então ergo lentamente o rosto, afastando-me dos lábios mais deliciosos que existem. Relutante, e com o coração apertado pelo receio do que posso ver, abro os olhos. Dois orbes cor de café encaram de volta, um brilho perverso reluzindo em sua profundeza.

— Tara, — a voz agitada de Drago ruge atrás de mim. — Saia de cima dele. Agora. Foda-se. Agora.

Cerro os dentes. — Me solta.

— Você é quem está se agarrando a mim, *gattina*. — Sorridente, DeVille inclina a cabeça para sussurrar em meu ouvido. — Se eu não soubesse, poderia acreditar que você gostou disso.

Piscando para afastar a névoa da minha mente, rapidamente desenlaço as pernas da cintura dele e desfiro o aperto de jibóia que meus braços mantêm em seu pescoço e cabeça. As mãos do demônio continuam em minhas nádegas, mantendo-me colada ao seu torso enquanto deslizo lentamente pelo corpo dele.

— Considerando o que está em jogo, estou bastante interessada no acordo que fizemos, — sussurro enquanto meus pés pousam no chão de azulejos polidos.

Forçando-me a encostar no peito de DeVille, viro-me para encarar meu irmão. — Drago, você realmente precisa parar de se intrometer na minha vida

pessoal. Não te devo uma explicação pelos meus sentimentos pelo meu namorado. Mas já que você insiste, vou lhe dizer que todo esse ódio entre nós acabou se tornando bastante excitante. Quer uma demonstração? Se você quer uma prova, ele e eu podemos transar bem aqui na frente de...

— Chega! — Drago rosna.

— Que bom que concordamos. Agora, temos um compromisso, então, se você não se importa...

— Vá esperar pelo seu... *namorado...* no carro. Preciso falar com ele. Agora, Tara.

— Ei! Não... — Começo a protestar, mas um lampejo de preocupação nos olhos de Drago me faz hesitar.

Eu conheço esse olhar. Não tem nada a ver com ele tentando me controlar. É mais um traço de tensão que invade a vida do meu irmão com muita frequência. No ano passado, ele ficou assim por dias depois que eu saí da estrada e bati em uma árvore no meio de uma tempestade. No começo, achei que ele estava irritado com o acidente, mas logo ficou claro que ele não dava a mínima para isso. Ele estava preocupado com o que poderia ter acontecido comigo.

E antes de me *deixar* pegar meu carro na oficina, tive que aguentar mais de cinco minutos de sermão sem parar sobre os perigos de dirigir. Era como se ele tivesse enlouquecido e estivesse com muito medo de me deixar voltar ao volante. Observei a batalha que ele travou consigo mesmo antes de finalmente ceder. E entendi que, não importa o que aconteça, o medo do meu irmão sempre incluirá me perder. Ele pode ser superprotetor e insuportável às vezes, mas eu sei exatamente de onde isso vem. E quando vejo aquele lampejo de pavor nos olhos dele, a melhor coisa que posso fazer por ele é deixá-lo dizer o que tem a dizer.

— Tudo bem. — Encolho os ombros e pego o buquê de rosas vermelhas, agora bastante desarrumado, do chão. Respirando fundo o perfume das flores, saio.



Meu olhar fica preso em Tara enquanto ela atravessa o corredor. Contemplo seus cabelos escuros e sedosos, que caem como uma cachoeira cintilante pelas suas costas, balançando suavemente de um lado para o outro com o movimento dos quadris enquanto ela se dirige para a porta. Engulo em seco, incapaz de tirar os olhos da bunda dela, admirando o modo como ela preenche o jeans skinny. Cristo. Abaixo o olhar, deixando-o deslizar pelas pernas tonificadas de Tara e até o par de tênis Converse All Star brancos que está usando. Cada passo que ela dá a leva para mais longe, deixando um rastro de pétalas de rosa esmagadas caindo fracamente sobre o mármore. A visão que ela apresenta é simplesmente incrível. Uma guerreira deixando um campo de batalha, com o sangue de seus inimigos escorrendo de sua espada.

É sexy pra caramba.

Nem dois minutos atrás, eu estava confiante de que tinha tudo sob controle. Dirigindo essa situação com maestria. Tara não sabe atuar nem para salvar a vida. Eu pude ler suas intenções bem antes de ela agarrar meu pescoço e puxar-me para sua boca. Ela foi totalmente incapaz de esconder a expressão de nojo em seu rosto antes de nossos lábios se encontrarem. Não que isso tenha me ajudado em nada.

Mas, ao pressionar seus lábios macios, senti como se um raio tivesse passado por mim. Cada célula do meu corpo ganhou vida, carregada por uma forma

estranha de energia. A corrente correu pelas minhas veias, tensionando cada um dos meus músculos. Tudo... tudo formigava, como se, após anos de entorpecimento, a vida estivesse de repente correndo por mim. E indo direto para o meu pau. A única coisa que eu queria era ter aquela mulher irritante nos meus braços. Então, puxei-a para mais perto, esmaguei-a contra o meu peito. E a beijei. Esquecendo momentaneamente que era falso.

O que diabos há de errado comigo? Nunca tive uma reação tão intensa por uma mulher antes. Especialmente depois de um único beijo. E depois que ela insinuou que nós dois estávamos fazendo sexo, não consegui tirar a imagem da minha cabeça e quase entrei em combustão. Não posso permitir isso. Preciso que esse desejo indesejado desapareça. Me sentir atraído por Tara Popov está simplesmente fora de questão.

Com um esforço significativo, finalmente desviei o olhar da porta por onde ela desapareceu.

— Quero que você fique longe da minha irmã, DeVille, — grita Drago, na minha cara.

— Ainda bem que não dou a mínima para o que você quer, então, — resmunguei. — Devo lembrá-lo que, há apenas alguns meses, estávamos em uma situação semelhante? Só que, naquela época, *minha* irmã estava prestes a se casar com um idiota demente. Você!

— Exatamente. E você, — Drago enfia o dedo no meu peito, rosnando, — o querido irmão dela, cujo dever era protegê-la, não fez nada.

Ele tem coragem, insinuando que eu não me importo com minha irmã tanto quanto ele se importa com a dele. Como se eu não desse minha vida por Sienna ou por Asya. Eu daria, sem pestanejar.

Meus dedos se fecham em punho, mas me forço a manter o foco. Preciso que esse idiota acredite na nossa maldita mentira. Romance. Amor. Casamento. É assim que funciona. As regras são obscuras, mas não posso ser pego em falta.

— Sienna é uma mulher adulta, capaz de tomar suas próprias decisões. Assim como Tara. Pelo que vi dela até agora, ela sabe se virar, — digo.

— Sério? Bem, deixe-me contar algumas coisas sobre ela que você talvez não tenha percebido. Minha irmã é a pessoa mais teimosa do mundo. Ela é obstinada, falante e está convencida de que pode realizar tudo o que se propõe a fazer.

— Sim, eu percebi.

— Claro que percebeu. Mas aqui está o problema. A maioria das coisas que ela resolve sozinha acabam em um completo desastre do caralho. — Um tique move no seu maxilar, e ele respira fundo antes de continuar. — Tara é um lindo caos. Mas não há nada que ela não faça por alguém que ama. Se precisassem de um transplante de pulmão, ela não hesitaria em devastar meio mundo para encontrar um doador compatível. Ela mutilaria, destroçaria ou mataria se fosse preciso, e faria isso sem remorso. Com as próprias mãos, arrancaria aquele órgão e o apresentaria a um cirurgião sobre suas palmas ainda encharcadas de sangue. Exceto que ela estaria segurando um maldito fígado. Não um pulmão.

Comecei a rir. Sim, eu acredito nisso. Posso imaginar ela fazendo isso.

— Mm-hmm. Isso. Essa risada condescendente é exatamente o que eu quero dizer, — Drago zomba. — A única coisa que você entendeu dessa história é que Tara iria estragar tudo. O resto nem registrou. O fato de que ela estaria disposta a matar em plena luz do dia pelo bem de alguém que ama. Você entende isso? — Seus lábios se curvam enquanto ele me encara. — Minha irmã merece um homem que a ame e a valorize. Do jeito que ela é. Um homem que não menospreze as coisas

em que ela é boa só porque ela comete um ou dois erros ao longo do caminho. E você... Você não é esse homem, DeVille.

O sorriso desaparece do meu rosto quando o significado das palavras dele me atinge.

— Então vá para o seu encontro ou o que quer que seja, — ele continua. — Deus sabe que Tara não reage bem a ordens, então não vou me dar ao trabalho de tentar forçá-la a largar você. Em breve, ela mesma vai perceber. Ela vai ver que você não é digno dela.

Enquanto Popov se afasta, atravessando o hall de entrada em direção ao interior da casa, meu punho coça para acertar seu rosto seguro de si. Enquanto tento reprimir a vontade de persegui-lo e jogar suas acusações na cara dele, uma risada alegre ecoa no andar de cima. Olho para cima e vejo Sienna descendo a escada de madeira. Ela está com sua roupa vermelha e amarela brilhante que reluz sob a luz do sol. O brilho das lantejoulas rivaliza com o brilho em seus olhos quando ela pula do segundo degrau direto para os braços abertos de Popov. Como se não precisasse de oxigênio para respirar, ela começa a tagarelar sem parar sobre capas de chuva combinando para os cachorros. Essa é a minha Sienna.

Sinto um aperto no peito ao olhar para minha irmã com o marido. Eles estão tão... felizes. Despreocupados. Apaixonados. Não posso negar. Esse idiota realmente ama minha irmã. Eles têm... algo que não está nos planos para mim. Aquele desejo e devoção consumistas. Um casamento cheio de paixão, de amor.

Detesto admitir, mesmo para mim mesmo, mas Ajello estava certo. Tenho me mantido ocupado apenas para escapar do vazio repentino na casa. Mas essa não é a principal razão para minha falta de vida social. Eu transo. Aqui e ali. Como qualquer outro cara cheio de hormônios, preciso de uma liberação ocasional. Sexo é

sexo, mas o que não é, o que eu nunca permitirei que se torne, é uma desculpa para criar um vínculo emocional. Fiz de tudo para não me apegar a nenhuma das minhas parceiras. Simplesmente não tenho mais capacidade de me importar com ninguém.

Depois de quinze anos sendo o único pai das minhas irmãs, preocupado e obcecado com todas as maneiras possíveis de elas se machucarem por minha causa, pelo meu trabalho... Depois de viver com o medo constante de que eu vá estragar tudo... Eu não consigo. Não consigo me permitir sentir tanto. Especialmente desde que Asya foi sequestrada e ficou desaparecida por meses. E depois Sienna tentou se matar. Eu perdi a cabeça naquela época.

Nunca mais.

Graças a Deus, Asya e Sienna agora estão felizes com homens que dariam a vida por elas. Elas estão seguras. Sempre vou amá-las, sempre estarei lá se precisarem de mim, mas não quero substituir o cuidado com minhas irmãs pelo cuidado com outra pessoa. Em particular, uma esposa. Não preciso de um relacionamento que traga de volta aquele medo paralisante.

Mas, sabendo o quanto a Família é obstinada em manter as tradições, sempre soube que um casamento arranjado era uma possibilidade. Se chegasse a esse ponto, imaginei que seria com uma mulher que tivesse sido criada ciente do que se esperava dela. Alguém dócil e obediente, alguém adequada para ser a esposa de um subchefe da Cosa Nostra. Alguém que eu pudesse manter à distância.

Apesar das aparências, a maioria dos casamentos arranjados na Cosa Nostra são uniões sem amor. Oh, os casais fazem um bom espetáculo para convencer todos do contrário, mas as uniões não passam de transações comerciais. E esse tipo de arranjo é perfeito para mim, porque o amor não é para mim. Nunca será. Mas saber disso... não diminui a ardência amarga que queima minha garganta.

Engolindo o ácido, viro-me e saio da casa de Popov.

Meu carro está estacionado do outro lado da garagem, com Riggo ao volante, parecendo impressionado, olhando fixamente para a frente. Como imaginei, Tara não está lá dentro. Com os braços cruzados sobre o peito, ainda segurando o buquê de rosas esfarrapado, a irmã de Drago está empoleirada no capô do carro, olhando para mim com cara feia. Essa mulher parece sofrer de uma compulsão de não fazer o que lhe mandam. É uma das muitas coisas que precisaremos resolver antes que ela possa ser apresentada à Família como minha noiva escolhida. Forçada a se casar ou não, a Srta. DeVille precisará se comportar como se espera de alguém em sua posição.

— Você parece estar ileso, — ela murmura quando me aproximo.

— E você parece infeliz com isso.

— Acho que sim. Eu esperava que Drago tivesse sido mais rude com você, mesmo que só um pouco.

— Você tem uma atitude bastante arrogante. Nunca lhe ocorreu que poderia ter sido seu irmão que acabaria em pior estado? — Abro a porta do carro para ela e aceno com a cabeça. — Entre.

Graciosa como uma gazela, ela salta para o chão. Em seguida, faz questão de passar os olhos da minha cabeça aos meus pés e voltar até nossos olhares se cruzarem.

— Oh, por favor. O que você teria feito? Ameaçado bater nele com seu prêmio de *Homem Mais Tenso do Ano*? Ou talvez esfregar seu gel de cabelo na cara dele?

— Eu não uso gel de cabelo, — respondo bruscamente.

Os cantos dos lábios dela se curvam em um sorriso malicioso. — Hmm, quase me enganou.

Apertei a maçaneta com tanta força que quase a arranquei. Fechei os olhos e respirei fundo. *Madonna Santa, por favor, tenha piedade e me dê força para não estrangular essa mulher até a morte antes do dia do nosso casamento.*

Capítulo 6

Uma semana depois



— Uau! Um restaurante familiar aconchegante nos subúrbios, — comenta Tara, olhando ao redor enquanto a levo até minha mesa habitual no canto mais afastado. É um lugar isolado, praticamente escondido de olhares curiosos, onde posso jantar em paz. Pelo menos, na maioria das vezes.

— Hmm, e eu aqui esperando que você me levasse a outro restaurante chique ridículo, onde minhas opções seriam ‘caviar Beluga isso’ ou ‘alguma coisa com molho de trufas brancas aquilo’. Deus, acho que já comi *comida gourmet* suficiente na última semana para o resto da vida.

— Sabor e aroma requintados não são exclusivos de restaurantes finos. Além disso, todo mundo sabe que só há uma maneira de sair de um lugar como esse. — Olho para ela enquanto puxo sua cadeira. — Com fome. — Aceno com a cabeça e limpo a garganta. — E eles enfatizam um certo código de vestimenta.

— Ah, sim. Esqueci disso.

Eu a observo sentar-se na cadeira, cruzando a perna sobre o joelho oposto. O jeans skinny desbotado abraça suas curvas delicadas como uma segunda pele. Sua camisa simples de gola verde-marinho está amarrada com um nó no umbigo. Os dois

botões superiores estão abertos, mostrando um pedaço do sutiã rendado por baixo, cuja cor combina com a camisa. Além de dois brincos de argola dourados gigantes nos ouvidos, que me lembram uma cartomante de feira, não vejo nenhum tipo de joia nela.

Desta vez, também não há acessórios no cabelo. A sua longa cabeleira escura está solta, formando uma cortina sedosa que lhe cai até mais da metade das costas. É tanta essa massa ondulada e deslumbrante que simplesmente desafia a lógica. Tem mais cabelo na cabeça dessa mulher do que eu poderia imaginar, o suficiente para pelo menos cinco pessoas. A visão de todas essas madeixas está fazendo as pontas dos meus dedos coçarem. A vontade de estender a mão e tocar o cabelo dela novamente é irresistível. Enrolar o fio grosso em torno do meu pulso, apertar as pontas na palma da minha mão enquanto inclino a cabeça dela para trás e mergulho...

— Por que está me olhando, DeVille?

— Você deveria prender o cabelo, — resmungo, sentando-me rapidamente à sua frente. — Está parecendo selvagem.

Ela levanta uma sobrancelha perfeitamente arqueada. — Parece que eu dou a mínima para como você me vê?

Não. Mas, mesmo com seus brincos enormes, sem maquiagem e com uma roupa totalmente casual, ela está linda. Droga!

— Preciso voltar ao escritório daqui a algumas horas. Vamos pedir. — Pego o cardápio no centro da mesa, onde foi deixado para nós. — Presumo que você não saiba ler italiano, então vou traduzir para você.

— Não precisa. Vou querer um cheeseburger, batatas fritas e ketchup. — Ela sorri.

Olho para ela por cima do cardápio. — Este é um restaurante italiano autêntico. Os donos administram o lugar da mesma forma que faziam na Toscana. Eles não servem cheeseburgers. Nem batatas fritas. E, com certeza, não servem ketchup.

O sorriso dela se amplia. — Eu sei. Pesquisei sobre o que os italianos consideram as maiores gafes relacionadas à comida. — Seus olhos brilham com um brilho malicioso. — Quero um cappuccino grande também.

Suspiro. — Já passa do meio-dia. Não servem cappuccino depois das onze. Escolha outra coisa.

— Não. Quero um cappuccino *de verdade*.

— Bem, você não vai tomar. É considerado ruim para a digestão tomar bebidas à base de leite depois do almoço. Pedir um pode ser visto como falta de educação.

Tara apoia os cotovelos na mesa e se inclina para a frente, colocando o queixo nas mãos entrelaçadas. — Não me diga que o onipotente Arturo DeVille não pode pedir o que quiser e quando quiser, que se danem as regras sociais e culturais.

Aperto o cardápio com força e respiro fundo.

Enquanto luto para manter a calma, o dono do restaurante se aproxima. Um homem mais velho, vestindo um avental preto sobre uma camisa branca impecável e calças escuras. Ele mexe nas mãos enquanto fica esperando ao lado da nossa mesa.

— Signor DeVille. — Ele inclina a cabeça, falando em italiano rápido. — Estamos muito honrados em tê-lo como nosso convidado novamente. Posso lhe oferecer os pratos especiais de hoje? Ou talvez você queira...

— *Bistecca alla Fiorentina* para mim, — interrompo-o. — E um cheeseburger para a senhora.

— Certamente. Vou pedir ao chef... Desculpe. Acho que entendi mal. A senhora gostaria de...?

— Cheeseburger, — digo entre dentes. — E batatas fritas com ketchup à parte.

O proprietário pisca para mim, com uma leve careta no rosto. — Eu... Bem, hum... Sinto muito, mas não temos ketchup, senhor DeVille.

— Então mande alguém comprar. — O papel grosso do cardápio amassa na minha mão. — E a senhora também quer... um maldito cappuccino.

— Claro. — O homem acena com a cabeça. — Com certeza.

Assim que o proprietário atordoado se retira, olho para minha futura esposa. Seus lábios estão franzidos enquanto ela faz beicinho para o telefone em sua mão estendida, assim como fez durante todos os outros 'encontros' que tivemos nas últimas semanas. Eu fingi não dar a mínima para o que ela estava fazendo. Assim como evitei comentar todas as vezes que ela colocava montes de sal e pimenta na comida. Uma vez, ela moeu tanta pimenta no prato que acabou tossindo com o excesso de tempero. Mas eu não me importei. Nem naquela época, nem agora. As travessuras dela não me interessam nem um pouco.

Ela passa o cabelo por cima do ombro, levanta o queixo e faz beicinho para a câmera novamente. Tirando fotos. Para quê? Para enviar para alguém? Sienna, talvez? Ou... para outro homem? Certamente ela não estaria enviando fotos para algum cara enquanto almoçava comigo, não é? Tanto faz. Não me importo. EU NÃO...

Faz beicinho. Sorri. Dá um beijo no ar.

— O que você está fazendo? — pergunto bruscamente.

— Tirando uma selfie. — Ela usa a mão livre para abrir mais a gola da blusa. — Ainda estou aumentando meus seguidores. Preciso que meu conteúdo seja mais envolvente. — Um movimento do cabelo envia uma brisa com aroma de morango em minha direção.

— Seguidores?

— No Instagram. Você sabia que as fotos em que estou fazendo beicinho recebem dez vezes mais curtidas e comentários do que quando sorrio? Viu? — Ela vira o celular na minha direção.

Fico olhando para a imagem de Tara em um minivestido preto colado ao corpo. Com uma taça de champanhe na mão, ela está encostada na grade. O queixo está inclinado para a câmera e os lábios vermelhos e pecaminosos estão franzidos como se ela estivesse mandando um beijo.

— Apaga isso, — rosno, enquanto uma descarga elétrica atinge meu pau. — Agora.

— Não me diga que você é exatamente como meu irmão *selvagem*, quando se refere a 'nós'. Você tem algum problema comigo estar nas redes sociais, assim como Drago tinha com Sienna? Sabia que ele conseguiu fechar a conta dela? Você nunca se rebaixaria a esse nível bárbaro, rebaixaria?

Meu olho esquerdo começa a piscar.

— Acho que não. Então, ei, quando trouxerem nossa refeição, não coma logo. Quero tirar algumas fotos. Fotos de comida são quase tão populares quanto as minhas fazendo beicinho.

— Exibir o que você come online para que um monte de gente que você nem conhece possa comentar me parece mais do que idiota, — resmungo. Ainda assim, é infinitamente melhor do que ter fotos sensuais dela online para inúmeros homens excitados ficarem olhando e babando pelo que é meu.

Odeio a ideia de concordar com as ações do meu cunhado, mas preciso descobrir como ele conseguiu excluir a conta da Sienna nas redes sociais. Porque tenho que fazer o mesmo pela minha futura noiva. Sem que ela perceba meu envolvimento, é claro. A última coisa que quero é que ela pense que estou com ciúmes ou algo assim. É simplesmente decência. Não posso permitir que a segunda mulher da Cosa Nostra, para todos os efeitos, encha a internet com fotos provocantes de si mesma, posso? Felizmente, ela estava vestida de forma adequada. Bem, pelo menos na foto que ela me mostrou.

Espere.

E se ela também postou fotos nuas?

Minha pressão arterial dispara.

— Seu jornal, senhor DeVille. — O garçom coloca um *New York Times* dobrado na minha mesa. Como sou cliente assíduo há anos, o proprietário sabe muito bem que gosto de ler as notícias enquanto como.

Pego o jornal e abro na seção de finanças, na esperança de que as últimas notícias do mercado me distraiam dos meus pensamentos.

— Meu Deus, DeVille. Você está falando sério? — A mulher que mora de graça na minha cabeça ri. É um som irritantemente sexy.

Cerro os dentes. — O quê?

— Um jornal do caralho de verdade? Você tem quantos anos, noventa? Ninguém te disse que hoje em dia tudo está online?

— Não estou interessado em jornalismo sensacionalista. Nosso mundo se tornou viciado em conteúdo digital. Alguns chamam isso de ‘notícias’, mas a maior parte é lixo. A disseminação generalizada de desinformação provavelmente levará à queda da nossa sociedade. E eu agradeceria se você evitasse xingar em público.

Ela ri novamente. Soa como um ronronar. Sedutor. Suave. Como uma carícia de sua língua na minha.

— Ok. Só preciso saber mais uma coisa.

Viro a página para a visão geral dos preços das ações. — Estou ouvindo.

— Você usa ceroulas debaixo das calças? Sabe, aquelas roupas térmicas compridas para manter os rins aquecidos. Na era em que você acha que vive, era considerado escandaloso sair de casa sem elas.

O jornal se rasga ao longo da dobra central, deixando duas metades esfarrapadas pendendo das minhas mãos cerradas em punho. Eu prendo Tara com um olhar fulminante, fervendo de raiva diante da ousadia dela. Enquanto isso, ela está rindo como uma completa maluca, pressionando as mãos contra a boca e lutando para conseguir respirar direito.

Maldita seja.

Ela está sendo ridícula. E fofa.

O canto da minha boca treme. Então, completamente contra a minha vontade, ele se curva para cima.

— Já que estamos falando sobre minhas roupas, você não devolveu minha jaqueta, — desvio o assunto, esperando que essa lembrança a faça parar de rir, pois está se tornando irritantemente contagiante. — Quero minha jaqueta de volta.

— Sim, desculpe. Eu esqueci no começo, mas depois decidi lavá-la. Fui ensinada a sempre devolver tudo o que pego emprestado, limpo. E, bem, eu a deixei na secadora.

Eu a encaro. — Você *lavou*?

— Não se preocupe. Coloquei no ciclo delicado.

Ela colocou meu casaco Ermenegildo Zegna na *máquina de lavar*. Perfeito.

— Agora eu queria ter lembrado de pegar. — Ela estremece e cruza os braços. — Poderia ter sido útil. Vocês, italianos, parecem gostar de ficar com frio.

— Não está tão frio aqui.

— Eu gosto de estar quente.

Ela gosta de estar quente. Ótimo. Gemendo por dentro, levanto-me e tiro o casaco. Tara observa-me com admiração enquanto dou alguns passos e coloco a peça sobre os ombros dela. Os olhos dela brilham quando me inclino e aproximo o rosto do dela. — Não lave este. Entendeu?

— Sim.

— Ótimo. — Volto para o meu lugar e retomo a leitura do jornal. Quer dizer, a metade esquerda.

Capítulo 7



— Tudo bem. Que tal este? — Pego o cabide com meu vestido marrom. — A bainha fica logo acima dos joelhos.

Sienna franze o nariz. — Definitivamente não. Você vai a uma festa de arrecadação de fundos com pessoas esnobes. Nada menos do que um vestido longo vai servir.

Meus ombros caem. — Este é o vestido mais conservador que tenho, Sienna.

— Deixe-me ver o que temos para trabalhar. — Ela me empurra para fora do caminho e se coloca na frente do meu armário, empurrando os cabides para o lado, um por um.

— Muito curto.

Vruush.

— Chato.

Vruush.

— Muito curto. Cor horrível. Decote exagerado.

Vruush. Vruush. Vruush.

Minha bunda bate na beirada da cama e eu caio de volta no colchão, fechando os olhos.

Aquele vestido rosa fofo que mal tocava minhas coxas e os saltos agulha de 10 cm ‘fode-me’ que eu planejava usar teriam feito o conservador Satanás entrar em colapso. Mas assim que Sienna invadiu meu quarto, insistindo que ela precisava me ajudar a escolher a roupa para o evento de hoje, meu plano malicioso foi por água abaixo.

— Tara? Por que você tem cinco paletós masculinos no seu armário?

Meus olhos se arregalam. Merda. Esqueci completamente do meu esconderijo. — São do seu irmão. Esqueci de levar meu casaco quando saímos, então ele me emprestou o dele.

— Você esqueceu de levar seu casaco... cinco vezes?

— Uh-huh.

Um sorriso malicioso ilumina o rosto dela. — Vocês dois realmente gostam um do outro.

Minhas sobrancelhas se levantam. — Ah, por que você está dizendo isso... assim?

— Bem, vou ser sincera. No começo, eu estava um pouco cética. Você e o Arturo são muito diferentes. Como duas espécies distintas que nunca deveriam ocupar o mesmo habitat, muito menos ter qualquer tipo de envolvimento.

— Não poderia concordar mais, — digo baixinho.

— Mas vocês já estão namorando há semanas. Ele te levou para a casa dele, e nunca levou uma mulher lá antes. E você, você concordou em ir com ele a

essa arrecadação de fundos, e eu sei exatamente o quanto você odeia esse tipo de evento.

Claro que concordei. Quando inicialmente recusei ir, DeVille ameaçou enviar seus amigos do IRS de volta para Naos!

— Além disso, toda vez que ele liga, você fica com essa expressão no rosto, — ela continua, sorrindo encantada. — É como se você estivesse explodindo com notícias emocionantes, mas tentando parecer indiferente. Como se estivesse com vergonha de mostrar seu entusiasmo, então tenta escondê-lo. Mas o brilho nos seus olhos não pode ser suprimido ou escondido.

Ela acha que estou animada quando, na verdade, estou tentando esconder meu tormento? Se meus olhos brilham com alguma coisa, é com a raiva que aquele homem desperta em mim. Embora eu deva admitir que sinto um prazer perverso em descobrir quais botões posso apertar quando saímos. É divertido vê-lo tentando parecer todo amoroso na frente de todos, mesmo que eu saiba perfeitamente que ele está furioso. Adoro ver seu olho esquerdo começar a tremer.

Ainda assim, ele não é um mau ator. Ele convenceu praticamente todo mundo de que é meu namorado perfeito. Eu não. Prefiro sofrer de azia sem fim do que namorar Satanás DeVille de verdade. A única coisa decente nele é que ele beija bem. Beija muito bem. Mas eu nunca admitiria isso em voz alta. Já basta que nosso beijo fique repetindo na minha cabeça, e eu não consigo desligar o canal. Ou esquecer a dor latejante no meu clitóris quando ele me apertou contra o peito naquele dia, enquanto ele...

— Mas acho que os casacos são uma prova irrefutável. — A voz de Sienna traz-me de volta à realidade. — Provavelmente já sabes do TOC[3] dele em relação

[3] Transtorno Obsessivo-Compulsivo.

aos fatos. Aposto que estás apenas a testar os limites do Arturo. E ele está a deixar-te! Então pronto... É como uma dança de acasalamento digna do Animal Planet. *Tão* giro.

Minha cunhada está delirando. Uma *dança de acasalamento*? WTF?![4] Talvez eu devesse contar a ela como quero cortar a garganta do irmão dela na esperança de que isso me salve de ser forçada a me casar com aquele bastardo. Mas não posso. Tenho certeza de que, qualquer coisa que eu contar a Sienna sobre essa situação, ela vai contar tudo para Drago.

Quanto aos casacos... Não posso evitar que tenho sempre frio. Ou que sou um pouco esquecida. Não é que esteja roubando os casacos dele de propósito. Sim, eles são lindos. De qualidade incrível. E cheiram bem. Adoro quando DeVille me envolve com o paletó dele, sempre fica um pouco do calor do corpo dele. E agradeço a gentileza dele em me emprestar o paletó em vez de me fazer voltar para o carro para pegar o meu. E daí se isso aconteceu nas últimas cinco vezes? Isso só prova que sou um pouco distraída. Nada de novo.

Ok. Estou fazendo isso de propósito. Mas só para irritar Satanás.

— Você definitivamente deveria levar este. — Sienna tira um vestido simples de seda cinza do cabide e joga em mim. — Combine com aquele casaco de cashmere de grife que comprei para você. A menos que você prefira o casaco de Arturo?

— Vou levar meu casaco, — murmuro.

---

[4] What The Fuck – pode ser traduzido para *Que porra é essa?*



— Admita. Você está fazendo isso de propósito, não é?

— Você chegou dez minutos mais cedo! — Tara diz bruscamente enquanto desliza os braços pelas mangas da minha jaqueta Armani. — Mal tive tempo de terminar a maquiagem e evitar sair com apenas o olho esquerdo delineado como uma pirata maluca, sem falar em lembrar do meu casaco.

Um toque estridente explode no meu celular. Eu o pego no bolso e levo ao ouvido enquanto observo Tara ajustar a frente do vestido. A voz de Tito vem pela linha, mas o significado de suas palavras se perde para mim porque estou preocupado com a maneira como a seda cinza envolve seus seios lindos.

— Repete isso, — resmungo no telefone.

— Estão nos fechando. Esse cara diz que é do DOB[5], mas não me dá mais detalhes.

Que ótimo. O que está incomodando o Departamento de Construções desta vez?

— Certifique-se de que ele não saia do lugar. Chego aí em vinte minutos. — Desligo o telefone e encontro o olhar de Riggo no espelho retrovisor. — Precisamos mudar de rota, Riggo. Vá para a obra no Brooklyn. E pise fundo.

— Hmm. Não sabia que a arrecadação de fundos seria em uma obra. — Tara agora está tão encurvada que parece estar derretendo no couro macio do banco

[5] "DOB" = *Department of Buildings* (Departamento de Edificações/Construções, em Nova Iorque)

de trás do carro. Seus olhos estão fixos em um livro de bolso em suas mãos. De onde ela tirou isso?

— Tenho que lidar com uma emergência.

— Por mim, tudo bem.

Ela lambe a ponta do dedo e vira a página. É um gesto comum, embora seja indelicado em público. Não deveria ser tão sensual quanto foi. A ponta da língua dela aparecendo entre os lábios decadentes me deixa confuso, e sou imediatamente catapultado de volta ao nosso beijo 'falso'.

Uma onda de sensações me atinge de uma só vez.

— Um assunto de negócios, presumo? — ela continua, ainda concentrada na página do livro.

— Sim. Você sabe que é rude ler enquanto conversa com alguém?

— Claro. Mas tenho certeza de que os problemas da Barbara são muito mais sérios do que os seus, então ela precisa mais da minha atenção do que você.

— Barbara?

— Sim. Ela foi contratada como governanta por um marquês malvado e extremamente detestável que está tentando chantageá-la para que se case por conveniência. É a única maneira de ele conseguir a herança, juntamente com o título de duque, do seu irmão mais velho.

Meus olhos estão grudados na boca dela enquanto ela lambe o dedo novamente.

— Eu entendo perfeitamente a pobre Barbara, considerando as circunstâncias, — acrescenta ela com um sorriso malicioso.

Ela virou essa página há poucos segundos. Não há como ela ler tão rápido. Ela está fazendo isso de propósito? Provocando-me? Passando a língua entre os lábios sedutores?

— Você está pulando partes? — pergunto.

— Sim. É a quarta vez que releio. Estou pulando para a parte boa.

— Qual é?

— O marquês tenta forçá-la. Mas Barbara é salva por um jardineiro introvertido, que voltou recentemente da guerra. Mais tarde, ela descobre que ele é, na verdade, o filho perdido do duque. O herdeiro legítimo da propriedade e do título de duque. — Um pequeno sorriso se forma em seus lábios. — O verdadeiro herói mata o marquês malvado e se casa com Barbara.

Eu me forcei a desviar o olhar dos lábios de Tara e me concentrar no livro em suas mãos. A capa colorida mostra uma mulher da época da Regência em um vestido elegante agarrada a um homem de peito nu, cuja camisa branca com babados está de alguma forma amontoada na cintura. Parece o tipo de coisa que Sienna gosta de ler. Ela costumava deixar seus livros de bolso espalhados por toda a casa. Devo ter me perguntado pelo menos uma centena de vezes que tipo de satisfação uma mulher tão inteligente como ela poderia obter com literatura tão *trash*[6].

Balançando a cabeça, olhei para o meu Rolex, ansioso para acabar com a nova confusão na obra. Mas, como um ímã, meus olhos voltaram para a boca de Tara. Para aqueles... Macios. Suaves. Lustrosos. Lábios.

Lábios que ainda sorriem maliciosamente.

---

[6] Tradução: lixo – refere-se a livros de baixa qualidade, ruins.

— Bem, desculpe estragar sua fantasia, Tara, mas não há nenhum duque em armadura brilhante que irá salvá-la de se casar comigo.

— Eu sei. — Ela dá de ombros como se não se importasse, mas noto seu sorriso se apagar por meio segundo. — Tudo bem, porque eu me certifiquei de que valeria a pena no final. Não foi?

Ela fez isso mesmo. O que diabos me deu para concordar em dar a ela doze milhões de dólares no nosso divórcio?

Pousado no banco ao meu lado, meu celular emite outro som agudo e insistente, e o nome de Ajello ilumina a tela. Atendo e vou direto ao ponto, relatando nossa mais recente entrega de drogas, enquanto meus olhos permanecem fixos nos lábios de Tara. Quando termino de atualizar o chefe, Riggo está parando ao lado do local isolado onde a demolição e a limpeza da antiga estrutura estão quase concluídas. Estamos prontos para começar a escavação das novas fundações na próxima semana.

Antes de pararmos completamente, já estou fora do carro e correndo em direção a dois homens que estão ao lado da área isolada.

— Que merda está acontecendo aqui? — grito.

— É o proprietário? — pergunta um homem de terno azul barato a Tito.

— Sim, — confirma meu encarregado. — Deixe-me apresentá-los. Este é o Sr. Arturo DeVille, CEO da Gateway Development Corp. — Ele se vira para o homem de terno. — Samuel Daniels. Ele é da Unidade de Fiscalização do Departamento de Construções.

— Toda a nossa documentação de conformidade e licenças foram aprovadas há meses. Você está me custando dinheiro, Sr. Daniels. Agradeceria se

tirasse o seu traseiro da minha propriedade. — Aponto com a cabeça para o portão do perímetro.

Daniels endireita-se e cruza os braços sobre o peito. — Pode ser, mas recebemos informações que exigem uma investigação mais aprofundada. Estou aqui para informá-lo de que todos os trabalhos neste local devem ser interrompidos imediatamente até que este assunto seja resolvido.

— Que informações?

— Não tenho liberdade para compartilhar os detalhes pertinentes no momento. No entanto, se eu puder pedir que você, por favor...

Uma voz alegre soa atrás de mim. — Essa cor azul-marinho fica bem em você, Sammy.

Eu me viro uma fração de segundo mais rápido que o cara do DOB, e nós dois encontramos Tara com um enorme sorriso estampado no rosto.

— Tara? — exclama Daniels, sua atitude mudando de fria e rígida para amigável e cheia de charme, enquanto ele praticamente salta em direção a ela, envolvendo-a em seus braços. — Meu Deus! Quanto tempo faz? O que você está fazendo aqui, abóbora?

Sammy? Abóbora?

Que merda é essa? O filho da puta teve sorte de soltá-la antes de respirar novamente. Caso contrário, poderia ter sido sua última respiração.

— Sete anos, mais ou menos. Você está ótimo, Sammy. Como está a mamãe Daniels?

Eu vejo minha futura esposa ficar na ponta dos pés para dar um beijo na bochecha desse filho da puta. Minhas mãos se fecham em punhos ao meu lado enquanto luto contra o impulso de quebrar o pescoço dele.

— Ela está bem. E como você está, sua malandra?

— Ah, você sabe. O mesmo de sempre. Então! O que está acontecendo para deixar meu amigo tão nervoso? Você está aqui para dar uma bronca nele?

— Você está com ele?

— Sim, ela está comigo! — Eu me aproximo e passo o braço ao redor da cintura dela.

Tara dá de ombros, como se não se importasse. — Digamos que fizemos um acordo recentemente, mas ainda estamos resolvendo alguns detalhes.

Sammy me avalia antes de voltar toda a sua atenção para Tara. — Recebemos uma reclamação alegando que este local contém um prédio de importância histórica. Alguém importante me enviou aqui para suspender as atividades até que os chefões descubram quem é quem e o que é o quê.

— Estamos em Nova York, caramba! — respondo. — Não dá para jogar uma pedra sem acertar algo que alguém alegou ser de importância histórica ou arquitetônica para se qualificar para subsídios ou isenções fiscais. Mas o monte de lixo que ficava aqui não era nada disso. Verifique seus registros. Ele foi avaliado como uma estrutura perigosa, e foi por isso que recebemos a licença de demolição.

— Se é esse o caso, Sr. DeVille, você não tem nada com que se preocupar, — afirma Daniels, enquanto seu olhar permanece fixo em Tara. — Poderá retomar o trabalho assim que fizermos a confirmação necessária.

A vontade de derrubar esse cara e arrancar seus olhos me invade. Por que ele está olhando assim para minha mulher? Eles definitivamente parecem se conhecer e se sentir à vontade um com o outro. Amigos, ou algo mais?

E daí? E se fossem? Por que diabos eu me importo? Ela será minha esposa apenas no papel. Preciso me lembrar disso.

Rangendo os dentes, engulo a vontade de socar o idiota.

— Quanto tempo isso vai demorar? — pergunto.

— Não mais do que um mês. Talvez dois, já que este é um assunto um pouco incomum.

— O quê?

— Ah, qual é, Sammy. — Tara ri, dando um tapinha no peito dele. — Você não pode forçar um pouco? Eu sei que você tem esse poder. Que tal até o final da semana? Pelas velhas vezes. Senão, tenho medo que DeVille tenha um ataque cardíaco.

Daniels me lança um rápido olhar antes de sua atenção ser novamente consumida por Tara. Ele parece estar devorando-a com os olhos. Eles devem ser mais do que apenas velhos amigos. Ex-amantes. Tenho certeza disso.

Essa constatação é como um soco no estômago, tirando meu fôlego sem qualquer aviso.

— Claro, abóbora. — Ele acena com a cabeça. — Vou ver o que posso fazer.

— Obrigada, Sammy. Agradeço muito. Por favor, mande um oi para a mamãe Daniels, tá?

Várias maneiras de mutilar aquele filho da puta ocupam minha mente enquanto eu encaro *Sammy* enquanto ele e Tara se despedem e prometem manter contato. Ah, não haverá nenhum toque, literal ou metafórico. Isso eu posso garantir. Pouco antes de Daniels entrar no carro, ele olha para trás e pisca para Tara. Meus pensamentos se voltam para tortura prolongada e assassinato, então eu me coloco na frente de Tara para bloquear a visão dele.

— Quem era aquele homem para você? — De alguma forma, consigo soar como um ser humano em vez de um touro rosnando.

— Um velho amigo. — Seu perfume de morango me atinge quando ela joga o cabelo por cima do ombro. — De nada, a propósito.

Decidido a ignorar o último comentário, pergunto: — Apenas um amigo?

Ela arqueia uma sobrancelha e simplesmente passa por mim, voltando para o BMW. Aparentemente, estamos jogando olho por olho.

— Sr. DeVille? — pergunta Tito, aproximando-se para ficar ao meu lado. — Isso vai afetar significativamente nossos prazos. Talvez precisemos...

— Tito, não quero discutir cronogramas agora, — respondo bruscamente e sigo Tara.

Dentro do carro espaçoso, Tara se encolhe no banco, com o nariz mais uma vez enfiado em sua pornografia feminina. Eu me sento ao lado dela e sinalizo para Riggo nos levar embora.

— Vocês dois foram amantes no passado? — pergunto.

— Quem?

— Você e Sammy.

— Não é da sua conta.

— É da minha conta, já que você pediu a ele para me fazer um favor. Favores precisam ser retribuídos, e eu preciso saber a quem devo isso, — insisto, tentando ao máximo acreditar que essa é a verdadeira razão da minha pergunta.

— Você não deve nada a Sam. Eu simplesmente permiti que ele retribuísse algo que fiz por ele anos atrás. Ele faz isso e ficamos quites.

— O que você fez?

O maldito livro dela está escondendo a maior parte do rosto, mas ainda consigo perceber que ela está revirando os olhos para mim. — Nós estudamos juntos no ensino médio. O pai de Sammy tinha uma doença terminal e nenhum dos medicamentos disponíveis no mercado ajudava a aliviar a dor dele. Então eu... hum... trouxe algo para ele da minha viagem à Holanda.

Arranco o livro da mão dela. — Você contrabandeou drogas pela fronteira para um cara? Você está louca?

— Era remédio, não cocaína! — Ela pega o livro de mim e o puxa para o peito. — Eu fiz o que achei certo, ajudei um amigo. E você está sendo um hipócrita enorme agora, considerando que comanda a maior operação de tráfico de drogas desta região do país!

— E se tivesse sido apanhada?

— Graças àqueles remédios, pela primeira vez em meses, o Sr. Daniels ficou sem dor e morreu em paz enquanto dormia. Ele estava cercado pela família, que não precisou assistir impotente ao seu sofrimento agonizante. Para mim, valeu a pena. Além disso, eu ainda era menor de idade, sem antecedentes criminais. Eu teria me safado com uma multa, talvez. Os benefícios superaram o risco.

— Você era menor de idade. Ótimo. — Eu aperto as têmporas com as palmas das mãos. A alegoria do transplante de órgãos que Popov usou faz muito mais sentido agora.

— Oh, me poupe da sua atitude paternalista, DeVille. Não serei julgada por alguém que não reconheceria uma boa ação nem que ela lhe mordesse o traseiro. — Ela coloca o livro entre nós, bloqueando minha linha de visão.

Passamos o resto da viagem em silêncio absoluto. Além do barulho do veículo e do mundo lá fora ainda girando naturalmente, a tranquilidade só é quebrada pelo som ocasional de uma página sendo virada. Tara mantém-se ligeiramente inclinada, escondida atrás do livro. Mas com a minha vantagem em altura, não tenho qualquer problema em ver os seus olhos enquanto percorrem rapidamente as linhas do texto enquanto ela lê o seu romance idiota. Até chegar ao fim da página, claro. Então, ela baixa o livro e dá-me uma visão completa daqueles lábios encantadores. E a ponta daquela língua aveludada enquanto lambe o dedo. Todas as vezes.

E meu pau fica cada vez mais duro.

Porra.

Preciso transar. E logo. Já faz... meses? E meu pau não entende que não gostamos dessa mulher irritante. Quando estou pegando meu celular para mandar uma mensagem para uma das minhas transas casuais, ela faz isso de novo.

Seus lábios ficam ligeiramente carnudos antes de ela levar o polegar até o lábio inferior. Ela o mantém lá por um instante, pairando sobre o pequeno sulco no centro. E então... aquela língua. Rosada. Brilhante. Tão tentadora.

Esqueci o celular e a mensagem que ia mandar, minha atenção ficou grudada naquela boca até chegarmos ao local do evento em Williamsburg, onde a arrecadação de fundos estava acontecendo. O tempo todo, me senti como um dos

cães de Pavlov, esperando a próxima virada da página. Salivando pelo sino metafórico que ela empunhava. Ficando mais frustrado a cada repetição.

Ficando cada vez mais excitado a cada lambida.

Capítulo 8



17:11 Satanás: Estou a quinze minutos de distância.

Um arrepio percorre minha espinha enquanto olho para a tela do celular.

Ontem, enquanto Satanás me levava para casa após mais um ‘jantar romântico’, meu futuro marido me informou que, na próxima vez que ele viesse, pediria oficialmente ao meu irmão minha mão em casamento. O que significa que isso vai acontecer hoje.

— Meu Deus, acho que a de pontos pretos está grávida, — grita Sienna. Seu nariz está colado na lateral do aquário e seus olhos seguem o peixe em questão enquanto ele nada entre as várias plantas e estruturas que compõem o aquário. Não faço ideia de como ela conseguiu convencer Drago a deixá-la levar o aquário para o quarto deles.

— Viu? A barriga dela está inchada. Vamos ter peixinhos bebês!

— Tenho quase certeza de que primeiro vêm os ovos, — murmuro. — E os peixes grandes provavelmente vão comer os filhotes.

— Oh, não! Precisamos separar a mamãe do...

— Seu irmão e eu vamos nos casar, — deixo escapar.

— ...dos outros peixes para que eles... — Sienna se vira, com os olhos arregalados. — Vocês o quê?

— Ele está a caminho daqui. Vamos contar a Drago hoje.

— Mas... mas eu pensei que vocês dois estavam apenas, você sabe, se encontrando. — Seus olhos procuram os meus como se ela estivesse esperando que eu gritasse *'Sike!'* ou *'Brincadeira, garota!'* — Uau, Tara. Tem certeza? Faz apenas algumas semanas. Um mês. Um pouco mais, talvez? Hum... não leve a mal... Adoro a ideia de vocês dois ficarem juntos, mas... casamento? Tão cedo?

Mordo o interior da bochecha com força suficiente para fazer-me estremecer. Manter esta farsa durante semanas, sem poder dizer uma palavra a ninguém, é excruciante. Não há ninguém com quem falar. Ninguém a quem pedir conselhos. Ninguém a quem sequer reclamar sobre como a minha vida se tornou frustrante. Quero desabafar, mas sei que não posso contar nada a Sienna. Não devo.

— Talvez você devesse pensar sobre isso por um tempo, Tara. Namore por mais alguns meses e...

— Não há tempo, — digo sem pensar. — Precisamos nos casar até o final do próximo mês. São ordens de Ajello.

— Como assim?

Merda. Deixo-me cair na beira da cama e escondo o rosto entre as mãos. — Sim. Aparentemente, o teu chefe quer que os laços entre a Cosa Nostra de Nova Iorque e o grupo de Drago sejam ainda mais fortes. E ele acha que o casamento entre o teu irmão e eu é a maneira perfeita de conseguir isso.

— Você... você não está apaixonada por Arturo? — Sienna me olha com olhos tristes de cachorrinho, como se o mundo inteiro tivesse desabado ao seu redor.

— Mas... mas... as flores? Todos os seus encontros? A dança de acasalamento fofa que vocês fazem com os casacos? Vocês têm se visto praticamente todos os dias.

— Tudo isso não passava de uma fachada para Drago. A última coisa que eu quero é que ele entre em confronto com Ajello por minha causa.

— Foda-se o Ajello! Ele é um idiota pomposo e intrigante! Como ele ousa fazer isso de novo? Vamos até Drago, e você pode contar tudo a ele.

— Sério? — Eu olho para cima, encontrando o olhar frenético de Sienna. — E depois? Drago fica furioso. Mata seu irmão? Entra em guerra com a Cosa Nostra? Talvez tente matar Ajello também?

— Sim. Quer dizer, não. Merda. Vou ligar para Arturo e dizer para ele acabar com essa bobagem.

— Não se incomode. Ele deixou bem claro que nunca iria contra as ordens do chefe. Está decidido.

Os ombros de Sienna caem. Ela se senta na cama ao meu lado e suspira. — Então, onde isso deixa você? Vocês dois pareciam estar se dando bem. Você pelo menos gosta de Arturo? — Quando tudo o que consigo fazer é balançar a cabeça, ela continua: — Nem um pouquinho? Quero dizer... eu sei que ele pode ser difícil, mas... — Seus olhos brilham com uma leve esperança quando ela pergunta.

O copo está sempre meio cheio para minha cunhada. Mesmo nas situações mais devastadoras, ela procura um lado positivo. Desta vez, infelizmente, não há nenhum.

— Não suporto o seu irmão, Sienna. E ele definitivamente não tem nenhum amor por mim.

Ela agarra minha mão e aperta. — Você não pode passar a vida inteira presa a um homem que não ama.

— Na verdade, chegamos a um acordo. Será só por um ano. Mais tarde hoje, vamos assinar um acordo pré-nupcial. Doze meses de casamento, após os quais ele me dará um divórcio rápido e sem contestação... — forço um sorriso nos lábios, — ...e doze milhões de dólares. — Faço uma pausa, avaliando sua reação antes de continuar: — Marque na sua agenda, garota. No ano que vem, nesta mesma época, vamos fazer as compras mais incríveis da nossa vida.

— Você está falando sério?

— Muito sério. Mas você não pode contar nada para Drago, Sienna.

Sienna salta da cama e começa a andar de um lado para o outro no quarto. Passa os dedos pelo cabelo enquanto desgasta o chão. Da esquerda para a direita. Da direita para a esquerda. Ela permanece em silêncio por vários minutos, com apenas sua respiração rápida e o barulho abafado de seus chinelos de pele sintética laranja no chão preenchendo o espaço entre nós. De vez em quando, ela para e lança um olhar em minha direção. Ele está repleto de perguntas, preocupações e dor evidente. Então, ela continua sua caminhada frenética. Finalmente, Sienna para e envolve o corpo com os braços. Pura devastação está estampada em seu rosto.

— Não consigo. Não consigo mentir para Drago, Tara, — ela diz com a voz embargada. — Prometi a ele que nunca mais faria isso. Eu... Você não pode me pedir isso.

A culpa me atinge em cheio no peito. Em vez de lidar com meus próprios problemas como uma adulta, abri a boca e contei a verdade. E veja no que me meti. Uma confusão ainda maior do que antes.

— Você conhece Drago, — sussurro. — Acha que ele deixaria isso passar sem derramamento de sangue? Sem que seu irmão ou o meu acabassem feridos ou pior?

Sienna se senta ao meu lado na cama, parecendo totalmente abatida. Nós duas ficamos em silêncio por um longo tempo, simplesmente olhando para a parede próxima, como se as respostas estivessem escritas lá. Minha visão lentamente fica embaçada e meu nariz começa a arder. Respirando fundo, pressiono as palmas das mãos contra os olhos, tentando conter as lágrimas.

— Sinto muito por colocá-la nessa posição, Sienna, — digo, fungando. — Eu estava me sentindo tão perdida e... e precisava contar para alguém.

— Tudo bem. — Um leve soluço escapa dela. — Tenho certeza de que Drago vai entender e me perdoar quando eu finalmente explicar.

— Você poderia destruir metade da raça humana ou fazer algo igualmente catastrófico, e meu irmão ainda ficaria do seu lado. Ele te ama tanto que chega a ser assustador.

Sienna encosta a cabeça no meu ombro. — Um dia, você encontrará alguém que vai te amar tanto quanto ele. No começo, ele será um rabugento teimoso, é claro, porque você não gosta de homens que cedem facilmente. Talvez ele seja um marquês mal-humorado. Ou um lobisomem alfa. Ou melhor ainda, um lobisomem implacável que é um marquês, e ele vai te amar tanto que arriscará a vida para te salvar.

Não consigo deixar de sorrir. — Você está de volta à sua fase de metamorfo, pelo que vejo.

— É. — Ela dá de ombros, envergonhada. — Oh, Deus, Drago vai surtar quando Arturo pedir sua mão hoje.

— Vai. — Meu olhar desliza para o aquário, onde os peixinhos gordinhos nadam alegremente em ziguezague entre seus amigos. — E se eu disser a Drago que seu irmão me engravidou?

— Você acha *que* isso melhoraria a situação?

Tento imaginar a reação do meu irmão ao saber que um cara que ele não suporta me engravidou. — Não. Definitivamente não.

O barulho alto de um motor soa lá fora. Sienna e eu trocamos olhares, depois corremos para a janela. Um carro enorme e alongado para e estaciona na garagem. Com as duas meio escondidas atrás das cortinas, observamos meu futuro noivo (oficial) sair do veículo e se dirigir para a porta da frente da mansão.

— Você acha que ele veio armado? — sussurro.

— Arturo está sempre armado, — responde Sienna em voz baixa. — Devemos descer? Ou podemos esperar até ouvirmos os móveis sendo quebrados?

— Com certeza devemos descer.

Corro pelo quarto com Sienna nos meus calcanhares.

Como já é costume, os cães do meu irmão estão dormindo em frente à porta do quarto de Sienna e Drago, mas no momento em que ela e eu saímos da sala, os três se levantam e correm atrás de nós descendo três lances de escada. Chegamos ao térreo bem a tempo de ver a porta do escritório de Drago se fechar. Merda. Chegamos tarde demais.

— E agora? — pergunto. — Devo entrar lá?

— Sim, é uma boa estratégia. Há menos hipóteses de eles se matarem se estiver com eles.

— Ok. — Respirando fundo, atravesso o corredor.

Até hoje, era fácil fingir que toda essa confusão não estava realmente acontecendo. *Afinal, o que é um ano? Doze meses. Vai passar rápido, certo?* Com os pés praticamente arrastando no chão de mármore, aproximo-me do escritório do meu irmão. *Trezentos e sessenta e cinco dias presa a Arturo 'Filho da Puta' DeVille. Oh, Deus.*

Giro a maçaneta e entro, bem a tempo de ver Drago e o flagelo do inferno em um impasse no meio da sala, com armas apontadas um para o outro.

— Você não vai se casar com minha irmã, DeVille. — A voz furiosa de Drago ecoa pela sala.

Ótimo. A feliz notícia obviamente foi compartilhada.

— Não estou realmente pedindo sua permissão, Drago. Perguntei porque alguns de nós ainda respeitam as tradições antigas, mesmo nos dias de hoje. Mas vou me casar com Tara, independentemente do que você pensa sobre isso, — responde Satanás, em um tom idêntico e irritado.

— Ok, pessoal. — Dou um passo em direção a eles, estendendo as mãos como se estivesse me aproximando de dois predadores ferozes. Movendo-me lentamente, dou a volta até parar ao lado de DeVille. Pode parecer que estou apoiando meu homem, mas, na verdade, preciso que meu irmão possa me ver e ler meus lábios. — Vocês dois poderiam guardar as armas para que possamos discutir isso de maneira civilizada?

— Não, — rosna Drago. — Saia daqui, Tara. E fique longe da porta.

— Ouça seu irmão, Tara, — acrescenta o demônio. — Saia.

Certo, os dois idiotas falaram.

Eu me movo, chamando a atenção dos dois homens para mim, mesmo enquanto eles continuam apontando suas armas um para o outro. Com o coração na boca, meus olhos passam freneticamente do meu irmão para o meu futuro marido. *Droga. Droga! DROGA!!* O que eu faço agora? Pense, droga, pense!

— Estou grávida!

— O QUÊ?! — os dois homens gritam em uníssono.

As narinas de Drago se dilatam e seu olhar assassino atravessa DeVille. — Você engravidou minha irmã, seu filho da puta?

Oh, merda! *Jogada errada, Tara.* Péssima decisão.

Eu me coloco entre eles, de frente para Drago. — Ele não fez isso, — eu digo, um segundo tarde demais para perceber como *isso* soa, então rapidamente acrescento: — Quero dizer... *talvez*. Mas... eu posso estar grávida. Nós transamos. Muito, muito sexo. Tanto sexo que eu posso estar esperando gêmeos. Até trigêmeos.

Arrisco um olhar por cima do ombro para DeVille. Ele está me observando com as sobrancelhas levantadas. Seus olhos parecem brilhar, mas não tenho certeza se é porque ele está rindo ou se preparando para atirar em mim. Sua arma ainda está apontada para a cabeça de Drago, mas não seria difícil para ele mudar de alvo.

Bem, foda-se isso! Já tive o suficiente.

— Abaixe a arma, — eu ordeno para DeVille, depois me viro para meu irmão. — Você também, Drago, abaixe a arma. Estou cansada dessa merda entre vocês dois. Sou uma mulher adulta e posso decidir por mim mesma.

— E você decidiu se casar com esse cara?

— Sim.

— Por sua própria vontade? — Ele estreita os olhos para mim. — Ninguém está te obrigando a fazer isso? E isso não é algum tipo de jogo em que vocês dois estão apenas brincando comigo?

— Claro que não!

— Você está realmente apaixonada por esse idiota e quer passar a vida com ele?

Dando um passo para trás, encosto-me no peito de Satanás e agarro sua mão livre, envolvendo seu braço em volta de mim. Imediatamente, sinto o calor de seu corpo e a dureza de seus músculos tensos nas minhas costas, seu hálito quente em meu pescoço e a flexão de seus dedos espalhados sobre minha barriga enquanto ele aperta seu abraço. Sua colônia picante invade meus sentidos, o toque de fumaça doce enviando arrepios pela minha espinha. Meu pulso acelera e espero que meu sorriso pareça genuíno quando digo: — Estou total e completamente apaixonada por esse idiota.

Expirando audivelmente, Drago abaixa a arma e a coloca de volta no coldre. Ele estende a mão para mim enquanto uma expressão estranha cruza seu rosto. Há uma mistura de preocupação e resignação em seu olhar. Dou um passo em direção ao meu irmão, mas o braço em volta da minha cintura aperta ainda mais. Quando olho por cima do ombro, meu olhar colide com um olhar escuro e ardente.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, a mão de DeVille se afasta. A perda desse contato me deixa gelada.

Confusa com a miríade de emoções que me dominam, volto-me para Drago. Quando meu irmão me puxa para seus braços, um calor avassalador, algo que sempre associei à segurança e ao lar, me envolve.

— Tudo bem, mana, — ele sussurra enquanto dá um beijo no topo da minha cabeça.

Eu me afasto, procurando seus olhos. O que estou procurando?

— Tudo bem? — eu pergunto, com a voz embargada. É tudo o que ele tem a dizer?

— Você está certa. Você pode tomar suas próprias decisões, Tara. É isso que você quer, não é?

— Hum... sim? — Por que isso saiu como uma pergunta?

Desta vez, lábios quentes roçam minha testa. — Espero que não se arrependa da sua escolha.

Pânico e puro terror pelo que fiz reviram meu estômago quando meu irmão dá um passo para trás. Ele está me deixando ir. Permitindo que eu me case com DeVille. Apesar de tudo o que eu disse, acho que imaginei que ele ainda iria ‘me salvar’ dessa confusão de alguma forma. Como sempre fez.

Será que Drago finalmente decidiu que não há mais salvação para mim?



Vinte e quatro horas antes

Naos

— Você está com boa aparência, Ajello, — digo enquanto levo um copo de uísque à boca para esconder meu sorriso.

Três arranhões longos e recentes marcam seu queixo. Pelo formato e espaçamento das finas linhas vermelhas, diria que foram feitas por um pequeno animal. Meu palpite é que a guerra sem fim entre o chefe e o gato demoníaco de sua esposa atingiu novos patamares. Nesse ritmo, a rivalidade está se transformando em uma lenda urbana, deixando alguns de nós ansiosos para ver quem sairá vencedor. Pode até haver uma aposta rolando. Em certos círculos.

— A vida está boa, presumo?

— Perfeita, na verdade, — ele responde, com o olhar intensamente focado na minha testa. — Adorei o que você fez com a sobrancelha. Uma nova tendência entre os motociclistas, talvez?

Passo a mão pela testa e a palma fica manchada com uma gosma rosa brilhando com pequenos reflexos dourados. A última compra de Sienna: o *gloss superbrilhante e duradouro*. Acertaram nessa.

Incrível.

— Sim. É a última moda. — Sorrio.

Essa conversa fiada não me engana nem por um minuto, e não consigo deixar de me perguntar qual é o plano do chefe italiano desta vez. E por que exatamente ele está sentado no meu clube?

Se minha memória não me falha, Salvatore Ajello só pisou no Naos uma vez. Um ano atrás. Para discutir a renovação da nossa parceria. Foi quando ele me ofereceu Sienna DeVille como esposa, para adoçar o negócio. Tê-lo à minha frente novamente, enquanto estamos sentados na mesma mesa, faz minha mente girar sobre o plano tortuoso que ele preparou agora. Especialmente porque ele insistiu em nos encontrar cara a cara. Apenas nós dois.

— O que o traz aqui, Ajello?

— Um assunto delicado de família, se quer saber. Um assunto sobre o qual preciso que você me ouça. Não saia da linha e comece a matar as pessoas envolvidas, como imagino que você possa ficar tentado a fazer. Ouça os motivos do que estou prestes a lhe contar e tenho certeza de que você entenderá que há benefícios para ambos os lados.

Estreito os olhos. — Pare de me enrolar, Ajello, e vá direto ao ponto.

— Estou preocupado com um amigo meu, então sugeri que ele se casasse.

Balanço a cabeça. O que há com Ajello e sua recente obsessão em casar todos ao seu redor? Arranjar casamentos é seu novo hobby ou ele está apenas entediado? Um homem como Salvatore Ajello, sem nada produtivo para fazer, é uma séria ameaça à sociedade. Só Deus sabe que ideias malucas podem surgir na cabeça dele. Mas se ele desenvolveu um interesse repentino em ser casamenteiro, posso pedir a Adam para entrar em contato com um amigo dele que tem uma estação de rádio local. Talvez Ajello pudesse ter seu próprio programa? Mm-hmm. Conselhos

noturnos sobre namoro do chefe da Cosa Nostra. Ao vivo, no ar. Eu rio por dentro, imaginando isso.

— Você está livre nas noites de quinta-feira? — pergunto.

— Não. Por que pergunta?

— Por nada. — Dou de ombros. — Então, por que veio me procurar? Quer contratar o Naos para a festa? Está procurando um desconto para amigos e familiares para esses pobres coitados que vão se casar? A propósito, quem são eles?

— Arturo e sua irmã.

Minha testa se franze. Devo ter lido errado seus lábios. — Repete isso.

— Você certamente percebeu que os dois estão namorando.

— Bobagem. É uma farsa idiota que DeVille armou para Tara. Ainda não descobri qual é o objetivo dele, mas não acredito nem por um segundo que o relacionamento entre os dois seja verdadeiro.

— Que pena. — Ajello estica os braços ao longo do encosto do sofá. — Porque é sério. Na verdade, Arturo virá vê-lo amanhã para pedir formalmente a mão de sua irmã. Ele valoriza muito as tradições.

— Ele pode pedir. — sorrio. — E eu vou mutilá-lo.

— O que você deveria fazer, Drago, é se perguntar por que sua irmã concordou em se casar com Arturo.

A raiva obscurece minha visão. Levanto-me e inclino-me sobre a mesa, ficando bem na frente de Ajello. — O que você fez, seu idiota? Você a ameaçou como ameaçou Sienna? Porque se fez isso, eu vou...

— Eu não fiz absolutamente nada além de oferecer o nome de uma noiva, — ele interrompe. — O que quer que tenha feito Tara concordar com a ideia do

casamento é algo entre ela e Arturo. Se sua irmã quisesse que você intercedesse de alguma forma nessa situação, ela teria vindo até você.

A raiva pulsando na minha cabeça se transforma em confusão. Um momento depois, uma revelação chocante me deixa atordoado. Não há como Tara estar apaixonada por Arturo. O que significa que ela está fingindo com aquele bastardo, provavelmente por minha causa. A questão é: por quê? Em que ela se meteu desta vez? E por que diabos ela não veio me pedir ajuda?

— Onde está meu cunhado? Vou acabar com essa loucura imediatamente, — grito. — Seja lá o que ela fez, eu vou resolver.

— Como você sempre faz?

— Sim!

— Você vai continuar salvando-a repetidamente? Roubando-lhe todas as oportunidades de resolver seus próprios problemas? De assumir os erros que cometeu e sentir orgulho quando finalmente tiver a chance de superá-los? — Ele inclina a cabeça para o lado enquanto seu olhar perfura o meu. — Você é realmente tão egoísta? Ou talvez... você esteja simplesmente com medo.

Minha garganta arde com o ácido subindo do meu estômago, e eu só quero socar esse filho da puta. Porque ele está certo. E eu o odeio por isso.

— Você não pode esperar que eu fique parado vendo Tara arruinar sua felicidade. Independentemente de como eles agem, eu sei que ela o odeia. Tentar impedir que minha irmãzinha seja infeliz pelo resto da vida, — digo com voz rouca, — é *isso* que você chama de egoísmo?

— Na verdade, será apenas um ano.

— O quê?

Algo parecido com um leve sorriso dança nos lábios de Ajello. Deve ser um truque da luz, porque o homem nunca sorri.

— Um passarinho me contou que eles fizeram um acordo. Arturo e Tara. Ele vai se divorciar dela assim que o ano de casamento terminar. — Um canto da boca dele se curva para cima. — E ela vai receber um milhão de dólares por cada mês que ficarem juntos. Essa foi a exigência dela, e Arturo não teve escolha a não ser concordar. Muito esperta, essa sua irmã.

— *Isuse*. — Pego o copo de uísque da mesa e bebo o conteúdo de um só gole.

— Eu sei que você ama Tara. Ela é o único parente que você tem. Mas ela precisa desesperadamente aprender a lidar com as repercussões de suas ações. Sozinha. E essa lição em particular é melhor aprendida quando vivida. Apesar dessa animosidade inútil entre você e Arturo, você deve saber que ele nunca faria nada para magoar sua irmã. Então, por que não deixar esse casamento acontecer e ver o que acontece? — Ele dá de ombros. — Além disso, há o pequeno detalhe de que você deve à Cosa Nostra por ter salvado sua vida após sua briga com os romenos. Certamente, satisfazer-me ao não impedir essa união é razoável em termos de pagar essa dívida, não?

— O que você ganha com isso? — pergunto bruscamente. — Essa... essa experiência matrimonial tola, ou como você quiser chamá-la? E o que DeVille ganha com isso?

— Quero que Arturo seja feliz. E você, sem dúvida, quer o mesmo para sua irmã. Estou confiante de que ele e Tara são realmente um casal perfeito. Nenhum dos dois acredita nisso, mas tenho certeza de que essa pequena provação vai provar isso para eles. Para que seja um sucesso, porém, preciso que você faça sua parte.

— Quer dizer, apenas sentar, observar e fingir que acredito nessa farsa?

— Exatamente. — Ajello se levanta e ajeita o paletó. — Confie em mim. Tenho um bom pressentimento sobre isso.

Com as mãos nos bolsos das calças, o italiano atravessa a pista de dança vazia. Apesar do andar um pouco desequilibrado, ele parece estar dando um passeio casual. Não há nenhuma preocupação no mundo sobre ele.

— Uma porra de um distúrbio cerebral, — murmuro. — É isso que você tem, seu lunático manipulador.

Ao lado do meu copo vazio sobre a mesa, meu celular vibra com uma mensagem recebida. Eu a ignoro, ainda muito preocupado com aquela conversa. O homem é obviamente louco. Mas ele também está certo. Tenho pressionado Tara demais, tentando mantê-la segura. De tudo. Até mesmo de suas próprias escolhas.

Talvez... Talvez seja hora de deixá-la se salvar.

Mas, se as coisas derem errado... Se aquele bastardo bonitinho e presunçoso machucar minha irmã... Aquela cruz de ouro em volta do pescoço dele não será a única que ele estará usando. E ele não sobreviverá à minha fé.

Capítulo 9



— De jeito nenhum. — Empurro a pilha de papéis que compõem um acordo pré-nupcial extremamente detalhado pela mesa com tanta força que a pasta em que está guardado desliza pela superfície polida e cai no colo de DeVille.

— Você parece estar sob a impressão de que esses termos são negociáveis, — ele rosna. — Eles não são.

— O acordo que fizemos foi que eu me casaria com você. Não discutimos nada sobre eu não poder trabalhar no Naos. Nem sobre precisar acompanhá-lo a todos os seus eventos italianos chiques ou fazer as honras da casa durante jantares para você e todos os seus comparsas da Cosa Nostra. E definitivamente não houve nenhuma menção sobre ter que morar na sua casa!

Os olhos de Satanás perfuram os meus enquanto ele se levanta lentamente da sua cadeira executiva. Segurando a pasta na mão, ele contorna a mesa e vem parar ao meu lado.

— Não sei como funcionam os casamentos de onde você vem, e não me importo. — Ele coloca o contrato na minha frente novamente. — Vou pagar a você um milhão de dólares por mês e vou garantir que você *ganhe* cada centavo, Tara. Então, sim, durante o próximo ano, você será a esposa obediente, dócil e modesta

que agirá como se espera dela. Como se espera de sua posição... A esposa do segundo homem mais poderoso da Família de Nova York.

— Ah, então vocês tratam suas esposas como se fossem animais de estimação bem treinados? — Abro a pasta e folheio as páginas com a lista de todas as exigências desse bastardo. — *Não contradirá o marido na frente de membros da família ou outras testemunhas influentes*, — leio em voz alta.

— Nós valorizamos muito a característica de um cônjuge que dá apoio.

— Quer dizer que vocês esperam obediência cega! E quanto a isso? Todos os italianos ditam como suas esposas devem se vestir? — Apontando para a lista de itens proibidos. — *Jeans ou outras roupas casuais ou indecentemente reveladoras (roupas esportivas e pijamas com roupão, em particular); camisas transparentes e minissaias que seriam consideradas inadequadas em eventos de alta classe. Calçados inadequados, como tênis e chinelos, durante eventos sociais. Acessórios de cabelo impróprios (especificamente, rolos de cabelo e toalhas)*.

— Não dou a mínima para como você se veste em particular, mas em público, sim. Espero que você tenha uma aparência adequada. Até agora, quando saímos, você usou as roupas mais ridículas e inadequadas. Acho que fez isso só para me irritar. — Ele agarra a parte de trás da minha cadeira e me vira para ficar de frente para ele. Seus olhos quase brilham com a raiva queimando em seu interior enquanto ele se inclina, colocando nossos rostos no mesmo nível. — Isso acaba agora, Tara.

— Você espera que eu aqueça sua cama todas as noites também? — rosno. — Isso é um requisito para ser sua esposa? Já que está me pagando, quer que eu seja sua prostituta?

As narinas de Arturo se dilatam. Ele se aproxima ainda mais até os nossos rostos ficarem a apenas alguns centímetros de distância, até estarmos praticamente

a partilhar o mesmo ar. — *Aquecer* a minha cama? Oh, tenho quase a certeza de que a tornaria tão gelada como o Ártico.

Idiota! Levanto o queixo. — Então você não se importaria se eu escolhesse ocupar a cama de outro homem?

— Desde que seja discreta, não me importo.

Com o olhar fixo nele, pego a pasta na mesa e a jogo contra o peito dele. — Quero meu próprio quarto, talvez o antigo quarto de Sienna, já que ela me disse que gostava dele. E quero que a parte do pagamento seja revisada. O valor total deve ser depositado na minha conta bancária. Não em dinheiro.

Sua expressão se transforma em uma máscara de indiferença enquanto ele continua me encarando, mas não perco o leve tremor em seu olho esquerdo. Ele deve estar furioso e tentando não perder a cabeça. Bem, azar o dele! Ele realmente esperava me pagar com seu dinheiro sujo? Não sou tão burra assim.

Ele enfia a mão no bolso para pegar o celular e liga para alguém. Acho que é o advogado dele. Os olhos de DeVille não saem dos meus enquanto ele fala, pedindo revisões no documento do acordo pré-nupcial.

— Feito. Receberei a versão atualizada em instantes. — Ao guardar o celular, um leve sorriso se forma no canto dos lábios dele. — Você percebeu a cláusula que especifica que, se não seguir essas regras, não receberá nada, não é?

— Sim, — resmungo. Idiota.

— Ótimo. Nesse caso, podemos assinar assim que chegar.

Aquele leve sorriso em seus lábios se transforma em um sorriso malicioso. Um sorriso presunçoso pertencente a um homem acostumado a vencer suas batalhas.

Ele deve achar que o documento, com seu anexo de quase dez páginas que descreve as exigências de Satanás sobre como devo me comportar e aparecer como sua esposa, tudo para que eu receba o pagamento quando nosso casamento for dissolvido, garantirá que ele mantenha sua imagem cuidadosamente construída dentro da Cosa Nostra de Nova York. Que garantirá que seus queridos amigos nunca duvidarão de sua escolha de noiva. Que eu estarei à altura dos padrões idiotas deles, sem questionar. Que eu me apresentarei perfeita em todos os aspectos.

O problema com alguém tão egocêntrico é que, depois de um tempo, ele é sugado por suas próprias ilusões. Essa visão de que 'eu estou sempre certo' que eles têm de si mesmos os cega para a verdade. Eles nunca compreenderão a possibilidade de alguém abaixo de sua posição social superá-los em seu próprio jogo.

Recostando-me na cadeira, cruzo uma perna sobre a outra e os braços sobre o peito, deixando um sorriso surgir em meus lábios. Estou bem ciente de que estou totalmente no extremo oposto do espectro da 'perfeição'. Mas a única coisa em que sou boa, onde realmente reside minha força, é encontrar os detalhes que passam despercebidos. Tenho muita prática em detectar inconsistências e ambiguidades em textos escritos. E aquele acordo pré-nupcial dele tem vários parâmetros que podem ser explorados como possíveis brechas, que eu já percebi.

Ele quer jogar sujo?

O jogo começou.

— Por favor. Prepare a caneta, — digo com alegria.

O acordo pré-nupcial revisado chega poucos minutos depois. Seu advogado deve ter ficado à espera da ligação de DeVille. Assim que o documento sai da impressora, Satanás se aproxima do meu lado da mesa e joga a pilha de papéis na minha frente.

— Quase me esqueci. — Ele tira uma pequena caixa quadrada de veludo vermelho do bolso. Em seguida, abre-a e coloca-a em cima do nosso acordo pré-nupcial. — Para você. *Querida*.

Um lindo anel de ouro, com uma esmeralda redonda requintada no centro e ladeada por vários diamantes brilhantes em formato marquise ao longo da aliança, repousa sobre uma almofada de seda.

O brilho dele é como um soco direto no meu peito.

Fico olhando para a linda joia que representa tudo o que sempre sonhei. Uma promessa de eternidade. Alegria e felicidade. Um voto de amor sem fim.

Tantas vezes imaginei o dia em que o homem que amo se ajoelharia diante de mim. Prometeria me amar. Me proteger. Me pediria em casamento. Cada fantasia que imaginei era mais românticas do que a anterior. Nenhuma incluía um idiota pretensioso apresentando um anel de noivado em uma pilha de papéis contendo os termos para o fim do nosso casamento.

O maldito Arturo DeVille conseguiu arruinar até mesmo esse momento especial para mim. Talvez tivesse doído menos se ele tivesse enfiado uma adaga no meu coração.

— Vamos ver se serve, — diz Satanás, pegando o anel.

Minha alma chora de desespero quando ele pega minha mão direita, e não a esquerda. Envolve minha mão com a palma quente da sua. Não importa que este casamento seja uma farsa. Temporário. Não é assim que deveria ser!

O anel desliza no meu dedo como se fosse feito para mim.

O idiota até sabia que os sérvios usam os anéis na mão oposta à tradição ocidental. Uma pequena parte de mim esperava que ele errasse e colocasse o anel na

minha mão esquerda, só para que a decepção me lembrasse que isso não era real. Mas o bastardo obviamente fez sua pesquisa.

— Perfeito. — Meu noivo acena com a cabeça. — Cuide bem dele. Foi feito sob encomenda em Roma.

Sério?

Nesse caso, mal posso esperar para lavar a louça com essa pedra na mão.

Tirando meu olhar da esmeralda brilhante, olho meu futuro marido diretamente nos olhos. — Farei o meu melhor, *querido*.

E farei tudo o que puder para garantir que Satanás se arrependa do dia em que decidiu se casar comigo.



Algo não está certo.

Pego meu laptop, abro os e-mails para trabalhar, mas meus olhos continuam voltados para Tara. Desde que entramos no carro, ela está serenamente enrolada no banco ao meu lado, lendo mais um de seus livros com um cara sem camisa na capa. Seu rosto está iluminado por um sorriso satisfeito e seus olhos brilham. O brilho naqueles olhos verdes quase combina com o brilho do anel de noivado em seu dedo. Quase.

O que diabos eu estava pensando? Por que gastei uma pequena fortuna naquela coisa? Eu sabia que ela precisaria de um anel quando ficássemos

oficialmente noivos, mas achei que compraria algo localmente. Qualquer coisa da Tiffany teria atendido às expectativas da sociedade, então por que acabei pedindo um anel feito sob medida ao joalheiro mais exclusivo da Itália? Por que insisti que ele deveria ter uma esmeralda natural de qualidade hereditária no tom mais intenso de verde no centro? Por que não um diamante ou um rubi? Cristo. E por que... por que me sinto quase febril de emoção ao ver aquela pedra na mão de Tara? Preciso examinar minha cabeça, é por isso.

Ela gostou? Ela não disse nada sobre isso. Também não consegui ler sua expressão. Ela parecia apenas distante. Talvez estivesse muito distraída com nossa discussão sobre o acordo pré-nupcial para apreciar o anel? Ou talvez eu devesse ter esperado outro momento para dar a ela?

Aquela conversa não foi exatamente fácil, mas eu sinceramente esperava mais discussão da parte dela sobre o acordo pré-nupcial. Não sobre as propriedades ou bens aos quais ela não teria direito, mas sobre os detalhes de como ela deveria se comportar e se vestir, que eu insisti em incluir.

Mas não houve nenhum protesto. Nem mesmo em relação ao comportamento esperado dela em eventos de alto nível. Eu tinha certeza de que ela iria me atacar quando eu disse que ela não poderia falar a menos que fosse diretamente questionada sobre sua opinião, não poderia beber mais do que uma taça de vinho e não poderia xingar. Mas não.

Eu sei, tudo isso me faz parecer um machista idiota. Não sou assim. Mas quando se trata de Tara, não posso correr riscos. Ela é muito selvagem. Muito imprevisível. Muito bonita. E, às vezes, muito ingênua. Muito inexperiente em lidar com a Cosa Nostra.

Em uma sociedade que se apega às tradições, há muitas pessoas que dão muito valor à imagem pública. Elas podem ser cruéis com qualquer um que se desvie da norma. A ideia de algum bastardo dissimulado olhando Tara com desdém, ou pior, usando-a para chegar até mim, me dá náuseas. Mas eu jamais deixaria *ela* saber disso.

O histórico dela fala por si. Quer dizer, que mulher que se preze iria jantar com bobes no cabelo e vestindo algo pouco melhor do que uma roupa de ginástica rasgada? Uma vez, ela realmente se vestiu com calças de ioga e um sutiã esportivo, completando o look com uma bolsa de ginástica jogada no ombro. Quando eu a pressionei para saber o que diabos ela estava pensando, ela me informou que iria para uma aula de Zumba depois do nosso encontro. Em outra ocasião, ela entrou no carro de pijama e roupão. Sua explicação: eu cheguei cedo e ela não queria me deixar esperando.

Honestamente, isso foi melhor do que a roupa que ela escolheu na vez seguinte. Eu tinha feito uma reserva em um restaurante chique em Tribeca, e ela apareceu com uma blusa transparente e uma saia tão curta que poderia ser usada como cinto. Riggo estava chegando com o carro quando Tara saiu pela porta da frente e quase bateu em uma árvore.

E então, ontem... Surpreendentemente, ela estava vestida adequadamente com um macacão de lã bonito. Exceto que ela tinha uma toalha de banho enrolada na cabeça. Aparentemente, o tratamento especial com condicionador sem enxaguar que ela usou precisava de mais uma hora sob o envoltório. Felizmente, a viagem de Drago até nosso destino foi longa, e ela tirou a toalha antes de sair do carro.

Todas as vezes, as ações de Tara são deliberadas, feitas com o objetivo de me irritar. Eu admiraria essa ousadia se não estivesse preocupado que ela fizesse algo semelhante na frente dos meus parceiros de negócios ou subordinados. As

fofocas maldosas deles podem não me incomodar, mas tornariam a vida dela infinitamente mais difícil. Eles sorririam na cara dela, mas a destruiriam pelas costas. Ela nunca se encaixaria no nosso mundo, porque respeito é tudo na Cosa Nostra.

Sei que suas travessuras absurdas são apenas para me irritar. É a vingança por tê-la forçado a esse casamento. Isso deveria me deixar furioso em todos os aspectos. O problema é que, na verdade, comecei a gostar das suas pequenas travessuras. E não posso permitir isso. Portanto, aquele documento tirânico e condescendente que fiz Tara Popov assinar é tanto para a proteção dela quanto para a minha.

Então, por que diabos ela está sorrindo? E por que eu acho isso irritante e sedutor ao mesmo tempo?

— É mais uma das aventuras picantes da Barbara? — pergunto. — Com quem é agora? Um marinheiro perdido? Outro duque rico, talvez?

— Não seja ridículo. Personagens de romances são como cisnes. Eles acasalam para toda a vida.

— Oh, desculpe. Não queria fazer perguntas tão blasfemas.

— Tudo bem. Eu não esperaria que alguém como você compreendesse o sonho de encontrar um parceiro amoroso para a vida toda.

— Alguém como *eu*?

Ela não responde, apenas continua lendo.

— E então? Por que não?

— Porque você já é casado com sua preciosa Cosa Nostra, DeVille. E, de qualquer forma, não é como se uma mulher sensata pudesse se apaixonar por um

idiota que descreve em um manifesto de dez páginas como ela deve se comportar enquanto estiver casada com ele.

— Esse acordo foi redigido especificamente para você, Tara. Não é algo que eu teria feito por outra pessoa.

— Oh, que sorte a minha! — Ela inclina o queixo, franzindo os lábios. — Um contrato especial para uma esposa especial. Que gentil. Nunca me senti tão única antes.

— Você sabe exatamente por que eu tive que fazer isso.

— Não, não sei mesmo.

— Nosso primeiro 'encontro', quando eu queria levá-la para jantar em um restaurante chique, você apareceu com um moletom curto e aqueles enfeites de plástico no cabelo. Muitas pessoas ricas e poderosas, como donos e CEOs de empresas conceituadas e influentes, muitas das quais colaboram com a Família, jantam no lugar para onde estávamos indo.

— E você tinha medo de que sua dignidade fosse prejudicada se chegasse com uma acompanhante vestida com um moletom velho? Eu não tinha ideia de que seu ego era tão frágil.

— A percepção é a realidade quando se trata dessas pessoas. E a Família não pode se dar ao luxo de ser vista como fraca. Qualquer pessoa pode ser feita ou destruída com base em sua imagem e reputação, o que é verdade tanto na máfia quanto no mundo corporativo. É por isso que você nunca verá um CEO saindo com uma camisa polo ou um diretor financeiro usando chinelos. E como meu trabalho é representar a Família, nunca serei pego em nada tão vergonhoso. Minha acompanhante também não. E, principalmente, minha esposa também não.

— Nossa, você deve ser um virgem.

— Um o quê?

— É um signo do zodíaco. Quando é seu aniversário?

— Nove de setembro. E eu não acredito em astrologia.

— Sim, virgem. Eu sabia. Nossa, nunca conheci um homem tão rígido.

Meus lábios tremem e mal consigo conter o sorriso. É claro que perdi a cabeça, porque, em vez de ficar furioso com a audácia dela em falar comigo dessa maneira, estou achando engraçado. Sua provocação constante me irrita profundamente, mas, ao mesmo tempo, estou ansioso para ver o que ela vai inventar agora.

Minhas reações a Tara Popov estão se tornando mais do que um mero inconveniente. Não acredito que ainda não liguei para Miranda, como venho pretendendo fazer há semanas. Minha ex-amante poderia ter me ajudado a exorcizar essa atração doentia que pareço ter desenvolvido pela minha futura esposa. Por que ainda não entrei em contato com a loira peituda? Ah, certo. Porque toda vez que eu pegava meu celular, a imagem de Tara aparecia na minha cabeça. Uma foto dela, nua e pressionada contra meu corpo, ofegante, tentando respirar enquanto me respondia com sarcasmo. Enquanto eu a fodia até ela perder os sentidos.

Balanço a cabeça e pego o celular. — Um dos parceiros de negócios da Gateway está comemorando o aniversário da empresa na sexta-feira. Você vai me acompanhar.

— Não posso. Nossa *Slava* é na sexta-feira.

— *Slava*? O que é isso?

— Uma grande celebração cultural em homenagem ao nosso santo padroeiro. Todos os nossos amigos e familiares virão para almoçar. — Ela lambe o

polegar antes de virar a página. — Além disso, não posso ir a nenhum encontro falso até depois. Estamos esperando cerca de trezentos convidados, então Keva recrutou toda a família para ajudar a preparar *sarma*. Ela vai me matar se eu tentar dar um bolo.

Trezentas pessoas?

— Tudo bem. A que horas devo chegar na sexta-feira?

Tara fecha o livro com um estalo alto e torce o nariz para mim. — Família e amigos, DeVille. E você não é nenhum dos dois.

Em todos os meus contatos com os sérvios ao longo dos anos, percebi como os homens deles são sedutores. Não vou deixar Tara ir àquela maldita *Slava* sem supervisão. — Vou levar o vinho... minha querida futura *esposa*.

Capítulo 10



— Ele se convidou sozinho, — resmungo enquanto arrumo a linguiça de presunto e as fatias de queijo na grande travessa oval. — Você não pode simplesmente se convidar para a festa da família de outra pessoa.

Sienna pega um ramo de salsa e começa a arrumá-lo em cima da tigela de salada de atum, criando um desenho artístico de flores. — Drago me disse que não é preciso convite para *o Slava*. Todos são bem-vindos, não é?

— Tecnicamente... sim. Mas...

— Vocês dois estão oficialmente noivos agora. Vai ser estranho se ele não aparecer, não é?

— Sim, mas...

— E Drago, junto com todos os outros, certamente ficaria desconfiado se seu noivo não aparecesse. — Ela levanta a tigela de salada, admirando a decoração intricada que criou com salsa e tomates cereja. — Então, na verdade, isso é uma coisa boa.

Franzo a testa. Talvez seja. O comportamento do meu irmão tem sido excepcionalmente estranho ultimamente. Desde que DeVille veio pedir minha mão em casamento, Drago não questionou nosso relacionamento. Nenhuma observação ácida. Nenhuma ameaça dirigida a DeVille. Ele tem agido como se tudo estivesse

perfeitamente normal e até perguntou se eu precisava de ajuda com os preparativos do casamento. Conhecendo a animosidade que Drago sente pelo irmão de Sienna, estou totalmente perplexa com suas ações. É como se ele tivesse mudado completamente.

Meu Deus! E se ele descobriu a verdade? Então essa mudança de comportamento faria todo o sentido! E isso poderia significar... Merda! Drago acredita firmemente que 'a vingança é um prato que se serve frio'. E se ele estiver fingindo que está tudo bem agora, mas na verdade está esperando o momento certo para acabar com DeVille quando ele menos esperar? Durante a cerimônia de casamento, talvez?

— Sienna, — eu engasgo. — Você contou alguma coisa para Drago?

— O quê? — Ela fica parada, olhando brevemente para mim. — Claro que não.

— Tem certeza?

— Eu juro, Tara, — ela diz, de repente muito preocupada em ajustar a posição dos tomates cereja. — Eu não disse nada a Drago... — sua voz baixa para pouco mais que um sussurro, — ...que ele já não soubesse.

— O que você quer dizer...

— Tara! — grita Keva de algum lugar fora da cozinha. — Seu italiano chegou. Como ele chegou cedo, coloque-o para trabalhar. As cadeiras não vão descarregar sozinhas, e Jovan precisa de ajuda no forno.

— É melhor você ir, — diz Sienna. — Eu termino aqui.

Enquanto ela praticamente me empurra para fora da cozinha, eu lhe lanço um olhar desconfiado. — Tudo bem, eu vou. Mas tenho quase certeza de que seu

irmão não vai querer ajudar. Deus me livre que ele amasse ou manchasse seu terno chique.

— Bem, ele te meteu nesse fiasco de casamento. Deixe-o colher o que plantou. É justo, não é? — ela zomba.

Um sorriso se forma no meu rosto. Ela está absolutamente certa. Por que não aproveitar esta oportunidade para humilhar aquele arrogante?

***

— Não.

Dou à minha noiva meu sorriso mais meloso. — Você logo fará parte desta família, querido. É muito importante que participe. — Envolvo os braços em torno do braço de DeVille e encosto a cabeça em seu ombro. — Você não quer que meu irmão suspeite e pense que há algo errado entre nós, quer?

DeVille me lança um olhar que poderia reduzir o chão sob meus pés a cinzas. As linhas duras de seu rosto e o brilho perigoso em seus olhos o fazem parecer infinitamente mais ameaçador neste dia lindo, claro e ensolarado. E bastante bonito.

Ele olha para a parte do quintal onde cinco porcos inteiros e gordos estão espetados em espetos acima das fogueiras. Luto para conter o riso, mesmo com os nervos formigando na nuca por estar tão perto da chama aberta. A expressão em seu rosto, porém, é de total perplexidade com o que está vendo.

— Vocês são completamente loucos. — Ele balança a cabeça. — Assar porcos no quintal como se estivéssemos na Idade Média. Não há uma lei sobre isso ou algo assim?

— E com você sendo um cidadão tão cumpridor da lei, posso entender por que isso o deixa desconfortável.

— Você não espera mesmo que eu fique sentado ao lado da fogueira e passe horas girando porcos sobre as brasas?

Sorrio. Se a fumaça da churrasqueira entrar em suas roupas, temo que DeVille possa ter um ataque cardíaco. — No máximo uma hora. Talvez duas. Como você pode ver, Jovan precisa de uma pausa. Ele já está lá há quase três horas. Mas você é um novato, então se sua sensibilidade delicada não aguenta, eu entendo.

Algo que soa como um grunhido animalesco sai da garganta de DeVille. É profundo, estrondoso e sexy. Meu palpite é que o som significa que ele está frustrado pra caramba. O leve espasmo em seu olho esquerdo corrobora essa teoria. Eu sorrio. Missão parcialmente cumprida. Essa nova tarefa deve levá-lo completamente à loucura. Mas não há como ele fazer isso. Descarregar dez dúzias de cadeiras do caminhão de entrega e carregá-las até o local onde a enorme tenda será montada atrás da casa já deixou sua marca. Seu cabelo, normalmente penteado para trás, parece um pouco mais despenteado do que o pretendido por seu estilo. Ele abandonou a gravata e o paletó em algum lugar. Sua camisa branca imaculada agora está manchada por vários vincos, os menores dos quais estão nas mangas que ele enrolou. Passei a maior parte da última hora admirando os músculos salientes em seus antebraços, observando-os flexionar e ondular enquanto ele carregava as cadeiras em direção à tenda. Satanás tem antebraços muito bonitos. E suas costas... Droga. Suas costas... Largas e esculpidas, formando um triângulo perfeito com sua cintura estreita.

Meu olhar fixo não tinha nada a ver com seu belo físico, é claro. Eu só estava me certificando de que ele não acabasse em outra discussão com Drago ou algum dos outros caras. E a sensação de frio na barriga? Aquela que não consigo tirar da cabeça? Sim, isso também não tem nada a ver com ele. É só minha ansiedade habitual de que algo possa dar errado. Só isso.

Seus olhos se fixaram nos meus, e então ele inclinou a cabeça, aproximando a boca do meu ouvido. — Isso é algum tipo de vingança, não é? *Querida*?

— Claro que não, — sussurro em resposta. — Por que eu teria que me vingar? Não é como se você tivesse me ameaçado culpar-me por um assassinato se eu não fizesse o que você quer.

— Parece que estou sem opções. — Seus lábios roçam minha orelha a cada palavra. — Especialmente com seu irmão espreitando atrás daquela pilha de cadeiras, achando que é invisível. Não podemos dar a ele motivos para suspeitar.

— É verdade. — Aceno rapidamente com a cabeça. O tom de sua voz está me deixando nervosa.

— Estou tão feliz que você concorda.

Um grito escapa dos meus lábios quando DeVille agarra minha cintura. Em um movimento instantâneo, nossos peitos se chocam quando ele nos aproxima quase da cabeça aos pés. A palma da mão de Satanás na parte inferior das minhas costas envia ondas de calor correndo pela minha pele, espalhando o calor por todas as células do meu corpo. Ele segura a parte de trás da minha cabeça com a outra mão, e minhas terminações nervosas se acendem como se fossem queimadas. Seus dedos fortes percorrem meu cabelo enquanto ele me inclina para trás.

Sentindo-me precariamente desequilibrada, agarro seus ombros para me apoiar. — O que está fazendo? — engasgo, presa nas profundezas de seus olhos escuros e sensuais, enquanto sua boca permanece a poucos centímetros da minha.

— Garantindo que seu irmão não tenha dúvidas, — ele rosna e captura meus lábios.

Sua boca toma a minha, e tudo dentro de mim se transforma em lava derretida. O toque de seus dedos em meu couro cabeludo envia ondas de calor correndo pela minha espinha. Seu cheiro me deixa em espiral, queimando de desejo. Quero abraçá-lo. Mais perto. Sentir a pressão de seu peito duro contra meus seios doloridos. Ficar presa em seus braços ardentes, enquanto DeVille incendeia tudo ao meu redor.

Eu o sinto. Sua essência. Irradiando através do meu corpo e da minha mente até que ele esteja em todos os lugares. Em cada molécula. Espalhando-se. Como uma doença. E é tão bom ser infectada, consumida pela destruição que sua boca devastadora traz.

Gritos e risadas explodem ao nosso redor, quebrando o feitiço. Puxando-me para fora do abismo. Meus olhos se abrem, apenas para deparar com um olhar ardente. Ele pode ter libertado meus lábios, mas suas profundezas escuras continuam a me manter cativa.

Uma brisa leve sopra sobre meu rosto aquecido, agitando meu cabelo. Engulo em seco e rapidamente desenlaço os braços em volta do pescoço dele.

— Você deixou seu ponto claro... DeVille.

— Concordo. — Ele acena com a cabeça e se endireita, mas seu braço permanece firmemente envolvido em minha cintura. — Você não acha que já deveríamos nos tratar pelo primeiro nome a esta altura?

A respiração fica presa nos meus pulmões. Quase usei o nome dele, mas consegui me controlar a tempo.

— Não. — Afasto-me, livrando-me do seu abraço. — Tenho trabalho a fazer. Até mais tarde.

Seus olhos me seguem enquanto corro em direção à casa. Fugindo, mas sentindo o peso de seu olhar ardente a cada passo.

Depois daquele beijo, estou fraca demais para enfrentar a questão do nome dele. Muito ferida para resistir à tentação. Muito abalada para admitir a verdade. Há quanto tempo ele percebeu? Quanto tempo ele esperou para me confrontar sobre isso? Tenho sido muito cuidadosa. Nunca o chamo pelo nome. Nem mesmo em pensamento.

Tenho os meus motivos.

Mas, no momento, não estou disposta a arriscar meu destino e deixar o diabo vencer.



— Uau! É muita gente, Sr. DeVille. Parece divertido, no entanto.

— Discutível. — Jogo minha camisa enrolada, cheirando a fumaça e carne assada, no banco do passageiro ao lado de Riggo. — Leve isso para lavar a seco imediatamente. O terno também.

— Claro. Caso perguntem, o que aconteceu? Você derramou vinho ou...

— Passei duas horas assando um porco. Foi isso que aconteceu. — Coloco os braços na camisa limpa que Riggo me trouxe e começo a abotoá-la.

Maldita mulher! E sua família maluca. Eu também poderia me dar um chute por ser um idiota. Se eu tivesse me dado ao trabalho de perguntar a que horas era esse almoço grandioso (aparentemente, às seis da tarde), em vez de presumir que seria ao meio-dia, como qualquer pessoa normal, teria evitado ser arrastado para essa loucura. Eu poderia ter feito algum do trabalho que continua se acumulando na minha mesa, em vez de ser tratado como um dos palhaços do circo Popov.

Lá estava eu, com meu Tom Ford feito sob medida, carregando pilhas de cadeiras dobráveis. Assando um porco no espeto sobre o fogo, enquanto estava cercado por mais quatro. Perseguindo um dos cães de Drago que se soltou e tentou dar uma mordida na carne assada lentamente. E então, fui recrutado para ajudar a montar uma tenda do tamanho de um pequeno país. Uma maldita tenda!

Graças a Deus que essa palhaçada acabou. Com todos os preparativos concluídos bem a tempo, os convidados começaram a chegar há meia hora, ocupando seus lugares em longas mesas dispostas sob o dossel da tenda aberta. O

barulho das conversas compete com a música que sai dos enormes alto-falantes nos quatro cantos do palácio de lona.

Será que esses recém-chegados também vão me fazer ameaças de morte idiotas? A maioria dos homens de Drago já fez as suas. Foi divertido. Nada diz 'Bem-vindo à família' como *'Vamos fritar o seu traseiro'*. Essa foi a mensagem de Jovan, o cara que eu substituí na fogueira. Antes de ir embora, ele sentiu a necessidade de me dizer que espetar uma pessoa como um porco era uma prática comum no passado. Depois, ele me parabenizou pelo meu noivado. Mais tarde, enquanto eu ajudava a perseguir o cachorro, o segundo em comando de Drago, Filip, mencionou que, com apenas uma palavra do meu cunhado, suas feras me rasgariam em pedaços. Em seguida, ele perguntou se Tara e eu tínhamos feito uma lista de presentes em algum lugar. Até Keva, a governanta e mãe de fato deles, pelo que me disseram, não se conteve. Ela se aproximou de mim com uma grande tesoura de carne quando fui à cozinha pegar algo para beber. Batendo as lâminas bem na minha frente, em uma demonstração de força nada sutil, ela me disse o quanto ama Tara. Aquela palhaçada continuou durante toda a tarde. Uma ameaça velada, seguida de votos de felicidade para o meu casamento.

— Oh. Lá está sua noiva, Sr. DeVille. — Riggo enfia o braço pela janela do carro, apontando para algum lugar entre a tenda e a casa.

Segui a direção do seu dedo, tentando localizar a mulher de jeans desbotados e um top curto, com uma massa de cabelos castanhos escuros emaranhados e empilhados aleatoriamente no topo de sua cabeça. Sem sorte. Apenas uma multidão de homens e mulheres em trajes elegantes, indo em direção às mesas do bufê.

— Ela não está... — Meu olhar se fixa em uma mulher com um vestido longo azul claro. Ela está conversando com um cara perto da borda da tenda. A

lateral do vestido esvoaça com a brisa leve, levantando de vez em quando e deixando a perna toda à mostra. Se ela não tivesse movido a mão para segurá-lo, aposto que estaria exibindo a calcinha para todo mundo. Por mais que a visão de uma mulher gostosa faça meu sangue ferver, eu nunca deixaria minha mulher...

Espere!

Eu conheço esse vestido. A última vez que o vi, a pessoa que o usava me jogou um ponche na cara.

Meus olhos se voltam rapidamente para o rosto de Tara. Ela sorri amplamente e de forma amigável enquanto conversa com o cara ao seu lado.

Eles estão flertando?

Cerro os dentes.

Não importa. Ela pode flertar com quem quiser, não me importo.

A mão do rapaz sobe até o braço de Tara.

— Ei, Sr. DeVille! — grita Riggo atrás de mim. — Devo esperar por você ou...

Meus pés devoram a distância até a tenda, enquanto meus olhos permanecem fixos na mão do canalha em Tara. Como ele ousa...

Paro no meio do caminho. Não. Não vou agir como um idiota ciumento e fazer uma cena na frente de todas essas pessoas. Só porque...

A mão do idiota desliza para o antebraço dela.

Uma névoa vermelha enche minha visão.

Encurto a distância até o idiota em dez segundos. Envolvendo a cintura de Tara com meu braço direito, eu a levanto e a tiro do caminho enquanto enfio meu

punho esquerdo no plexo solar do cara. O homem tropeça para trás, com o pé prendendo no cabo de alimentação do alto-falante. O gigantesco aparelho eletrônico, montado em um tripé, inclina-se quando o fio é puxado pelo homem que cai. Por um breve segundo, ele fica suspenso no ar, mas então cai com toda a força sobre a ponta da mesa do bufê. Várias tigelas e travessas de comida voam como projéteis na direção oposta.

— Que merda é essa! — Tara se contorce em meus braços. — O que há com você? Por que diabos você nocauteou meu primo?

Primo? — Você não tem primos.

— Claro que tenho. Baki é o sobrinho da filha do segundo marido da minha bisavó.

Olho para o cara inconsciente no chão, depois para a mulher nos meus braços. — Ele parecia... — *Como se estivesse flertando com você.* — Ele parecia suspeito.

— Suspeito?

Ele estava acariciando seu braço! Limpo a garganta. — Ele tem uma arma.

— Claro que ele tem uma arma, DeVille! Ele é segurança, pelo amor de Deus. Mas, caso você não tenha percebido, todos os homens aqui têm uma arma! Agora me solta para que eu possa ver como ele está... — Ela pega meu queixo e inclina minha cabeça para o lado. — Hum... tem algo na sua testa.

— O quê?

— Acho que é... — Ela estende a mão e passa o polegar pela minha pele. Ele fica manchado com algo branco e pegajoso. Ela aperta os olhos, leva o dedo aos

lábios e lambe. — Sim. É salada de atum. Sienna passou muito tempo arrumando a guarnição. Ela vai te matar quando souber que você destruiu tudo. Me solta para eu ajudar a limpar essa bagunça.

Não quero colocá-la no chão. A maneira como ela está pressionada contra mim me faz sentir cada centímetro de contato entre nossos corpos. É tão bom. E os lábios dela. Tão, tão perto. Deus, quero devorar os lábios dela novamente. Quero...

— Mm-hmm. — Eu rapidamente a coloco no chão e dou um passo para trás. — Certo.

Ainda assim, não consigo tirar os olhos dela, observando como se estivesse enfeitiçado enquanto ela se agacha e começa a recolher as travessas e pratos virados na grama. Ela grita algo em sérvio, e vários convidados se juntam a ela para arrumar tudo. O resto não parece muito perturbado com o que acabou de acontecer. A maioria permanece em suas mesas, bebendo e rindo, sem sequer olhar para cá. A banda continua tocando no lado mais afastado da tenda. Pensando bem, a música nem sequer parou enquanto eu causava aquela cena. Todos estão agindo como se absolutamente nada tivesse acontecido. Se algo assim ocorresse em uma das nossas reuniões de Família, as pessoas estariam em polvorosa. Chocadas. Indignadas. Revoltadas. Inferno, neste momento, até eu estou horrorizado com o meu próprio comportamento.

— Ei, você. Garoto italiano.

Olho para um senhor de macacão jeans que, de alguma forma, apareceu do nada ao meu lado. Ele tem cabelos brancos e desgrenhados e uma barba longa e desgrenhada que cobre metade do rosto. Olhos profundos e enrugados me fulminam por baixo das sobrancelhas espessas.

— Posso ajudar? — pergunto.

— Você machuca nossa Tara, — ele se inclina em minha direção, — nós matamos você.

Minhas sobrancelhas disparam para cima.

— E vai doer. Muito. — Ele levanta a mão e faz um movimento de corte na garganta. — Tchac, tchac, cabeça fora. Velório de caixão fechado. Capisce?

Eu pisco. *Quem é esse cara?*

— Muito bom. Bom italiano. — Ele me dá uma palmada nas costas e enfia uma garrafa de cerveja na minha mão. — Saúde.

Observo o avô maluco se afastar, indo em direção ao galpão do jardim, a poucos metros das portas de serviço da cozinha. Ele pega um ancinho encostado na estrutura e se arrasta até um canteiro ainda coberto pelas folhas da estação passada. Ótimo. Agora até o jardineiro de Popov está fazendo ameaças de morte.

Apertando as têmporas, suspiro. Este casamento é uma ideia idiota. Um erro terrível. Se alguma coisa merece esse rótulo, é isto. Em que realidade alternativa é que aterrei? Só estou grato por Tara e eu termos concordado em definir uma data de validade para este desastre. Caso contrário, se fosse obrigado a conviver com esta família para o resto da minha vida, poderia enlouquecer completamente.

Virando-me, deixo meu olhar percorrer a multidão ao meu redor, procurando por um vestido azul claro em particular. Um momento depois, localizo Tara agachada ao lado do alto-falante caído, com uma bandeja de salada estragada nas mãos. Um gato preto magro está ao lado dela, lambendo a oferta enquanto minha noiva passa os dedos pelas costas do felino.

De repente, tudo ao meu redor parece desaparecer. As pessoas e seu barulho. A música horrível que está alta demais para ser ignorada. Aquele maldito gato preto, que parece idêntico ao que encontrei várias vezes nos últimos meses.

Tudo o que resta é a mulher de cabelos escuros em um vestido azul extremamente sexy. Ela se torna o centro das minhas atenções. A única coisa que vejo.

Quando seus lábios ficaram tão rosados e macios? São eles os culpados pelo desejo irresistível que sinto de beijá-la?

Não, deve ser apenas um truque da luz. E eu só a beijei para desempenhar meu papel nessa aventura descontrolada. Não há outra razão. Nunca poderia haver. Pensar o contrário significaria que eu preciso consultar um psiquiatra.

Como se estivesse hipnotizado, continuo olhando para Tara enquanto ela acaricia o gato. Seus dedos finos passam pelo pelo sedoso do animal, e eu me lembro vividamente da sensação de tê-los passando pelo meu cabelo enquanto eu devorava seus lábios. O ar ao nosso redor parecia quente, e cada um dos meus nervos pulsava com uma tensão crua e fervorosa. Eu queria estar em outro lugar. Em algum lugar sem outras pessoas. Apenas eu e ela. Sozinhos. Para que eu pudesse fazer muito mais do que apenas beijá-la. Para que eu pudesse deslizar minha mão por baixo daquele...

Chega!

Levanto a garrafa de cerveja à boca e bebo o conteúdo. O cansaço e a falta de sono estão obviamente a afetar-me. É a única explicação para eu estar a perder a cabeça. Atirando a garrafa vazia para o caixote do lixo, dirijo-me para Tara.

— O casamento é daqui a duas semanas. Você já começou a fazer as malas? — pergunto quando chego perto dela.

— Não. Por quê?

— Comece. Mas não se preocupe com essa roupa ou qualquer outra coisa que faça você parecer uma vagabunda comum. Ninguém quer ver você exibindo a bunda em uma sociedade civilizada.

Acredito que minhas palavras a deixaram momentaneamente atordoada. Mas ela se recupera rapidamente e empina o queixo. Seus olhos verdes endurecem, tornando-se cristais transparentes. Frios. Estreitos. Lançando facadas em mim.

Isso foi o suficiente. Nos levou de volta ao que éramos antes.

Odiando tudo um no outro.

Como deveríamos.

Ótimo.

Capítulo 11



— E então? — Ajeito meu véu e dou uma pirueta rápida na frente do espelho da parede. — O que você acha?

A expressão horrorizada no rosto de Sienna é absolutamente cômica. Ela está paralisada no meio do meu quarto, os olhos frenéticos vagando de cima a baixo enquanto ela fica boquiaberta diante do meu vestido de noiva.

— Arturo vai ficar louco, — ela sussurra.

— Não vejo por quê. Segui cada uma das suas especificações.

Meu vestido é longo, cobrindo-me do pescoço até a ponta dos sapatos pontudos. A saia de cetim fosco cai em um gracioso corte em A. A cintura império e a cauda modesta exalam sofisticação atemporal e criam uma silhueta lisonjeira. As mangas compridas justas e o corpete que envolve o corpo são uma fusão de detalhes drapeados e tecido rendado, e um cinto delicado e um lindo broche incrustado de pérolas prendem logo abaixo do busto. Um deslumbrante motivo floral acrescenta um toque de mistério ao decote oculto. Para um efeito ainda mais dramático, uma faixa em cascata desce da cintura elevada até à frente do vestido. Sorrio para o meu reflexo no espelho. O vestido é elegante e mil vezes melhor do que eu alguma vez imaginei que poderia ser.

— É *preto,* Tara!

— Não é minha culpa que seu irmão não tenha especificado a cor no contrato pré-nupcial. Isso significava que eu era livre para escolher qualquer tom que quisesse. Ele estabeleceu as regras e eu apenas explorei uma lacuna, então ele não pode culpar ninguém além de si mesmo. Pelo menos o vestido não é tão deprimente quanto o que eu pedi inicialmente. Originalmente, eu só pedi a Zahara Spada algo adequado para usar em um funeral. Este é lindo, não é? — Meu decote não está à mostra. O decote alto e majestoso cuida disso completamente, na verdade. É verdade que há um pequeno recorte através do elaborado padrão floral tridimensional. Mas isso é renda! Sem fendas significa que ninguém corre o risco de ver minhas partes íntimas. Porque Deus me livre que um velho italiano veja minhas costas. Nossa! — E olha, vem com um acessório para a cabeça em estilo vintage com miçangas e rede. — Coloco a tiara e arrumo a borda do véu curto sobre a parte superior do rosto. — Perfeito.

— Você não pode aparecer no seu casamento vestida de preto! Vai causar um escândalo épico.

— Ah, estou contando com isso.

Sienna agarra meus ombros, me vira para ficar de frente para ela e puxa a faixa de cabelo com o véu da minha cabeça.

— Ouça, eu entendo. Você quer se vingar de Arturo por tê-la obrigado a se casar com ele. Mas vocês dois chegaram a um acordo, não foi? É só por um ano. Por que não tentar tornar isso o menos doloroso possível, para o bem de ambos?

— Não tive escolha, Sienna. Ele me encurralou e não posso deixá-lo se safar. Posso ter concordado, mas nunca serei quem ele espera que eu seja. Então, sim, pretendo explorar todas as brechas, todas as ambiguidades daquele acordo pré-nupcial cheio de cláusulas insultantes que ele me obrigou a assinar. Ficarei mais do

que feliz em lidar com a ira do seu irmão se isso significar que terei minha chance de me vingar dele.

— Arturo nunca te machucaria. Eu o conheço.

— O homem que você conhece é seu irmão. Arturo. O homem que te criou, cuidou de você, te amou acima de tudo. Mas ele é *esse* homem apenas para você e sua irmã. Para todos os outros, ele é Arturo DeVille, o braço direito de Salvatore Ajello. O subchefe da Cosa Nostra de Nova York. Implacável. Cruel. Incapaz de sentimentos altruístas, assim como seu chefe. Acredite em mim. — Coloquei o véu de volta no lugar e peguei minha bolsa preta na cama. — E vou garantir que, pelo resto da vida, ele amaldiçoe o dia em que decidiu se meter comigo.

O barulho agudo dos meus saltos no chão de madeira quebra o silêncio anormal na mansão. Enquanto desço correndo a ampla escadaria, o eco dos sapatos amarelos brilhantes de Sienna me segue de perto. Quase todos já estão no local do casamento, restando apenas Drago e Keva na casa. Ambos estão esperando na porta da frente, com os rostos inclinados para cima, boquiabertos ao me ver descer.

— Tara! — exclama Keva quando paro diante deles. — Que diabos é isso?

— Artie e eu queríamos combinar nossas roupas para o nosso grande dia. — Sorrio. — Tão fofo, não é?

— Isso não é apropriado. Preto é para luto, garota, não para se casar. Drago, por favor, faça ela entrar em razão e mudar essa roupa agora mesmo.

Dou uma olhada para meu irmão, esperando que ele comece a questionar minha escolha de roupa. Ou, mais especificamente, minhas razões por trás disso. Até este momento, eu nem considerei que isso poderia dar a ele uma pista de que algo não estava como parecia. Merda.

Drago me examina com os olhos semicerrados pelo que parece uma eternidade, depois inclina a cabeça até ficarmos cara a cara. — Tem algo que queira me dizer, mana?

— Bem... — mordo o lábio inferior, — ...pedi aos rapazes para desmontar e embalar as minhas estantes e levá-las para a minha nova casa. Espero que não se importe?

— Claro. Quer compartilhar mais alguma coisa? — O olhar dele fica mais intenso quando sua atenção se concentra no meu véu preto.

— Hum... acho que posso ter matado Norbert.

Uma de suas sobrancelhas grossas se ergue.

— O lírio da paz que você me deu. Ele está com apenas algumas folhas, mas vou levá-lo comigo mesmo assim. Com tudo o que está acontecendo, esqueci de regá-lo regularmente. E, você sabe, as plantas precisam de água. Mas tenho certeza de que ele vai se recuperar rapidamente. Um novo começo para nós dois. — Estou tagarelando como uma idiota, mas Drago me deixa nervosa pra caramba quando me olha assim. Como se ele visse através de cada uma das minhas mentiras.

— Hum-hum. Espero que você e a planta gostem da mudança de cenário. Adorei o vestido, a propósito. — Ele se endireita e abre a porta da frente. — Hora de ir, então. Não podemos deixar *o Artie* preocupado porque você não apareceu, podemos?

— Sim. Claro. — Eu forço um sorriso e rapidamente passo por ele.

— Ah, só mais uma coisa, Tara.

Paro de andar. — Sim?

O cascalho range sob as solas dos sapatos de Drago quando ele se aproxima por trás de mim. Seu passo é calmo e medido. Ele para bem ao meu lado e se inclina para sussurrar em meu ouvido.

— Eu te amo, Tara. E sempre estarei aqui para você. Não importa o que aconteça, vou ouvir e ajudar se precisar. Mesmo que seja algo muito ruim. Sei que você quer fazer as coisas sozinha, mas espero que perceba que não precisa. Tudo o que você precisa fazer é pedir. Nunca tenha medo de fazer isso. Ok?

— Sim.

— Ótimo. Além disso... Se eu descobrir que aquele idiota italiano te machucou de alguma forma... de qualquer forma... eu vou matá-lo.

Um arrepio frio percorre minha espinha. Isso. Era exatamente disso que eu tinha medo. Reunindo toda a determinação que ainda restava em mim, viro-me e levanto o queixo.

— Obrigada. Vou lembrar disso. Mas fique tranquilo, o que sinto por ele, nunca senti por nenhum outro homem. Acredite em mim.

***

A porta do carro se abre.

— Chegamos.

Olho para a mão estendida do meu irmão, incapaz de me mover. Começou a chover quando estávamos a meio caminho do local do casamento. O som das gotas de chuva batendo no teto do carro ecoava dentro da minha cabeça, fazendo-me sentir como se alguém estivesse batendo com um martelo na minha têmpora. Ou talvez

fosse apenas o meu coração. Meu pulso disparava a cada quilômetro que nos aproximávamos.

— Tara?

— Desculpe. — Pego a mão de Drago, imaginando que é uma tábua de salvação, e saio do carro. — É só... estou animada. E... ah... nervosa também.

— Ei. Eu sei que vai ter um monte de gente lá que você não conhece. Se achar que não consegue lidar com isso, é só dizer. Eu me livro deles mais rápido do que você pisca, e a gente pode ter uma cerimônia mais íntima.

— Estou bem, Drago. Mas obrigada. Você é o melhor irmão que uma garota poderia ter.

A tensão no meu peito aumenta à medida que me aproximo do edifício, e sinto como se algo enorme e pesado estivesse pressionando-me, tornando a respiração quase impossível. Minhas pernas ficaram pesadas como pedra, dificultando a subida dos degraus de granito escorregadios. O casamento seria adiado se eu acidentalmente escorregasse e quebrasse uma perna? Provavelmente não. Satanás provavelmente exigiria que completássemos a cerimônia antes de considerar me levar às pressas para o pronto-socorro.

No topo da grande escadaria, dois manobristas em uniformes vermelhos e dourados estão segurando as portas duplas de vidro abertas. O saguão do luxuoso resort escolhido como local para a cerimônia está repleto de flores brancas e verde-claras. Elas estão por toda parte. Ao longo das paredes, suspensas no teto alto, dispostas em vasos altos e transbordantes colocados na base da pérgula coberta por tecido de chiffon. Mais arranjos criam uma estrutura em forma de túnel com lindas flores que leva a outro conjunto de portas. Além delas, está o salão de conferências que foi transformado em um local para casamentos.

Um corredor épico, emoldurado por flores, divide fileiras e mais fileiras de cadeiras brancas, onde pelo menos quinhentas pessoas se reuniram.

Todas elas, olhando para mim.

Se eu não estivesse segurando o braço de Drago, sem dúvida teria tropeçado ao entrar. Controlo meus traços para esconder o pânico que ameaça me consumir e dou passos cuidadosos em direção ao altar e à mesa coberta de cetim branco na parede oposta.

Todos os olhos arregalados que encontro estão me encarando com curiosidade, descrença e indignação.

Todos, exceto um.

Vestido com um terno preto impecável, Arturo DeVille está me esperando no final do caminho. Seu olhar sombrio segue cada passo meu. Apesar de parecer um noivo digno, reconheço a expressão controlada em seu rosto. Não há surpresa, nem choque escondido em suas feições. É raiva pura e selvagem. Escondida atrás da máscara de um sorriso educado destinado a enganar todas essas pessoas.

Murmúrios seguem-me de ambos os lados do corredor, sussurros *de reprovação* perseguem-me pela direita. O lado do noivo, onde estão sentados os membros da Cosa Nostra. Nada disso faz os pelos da minha nuca se arrepiarem como o olhar nos olhos do diabo. Aprendi a reconhecer o ódio cuidadosamente escondido que paira nas profundezas dos seus olhos cor de chocolate sempre que o seu olhar se volta para mim.

Esse olhar irado tem sido meu companheiro constante nas últimas duas semanas. Desde aquele beijo encenado que Arturo me deu no *Slava*. O beijo que, para mim, não pareceu falso. Até aquele momento, as coisas entre nós estavam indo bem. Nós até conseguíamos nos divertir às vezes. Mas então, tudo mudou.

Desde aquele dia, DeVille voltou a ser Satanás. Ele tem agido irritado e, ocasionalmente, francamente maldoso. Saímos mais cinco vezes para manter as aparências, e cada uma de nossas interações ficou progressivamente pior. Sua animosidade recente rivaliza com seu comportamento na noite em que tentou me incriminar pelo assassinato de Stavros.

Eu me pergunto: o que diabos aconteceu? O que o levou ao limite? Não consigo entender sua mudança de atitude e, francamente, o fato de me importar está me irritando. Se ele quer ser um idiota, pode ser idiota de uma vez. Isso só está me fazendo sentir menos culpada pela escolha do meu vestido de noiva.

A cada passo que dou em direção ao meu noivo, vejo sua fúria. E uma promessa de retaliação. Quero desviar o olhar, mas não consigo. É como se ele tivesse me enredado, forçando meus olhos a se fixarem nos dele. É a mesma sensação hipnótica de quando ele me beijou. Que poder é esse que DeVille exerce?

Seus beijos se enterraram em minha consciência, tão profundamente que não consigo apagar as memórias ou as sensações que eles despertaram. E agora ele me mantém cativa, prendendo-me em seu olhar sem fundo. Por que não consigo me afastar daquele brilho perigoso em suas profundezas escuras, que queimam como se o fogo do inferno estivesse ardendo dentro delas?

Talvez ele seja realmente Satanás em pessoa.

— DeVille, — diz Drago ao meu lado enquanto nos aproximamos do altar. — Não me faça matá-lo.

— Tara nunca será a razão pela qual você tentará. — O sorriso de DeVille ilumina seu rosto.

Drago beija minha bochecha e se vira, sentando-se na primeira fila do lado da noiva. Deixando-me em pé ao lado do meu futuro marido. Um homem que mal

consegue se controlar, contendo com dificuldade o desejo de me eliminar da face da Terra.

— Muito bem jogado. — O tom aveludado de sua voz me faz estremecer. Um sorriso ameaçador se forma em seus lábios quando ele estende a mão e segura a minha. — Mas você logo perceberá que nem todas as vitórias são doces, *gattina nera*.

Minha garganta está tão seca que parece que engoli um monte de bolas de algodão. Eu me forço a desviar o olhar, a focar no celebrante do casamento. Felizmente, ele não parece ter ouvido as palavras do meu noivo. Elas foram dirigidas apenas a mim. Seria uma ameaça? Na verdade, não soou como uma. Mais como... como uma promessa.

Oh Deus, o que eu fiz? Permiti que alguns sorrisos tortos e dois beijos arrebatadores me fizessem esquecer quem ele realmente é. Fui longe demais em um jogo que não tenho certeza se posso ganhar. Será que eu realmente acreditei que poderia mexer com o segundo no comando da máfia italiana de Nova York? Será que eu esperava escapar impune? Pelo aperto de ferro em minha mão, fugir não é mais uma opção.

Minha maldita ansiedade atinge outro nível. Nada do que tento parece afastá-la. Ela sobe pela minha espinha como uma criatura de muitas pernas, fazendo-me estremecer e suar frio.

Eu deveria ter confiado no meu irmão. Se eu tivesse contado a verdade para Drago, ele teria encontrado uma maneira de me tirar desse desastre, e talvez tivéssemos conseguido resolver tudo sem derramamento de sangue. Mas eu era teimosa demais para pedir ajuda. Orgulhosa demais para admitir que tinha feito

merda de novo. E apavorada demais com a possibilidade de que minha última burrada levasse à morte dele.

E agora é tarde demais. Com tantos membros da Cosa Nostra presentes, cancelar tudo seria como dar um tapa na cara deles. Um sinal flagrante e público de desrespeito. E um motivo potencial para uma guerra aberta entre nossas duas organizações.

O celebrante começou a falar, mas as palavras simplesmente passam por mim, sem que nenhum de seus significados penetre. Eu encaro os lábios em movimento enquanto o pânico cresce e cresce dentro de mim. Está ficando cada vez mais difícil respirar.

— Aceito. — A voz de Arturo troveja ao meu lado, quase me fazendo recuar. Tudo dentro de mim fica tenso. Isto é real. Estou a casar-me. Com Arturo DeVille.

Voltando sua atenção para mim, o oficial me fulmina com seu olhar repreensivo, como se eu tivesse cometido um crime indescritível. Ele fala, mas suas palavras continuam a me escapar. Tudo soa abafado, como se viesse das profundezas do mar.

— Tara. — Um murmúrio à minha direita, seguido por um aperto na minha mão. — Diga.

O quê? Ah, certo. Respiro fundo.

Exatamente como quando eu era criança, prestes a fazer ou dizer algo que eu sabia muito bem que não deveria, cruzo os dedos. Dou sorte de uma das minhas mãos estar escondida na dobra da minha saia, o que me permite esse pequeno gesto de superstição. Um ato instintivo de rebeldia vindo das profundezas do meu cérebro enevoado.

— Aceito. — Aquilo não parecia a minha voz, mas sei que foi o que disse.

DeVille colocando a aliança no meu dedo mal chega a registrar. É uma aliança grossa de ouro amarelo que pesa uma tonelada. Ou pelo menos é o que parece. Como uma algema. Brilhando ao lado do anel de noivado.

Sentindo-me ansiosa e confusa, olho para cima e vejo-o a olhar para mim com uma expressão severa, as sobrancelhas franzidas.

— É a sua vez, — ele diz sem mover os lábios, gesticulando discretamente com os olhos e inclinando ligeiramente a cabeça para a menina que está ao nosso lado. Ela é bonita, com um vestido de princesa com babados, segurando uma almofada de veludo branco. Sobre a pequena almofada repousa uma aliança maior. Como eu não notei a menina antes?

Tremendo, pego o anel. Como se estivesse em câmera lenta, levanto a mão esquerda de DeVille e começo a deslizar a aliança em seu dedo. A maldita coisa fica presa em sua articulação. *Merda.* Sinto o olhar de centenas de olhos fixos em mim e minha incapacidade de colocar o anel no meu noivo. O silêncio ao nosso redor é ensurdecedor.

— Não deixe cair, — Arturo sussurra para que só eu possa ouvir. — Dá azar.

— Não pode ficar pior do que isso, — digo baixinho, mordendo o lábio enquanto empurro a aliança de ouro com toda a força que consigo. Finalmente ela desliza para o lugar. *Graças a Deus.*

De repente, sinto meus ouvidos entupidos, então tento engolir. A sala está começando a girar? A única coisa que parece me manter firme neste momento é o calor da mão de Arturo se espalhando pela minha. Não. Arturo não. Satanás. Satanás DeVille. Preciso me lembrar disso.

Olho em volta, avisto a caneta ornamentada e os documentos na mesa de assinaturas e automaticamente dou um passo em direção a ela. A pressão na minha mão me faz parar. Apenas por uma fração de segundo, porque meu noivo é rápido em me levar até lá. Ele pega a caneta e assina a licença de casamento.

É a minha vez, e quase deixo cair a caneta. Por que me sinto meio tonta? Concentro-me na linha pontilhada na parte inferior da página e, de alguma forma, consigo assinar meu nome. O sobrenome parece um pouco torto. Provavelmente porque meus dedos estão tremendo. Percebi isso enquanto assinava. Não sou mais uma Popov. Tive que escrever DeVille.

Agora sou Tara DeVille.

Sra. Arturo DeVille.

Sou oficialmente a noiva do diabo.

Voltamos ao altar depois que nossas testemunhas também assinam e ficamos diante do oficiante. Fecho os olhos, sem querer encarar a verdade.

— Eu os declaro marido e mulher.

Ele disse mais alguma coisa depois disso? Não tenho certeza. Aplausos estrondosos tomam conta da sala, ameaçando me sufocar como o pesadelo que eu costumava ter quando era criança. Um em que eu estava presa sozinha em um quarto escuro e uma cacofonia de vozes de repente irrompia ao meu redor. Do fundo da minha mente, de trás das paredes escondidas... todas me chamando, me pedindo para me juntar a elas. Eu nunca soube para onde elas queriam que eu fosse e, por mais que eu pressionasse as mãos contra os ouvidos, não conseguia abafar as vozes. Naquela época, a única saída era a luz brilhante do dia. Agora, infelizmente, não há como acordar desse pesadelo.

Abro os olhos e pisco, tentando clarear a névoa que tomou conta da minha visão. Virando-me, encaro meu noivo, enquanto meu coração bate forte contra o peito e um zumbido pulsante ecoa em meus ouvidos. É alto o suficiente para abafar os gritos da multidão na sala. Tremo quando calafrios gelados me atingem como ondas. Estou ficando doente? Está muito frio aqui. Por que está tão frio de repente? E por que o rosto do meu marido está começando a balançar na minha frente?

Seu braço forte de repente envolve minha cintura. Meus pés saem do chão quando ele me levanta contra ele.

— Não ouse desmaiar, Tara. — Sinto suas palavras vibrarem através de seu peito, pressionado contra o meu. — Toda a Família está aqui, observando.

— Você e sua família podem ir para o inferno, Satanás, — ofego. Parece que não há oxigênio suficiente nesta sala. — Preciso sair daqui. Agora.

Seu aperto na minha cintura se intensifica. Ele agarra meu queixo com a mão livre e inclina meu rosto para cima, examinando-me com os olhos semicerrados. Vejo o exato momento em que ele percebe o que está acontecendo.



Eu deveria ter percebido antes.

Falta de ar. Olhar desfocado. O jeito que suas mãos tremem enquanto apertam as minhas com força. Normalmente, sou muito mais observador do meu entorno. Se fosse qualquer outra pessoa, provavelmente teria percebido imediatamente. Mas Tara sempre teve uma habilidade incrível de me irritar. Ela faz isso como ninguém. Perto dela, toda a minha capacidade mental se divide entre lutar contra minha atração e tentar conter a raiva que ela me causa. Estou fervendo desde o momento em que as portas do corredor se abriram e minha noiva, vestida de preto, apareceu na soleira da porta. Mas, olhando para ela agora, tão frágil de repente e desmoronando em meus braços, minha fúria se evapora, transformando-se em profunda preocupação.

— Respire, — sussurro.

— Estou... tentando. — Ela parece apavorada. Sua voz está trêmula.

Porra.

Meu olhar cai sobre seus lábios ligeiramente entreabertos. Todos estão esperando pelo beijo enquanto parecemos estar trocando palavras de amor. Eu não ia beijá-la. Não podia me permitir chegar perto daquela boca encantadora novamente. Não tinha ideia de como iria me esquivar sem fazer uma cena ou chamar atenção, mas agora isso não importa mais.

Ela está tendo um ataque de pânico.

Sem uma ideia melhor do que fazer, tomo a única atitude possível.

Uma que prometi a mim mesmo que nunca repetiria.

Prendo minha boca na dela.

O fogo acende dentro das minhas veias, queimando cada célula do meu corpo. Ele me consome tão completamente que os gritos explodindo ao nosso redor são insignificantes no meu radar. Nada importa. Nada além da mulher deliciosa agarrada a mim.

Devoro seus lábios como um homem faminto. Durante semanas, imaginei fazer isso, precisando saber se meu próximo beijo seria tão bom quanto os dois anteriores. É mais. Muito mais. Mais doce. Inebriante. Revigorante.

Uma onda de pura energia percorre meu corpo.

Ou talvez um pouco mais abaixo.

Após um momento de hesitação, ela retribui o beijo com o mesmo vigor que eu e enterra os dedos em meu cabelo. Apertando os fios, arranhando meu couro cabeludo com as unhas. Dentes delicados e afiados afundam em meu lábio inferior. A gatinha selvagem me mordeu.

Eu a mordo de volta.

Querendo aprofundar o beijo, inclino a cabeça e sinto algo estranho roçar minha bochecha. Em algum lugar no fundo da minha mente, percebo que é o véu dela. Sem quebrar o beijo, deslizo minha mão até o topo da cabeça dela, tiro a faixa ridícula com aquela coisa parecida com uma rede e jogo atrás de mim. Como se um vestido de noiva preto não bastasse, ela acrescentou um véu de luto ao traje.

— Ninguém jamais me desafiou como você fez hoje, — murmuro em sua boca.

— Ótimo, — ela murmura de volta. — É fundamental manter seu enorme ego sob controle.

Meus lábios se contorcem com uma risada silenciosa. Ela parece ter voltado a ser ela mesma.

Os aplausos e gritos estridentes cessaram, e apenas palmas educadas permanecem. Provavelmente já ultrapassamos o beijo aceitável em um casamento, mas não me importo com nada disso agora. O sabor de Tara se tornou ambrosia para mim. A cada sabor, meu desejo por ela cresce.

Deslizo as palmas das mãos até a bunda dela, levantando-a mais alto, mais perto, acomodando sua pélvis sobre minha virilha. Ela imediatamente envolve minhas pernas com as pernas, com apenas as camadas de nossas roupas entre nós. Espero que a saia dela esconda o quanto meu pau está duro. Ele está pronto para romper meu zíper desde o instante em que nossos lábios se encontraram.

Uma dor aguda atravessa a parte de trás da minha cabeça quando ela puxa meu cabelo, enquanto sua boca continua atacando meus lábios. Gatinha selvagem. Quando ela solta meus cabelos, suas palmas deslizam pelo meu pescoço até chegar à minha gravata. E então, ela começa a desatar o nó. Eu rosno profundamente e agarro seu queixo com os dedos.

— Sua manobra de gerenciamento de crise é de primeira. — Eu sorrio, bebendo sua imagem. Bochechas coradas, cabelo completamente despenteado, maquiagem espalhada por todo o rosto, e ela está ofegante como se tivesse sido subitamente desconectada de um suporte de vida. — Depois disso, ninguém vai se lembrar do seu vestido de noiva.

Dois olhos verdes brilhantes, emoldurados pelos cílios mais longos e escuros, me olham confusos. — O quê?

— Você tentando arrancar minhas roupas no altar, na frente de todos os nossos convidados, pode ter chocado todo mundo a ponto de esquecerem seu vestido preto.

Ela pisca, depois olha lentamente para a assembleia reunida, para as centenas de pessoas que nos olham, perplexas. A sala está mortalmente silenciosa. A multidão está prendendo a respiração.

O foco de Tara volta para mim. Em vez de confusão, aquele olhar apavorado está de volta aos seus olhos, e seu lábio inferior está tremendo.

— Eu.... — O aperto de suas pernas em torno da minha cintura se intensifica. — Eu... Podemos ir embora, por favor?

— É esse o plano. A recepção foi preparada no salão de banquetes ao lado.

Qualquer cor que ainda restava em sua pele desaparece. Como se estivesse inesperadamente exausta, ela envolve os braços em volta do meu pescoço e enterra o rosto na cavidade da minha garganta. — Acho que não consigo mais lidar com a multidão hoje.

Minhas narinas formigam com a fragrância do seu xampu de morango. O aroma doce e levemente ácido de frescor, verão e apenas ela. Eu o inalo, absorvo-o. Delicio-me com sua essência. Eu deveria insistir para que fôssemos à recepção, fazê-la sofrer horas de brindes desconfortáveis e poses pomposas. Seria um castigo adequado pelo que ela fez hoje. Ela precisa saber desde o início que minha tolerância por comportamentos desrespeitosos é menor que zero. Mesmo quando se trata da minha esposa.

Mas, enquanto seguro o corpo trêmulo de Tara nos meus braços, em vez de uma gata selvagem desafiadora, ela parece um gatinho abandonado, tremendo na chuva. Sou instantaneamente tomado por um desejo de protegê-la, mantê-la longe

do perigo. Quero que meus braços a protejam a partir de hoje. Quero ser aquele a quem ela recorre em busca de calor.

O que é mais do que idiota, considerando que na maioria das vezes não consigo ficar na mesma sala que ela sem perder a cabeça.

Sem mencionar que essa gatinha é mais do que capaz de arrancar meus olhos com suas garras minúsculas.

Mas hoje não. Ela desistiu da luta.

Meus olhos examinam a sala, observando os convidados ainda sentados em fileiras, esperando com visível confusão que façamos nossa saída pelo corredor. Já deveríamos ter saído, não continuado em pé no altar por minutos a fio.

— Não há como incitar um escândalo ainda maior ao não aparecer no nosso próprio banquete de casamento, Tara.

— Meus dentes estão na sua artéria carótida, Satanás. — Seus lábios roçam minha pele enquanto ela sussurra em meu pescoço. — Quer transformar isso em um casamento ensanguentado?

Não consigo deixar de rir. Sua voz está fraca e trêmula. Ela ainda está cambaleando, mas não deixa que isso a impeça de fazer a ameaça. Minha gatinha selvagem e agressiva.

Mudando minha mão debaixo de sua bunda, pego meu celular na jaqueta e ligo para meu motorista.

— Riggo. Preciso do carro na entrada dos fundos.

***

— E agora? — Tara pergunta, levantando a cauda do vestido do chão do carro.

Ignoro a chamada de Cosimo e concentro-me na minha *doce* noiva. No momento em que saímos do local, ela praticamente saltou dos meus braços e correu para o carro que nos esperava. Desde então, ela tem estado taciturna no seu lugar ao meu lado. Estas são as primeiras palavras que ela diz nos últimos vinte minutos.

— Agora, vamos te ajudar a se instalar na sua nova casa. Suas coisas já devem ter chegado.

— Eu só tenho um lar. E você me fez deixá-lo para trás, junto com tudo o mais. Família. Amigos. Minha liberdade.

— Vamos mesmo discutir isso de novo? Fizemos um acordo. Pare de reclamar de tudo como se fosse o fim do mundo.

— Não estou reclamando! Como você pode esperar que eu fique animada por ser forçada a passar um ano da minha vida morando com um homem que mal conheço?

— Acho que já nos conhecemos bem o suficiente. — Meu celular está tocando de novo, então eu pego e olho para a tela. Nino Gambini. Provavelmente ligando para saber onde diabos estamos. — Tenho uma agenda lotada nas próximas semanas. Além das coisas normais do trabalho, tenho vários compromissos sociais que preciso cumprir. Vou te enviar o link da minha agenda.

— Por que você acha que eu dou a mínima para a sua vida social?

— Conforme estabelecido em nosso acordo, você vai me acompanhar a todos eles, Tara. Certifique-se de que sua roupa seja adequada.

— Sim, sim, Satanás. — Ela me lança um sorriso condescendente. — Alguma outra instrução?

— Sim. Pare de se dirigir a mim dessa maneira.

— E como você gostaria de ser chamado? Vossa Alteza? Sr. DeVille, talvez?

— Arturo basta. Ou, sempre há 'querido'.

— Com certeza, *querido*.

O carro diminui a velocidade, virando em direção ao portão e, além dele, à casa.

— Você tem algo contra o meu nome? — pergunto.

— Por quê?

— Porque você nunca o usou. Nem uma vez. É sempre *DeVille*.

Tara desvia o olhar. — Parece que minhas coisas chegaram.

O carro para ao lado de um caminhão de mudança de tamanho considerável estacionado na entrada da minha casa. Uma montanha de sacolas e caixas está empilhada na varanda, bloqueando quase completamente a porta.

— Tem certeza de que empacotou tudo? — pergunto, saindo do carro e estendendo a mão para ajudar Tara a sair.

— Acho que sim, — ela responde cantarolando, ignorando completamente meu gesto, — mas Drago vai trazer qualquer coisa que eu tenha esquecido.

— Eu estava sendo sarcástico, Tara. O que diabos você tem nessas coisas?

— Livros. Roupas. Livros. Minha poltrona favorita. Estantes. Mais livros.

Balanço a cabeça. *Cristo*. — Isso não vai caber no quarto antigo de Sienna.

— Hmm, que pena. Acho que vou precisar do maior quarto que você tem.

— Seria o quarto principal. E, por acaso, ele é meu. — Eu me inclino para sussurrar em seu ouvido. — Você está se oferecendo para dividir o quarto comigo?

— Deus me livre. Qualquer outro quarto que seja grande o suficiente para caber todas as minhas coisas e que também seja o mais longe possível do seu covil serve. Por favor e obrigada.

Um sorriso malicioso se forma nos meus lábios. Não que eu tivesse a intenção de permitir que ela usasse o quarto de Sienna. — Como quiser.

Os olhos de Tara se estreitam enquanto ela me encara com desconfiança. Mas então, ela levanta o queixo e se dirige para a porta da frente.

Não, isso não vai acontecer. Alcançando-a, rapidamente a pego nos braços.

— Ei!

— Aparências, *gattina*. É tradição o noivo carregar a noiva pela soleira da porta.

— Ninguém da sua preciosa família está por perto, então não há necessidade dessa fingimento. Me solte.

— Minha governanta está aqui, e ela adora fofocar. Desistir da nossa recepção de casamento é o máximo que estou disposto a abrir mão das tradições por você. E só fiz isso porque você teve um ataque de pânico e quase desmaiou no altar.

— Eu não tive um ataque de pânico! E não desmaio. Você deve ter me confundido com uma de suas delicadas garotas italianas.

— Eu nunca cometeria um erro desses. Você é o oposto de uma mulher italiana. — Deixei seus pés tocarem o chão e acenei para minha governanta, que estava nos observando com os olhos arregalados do pé da escada. — Greta vai te mostrar o caminho. Suas coisas serão levadas para cima em breve.

— Ótimo. — Tara tenta tirar minha mão de seu quadril. — Você se importa?

— Acho que você esqueceu algo. — Puxo-a para mais perto. — Há muitas testemunhas com todos os caras da mudança por perto e Greta aqui. Tenho certeza de que eles esperam que os recém-casados demonstrem seu amor. Um beijo garantiria a eles que tudo está como deveria estar.

— Não suporto você. Os três incidentes anteriores em que beijei você na frente de nossas famílias por causa das aparências já foram terríveis o suficiente. Não tenho interesse em repetir a experiência. Tipo, nunca mais. Então, o que te faz pensar que eu beijaria você por causa dos seus funcionários?

— Meus sentimentos por você não são tão diferentes, Tara. Colocar minha boca na sua é como me deixar ser queimado vivo. Mas sacrifícios pessoais devem ser feitos para o bem maior. — Eu a puxo para o meu peito. — Certifique-se de que pareça genuíno.

Os lábios de Tara se abrem em um sorriso açucarado. Ela segura meu rosto entre as palmas das mãos e roça levemente meus lábios com os dela. — Claro. Deixe-me mostrar o quanto eu amo ser sua esposa, *querido*.

Felicidade absoluta. É assim que me sinto ao ter a boca dela na minha novamente. Seu perfume... sua suavidade... o doce, doce... DOR!

— Opa. — A pequena gatinha sorri inocentemente enquanto lambe uma gota do meu sangue do lábio inferior. — Desculpe, querido. Me empolguei um pouco. Mas você insistiu que eu mostrasse a profundidade dos meus sentimentos.

Minhas narinas se dilatam. A fúria explode dentro do meu peito, mas não tem nada a ver com a manobra dela. Estou furioso comigo mesmo, com as reações do meu corpo e da minha mente. Porque cada vez que nos beijamos, sinto como se estivesse conectado diretamente a uma fonte de energia bruta que faz meu coração acelerar e todos os meus neurônios pegarem fogo. Todos os meus sentidos se intensificam no momento em que nos tocamos. Ela faz isso comigo. Só ela. Acorda-me do mundo de zumbis em que eu estava preso. Eu nem percebia que estava me afogando nesse inferno. E agora, estou furioso além da conta por ser ela quem tem esse efeito sobre mim.

— Greta está esperando, — digo entre dentes. — Você deveria ir. Comece a desfazer as malas.

Ela passa por mim sem dizer mais nada, com a cabeça erguida, e sobe as escadas para o andar de cima. A pobre e confusa Greta segue Tara.

Assim que Tara desaparece de vista, eu respiro fundo, permitindo-me finalmente relaxar. No entanto, liberar a tensão nos músculos não ajuda a aliviar a pressão no meu pau. Estou duro como pedra há mais de uma hora. Desde o momento em que minha boca se conectou com a dela. Fico feliz que, pela primeira vez, ela realmente tenha me ouvido. Se ela não tivesse ouvido e tivesse ficado, minhas mãos e minha boca estariam por todo o corpo dela, e então eu a teria jogado no chão e transado com ela bem aqui.



— A bruschetta de trufas está incrível. Você está perdendo, — murmura Sienna ao telefone, com a boca obviamente cheia do delicioso aperitivo. — E o vinho! Doce e fresco ao mesmo tempo, e acerta na medida certa o paladar. Combina muito bem com as costelas de porco também.

— Que bom que você está se divertindo. — Deixo-me cair de cara na grande cama de dossel.

— Claro que estou. Vocês dois causaram um alvoroço, desaparecendo assim. Mas acho que não é tão surpreendente, depois daquele beijo e tudo mais. É tudo o que se fala por aqui. Ouvi alguém mencionar que vocês devem ter tido pressa em... consumar o casamento. — Ela ri.

— Sim, claro. Drago disse alguma coisa?

— Não. Nada.

Franzo a testa. Isso não parece coisa do meu irmão. Mesmo que ele tenha acreditado na farsa de que eu me casei com DeVille por amor, eu esperava que ele fizesse... *alguma coisa*.

— Talvez você o tenha convencido de que está apaixonada. Quero dizer, aquele beijo parecia muito real para mim. Vocês dois praticamente tentaram devorar um ao outro. Foi mais quente do que o inferno. Tem certeza de que não gosta de Arturo?

Fechando os olhos, deixei minha mente voltar ao altar. Um tremor percorreu minha espinha ao lembrar dos braços fortes do meu marido ao meu redor.

Ser esmagada contra seu peito duro enquanto ele devorava minha boca diante de centenas de olhos atônitos. Aquele beijo maldito! Foi... foi tudo, menos um resgate do meu ataque de pânico.

Faz muito tempo que a ansiedade não me dominava em público. Da última vez, tive que me esconder em algum lugar fora da vista. Esperar sozinha até que finalmente passasse, uma hora depois. Mas hoje... Bem, eu nunca teria imaginado sair do meu torpor tão rápido. E tudo por causa da maneira como aquele demônio me beijou. Deve ter sido o choque. Minha reação. Apenas por estar em choque. Provavelmente teria agido da mesma forma se ele tivesse me dado um tapa.

— Confie em mim, tenho certeza. — Eu me viro e fico olhando para o teto. — Aconteceu mais alguma coisa interessante na minha festa de casamento?

— Bem... O chefe e sua esposa também desapareceram logo após a cerimônia. Sinceramente, fiquei surpresa que eles tenham aparecido, considerando que a filha deles tem apenas um ano de idade. Ainda acho difícil acreditar que Ajello tem uma filha. Ah! Tem salmão grelhado aqui! Vocês realmente deveriam ter ficado.

— Não, obrigada. Se tivesse que passar mais um minuto com seu irmão, eu teria enlouquecido.

— Não pode ser tão ruim assim. Talvez você acabe gostando dele. Quer dizer, Drago e eu não nos conhecíamos quando nos casamos, e olha só para nós agora.

É verdade. Mas todos perceberam imediatamente que meu irmão se apaixonou perdidamente por Sienna no momento em que a viu. Ele estava completamente perdido, não deixava outros homens nem olhar para ela, muito menos tocá-la. Até hoje, ele venera o chão que ela pisa.

— Drago e Arturo não têm nada a ver um com o outro, Sienna, — eu digo com a voz rouca.

— Eu sei, mas...

— Escute, estou exausta e tenho um monte de caixas para desempacotar. Ligo para você amanhã, ok? Tchau.

Desligo e puxo o travesseiro extra sobre o rosto. Talvez eu também tivesse tido o tipo de amor que Sienna e Drago têm, se tivesse realmente tentado fazer dar certo em um dos meus relacionamentos anteriores. Talvez eu pudesse ter tido um homem disposto a se colocar na minha frente para me proteger, assim como meu irmão fez pela esposa dele. Mas não tenho. Em vez disso, estou presa a um idiota arrogante e explosivo, que prefere me jogar aos lobos a me salvar.

Enquanto me afundo na minha miséria, uma batida suave na porta me desperta.

— Sra. DeVille, é Greta, — diz uma voz alegre. — Os carregadores organizaram todas as suas coisas. Podemos levá-las para dentro?

— Claro. Só um segundo.

Arrasto-me para fora da cama e vou até a porta dupla de carvalho para abri-la. Quatro homens vestindo camisas de trabalho azuis de brim entram, todos ofegantes enquanto carregam grandes caixas de papelão.

— Empilhem-nas ali, em frente à lareira. — Aponto para o lado esquerdo do quarto.

— Talvez você queira colocá-las do outro lado, perto da janela, Sra. DeVille, caso esfrie? Pode querer acender a lareira, — sugere um dos carregadores.

Estremeço só de pensar nisso. Prefiro morrer congelada a chegar perto de uma chama. — Perto da lareira está ótimo, obrigada.

Enquanto os rapazes transferem todos os meus pertences, dou uma rápida olhada no meu novo quarto.

É mais um estúdio espaçoso com duas áreas de estar distintas. De um lado, há um recanto aberto para sentar, aninhado em uma baía circular criada por altas janelas francesas. A outra extremidade é dominada por uma cama king-size. Separando as duas áreas, há uma divisória de madeira com ripas que vai do chão ao teto e pode ser totalmente girada, permitindo um conceito aberto e transparente ou mais privacidade quando as ripas são fechadas. O design geral é moderno, mas aconchegante e convidativo, não austero como muitos lugares desse tipo. Também parece que ninguém jamais ocupou o quarto antes.

O tapete cor de pêssego sob meus pés deve ser o mais macio e espesso que existe. Parece feito da lã mais macia que se pode imaginar. Delicio-me com a sensação enquanto atravesso a parede de vidro que dá para o jardim da frente. Mesmo nesta altura do ano, o terreno é bonito e consigo imaginar-me enrolada com um livro à sombra de uma enorme bétula. O meu momento de tranquilidade é, no entanto, interrompido pelo barulho de um motor a arrancar lá fora.

Abro uma das cortinas de cetim branco, macias como manteiga, bem a tempo de ver meu marido descendo correndo os degraus da frente em direção ao seu BMW luxuoso e alongado. Ele está vestindo o paletó enquanto fala ao telefone. Deve estar com muita pressa. Ao chegar à porta traseira do carro, ele para e olha por cima do ombro. Olha diretamente para mim.

Abaixo a cortina como se ela tivesse me mordido, deixando-a cair no lugar. Quando me atrevo a espiar um minuto depois, tanto o carro quanto Arturo já se foram.

— O Sr. DeVille foi chamado para tratar de um assunto urgente, — diz Greta, enquanto coloca meu vaso de lírios da paz na mesa de centro. — Ele mencionou que provavelmente não voltará antes da manhã.

— Como se eu me importasse, — digo, embora não alto o suficiente para que ela me ouça.

Meu querido marido obviamente não se importou em tirar nem mesmo o dia do casamento de folga. Não é que eu queira que ele esteja aqui comigo ou algo assim, mas isso prova que ele vive e respira pela sua preciosa Cosa Nostra. O homem simplesmente me deixou na casa dele sem dizer quase nada. Nem sequer me mostrou a casa. E eu devo simplesmente morar aqui?

Tanto faz.

— Ok, acho que é tudo. — Greta acena com a cabeça em direção à montanha de caixas. — Deseja ajuda para desempacotar, Sra. DeVille?

— Acho que vou deixar para amanhã. Obrigada.

— Posso lhe oferecer algo para comer?

— Não, obrigada. — Meu estômago está tão apertado que acho que nunca mais vou conseguir comer.

— Tudo bem. Se mudar de ideia, tem algumas coisas na geladeira.

Espero até que ela saia, depois vasculho uma das caixas rotuladas como *'Livros'*. Levo algum tempo até conseguir finalmente encontrar meu romance

fantástico favorito. Pode ser minha noite de núpcias, mas parece que vou passá-la em um banho quente e agradável.

Patético. Mas nada de novo.

Capítulo 12



— Não, ninguém consegue falar com Mendoza há meses. Depois que seu complexo foi explodido, ele entrou na clandestinidade. — Jogo minha jaqueta no encosto do sofá e afundo nos almofadões. — Hernandez também não está atendendo.

— Quanto produto está nos faltando? — pergunta Ajello. Quase posso vê-lo carrancudo ao telefone.

— Nossos homens ainda estão verificando todas as caixas e medindo tudo. Mas está faltando pelo menos um quarto de tonelada. — A luz agressiva do sol da manhã entra pela janela sem persianas da minha sala, batendo diretamente em mim. Fecho os olhos com força, tentando escapar do brilho e também diminuir a pressão latejante nas têmporas. Afundando ainda mais no sofá, coloco o antebraço sobre o rosto. — Deixei Pietro no armazém. Ele vai me ligar assim que tiver a contagem final.

— Você deixou sua noiva sozinha na noite de núpcias para supervisionar nossos homens descarregando um caminhão? Eles não eram capazes de fazer isso sozinhos?

— A entrega atrasou. E agora, o número de caixas não bate com o que esperávamos. Os compradores já estavam me pressionando há dias. Eles vão ficar ainda mais insatisfeitos com essa última reviravolta. É claro que eu tinha que ir

verificar a remessa pessoalmente. Preciso saber o que diabos está acontecendo. Faz parte do meu trabalho, chefe.

— Sua função exige que você esteja no seu melhor, não que faça de mãe e babá de coisas que você tem pessoas competentes para cuidar. Você dormiu?

— Não. Acabei de chegar. — Olho para o relógio de pulso. São pouco mais de sete e meia. — Vou esperar mais ou menos uma hora e ligar para Spada. Ele pode ter uma quantidade extra de cocaína que esteja disposto a vender. O suficiente para acalmar nossos compradores até a próxima remessa chegar.

— Vou entrar em contato com Massimo. Vá dormir. É uma ordem, Arturo. — A linha cai sem mais nem menos.

Ótimo. Jogo o telefone na mesa de centro e suspiro, mas sou tomado por uma súbita tosse. Inclino-me para a frente, tentando limpar as vias respiratórias. Parece que se passam vários minutos antes que eu consiga respirar fundo. Meu peito dói com a pressão. Maldito Pietro e seus cigarros estúpidos. Da próxima vez que ele acender um perto de mim, vou enfiar os cigarros na garganta dele.

Assim que consigo me arrastar até a cozinha, pego uma garrafa de água na geladeira e subo as escadas até o segundo andar. À direita do patamar, há um corredor que leva aos antigos quartos de Sienna e Asya, além de dois quartos de hóspedes que dão para o quintal. Virando à esquerda, sigo em direção a duas portas.

Depois de juntar dinheiro suficiente, comprei esta casa para as minhas irmãs e para mim. Queria um novo começo para nós e acreditava que uma nova casa poderia nos proporcionar isso. Talvez eu estivesse errado. Talvez devêssemos ter ficado na nossa antiga casa, onde as memórias dos nossos pais enchiam todos os cômodos. Mas eu não aguentava mais. Não conseguia mais ficar entre aquelas paredes. Porque, em meio às memórias felizes da nossa família, havia outra. Uma

que ficava cada vez mais vívida com o passar dos anos, abafando todas as outras. A memória de mim naquela casa, dizendo às minhas irmãs de cinco anos que a mãe e o pai delas nunca mais voltariam para casa.

Foi a coisa mais difícil que já tive que fazer na vida.

Parando diante da primeira porta dupla de carvalho, fico olhando para a superfície branca como se ela fosse me contar seus segredos, o que se esconde atrás de sua estrutura sólida. Mas eu já sei qual quarto fica atrás dela. E a quem ele pertence. A mera possibilidade parecia um futuro distante quando comprei este lugar.

O corretor imobiliário falou sem parar sobre como essa propriedade tinha dois quartos principais espaçosos. Os maiores do mercado neste bairro, disse ele. Como se eu me importasse com isso naquele momento. O fator mais importante para mim era que tinha um quintal grande para as minhas irmãs brincarem e que a casa ficava nos subúrbios, longe da agitação da cidade. Depois de comprá-la, ocupei o quarto no final, enquanto o que ficava atrás dessas portas permaneceu vazio. Projetado como uma suíte secundária para a dona da casa, o espaço ficou vazio e árido, incapaz de cumprir seu verdadeiro propósito por anos. Achei que ficaria assim, até que as necessidades dos negócios prevaleceram e fui escolhido como candidato ideal para um casamento arranjado.

Parece que chegou a hora.

Mas minha esposa, que está dormindo atrás dessas portas, não tem nada a ver com o tipo de mulher com quem eu imaginava que teria que me casar.

A maçaneta não faz o menor barulho, então abro a porta e entro. Meus passos são abafados pelo tapete grosso que cobre o recanto da sala. Há apenas algumas semanas, este quarto estava completamente vazio, sem móveis ou outros

acessórios. Era um espaço sombrio e inacabado. Decidi reformá-lo e mobiliá-lo depois de voltar para casa de uma das minhas visitas aos Popovs.

As pessoas adoram fofocar. Palavras ociosas viajam mais rápido do que um rato de Nova York subindo um cano de esgoto, e a informação de que a esposa de Arturo DeVille está dormindo no quarto da irmã dele teria se espalhado pela Cosa Nostra como um incêndio florestal. E onde isso nos deixaria? Na merda até o pescoço.

Nunca tentamos fazer isso parecer um casamento arranjado, onde um cenário como esse poderia ser explicado. Mas mesmo que tivéssemos feito isso, uma vez que o acordo estivesse feito, seria esperado que nos apresentássemos como outro casal feliz. Nunca lavar roupa suja para todo mundo ver. É assim que funciona a Cosa Nostra. E, como Ajello tão bem disse, como seu subchefe, é meu trabalho dar o exemplo em nosso círculo social. Promover os valores familiares dos quais ele falou.

Essa foi minha única motivação para preparar esse segundo principal para Tara. O fato de eu ter tomado essa decisão depois do nosso primeiro beijo não passa de uma mera coincidência.

Aquele beijo não significou nada. Apenas um meio para atingir um fim. Como todos os outros.

Parando silenciosamente ao lado da divisória que separa as duas partes do quarto, encosto o ombro na moldura de madeira. Um raio de luz penetra pela estreita fresta entre as cortinas que cobrem a janela, iluminando a delicada forma feminina enrolada nos lençóis emaranhados.

Seus minúsculos shorts de dormir não escondem suas longas e belas pernas. Deixo meu olhar subir até onde sua camiseta subiu, deixando sua barriga à

mostra. Um brilho reflete no piercing em seu umbigo, lançando raios de sol cintilantes no espaço escuro. Não consigo tirar os olhos dela. E não por causa da minha crença habitual de que piercings no umbigo são impróprios para uma senhora refinada. Mais de uma vez acordei com o pau duro depois de sonhar que lambia aquela joia deslumbrante.

Finalmente saindo do estado hipnótico induzido por aquela tentação brilhante, continuo minha fervorosa observação da minha esposa adormecida. Meu olhar faminto devora as faixas de sua pele macia, o volume de seus seios sob a camiseta e a elegância de seu pescoço até chegar aos lábios ligeiramente entreabertos. É a única parte do rosto dela que consigo ver. O resto está escondido pelo cobertor de seus cabelos escuros e brilhantes, que caem sobre os olhos e o nariz.

A batida em minhas têmporas aumenta e eu quase recuo com a pressão esmagadora. O interior da minha garganta está tão irritado, como se tivesse sido arranhado até ficar em pedaços. Abro a garrafa e bebo a água, encolhendo-me a cada gole doloroso. Isso não diminui meu prazer de observar minha gatinha dormir. Não tenho dúvidas de que ela vai me dar um inferno assim que acordar, então aproveito para apreciá-la assim. Em paz preciosa. Seu estado tranquilo atual é a representação mais distorcida de sua verdadeira natureza perigosa. De alguma forma, porém, admiro seu lado selvagem que a leva a me desafiar a cada momento. Isso me deixa com um tesão danado.

Silenciosamente, dirijo-me para a cama dela e puxo um canto do cobertor, libertando-o do emaranhado à volta dos pés dela. Tara está constantemente a queixar-se de frio, tanto que metade do meu guarda-roupa desapareceu. É melhor que os meus casacos estejam entre as coisas que ela trouxe, ou esta gatinha pode vir a ter mais problemas.

Com o cobertor enfiado sob o queixo de Tara, dirijo-me para o conjunto de portas de correr em frente às janelas. Outra característica sem sentido nesta casa. Mas mal posso esperar para ver a reação da minha esposa quando ela descobrir.

As portas que conectam nossos quartos.



— Finalmente. — Afasto o cabelo do rosto e admiro meu trabalho.

Todos os meus 417 livros de bolso estão arrumados nas prateleiras da sala do meu quarto. Levei um tempo para organizá-los por subgênero. A única coisa que me resta a fazer é tirar as edições especiais das caixas. Vou colocá-las na minha estante querida, que trouxe de casa. Mas antes disso, preciso cuidar das minhas roupas.

Ontem à noite, só tive energia para tirar meu pijama e uma muda de roupa para hoje. Todo o resto ainda está nas malas e caixas alinhadas perto da cama. Depois de cortar a fita adesiva da caixa do guarda-roupa com *a etiqueta 'Vestidos',* abro as abas e começo a tirar minhas coisas.

A maior parte dos meus vestidos são casuais, para usar no dia a dia. Tenho alguns que podem ser considerados elegantes e sofisticados. Mas, na maioria das vezes, sou uma garota que gosta de calças. Na minha opinião, um bom par de sapatos de salto alto pode elevar qualquer roupa com calças a um conjunto elegante. No entanto, isso não é suficiente para o meu querido marido. Os termos exclusivos do nosso acordo pré-nupcial deixam claro que ele espera vestidos longos de grife para

seus malditos compromissos sociais. E, de acordo com a agenda que ele teve a gentileza de compartilhar comigo, haverá três desses eventos só neste mês. Sou grata por ter conseguido invadir o guarda-roupa de Sienna e pegar emprestadas algumas de suas peças mais discretas. Elas servirão por enquanto, mas uma ida às compras é inevitável no meu futuro.

Segurando um punhado de cabides antiderrapantes e os vestidos que os acompanham, atravesso a sala até o closet. Ele está convenientemente localizado perto da cama, com portas duplas de carvalho que combinam com o estilo da entrada ornamentada do quarto. Há também um armário independente do outro lado, mas ele é pequeno demais para todas as roupas que eu precisei trazer. Sem mencionar meu estoque de jaquetas 'emprestadas' de Arturo, que ainda estão escondidas entre minhas coisas desempacotadas.

Passando os cabides para a mão esquerda, pego a maçaneta e deslizo a porta para o lado. Ela se move suavemente e silenciosamente, sem muito esforço, revelando...

— O que é isso? — engasgo.

Meus olhos percorrem o quarto espaçoso, até finalmente pousarem na cama enorme no fundo e em um corpo musculoso de homem deitado de bruços sobre ela.

Um corpo masculino nu.

Meu queixo cai no chão. Isso não é um closet. Meu marido idiota me colocou em um quarto que dá para o dele! E o homem está dormindo nu! Nu!

Eu me viro, querendo bater a porta. Não importa o quão lindo ele seja, ele não merece minha atenção. O ego do bastardo já é grande o suficiente. Mas uma

curiosidade avassaladora toma conta de mim. Mordendo o lábio inferior, olho por cima do ombro.

É inegável que Arturo DeVille é um homem bonito, especialmente com aqueles ternos de três peças feitos sob medida. Mas nunca imaginei que ele fosse tão bem constituído. Eu estaria mentindo se não admitisse que meu coração acelera ao contemplar a massa de músculos impecavelmente definidos diante dos meus olhos. Cada parte dele parece esculpida em mármore. Cada plano, saliência e vale está esculpido com perfeição. Incluindo sua bunda. Especialmente sua bunda. Tenho certeza de que poderia jogar uma moeda nela e ela quicaria.

Ugh! Odeio-me por olhar!

Idiota! Por que ele tem que ser tão bonito?

Desviando o olhar de seu traseiro glorioso, fico olhando para seu antebraço grosso e tatuado enquanto ele aperta o travesseiro contra o rosto. A lembrança daquele braço forte me segurando durante nossa cerimônia de casamento me invade. A maneira como sua presença, apenas por estar sendo abraçada por ele, conseguiu me tirar do meu espiral de pânico inevitável foi simplesmente irreal. Incrível. Improvável. Mas verdadeiro, mesmo assim. É como se Arturo DeVille fosse uma força da natureza, mais forte do que qualquer coisa em seu caminho.

Além da minha família e amigos muito próximos, nunca me senti segura perto de outras pessoas. Mas, naquele momento, os braços do meu arqui-inimigo eram o lugar mais seguro do mundo. Eu teria feito qualquer coisa para permanecer em seu abraço seguro. Só a ideia de que ele poderia me soltar aumentava minha ansiedade.

Eu ansiava por mais do calor que ele carregava dentro de si. A pele daquele bastardo é sempre quente ao toque. Eu fui para a gravata dele, tentando me

aproximar do seu calor. Precisava de mais contato pele com pele. Mas ele achou que eu só queria transar com ele. Tanto faz. Satanás DeVille pode imaginar a fantasia que quiser.

No entanto, a verdade... a verdade que não posso negar é que, nos braços dele, me senti protegida. Como se tê-lo comigo, de alguma forma, tornasse tudo certo. Que, mesmo depois de tudo o que ele fez, da maneira como me tratou... algo dentro de mim ainda reconhecia Arturo DeVille como seguro.

Será porque ele já sabe que eu sou um desastre? Ele leu a verificação de antecedentes sobre mim, então não posso decepcioná-lo. É isso que o tornou um refúgio na minha mente em espiral? Deve ser. Não pode ser outra coisa.

Será?

Essa linha de pensamento não está me levando a lugar nenhum. Arturo DeVille *pode* ter me feito um favor, mas é só isso. Quem disse que ele não vai exigir algo em troca? Bem, ele não vai, se eu não admitir nada. A partir deste momento, todos os pensamentos idiotas sobre ele precisam desaparecer.

Depois de jogar a pilha de vestidos na cadeira próxima e caminhar na ponta dos pés até a cama dele, puxo o canto do travesseiro, arrancando-o de suas mãos.

— Acorde, querido. Quer explicar por que meu quarto está o mais longe possível do seu?

Arturo abre um olho, olhando para mim. — Que horas são?

Eu pisquei, momentaneamente perplexa com o quão... quão infantil ele parecia. Não havia nenhum traço de seu estilo impecável de cabelo penteado para trás. Seu cabelo estava todo despenteado pelo sono, espetado em todas as direções e

caindo sobre os olhos. A expressão carrancuda que ele costumava ter também estava ausente de seu rosto. Sua voz matinal estava rouca, mais do que o normal.

— Hum... quase meio-dia.

— Droga, — ele suspira, movendo a mão grande para cobrir a metade do rosto que não está esmagada no travesseiro. — Preciso voltar para o escritório. Queria dormir mais umas duas horas...

Silêncio. Espero que ele continue, mas, em vez de palavras, sua respiração profunda e ritmada enche o quarto. Ele está dormindo novamente. Devo acordá-lo?

Eu cutuco seu bíceps protuberante. — DeVille.

— *Ma lasciami dormire*, — ele murmura no travesseiro.

Puta merda. Sua voz é ainda mais sedutora quando ele fala italiano. Rouca, hipnotizante, como um ronronar. Tenho certeza de que o que ele disse não foi um convite para me juntar a ele, mas, caramba, com certeza soou assim para mim.

Cutuco ele de novo, mas ele nem se mexe. Ele está morto? Não, eu não teria tanta sorte.

Meus olhos deslizam ao longo de seu braço, catalogando as formas tatuadas em sua pele. Uma cobra cinza fina está enrolada duas vezes em torno de seu pulso antes de serpentear entre a folhagem retratada. Parte do seu corpo desaparece atrás de um crânio humano de aparência maligna no antebraço de DeVille. As asas de algum tipo de criatura mítica abraçam seus bíceps e tríceps enormes e, acima de tudo, uma adaga com uma fita presa ao punho. Uma palavra que não consigo distinguir está gravada na faixa ondulada. Inclino a cabeça, tentando ver melhor, mas tudo o que consigo distinguir é — *l'On.*

Eu não deveria estar tão ansiosa para inspecionar as tatuagens do meu marido. Na verdade, nada sobre Arturo DeVille deveria despertar meu interesse, mas ainda assim me vejo inclinando-me para mais perto, esticando-me para decifrar a escrita tatuada. Ha! A primeira palavra é *l'Onore*, mas há mais. Eu me apoio em uma perna, esticando os braços para manter o equilíbrio e conseguir um ângulo melhor. Se eu me esticar um pouco mais, eu poderia...

Meu pé escorrega.

Levo a mão à frente para recuperar o equilíbrio, mas acabo caindo em cima do meu marido. — Merda...

Ele se move mais rápido do que um ninja. Em um segundo, estou caída sobre ele e, no outro, estou deitada de costas, presa sob uma montanha fumegante de músculos duros. Meus pulsos estão presos acima da minha cabeça nas mãos de Arturo, e ele está me encarando.

— Tara? — Ele pisca enquanto sua expressão muda de um rosnado assassino para uma careta perplexa. — Que diabos?

— Exatamente! — Tento me soltar. — Me solta!

— O que você está fazendo na minha cama?

— Não estou na sua cama!

Ele levanta uma sobrancelha.

— Foi um acidente, tá bom? Eu estava tentando ver melhor sua tatuagem e escorreguei. Agora me solta.

— Acho que é a primeira vez que uma mulher acaba na minha cama *por acidente*.

Minha boca se abre, preparando-se para mandá-lo habilmente para o inferno, mas sou completamente seduzida pelo brilho malicioso em seus olhos. Olhos que estão totalmente focados nos meus lábios. Seu cabelo está ainda mais despenteado, fazendo-o parecer um pouco selvagem e muito sexy. É como se ele tivesse se tornado um homem totalmente diferente do idiota tenso que conheci e passei a odiar. O elegante, decoroso e exigente Arturo DeVille sempre foi um espetáculo para ser admirado, embora extremamente irritante. Mas isso... Eu nunca poderia imaginá-lo assim. Desgrenhado. Com um ar ligeiramente selvagem. Cheirando a sabonete e xampu, sem nenhum traço daquela mistura rica de especiarias exóticas e sensualidade terrosa da colônia que ele sempre usa.

O Arturo DeVille amarrotado é mil vezes mais atraente.

Minha respiração fica presa nos pulmões. E não consigo mover os membros. Ou talvez eu simplesmente não queira. Ter Arturo DeVille - um Arturo DeVille completamente nu - me esmagando contra o colchão abaixo dele é inebriante. Uma experiência que desperta uma dor profunda em meu íntimo e faz meu clitóris latejar.

Desejo. O desejo me inunda, espalhando formigamentos por todo o meu corpo.

Minha garganta fica seca ao lembrar daqueles lábios sinistros nos meus. Meus dedos coçam para alcançar e bagunçar aquele cabelo, tudo para que eu possa me deleitar em saber que fui eu, e não o sono, que o deixei assim. A cruz pendurada em sua corrente atrai meus olhos para sua clavícula. É uma clavícula inegavelmente sexy. Quero estender a mão e acariciá-la com a ponta do dedo. Ou talvez com a língua. Como seria a sensação de...

Não!

Pare.

Fecho os olhos, tentando tirar da cabeça as imagens dele me fodendo com força, ali mesmo, naquele momento.

— Tem certeza de que não foi intencional? — Seu sussurro rouco e profundo rola sobre mim enquanto seu hálito quente acaricia a concha da minha orelha. Ele soa como o pecado personificado, como o demônio que é. Tentando me levar para seu covil vil, para fazer coisas sombrias e lascivas que eu deveria, mas não tenho certeza se faria, me arrependeria. — Se você quiser ampliar os artigos cobertos em nosso acordo pré-nupcial, *gattina,* tudo o que você precisa fazer é pedir.

— Continue sonhando, Satanás. — Canalizando toda a força que consigo, arranco meus braços de suas mãos e empurro seu peito, afastando-o de mim. No instante em que estou livre, saio da cama. — Prefiro transar com uma torradeira.

Passando o cabelo por cima do ombro, viro-me e corro rapidamente para o meu quarto. E certifico-me de que a porta bate com força contra a outra quando a fecho. Antecipando um estrondo, fico um pouco desapontada quando ela bate com um baque suave. *Malditas comodidades modernas!*

— Que idiota, — murmuro enquanto atravesso meu quarto e desço as escadas em busca de algo para comer.

Na maioria dos dias, não tomo café da manhã, mas hoje há um buraco no meu estômago que precisa ser preenchido. No entanto, isso não tem nada a ver com fome. Eu como quando estou estressada, e ficar inesperadamente excitada pelo meu *marido* requer uma intervenção gastronômica. Imediatamente.

Assim que o pensamento de comida entra na minha cabeça, um barulho alto irrompe do meu estômago. Apesar do meu nível de pavor ter disparado ontem, à medida que o casamento se aproximava, eu não consegui engolir nada. Associar-

me a Arturo DeVille parece ter virado até mesmo minhas próprias peculiaridades contra mim. Estremeço ao pensar no que mais o inferno que é viver com ele me trará. Seja o que for, terá que esperar até eu conseguir algo decente para comer. Algo me diz que vou precisar manter minhas forças.

Não há ninguém na cozinha, então decido me servir, indo direto para a geladeira. É uma daquelas geladeiras enormes com porta dupla, prometendo uma variedade de coisas saborosas e reconfortantes dentro de seu interior gelado. Será que existem algumas sobras do nosso banquete? Minha boca já está salivando ao imaginar a bruschetta de trufas que Sienna mencionou. Parecia divina. Ou talvez haja bolo. Certamente alguém entregou pelo menos algumas fatias do nosso bolo de casamento!

Ansiosa, abro a porta da geladeira e sinto meu entusiasmo cair como um balão de chumbo.

Tomates. Pepinos. Pimentões. Abobrinhas. Um monte de cebolinha, endro, salsa e uma tonelada de outras coisas que coelhos comem. Movo as coisas, na esperança de encontrar algo além de ingredientes para salada. Nada. Uma caixa de ovos. Muita carne, mas toda crua, empilhada ordenadamente em embalagens plásticas. Alguns cogumelos brancos, bem como outro recipiente com coisas roxas de aspecto estranho. E queijo. Uma grande roda de queijo amarelo-claro. Há também vários pacotes de diferentes tipos de queijo ralado e um recipiente com cinco outras variedades cortadas em pequenos cubos. *Puta merda!* A bandeja deslizante parece que uma fazenda de gado leiteiro vomitou lá dentro.

— Ovos, então.

Pego três ovos e um pedaço de queijo duro na geladeira e coloco-os na bancada. A poucos passos de distância e diretamente em frente à bancada do café da

manhã, há um forno duplo e um fogão com vários queimadores. O enorme aparelho está instalado sob um elegante exaustor de aço inoxidável. Aposto que um chef profissional ficaria com inveja desta cozinha. Estou a procurar uma frigideira no armário lateral quando os meus olhos se deparam com a superfície do fogão.

Queimadores a gás.

Minha garganta fica apertada, fechando.

Arrepios percorrem meu corpo.

Com os olhos fixos no fogão, recuo lentamente. Cada passo trêmulo para trás é precedido por uma expiração rápida. Continuo recuando até bater na parede.

— Você está fazendo o café da manhã para nós? — a parede sussurra com aquela voz grave e rouca bem ao lado do meu ouvido.

Eu grito, quase pulando da minha pele.

— Que merda é essa, DeVille? Quer que eu tenha um ataque cardíaco?

— Não imaginava que você fosse tão assustadiça.

Eu bufo e rapidamente passo por ele, fingindo estar super ocupada ligando a cafeteira.

— E o nosso café da manhã? — Arturo acena com a cabeça em direção aos ovos e ao queijo que deixei na bancada.

— Não é o *nosso* café da manhã. Era para ser meu, mas mudei de ideia. Você tem algum frio ou algo que eu possa usar para fazer um sanduíche?

— Tento evitar alimentos processados. Tem um bife que você pode grelhar.

Meu olhar volta para o fogão. — Não. Não estou com vontade de cozinhar.

— Quer que eu grelhe o bife para você?

— E te dar a chance de me envenenar e se livrar de mim de vez? Nem a pau.

— Como quiser. — Ele dá de ombros com indiferença.

Assim que meu café fica pronto, levo-o até a bancada da cozinha e sento-me no banco do outro lado. Daqui, tenho uma visão completa da cozinha, incluindo uma linha de visão desobstruída para Arturo, que está revirando a geladeira e tirando vários ingredientes. Ele está vestido com calças pretas passadas e uma camisa cinza-claro com os dois botões superiores abertos. A cruz de ouro que nunca tira está pendurada no pescoço. Cada vez que ele se move e a luz do sol que entra pela janela incide sobre a joia, eu me lembro do quarto de Arturo. Mais especificamente, da cama dele.

Quero dizer, a de DeVille. O quarto de Satanás. Não o de Arturo!

Tomando meu café, finjo total desinteresse pelo que ele está fazendo, enquanto o observo secretamente. Ele se move pela cozinha com precisão e sem esforço. Cada ação é metódica, e a expressão em seu rosto demonstra profunda concentração. O bife já está chiando na grelha lateral. Os pimentões são cortados em tiras e as abobrinhas em cubinhos antes de ele jogar tudo na frigideira. Em seguida, ele pega uma garrafa fina e escura de óleo de cozinha e derrama um pouco sobre os vegetais.

Ao colocar o óleo de lado, uma chama azul surge do fogão. Minha xícara de café quase escorrega da minha mão. Cerro os dentes e desvio o olhar, forçando-me a permanecer sentada. Respiro fundo para acalmar meu coração.

— Vou jantar com um colega de trabalho na terça-feira, — diz ele, enquanto acrescenta tomates cereja e mexe a comida, temperando-a ao mesmo

tempo. Os temperos que ele está usando se misturam com o aroma da carne grelhada e dos vegetais salteados, e a cozinha cheira divinamente. — Ele está vindo de Boston. Infelizmente, devido a alguns compromissos pessoais, ele não pôde comparecer ao nosso casamento.

— O que isso tem a ver comigo?

— Você vai me acompanhar. E vai se comportar da melhor maneira possível. Entendeu?

— Defina 'comportar-me bem'. Devo ficar calada e parecer elegante? Ou você quer que eu também pegue a bola quando você jogar? Você sabe, para mostrar ao seu importante parceiro de negócios como sou uma esposa bem treinada?

— Muito engraçado. Adriano Ruffo é da alta sociedade italiana, Tara. Ele também acabou de se tornar nosso principal contato com a Cosa Nostra de Boston no projeto de construção conjunto em que estamos trabalhando.

— Ah? Ele é um príncipe ou algo assim? Devo fazer uma reverência quando o encontrar? Beijar a mão dele ou...

— Você não vai beijar nada dele! — Arturo responde bruscamente.

Um barulho alto de chiado e estalo vem do fogão, provavelmente do respingo de óleo ou de um pouco de gordura derretida atingindo o queimador. Apesar de saber a causa provável, meus olhos ainda se voltam para o fogão, procurando ansiosamente pelas gigantescas línguas alaranjadas de um inferno se aproximando de mim. Mas não há nada lá, exceto a pequena chama azul.

— Malditos tomates molhados, — resmunga Arturo, voltando a concentrar-se na frigideira. — E não, Adriano não é um príncipe. Mas o seu bisavô era duque. Adriano é dono de uma das maiores empresas de transporte dos Estados

Unidos. Estamos a pensar propor uma colaboração adicional, centrada na sua frota de camiões. Mais uma ligação entre Nova Iorque e Boston.

— Que legal! Ele é casado?

— Por quê?

— Você realmente precisa perguntar? — Inclino minha xícara de café, tentando pegar as últimas gotas. — Um duque. E um duque loucamente rico. É como se um herói de um dos meus romances tivesse ganhado vida. Espero que ele ainda esteja disponível daqui a um ano, quando eu for uma mulher feliz e divorciada, é claro.

Bang!

Eu me assusto.

— Adriano é viúvo, — grita Arturo, batendo a porta de um armário. — Sua esposa morreu tragicamente há apenas alguns meses. Portanto, certifique-se de guardar esses comentários para você quando o encontrar. Entendeu, Tara?

— Au, au. — Eu sorrio.

Meu marido me lança um olhar furioso enquanto serve a comida. Em seguida, ele traz os pratos até a bancada da cozinha e os coloca com força sobre a superfície de madeira entre nós. — Coma. Ou você prefere que eu traga ração? É só me dizer se você prefere alguma marca em particular.

Eu me inclino sobre o balcão, invadindo seu espaço. — Prefiro comer ração para cachorro do que qualquer coisa que você preparou, querido.

— Bem, nesse caso... — Com um sorriso de satisfação iluminando seu rosto, ele pega o prato que era para mim e transfere a comida deliciosa para o seu.

O aroma divino invade meus sentidos. Legumes salteados. Bife grelhado. Algo picante e doce. A saliva se acumula em minha boca, e cada inspiração é praticamente uma tortura. Minha última refeição decente foi ontem de manhã. E depois daquele maldito casamento, comida era a última coisa em minha mente. Eu desci as escadas por volta da meia-noite e peguei uma banana de uma tigela de frutas na sala, mas foi só isso.

— Tem certeza de que não quer um pouco? — pergunta Satanás, enquanto espeta um pedaço de bife suculento e leva o garfo à boca. Seus movimentos são lentos e deliberados. Provocadores. Ele estava me provocando de propósito.

— Não estou com fome, DeVille, por nada que você tenha a oferecer. — Bato minha xícara de café vazia na bancada da cozinha e deixo o idiota com sua refeição incrível, recuando por princípio enquanto meu estômago se revolta em protesto.

Capítulo 13



— Ei, Greta?

A governanta para de afofar as almofadas do sofá e olha para mim por cima do ombro. Uma versão abafada de uma canção francesa soa em um dos fones de ouvido pendurados na faixa em volta do pescoço dela. — Sra. DeVille. Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Hum, sim. — Cruzo as mãos atrás das costas. — Eu estava pensando... você poderia me preparar o almoço?

Ela pisca para mim, confusa. — Claro. O que gostaria de comer?

— Qualquer coisa caseira está ótimo. Não sou exigente. — Dou-lhe um sorriso tímido.

Nos últimos dois dias, tenho vivido de banana e queijo. Eu poderia ter pedido entrega ou pedido a Riggo para me levar a algum lugar onde pudesse comer uma refeição decente, mas não queria que DeVille descobrisse e fizesse perguntas. A última coisa que quero é ter que explicar àquele idiota que morro de medo de fogo. Qualquer tipo de fogo, na verdade, mas especialmente o tipo associado a fogões a gás. Não preciso que ele pense que sou um caso perdido.

— Posso preparar um prato simples de macarrão para você rapidinho. Ou gostaria de carne também? Demoraria um pouco mais para preparar, mas...

— Macarrão parece ótimo. Obrigada.

Sigo Greta até a cozinha e me sento no meu lugar favorito na bancada. Alguém moveu a tigela de frutas da sala e a deixou na bancada, ao lado da máquina de café. Assim que percebo isso, desvio o olhar do cacho de bananas frescas. Se eu não ver nenhuma nas próximas dez décadas, ainda será cedo demais.

— Ah. O Sr. DeVille deve ter lido sua mente, — diz Greta, enquanto espreita sob o papel alumínio que cobre uma assadeira funda deixada no fogão. — Lasanha de carne. E ainda está quente. Vou servir um pouco para você.

— De jeito nenhum, — rosno, depois limpo rapidamente a garganta. — Quero dizer... não, obrigada. Não sou fã da combinação de dois molhos. Você poderia me preparar outra coisa?

Mentira! Eu adoro lasanha. As camadas de macarrão, carne e queijo... Nossa, estou salivando só de pensar.

— Ah, que pena. Você deveria dividir com o Sr. DeVille. Ele é muito apaixonado por comida, sabia? Francamente, nunca conheci um homem que goste tanto de cozinhar quanto ele. Exceto em ocasiões especiais, quando é mais conveniente contratar um serviço de catering, ele sempre prepara suas próprias refeições. Sem alimentos processados, é claro. Sem sabores artificiais. Apenas ingredientes frescos e orgânicos. Você não encontrará nenhum lanche junk food ou algo do tipo na cozinha dele, isso é certo.

— Eu percebi, — resmunguei. *Maldito psicopata*.

— Uma vez, quando ele estava oferecendo um jantar de negócios aqui, ele se recusou a servir uma encomenda de uma dúzia de lagostas, só porque não estavam bem preparadas. Então, ele mandou um dos empregados dirigir uma hora até um lugar aprovado pelo Sr. DeVille e trazer marisco fresco, que ele mesmo cozinhou.

— Parece mesmo ele. — Um perfeccionista obcecado. — E onde está o mestre-cuca agora?

— Ah, ele acordou às seis em ponto e saiu para o escritório logo depois. Algo sobre algumas licenças que precisavam ser renovadas o mais rápido possível. Ele voltou há algumas horas, mas pouco antes de você descer, eu o vi entrar no carro dele e sair com o Riggo. — Ela *faz um som* de reprovação, como uma mãe preocupada, em vez de uma funcionária falando sobre seu chefe. — Estou preocupada com o Sr. DeVille. Ele tem trabalhado muito nos últimos meses. Sempre ocupado. Não é saudável. Ele sempre foi incansável em sua dedicação ao trabalho, mas nem mesmo ele consegue funcionar com tão poucas horas de sono. E eu disse a ele esta manhã que ele precisa consultar um médico por causa da tosse. Mas sabe o que ele disse? Que não tem tempo. — Greta balança a cabeça como se tudo isso fosse uma tragédia grave e me entrega uma xícara de café.

Depois de ficar acordada até tarde ontem à noite, editando o último manuscrito de Sienna, eu definitivamente preciso disso. Dormir demais não é normal para mim, mas foi ótimo porque, pela primeira vez, não precisei fingir. No entanto, meu cérebro ainda estava bastante confuso quando finalmente me levantei. Quando achei ter ouvido alguns sons abafados parecidos com latidos e chiados, descartei-os como imaginação ou ruídos aleatórios. Hmm, deve ter sido Satanás, tossindo até perder os pulmões. Tanto faz. Ele pode cair morto, pelo que me importa.

— Os homens são conhecidos por serem teimosos. — Eu dou de ombros, sem ter uma resposta melhor para ela.

— Talvez você pudesse conversar com ele? Com você aqui agora, ele certamente passará mais tempo em casa, certo? Vocês poderiam ir ao cinema. Ou até mesmo a um espetáculo da Broadway. Um piquenique no parque é sempre agradável.

Levanto uma sobrancelha. Um piquenique. Com Satanás DeVille?

— Ou... talvez não um piquenique. O Sr. DeVille não gosta disso, na verdade.

Reviro os olhos. Existe alguma coisa que o Sr. DeVille gosta? — Vou lembrar disso.

— Aqui está. *Cacio e pepe*. — Greta coloca um prato na minha frente. — É a receita *da* minha *nonna*. Espaguete com pimenta preta e Pecorino Romano. Espero que goste.

— Muito obrigada, Greta. Você é um anjo.

— Ah, não é nada. Eu quase nunca cozinho aqui, pois o Sr. DeVille cuida disso. Se quiser, posso te mostrar como fazer da próxima vez.

Meus olhos se voltam para o fogão, mas rapidamente os desvio. — Hum... Não sou muito boa cozinheira. Na verdade, sou um desastre. Então, você poderia preparar algo para mim amanhã também?

— Claro. Não se preocupe.

Greta coloca os fones de ouvido no lugar e desaparece ao virar a esquina. Assim que ela sai de vista, começo a enfiar garfadas na boca. O espaguete simples com molho de manteiga, pimenta e queijo é... diferente. Não é *totalmente* desagradável. Só tem algo estranho. Mas não me importo muito. Depois de dois dias com opções limitadas, estou muito grata por alguma comida ‘de verdade’. Mas meu olhar continua se desviando para a panela de lasanha de Arturo, e meu nariz é tentado pelo aroma celestial do prato.

Não importa! Não vou tocar nisso, nem mesmo se fosse a última coisa que restasse para comer na Terra. Não posso! Saber que Satanás fez isso... para mim... é impensável! Muito íntimo, na minha opinião.

Fazer parte de um casal que cozinha um para o outro é uma das noções românticas que sempre quis experimentar. Significaria que ambos dedicamos tempo para conhecer os gostos e desgostos um do outro. Que compartilhamos uma conexão profunda e significativa, uma infinitamente mais intensa do que eu jamais pretendia ter com DeVille. Portanto, não permitirei que aquele homem me roube mais um momento especial: ter meu *verdadeiro* marido preparando comida para mim. Isso, eu vou guardar e valorizar para o meu casamento *real*, não para esta farsa que sou forçada a viver atualmente.

Não permitirei que Arturo DeVille destrua mais um sonho precioso meu. Não permitirei que ele me tire isso. Ceder não é uma opção. Porque algumas coisas têm um gosto muito amargo, apesar de parecerem promissoras.

***

— Merda. — Abaixo a furadeira e avalio o resultado do meu trabalho. Havia exatamente doze buracos rasos na parede, todos a menos de dois centímetros uns dos outros, mas nenhum era profundo o suficiente para colocar um parafuso.

Depois do almoço, assim que terminei meu projeto de edição, decidi enfrentar meu próximo desafio. Montar a estante para exibir minha coleção de edições especiais. Ela foi trazida do meu quarto na casa de Drago, mas ficou enfiada no canto do meu novo quarto nos últimos dois dias, esperando que eu encontrasse um lugar ideal para ela. E encontrei. O trecho da parede entre as duas janelas

francesas é perfeito. No entanto, como a estante tem mais de 1,80 m de altura, ela precisa ser fixada para não tombar. Sem problema. Pedi a Greta para me encontrar uma furadeira.

— Essa maldita parede deve ser feita de concreto, — reclamo e aperto o gatilho da ferramenta elétrica novamente. — Mas já enfrentei inimigos mais cruéis na vida e venci.

A tentativa número treze se mostra tão azarada quanto eu deveria ter esperado. A broca encontra alguma coisa logo abaixo da superfície e, por causa de um recuo inesperado, acabo fazendo um corte na parede de gesso. A ferramenta escorrega da minha mão e cai no chão com um estrondo alto. E, como eu tinha acionado o bloqueio do gatilho quando minha mão começou a cansar, a furadeira continua vibrando pelo carpete como alguma criatura em convulsão.

— O que você está fazendo, mulher? — uma voz masculina ressoa atrás de mim.

— Não é óbvio, DeVille? — Eu me viro para ficar de frente para o intruso.

Movo-me muito rapidamente e o banquinho que estou usando balança debaixo de mim. Grito e agarro-me à cortina mais próxima para me equilibrar. Imediatamente, ouve-se um breve rangido e, em seguida, um estalo agudo em algum lugar acima de mim. Isso ocorre uma fração de segundo antes de toda a haste da cortina se soltar da parede e voar em direção à minha cabeça. Eu recuo e grito, fechando os olhos. Preparando-me para o inevitável. Antes mesmo que o pensamento de autopreservação passe pela minha cabeça, dois braços fortes me envolvem e me levam embora.

— Você, — sussurra uma voz grave e irritada ao meu ouvido, — é um desastre ambulante, Tara. Um perigo para si mesma!

Abro os olhos com cuidado e me deparo com meu marido furioso. Ele está me segurando nos braços e me olhando com raiva. Há um grande hematoma vermelho na testa dele, logo acima da sobrancelha. De repente, fico preocupada com o bem-estar dele. *Ele foi atingido por aquela maldita haste!* Mas minha preocupação desaparece quase imediatamente quando suas palavras finalmente chegam ao meu cérebro.

Um desastre ambulante.

Não é como se eu nunca tivesse sido chamada de coisas piores do que isso ao longo dos meus vários relacionamentos. *Burra. Ignorante. Melodramática. Descontrolada*. Para citar apenas algumas. Então, não sei por que Arturo me chamar de mais uma coisa me atinge tanto. *DeVille.* Eu quis dizer DeVille.

— Bem, obrigada, querido. Fico feliz que você me tenha em tão alta conta! — Eu me solto do seu abraço e me abaixo para procurar a maldita furadeira entre a pilha de cortinas brancas destruídas. A porcaria ainda está vibrando. — Foda-se!

— Tara, — Satanás rosna.

— Apenas... deixe-me em paz.

— Você vai se machucar. Deixe-me... — Ele começa a tossir, parecendo realmente muito mal.

Eu solto a ponta da cortina e estreito os olhos para ele. — Você deveria ouvir a Greta e ir ao médico.

— Tem medo de acabar viúva, *gattina*? — Outra crise de tosse o domina. Ele enterra o rosto na curva do cotovelo até conseguir respirar fundo. — Estou bem.

Localizando a furadeira sob os materiais empilhados, ele se aproxima para inspecionar minha obra-prima. — Você estava tentando fazer um buraco para outra janela ou algo assim?

— A broca ficava batendo... em alguma coisa... — aponto para a parede, — ...e não passava.

— Então você tentou uma dúzia de vezes?

— Na verdade, foram treze.

DeVille balança a cabeça. Um sorriso torto se forma em seus lábios enquanto ele tira o banquinho do caminho. Ele leva apenas alguns segundos para fazer o furo que eu estava tentando fazer há quase uma hora. Ele leva ainda menos tempo para fazer outro furo sobre o outro X marcado.

— Pronto. — Ele estende a mão. — As buchas?

— O quê?

— As peças de plástico que se encaixam nos buracos. Elas mantêm os parafusos no lugar.

— Ah. — Ajoelho-me ao lado da caixa de ferramentas que Greta me deu e remexo nela. — Não esperava que você soubesse fazer esse tipo de coisa manual, de reforma doméstica.

— Por que não?

Levanto uma das sobrancelhas enquanto o observo. Mesmo com as mangas da camisa arregaçadas e segurando uma furadeira, ele ainda consegue parecer sofisticado.

— Você não parece do tipo, — digo, voltando minha atenção para encontrar o que preciso na caixa de ferramentas. Finalmente, encontro as coisinhas de plástico laranja e pego algumas. — Aqui.

DeVille estende a mão na minha direção, mas, em vez de pegar o que lhe ofereço, seu braço envolve minha cintura e ele me puxa para si. Meu peito colide com o dele, tirando o ar dos meus pulmões.

— E que tipo eu pareço, Tara? — ele pergunta, inclinando-se para mim.

— Um excessivamente arrogante. Alguém que nunca se rebaixaria a fazer trabalho manual e árduo.

— Hum. Posso garantir que gosto de trabalho *duro* e nunca me esquivei de nada que exigisse esforço *físico*. Também sou muito hábil em várias técnicas. Especialmente as carnais.

Há um brilho malicioso em seus olhos enquanto ele faz sua afirmação. Ele está insinuando...?

Meu Deus, ele está!

Um arrepio percorre meu corpo e uma necessidade profunda e latejante se instala em meu íntimo. Mordo a parte interna da bochecha, tentando afastar as imagens mentais de Arturo colocando as *mãos... em esforços* para usar. Especificamente, seus dedos na minha boceta. Meu clitóris pulsa de antecipação e não consigo evitar... Deixo escapar um suspiro.

Seu olhar derretido cai instantaneamente sobre meus lábios. Sem pensar no que estou fazendo, me vejo inclinando-me para mais perto. Mais perto daquela boca sensual dele. Magneticamente atraída para mais perto, como se seus olhos tivessem o poder de me convocar. Respiro fundo, inalando seu cheiro. Excitante.

Sedutor. Viciante. Seu lábio inferior passa como um fantasma pela ponta do meu, e todos os meus pensamentos racionais voam pela janela.

Envolvo um braço em torno de seu pescoço e o puxo para mim, capturando aquele lábio sedutor com o meu.

Ele me beija de volta. Seu hálito quente acaricia meu rosto enquanto ele me aperta contra ele. Enquanto ele devora minha boca. Enquanto ele me devora como um homem faminto em um banquete tão esperado. A fragrância picante de sua colônia brinca com meus sentidos enquanto eu retribuo seu beijo por beijo.

Sua mão desliza para baixo, apertando minha bunda, fazendo meu desejo irracional disparar em um...

O calor da palma da mão dele repousa sobre a minha nádega. E, de alguma forma, essa súbita falta de movimento é como um jato de água fria sobre a minha pele superaquecida. Os meus olhos se abrem rapidamente. Colidem com profundezas cor de chocolate. Nós nos olhamos, ambos tentando recuperar o fôlego.

Fração de segundo.

Então, como se tivéssemos levado um choque, ele e eu nos afastamos bruscamente. Forçando vários metros entre nós.

— Hum... — Desvio o olhar, sem vontade de encará-lo. Relutante em encontrar seu olhar novamente. — Preciso encontrar aquela bucha de parede que deixei cair.

— Sim. Tudo bem. Ótimo.

Arturo acena com a cabeça, evitando meus olhos quando passo a coisinha para ele depois de encontrá-la no chão. Meu olhar não se aventura nem perto do dele, mas provavelmente não pelo mesmo motivo.

O que diabos eu estava pensando? Beijá-lo?

Merda. Ele nunca vai me deixar esquecer isso.

— Perfeito, — ele diz, colocando a bucha no lugar.

Ele continua a trabalhar completamente imperturbável. Não pelo que acabou de acontecer entre nós. Nem sobre ter pó de gesso em seu terno elegante. Como se seu traje profissional elegante fosse simplesmente parte de quem ele é e não o que ele veste, o homem avança rapidamente, afundando as buchas nos buracos. Em seguida, ele desliza a pesada estante para o lugar e, finalmente, prende os suportes da prateleira à parede com parafusos. Ele faz tudo parecer fácil e sem esforço. Realizando tarefas manuais sem suar a camisa.

— Pronto. Tudo feito. — Ele aponta para a estante e, pegando a caixa de ferramentas, atravessa a sala como se não tivéssemos nos beijado momentos atrás.

Ao chegar à porta, ele lança um rápido olhar por cima do ombro. — Espero que você não tenha esquecido nossos planos para esta noite.

— Que planos? — eu suspiro.

— Nossa primeira aparição pública como marido e mulher. Como eu disse, vamos encontrar Adriano Ruffo, então certifique-se de revisar todas as cláusulas do nosso acordo para obter instruções específicas sobre como se apresentar como minha esposa. E não se esqueça de sorrir.



— Sim, a primeira fase está ocorrendo conforme o planejado. O pequeno contratempo devido à confusão da prefeitura com nossa documentação foi em um projeto não relacionado. — Levo a taça de vinho aos lábios e bebo todo o conteúdo.

Adriano Ruffo recosta-se na cadeira, observando-me com olhos de falcão. É a primeira vez que vejo este homem pessoalmente, embora já ouça várias coisas sobre ele há anos. Principalmente através dos rumores que circulam na Cosa Nostra.

Depois de conhecer Spada, esperava que seu representante tivesse um ar semelhante. Áspero nas aparências. Explosivo, quase louco.

Ruffo não é nada disso. Na verdade, ele é o oposto do seu chefe. Calmo. Cultivado. Civilizado. Nada nele é exagerado e, ainda assim, ele parece um homem que veste o poder como uma segunda pele. Na casa dos quarenta. Cabelo preto, com um toque de cinza nas têmporas. A altura talvez seja a única semelhança entre Ruffo e Spada. Na verdade, o braço direito de Boston pode até ser alguns centímetros mais alto que seu chefe. No geral, embora toda a sua aparência o classifique como um executivo, ele tem um físico que diz que seria capaz de se defender em uma briga. E com isso, ele provavelmente pode escolher qualquer mulher, apesar de carregar alguns quilos a mais.

Nada no homem sentado à minha frente indicava seu alto status dentro da Família Boston. Pelo que pude perceber, ele não estava armado. Não havia nenhuma tatuagem visível em seu corpo. Ele também não gostava das joias chamativas que tantos de meus colegas italianos tendem a preferir. Qualquer pessoa que olhasse para ele o consideraria apenas mais um empresário rico, mas comum. E tenho a sensação

de que é exatamente isso que ele quer passar. Os óculos de armação preta que usa reforçam essa imagem.

— Fico feliz em ouvir isso, DeVille. — Ele acena gentilmente com a cabeça para mostrar que está prestando atenção. — Como você sabe, este empreendimento em particular é muito importante para nossa *Famiglia*, e esperamos sinceramente que tudo corra bem. Assim como você garantiu ao Don Spada durante sua reunião com ele.

— Fico feliz que ambas as organizações reconheçam que este empreendimento é crucial, não apenas por seu valor, mas também por sua importância para nossa colaboração contínua. Como já disse, você continuará recebendo atualizações regulares.

— Excelente. — O olhar de Ruffo desliza para Tara, que está sentada à minha direita. — Sua esposa gostaria de mais alguma coisa? Ela nem tocou na comida.

— Tara? — Preciso de toda a minha força para manter o rosto impassível. O esforço é colossal, igual ao autocontrole que tenho mantido nos últimos vinte minutos. Um deslize e vou estrangulá-la até a morte! — Há algo errado com a comida, *gattina*?

O sorriso dela é tão grande quanto o do Gato de Cheshire. E seus olhos estão tão arregalados que parecem saltar do rosto, que está totalmente congelado em uma expressão de felicidade caricata. Ela parece louca. Inclinando a cabeça, ela me lança aquele sorriso maluco. Ela está com essa expressão idiota desde o momento em que entramos nesta sala de jantar. Não mudou nem por um segundo durante toda a noite!

— Está incrível, querido, — ela diz sem mover os dentes. Aquele sorriso maldito permanece no lugar. — Só não estou com fome.

— Vamos chamar o chef. Talvez ele possa preparar algo mais ao gosto da Sra. DeVille. — Ruffo acena discretamente e, em segundos, quatro garçons, um maître e o chef aparecem ao lado da nossa mesa. Eles se alinham como soldados esperando para ser inspecionados, com as mãos cruzadas atrás das costas. — Por favor, peça o que desejar, Sra. DeVille.

Tara olha para a equipe reunida e depois volta sua atenção para Ruffo. Seu sorriso, que já era impossivelmente largo, fica ainda maior. — Não quero incomodar. Talvez haja outros clientes esperando por suas refeições.

— Não é nenhum incômodo. Não gosto de ficar em hotéis, então comprei todo o resort em antecipação a esta reunião. Somos os únicos aqui, como você pode ver. Fique à vontade para pedir o que quiser.

— Oh, você é muito gentil.

Sua voz é como o canto de um pássaro. Doce. Encantadora. Brincalhona. Ela nunca usou esse tom comigo.

Meu maxilar dói de tanto que o cerro. A inveja está fervendo dentro de mim como um inferno.

— Nunca conheci um cavalheiro como você, Sr. Ruffo, — acrescenta ela.

É isso! Levanto-me tão abruptamente que minha cadeira quase tomba. — Desculpe-me por ter que ir embora tão cedo. Temos um compromisso que precisamos cumprir esta noite.

— Claro. — Ruffo se levanta e me oferece a mão. — Estou ansioso por nosso próximo encontro. Espero que tenhamos a chance de discutir aquela

oportunidade adicional de colaboração que você mencionou. Estou ansioso para saber como minha rede de transporte poderia fortalecer os laços entre nossas famílias.

— Tenho certeza de que sim. — Ele pode enfiar seu negócio de caminhões no rabo, pelo que me importa agora.

Envolvo meu braço em torno da cintura de Tara e praticamente a arrastei para fora do lugar.

Alguns grunhidos guturais e um bastão ameaçador, e eu passaria por um neandertal em um piscar de olhos.

— Você foi extremamente rude, — diz Tara enquanto atravessamos o estacionamento quase vazio, ocupado apenas por dois veículos praticamente idênticos. O meu e o de Ruffo, suponho. — E lá estava eu, fazendo o meu melhor para parecer o mais obediente e dócil possível, — continua ela.

— Sim, claro.

— Obviamente, nada te satisfaz, DeVille. Segui todas as instruções que você deu. Até os mínimos detalhes. Estou usando um vestido elegante na altura do tornozelo. Maquiagem mínima. Não disse uma palavra até que falassem diretamente comigo. E quando falei, nem um palavrão saiu da minha boca. Por falar nisso... mantive o sorriso obrigatório o tempo todo.

— Tenho certeza de que seus músculos faciais vão ficar doloridos de tanto sorrir falsamente. — Abro a porta traseira do BMW para ela, permitindo que ela se sente atrás do motorista. — Você estava ridícula, aliás.

— Fico feliz. — Ela sorri para mim. Desta vez, não é falso. Este sorriso é genuíno e deixa claro o que ela não disse. *Vá se foder, DeVille*.

Bato a porta assim que ela entra e vou para o outro lado do veículo com o sangue fervendo nas veias. De alguma forma, minha querida esposa descobriu o segredo de tudo que me faz funcionar. Ela sabe exatamente em que ponto me atingir para me fazer perder a cabeça. Em mais de um sentido.

O que diabos me possuiu para beijá-la mais cedo? Ou foi ela que me beijou? Eu não me lembro. Não havia ninguém por perto para quem tivéssemos que nos exibir. Ninguém que precisássemos enganar com nosso beijo. Ainda assim, meu cérebro deve ter entrado em curto-circuito. A única coisa que recordo é a fome incessante. Por ela. Eu queria devorá-la. Consumir cada parte dela. Eu queria me entregar. Entregar. Entregar.

Que merda é essa?

Acomodando-me no banco, imediatamente procuro no bolso da porta o frasco de ibuprofeno que escondi lá ontem. Passei a semana inteira me sentindo péssimo e, nesta manhã, uma sensação de aperto e dor se instalou no meu peito. Talvez sejam esses comprimidos que estão causando meu comportamento? Devo ter tomado muitos nas últimas 24 horas. Sim, deve ser isso.

Pego uma garrafa de água no porta-copos e tomo mais dois comprimidos.

— Você está usando drogas agora? — resmunga Tara ao meu lado.

— Sim. Um homem precisa estar completamente chapado para passar tempo na sua presença encantadora.

Os olhos de Tara brilham de surpresa, e talvez um pouco magoados, antes de ela rapidamente desviar o olhar, concentrando-se em algo além da janela. Embora ela esteja tentando esconder sua reação, não perco o leve tremor em seu lábio inferior. *Merda.* Cada vez que me permito sentir essa atração insana pela minha esposa, meu instinto de autopreservação entra em ação e eu me torno o pior tipo de

idiota. O tipo que precisa vomitar porcarias pela boca para desviar a atenção e me colocar de volta nos eixos.

Aperto as têmporas, sentindo-me como o idiota que sou. — São apenas analgésicos de venda livre, pelo amor de Deus. Eu só...

— Eu realmente não me importo, — ela resmunga.

— Tara...

— Podemos simplesmente dirigir o resto do caminho em silêncio? — Ela suspira. — Por favor.

— Tudo bem. Como quiser.

Pego meu celular para verificar quanto tempo levaremos para chegar em casa. Quase uma hora, de acordo com o GPS. Com Ajello controlando Nova York, este resort de golfe e clube de campo para a elite tem sido frequentemente escolhido como local para reuniões. Como fica fora dos limites do nosso território, é o lugar mais próximo que um membro de outra Família poderia chegar sem a permissão expressa do nosso chefe. Mas sua localização remota também é a razão pela qual Adriano Ruffo deve ter conseguido comprar o estabelecimento sem incorrer na ira de Ajello.

Pego meu laptop no console lateral e o coloco no colo para começar a ler os e-mails que chegaram nas últimas horas. Há mais de uma dúzia que precisam da minha atenção imediata. Respondo primeiro ao de Ajello, com um relatório sobre os carregamentos de drogas do próximo mês, e depois passo a analisar os esboços conceituais apresentados pelo nosso gabinete de arquitetura. Às vezes, este maldito trabalho faz-me sentir como se fosse o CEO de uma empresa da Fortune 500, em vez do subchefe de uma família do crime de Nova Iorque.

Trabalho por quase meia hora, fazendo anotações sobre as alterações que gostaria de ver. Os comprimidos finalmente fizeram efeito, diminuindo a dor no peito e a pulsação nas têmporas. No entanto, mesmo me sentindo um pouco melhor, ainda tenho dificuldade para me concentrar no que estou fazendo. E tudo por causa de Tara. Minha esposa, que está sentada ao meu lado, em silêncio, cabisbaixa.

Pela enésima vez, meus olhos se voltam para ela. — Por que você não comeu nada? — Fecho o laptop e coloco o aparelho de volta no console. — Aquele bife estava bom.

— Não consigo sorrir enquanto como. E você foi enfático quanto a essa exigência para eventos sociais em nosso acordo.

— Nossa. Vou preparar o jantar para você quando chegarmos em casa. Você gostou da lasanha?

— Não toquei. Greta teve a gentileza de preparar outra coisa para mim.

— O quê? Por quê?

— Já te disse, DeVille. Não como nada que você prepare, por princípio.

Minhas narinas se dilatam. Não entendo por que isso me irrita tanto. O que me importa se ela prefere devorar comida pronta ou porcaria industrializada? Mas me importa. Isso me irrita muito. Em vez de dormir um pouco depois da minha reunião matinal, passei mais de uma hora preparando lasanha caseira para ela. E eu queria que ela gostasse, droga.

— Você pretende morrer de fome, então? Porque, pelo que entendi, você não sabe cozinhar.

— Eu cozinho. Só não faço isso em uma cozinha onde o feng shui está todo errado. Seu fogão fica perto do canto noroeste. Você tem ideia do quanto isso

dá azar? Eu me recuso a tocá-lo. — Ela cruza os braços sobre o peito. — Greta disse que não se importa de preparar minhas refeições. Mas se ela não puder, sempre há comida pronta.

É mesmo? Veremos.

Acabamos de virar para uma rua mais larga quando o carro dá uma guinada violenta para o lado e os pneus guincham quando Riggo pisa no freio. Os movimentos bruscos fazem Tara voar em minha direção. Eu a seguro a tempo de evitar que ela bata a cabeça na janela ou seja jogada contra a divisória entre nós e o banco da frente.

Abaixando a tela, Riggo olha para mim por cima do ombro. — Desculpe, Sr. DeVille, — diz ele. — O veículo à nossa frente derrapou e parou bruscamente. Pode ter sido um pneu furado. Devo ver se precisam de ajuda?

Olho para a frente, verificando as condições da estrada através do para-brisa. Um cara de jeans e moletom preto está agachado ao lado do pneu do lado do motorista de sua picape preta grande. Esta pode ser uma estrada secundária pouco usada, pelo menos nesta época do ano, mas o asfalto é novo. Não há buracos nem nada que possa causar danos repentinos a pneus pesados como os do veículo deste cara. Especialmente a ponto de ser necessária uma parada brusca. Ele nem se deu ao trabalho de encostar no acostamento.

O homem se levanta e chuta o pneu com a bota, depois se vira para nós. Com um encolher de ombros casual, ele acena para Riggo se aproximar, como se precisasse de ajuda, afinal. Mantenho minha atenção no idiota enquanto enfio a mão no paletó e pego minha arma.

— Sério? — Tara resmunga ao meu ouvido. Eu não percebi que ainda a estava segurando com força contra meu lado. — Você vai mesmo sair com a arma em punho porque um coitado furou o pneu?

— Riggo. Quando eu mandar, pise no acelerador. — Eu me viro para encarar minha esposa teimosa, batendo meu nariz no dela no processo. — Abaixe-se no chão.

— Por quê?

— Porque as portas protegem mais das balas do que as janelas. Abaixe-se. Agora!

— Balas? — Ela pisca duas vezes, confusa, depois rapidamente desvencilha as pernas das minhas e se agacha no chão entre os bancos. — Que ótimo.

Considerando que ela teve um ataque de pânico durante nossos votos de casamento, espero que ela perca o controle a qualquer momento. Na verdade, eu meio que esperava que ela já estivesse quase lá, logo depois que mencionei balas. Mas, em vez de se afogar em histeria, minha esposa simplesmente ajeita a saia e me lança um olhar furioso. Inacreditável.

Eu aponto minha arma. — Pise fundo, Riggo.

O carro arranca.

O *pobre coitado com o pneu furado* estica o braço para trás e saca uma arma. Ao mesmo tempo, a porta do passageiro e as duas portas traseiras se abrem, e outros três caras saltam da picape bem quando nosso carro passa voando por eles.

Pings rítmicos atingem a parte de trás do carro enquanto os atiradores nos bombardeiam com tiros. Uma das balas ricocheteia no para-brisa traseiro, deixando

uma marca no vidro à prova de balas. Os bastardos estão usando munição perfurante. Abaixo a janela e revido.

— Eu deveria ter me casado com Conrad, — murmura Tara do chão. — Eu poderia estar me divertindo em algum lugar da Europa, saboreando um coquetel de camarão agora. Em vez de levar tiros no meio do nada.

— Quem é Conrad? — grito enquanto aponto para a picape que nos persegue. Dois homens colocam a cabeça para fora das janelas laterais, enquanto outro aparece pelo teto solar. Provavelmente devo agradecer que o motorista esteja ocupado demais para atirar em nós agora.

— Alguém com quem namorei na faculdade. Combinavamos bem. O pai dele é um magnata do petróleo, então Conrad me mimava muito. Mas só estávamos saindo há pouco tempo quando ele me pediu em casamento. Entrei em pânico e terminei com ele. Ele ainda me liga de vez em quando.

Cerro os dentes e disparo outra rajada contra a picape que está seguindo todos os nossos movimentos. — Bem, diga ao seu amigo com um pai magnata do petróleo que, se ele ligar para minha esposa novamente, a próxima ligação que você receberá será um convite para o funeral dele.

— Você não pode me proibir de falar com meus amigos!

Minha cabeça se vira bruscamente para ela. — Claro que eu...

Uma bala passa zunindo pelo meu rosto, errando por poucos centímetros. Essa maldita mulher vai me matar! Volto minha atenção para os idiotas que estão nos perseguindo, mas a picape mudou para o meio da estrada, escapando da minha linha de tiro. *Merda.* Troco o pente da arma, deslizo para a janela oposta e a abro para continuar atirando.

— Achei que você fosse canhoto, — Tara continua murmurando. — Combina com sua personalidade. Pessoas canhotas são conhecidas por serem dominadoras.

— Você pode parar de falar?!

— E facilmente distraídos. Parece que os bandidos estão se aproximando. Você não está fazendo um bom trabalho aqui, sabia?

— São três e... — pelo canto do olho, percebo que ela está espiando pela borda do banco de trás. — Abaixe-se, porra!

Agarro a parte de trás do vestido dela, puxando-a para longe, no momento em que o carro derrapa para a esquerda. A força do movimento nos joga no chão do carro, comigo caindo em cima dela.

— Que merda está acontecendo com você, mulher? — eu grito. — Quer ter sua linda cabeça explodida?

— Estou preocupada com a nossa situação!

Mais balas nos atingem enquanto Riggo muda de faixa, tentando se livrar dos atiradores. Preciso voltar a dar cobertura, mas não consigo tirar os olhos dos lábios carnudos de Tara. Eles estão me seduzindo novamente.

— Nossa situação está ótima, — eu digo com raiva.

— Não me diga, — ela responde, com os olhos brilhando de desafio.

Ela é tão sexy quando está com raiva. Afasto uma mecha de cabelo que caiu sobre o rosto dela, tentando lutar contra essa atração gravitacional em direção a ela. Essa resistência dura apenas dois batimentos cardíacos antes de eu me render ao impulso.

Prendo minha boca na dela, tomando seus lábios tentadores. Talvez seja nossa provação, ou talvez seja apenas o gosto dela, mas minha mente faz uma viagem inesperada para um precipício. Nada mais parece importar, exceto ter minha esposa presa debaixo de mim enquanto ela me beija de volta. Os sons de tiros, o guincho dos pneus, os gritos preocupados de Riggo... Tudo é abafado pelos gemidos suaves de Tara.

Um estrondo penetrante explode acima de nós. Eu imediatamente envolvo a cabeça de Tara com meus braços enquanto pedaços de vidro quebrado da janela traseira chovem sobre nós. O carro derrapa para a esquerda, fazendo com que nós dois batamos nos assentos.

— Fomos atingidos. Perdemos o pneu traseiro do lado do motorista, — grita Riggo. — Preciso encostar antes que a gente capote.

Ótimo. Eu aciono a alavanca embaixo do banco para liberar o compartimento secreto sob o apoio para os pés extensível e pego uma Uzi do meu estoque de armas de reserva.

— Não sai do veículo até eu dizer, — rosno enquanto encaixo o carregador na Uzi. — Entendeu, Tara?

— Sim, — ela responde com voz embargada.

— Ótimo. — Agarrando a nuca dela, puxo-a em minha direção, pressionando minha boca contra a dela para outro beijo rápido. Então, levantando-me rapidamente, empurro a porta e saio do carro.

A picape parou em ângulo, vários carros atrás de nós, e três agressores estão reunidos no lado oposto da carroceria, disparando balas em nossa direção. O quarto homem está caído, imóvel, no banco do passageiro da frente.

Eu me abrigo ao lado da roda traseira e disparo rajada após rajada semiautomática por cima do porta-malas do carro, mirando nas cabeças dos filhos da puta que se erguem acima da borda do veículo deles. Os idiotas não tiveram o bom senso de garantir que a emboscada não acontecesse sob a maldita lua cheia, e agora estamos envolvidos em um jogo fodido de pega-toupeira. Minha bala acerta o cara que está mais distante de mim, e ele se projeta para trás. Os outros dois rapidamente se abaixam. Continuo atirando enquanto salto e corro em direção à picape.

Estou a meio caminho do meu alvo, atirando no cara encurralado no para-choque traseiro, quando o outro capanga contorna o capô da caminhonete, com a arma apontada para mim. Uma sensação de queimação explode no meu braço quando a bala me atinge logo abaixo do ombro. Sem parar, mudo a Uzi para a mão direita e encaro o atirador, bem quando ele tropeça e cai no chão.

Aleluia, porra. Riggo finalmente caiu em si e decidiu entrar no tiroteio.

Eu desvio e continuo em direção à picape enquanto tiros precisos ecoam nas minhas costas, com Riggo dando cobertura. Outro milagre. O garoto deve ter praticado, porque ele normalmente não sabe atirar. Sua técnica daria inveja a uma mulher histérica, porque ele normalmente manda balas para todos os lados. Como se quantidade fosse mais importante do que precisão. Eu *bato a língua*. Crianças de hoje em dia.

O último atirador restante está agachado atrás do caminhão quando eu contorno a frente do veículo. É o motorista, segurando uma arma. Comigo chovendo balas de um lado e Riggo fazendo o mesmo do outro, o bastardo está encurralado, sem ter para onde fugir.

— Jogue a arma, — eu grito, mirando no meio da cabeça dele. — Depois levante-se. Devagar.

O homem não se mexe, apenas me encara com as sobrancelhas franzidas em um V profundo. Acho que ele não entendeu o que eu disse. Ou talvez eu não seja quem ele esperava?

— A arma, — repito, apontando com o cano. — Jogue-a.

Seus olhos se voltam para a minha direita, onde um de seus companheiros mortos está estendido no chão. O clique fraco de uma arma sendo engatilhada ecoa no meu lado cego. Puxo o gatilho, acertando o motorista entre os olhos, e me viro no mesmo instante em que outro tiro rompe a noite. O cara que eu achava que estava morto está, na verdade, meio ereto, segurando o pescoço sangrando com as duas mãos. O sangue jorra como um gêiser. Uma arma descartada está caída no asfalto ao lado dele.

Filho da puta. Uma hora atrás, a ideia de Riggo salvar minha vida teria sido ridícula.

— Belo tiro, — grito atrás de mim, mirando no homem moribundo. O garoto definitivamente melhorou.

— Obrigada, querido.

Minha cabeça se vira rapidamente para a traseira do caminhão. Minha esposa está parada no meio da rua, apontando uma arma para o atirador agora morto.

Capítulo 14



— Você pode parar de se mexer? — eu grito.

Um grunhido baixo é a única resposta que recebo.

Revirando os olhos, retomo a desinfecção do ombro de Satanás. Felizmente, a bala apenas o atingiu de raspão, e o ferimento não precisará de mais do que alguns pontos. Que pena.

— Ainda não consegue acreditar que um *desastre ambulante* salvou sua vida, hein? — Olho para cima e encontro o olhar severo de Arturo.

A iluminação do banheiro é ótima, iluminando cada ângulo de seu rosto bonito. Tenho uma queda por homens com maçãs do rosto salientes, e as dele parecem ter sido esculpidas em uma pedra irregular. E essas não são as únicas partes dele que parecem esculpidas. Com a camisa completamente desabotoada e as laterais soltas e abertas, seus peitorais definidos estão à mostra. A poucos centímetros do meu rosto. Perto o suficiente para eu sentir o calor de sua pele.

Como se isso não bastasse, o cara está exibindo um abdômen tanquinho. Um tanquinho! Eu achava que isso era apenas um mito. Deixa com o próprio diabo para distorcer minha realidade. É realmente uma pena que alguém tão lindo seja um idiota tão irritante.

— E então? — insisto. — É por isso que você está mal-humorado há uma hora? Eu entendo perfeitamente. Deve ser um golpe terrível para o seu ego enorme, querido.

Outro grunhido, seguido de um bufo. Talvez sua garganta esteja inflamada depois de tanto gritar. Enquanto esperávamos a cavalaria chegar, tive que suportar sua veemente tirada. Bem ali, no meio da estrada deserta.

Correu como eu esperava, com uma reviravolta inesperada. Muitas vezes, *'Você está louca?'* Algumas vezes, *'O que diabos deu em você?'* Seguidas pela surpreendente *'Você poderia ter se machucado!'* Duvido muito que a última tenha sido por preocupação com o meu bem-estar. Satanás provavelmente estava apenas irritado por ter escapado por pouco de ter que explicar a Drago minha imitação repentina de queijo suíço. *Se* chegasse a esse ponto. Mas não chegou, então agora tenho que lidar com o urso petulante.

Ele cedeu e me deu o casaco quando percebeu que eu estava tremendo de frio. Isso foi surpreendente, considerando o momento. Achei que, já que ele estava em uma boa fase, também iria me repreender por ter esquecido o casaco mais uma vez. Não fez isso. Mas me disse em termos inequívocos que, daquele momento em diante, ele colocaria a Família em 'alerta máximo' e que eu não teria permissão para ir a lugar nenhum sem uma equipe de segurança. Então, ele se calou e não disse mais nada. Nem enquanto seus homens se aproximavam de nós, nem durante toda a viagem de volta para casa. Na verdade, foi um pouco assustador.

Desvio o olhar e puxo a manga da camisa dele. — Você precisa se abaixar. Não consigo alcançar o...

Arturo envolve a minha cintura com o braço ileso e me levanta até a bancada do banheiro.

— Acho que também funciona. — Armada com uma agulha e linha do kit de primeiros socorros, concentro-me no corte em sua pele. — Tem certeza de que não tem nenhum anestésico local?

Em vez de responder, ele pega a garrafa de uísque que havia deixado ao lado da pia e toma um longo gole diretamente da garrafa. Isso explica o desvio pela cozinha antes de subirmos, eu acho.

Respirando fundo, aperto os lados do ferimento e insiro a agulha em sua pele. Ele nem sequer se encolhe.

— Seu irmão te ensinou a atirar? — Sua voz grave no espaço confinado do banheiro quase me assusta.

— Ah, agora você está falando comigo? — Levanto uma sobrancelha. — Sim, Drago me ensinou. Você ensinou suas irmãs?

— Claro que não. Mulheres não devem manusear armas de fogo.

— *'Mulheres não devem manusear armas de* fogo', — digo, imitando sua voz da melhor maneira possível. — Jesus, ouça você mesmo.

Ele grunhe novamente, e os músculos de sua mandíbula ficam tensos.

Mal consigo conter o riso. O que ele pensaria se soubesse que Sienna é quase tão boa com uma arma quanto eu? Devo contar a ele? Só para provocá-lo um pouco mais?

Meus olhos vagam para o antebraço direito de Arturo. A manga da camisa dele está rasgada em vários lugares e encharcada de sangue. Ele se machucou ao me proteger com os braços quando o para-brisa traseiro foi destruído. Ninguém que eu conheço, além do meu irmão, teria feito isso. Por mim. Colocar-se em perigo para *me* salvar. Certamente não os perdedores com quem namorei antes.

— Pronto. — Ato o fio como Keva me ensinou e aceno para o braço direito dele. — Vamos dar uma olhada nesses cortes agora.

— Está tudo bem.

Dou de ombros. — Tanto faz. Se infeccionar e você acabar com gangrena, os médicos vão ter que cortar seu braço. Mas acho que isso não é problema, já que você é ambidestro, certo?

Seus olhos se transformam em fendas enquanto ele me encara. Aquele olhar diabólico me hipnotiza enquanto ele lentamente tira a camisa e a joga no chão. Então, ele estende o braço, colocando a palma da mão no espelho atrás de mim.

Minha garganta fica seca de repente, mas tento engolir, sentindo-me quase intoxicada por sua proximidade. A vontade de envolver meus braços em torno dele e encostar minha testa em seu peito é esmagadora. Preciso desse contato. Preciso sentir seu coração bater. Preciso ter certeza de que ele... não está morto.

O perigo que corri durante a perseguição e o tiroteio foi praticamente nada comparado ao perigo em que ele se colocou voluntariamente. Enfrentar quatro homens armados. Sozinho! Longe da proteção do nosso veículo. Idiota!

Quase tive um ataque cardíaco ao ver Arturo correr em direção aos agressores. Ele acha que é indestrutível? Um maldito super-herói? Os gritos de Riggo para eu me abaixar foram inúteis. Não conseguia tirar os olhos daquele idiota destemido. Não conseguia me mover, não conseguia respirar. Estava com muito medo de que uma bala o atingisse. Ele correu em meio a uma chuva de balas. E então eu vi. O impacto e seu leve espasmo quando uma bala o atingiu.

Foi quando meu coração parou de bater. Quando o ar abandonou meus pulmões. Quando um grito silencioso rasgou minha cabeça até que finalmente

percebi que ele ainda estava se movendo. Ainda avançando. Ainda atirando. Ainda vivo.

Balançando a cabeça para me livrar desse desejo ridículo de aconchegar meu rosto em seu peito quente e largo, forcei meu foco para o braço dele.

— Puta merda, Arturo, — engasguei, olhando para a bagunça sangrenta que era seu antebraço.

— Basta borrifar com um desinfetante e enfaixar. Os cortes não são profundos.

— Tenho que verificar se há algum caco de vidro nas feridas primeiro.

— Mal pode esperar para começar a cavar na minha carne, não é, *gattina*? — Seus lábios se curvam em um sorriso torto.

— Sim, acertou em cheio.

Seu sorriso se amplia. Ele toma outro grande gole de uísque e acena com a cabeça. — Continue.

Com todo o sangue seco e a tinta por baixo, não consigo ver nada. Pego uma toalha pendurada na parede ao meu lado e a molho com água morna. Levo pelo menos dez minutos para conseguir limpar o braço dele. Deve doer muito, mas Arturo não solta um pio. Ele, porém, toma mais alguns goles e coloca a garrafa, agora meio vazia, na mesa.

Irritantemente, ele também estava certo. Os cortes parecem superficiais. Pareciam muito piores com todo aquele sangue espalhado. Não há cacos de vidro nas feridas, graças a Deus. Cubro os cortes com spray desinfetante, pego um rolo de bandagem e começo a enrolar em seu antebraço.

Enquanto faço isso, meus olhos ficam voltados para os bíceps dele. Para as asas de uma criatura e a adaga acima dela.

Para as palavras tatuadas em sua pele.

l'Onore... Rispetto.

Quero saber o que significam. Por que são importantes? Para ele.

Se há algo que aprendi, é que meu marido não faz nada pela metade.

E, caramba. Aqueles músculos! O banheiro é grande, mas daqui, espremida entre o espelho e o corpo de Arturo, o espaço parece minúsculo. Tão perto que posso sentir seu hálito quente soprando em minha bochecha.

— É isso que é preciso para você finalmente dizer meu nome? — ele sussurra bem perto do meu ouvido.

— Do que você está falando? — murmuro enquanto vasculho o kit de primeiros socorros em busca de fita adesiva para prender o curativo.

— Gosto muito do som dele em seus lábios. Talvez eu crie o hábito de sangrar com mais frequência, só para ouvir você dizer de novo.

— Não faço ideia do que você está falando, DeVille.

— Não? — Ele coloca a mão sobre a minha, bem onde estou segurando a ponta do curativo pressionado contra o antebraço dele para evitar que se desenrole. — Mas eu acho que sabe.

Aquele sorriso malicioso dança em seus lábios novamente. Ele mantém meu olhar cativo enquanto pressiona as costas da minha mão.

— O que...? — Tento me afastar, sem sucesso. — Pare. Pare agora mesmo.

Ele continua pressionando com mais força, até que manchas vermelhas brilhantes começam a aparecer através da gaze branca esterilizada, espalhando-se sob a palma da minha mão.

— Que merda, Arturo! Pare com isso!

Aquele sorriso diabólico em seu rosto se transforma em um sorriso perturbadoramente devastador. — Eu estava certo.

— Você está completamente louco.

— Hmm, talvez. — Ele agarra meu queixo entre os dedos e se inclina para frente até que seus lábios ficam a apenas alguns centímetros dos meus. — Mas só perto de você, ao que parece.

— Você está bêbado, — sussurro.

— Espero que sim.

Sua boca se choca contra a minha com tanta força que o ar fica preso nos meus pulmões. O beijo é forte e furioso. E imediatamente me leva a um estado de êxtase. Um lugar onde todo pensamento racional deixa de existir.

Tudo o que resta é a capacidade de sentir.

Meus braços envolvem o pescoço de Arturo por vontade própria. Minha língua duela com a dele como se esse beijo nunca fosse suficiente. Meu Deus! Seus lábios... Deslizando pelo meu queixo, descendo pela coluna do meu pescoço, passando pela minha clavícula, eles são a encarnação do próprio pecado. Não consigo escapar deles. Não quero! Tudo o que posso fazer é me agarrar com todas as forças.

Passo os dedos pelos fios macios de seu cabelo, arqueando as costas para oferecer mais de mim a ele. Mais para aquela boca perversa explorar enquanto

continua seu caminho descendente, seguindo aqueles lábios tentadores em direção aos meus seios.

— Sua bruxa maldita.

Seu grunhido baixo é seguido pelo som de tecido sendo rasgado. O ar frio atinge minha pele superaquecida quando as duas partes do meu vestido arruinado ficam penduradas em mim, sustentadas apenas pelas finas alças de espaguete. A abertura que ele rasgou me expõe bem no meio, deixando-me quase totalmente nua até a cintura.

— Sem sutiã, — ele diz com voz rouca, devorando meus seios nus com os olhos. — Mulher safada, safada.

As palmas ásperas agarram minha carne. Seu toque é firme, mas também incrivelmente gentil enquanto ele aperta os globos macios. Não faz sentido. Como ele pode ser tão contraditório? Como seu toque pode me incendiar e, ao mesmo tempo, acalmar todas as dores ardentes? Mas é exatamente isso que ele faz.

Ele abaixa a cabeça e puxa meu mamilo esquerdo para dentro da boca, rolando a ponta entre os lábios enquanto a lambe com a língua. Um gemido explode da minha garganta quando seus dentes roçam aquela carne sensível. Arrepios se espalham por todo o meu corpo enquanto uma descarga de adrenalina dispara direto pelas minhas veias. Tudo, absolutamente tudo formiga. Espasmo após espasmo percorre minha espinha.

Assim que a sensação começa a diminuir, ele muda sua atenção para meu mamilo direito.

Meus olhos reviram para trás. — Oh, Deus! — grito em êxtase.

— Não demorou muito para me elevar na sua opinião.

As palmas das mãos dele deslizam pelas minhas coxas, acariciando, arrastando a saia do meu vestido junto.

Eu deveria estar respondendo com um comentário sarcástico, mas todas as células cerebrais capazes que tenho estão concentradas em seus lábios novamente. Como eles podem ser tão macios? Como podem ser tão pecaminosos? Como posso mantê-los fundidos aos meus assim? Devorando. Reivindicando. Dando.

Em algum lugar no fundo da minha mente, um alarme estridente está tocando. Exortando-me a parar com isso. A fugir dessa loucura de emoções perigosas. Sentimentos que eu nem consigo compreender. Em vez disso, aperto meus braços em volta do pescoço de Arturo, levantando-me do balcão enquanto tento me aproximar dele.

Mãos ásperas deslizam sob minha bunda, puxando minha saia para cima, um centímetro de cada vez. Deixando-a enrolada na minha cintura. À medida que essas mãos recuam, explorando a curva dos meus quadris, minhas coxas, elas arrastam minha calcinha de renda junto com elas. Deslizando-a pelas minhas pernas trêmulas enquanto a boca de Arturo continua ocupada me devastando.

— Gatinha agressiva... derretendo sob meu toque. — Dentes afiados afundam em meu lábio inferior. — Não é mais uma princesa de gelo agora, não é, *gattina*?

— Vá para o inferno, Satanás. — Eu agarro seus lábios em um beijo brutal.

— Ah, fui rebaixado mais uma vez.

Suas mãos sobem pelas minhas pernas novamente, afastando-as, aproximando-se cada vez mais. Mais perto do meu centro que está chorando de desejo. As pontas dos dedos dele roçam minha boceta, e eu quase me desfaço.

— Diga meu nome. — Um grunhido. Um sussurro. Um pedido reverente.

Meu âmago lateja, implorando por... algo. Algo que me recuso a reconhecer, mas não consigo suprimir. Uma urgência absoluta de ter Arturo DeVille possuindo meu corpo, de todas as formas carnais possíveis.

Com mais uma mordida em seus lábios, eu me inclino para trás. Colocando distância física entre nós. Seus olhos diabólicos perfuram os meus. Firmes. Esperando. Sem piscar.

Esperando em vão, porque eu não vou dizer o nome dele em voz alta novamente. Nunca mais.

Usar o primeiro nome de uma pessoa é dar-lhe poder. Poder sobre você.

Algo em que acredito desde que era pequena. Algo que os contos de fadas me ensinaram. Algo que ainda hoje me assusta profundamente.

Pronuncie o nome de um monstro e você ficará arruinado. E ele vai embora com um pedaço de você.

— Não, — eu engasgo. *Você sempre foi e sempre será um vilão na minha história, DeVille. Não vou permitir que você roube de mim. Não minha alma. E definitivamente não meu coração.*



Raiva. Frustração. Tormento.

A raiva varre meu corpo diante de mais um acesso de desafio dela. Ela está sendo obstinada, teimosa sem qualquer razão lógica para isso.

A frustração me domina ao perceber que eu faria praticamente qualquer porra de coisa para ouvir Tara dizer meu nome de novo. Eu quase explodi, caralho, da primeira vez que ele saiu dos lábios dela. Eu quero - não, eu preciso - que ela o pronuncie. Estou farto dessa merda de 'DeVille'.

E o tormento da agonia pura da pressão que sinto no meu pau. O coitado está mais duro do que aço, pronto para explodir por causa da necessidade insaciável de ser enterrado dentro do calor da minha esposa.

Foda-se, incrível. Todas as três emoções estão a ferver dentro de mim. Tento manter a calma, manter a minha compostura intacta. Tudo isto enquanto a amaldiçoo mais uma vez por me ter confundido a cabeça. Por me ter transformado num lunático furioso. Quanto mais ela me nega, mais eu quero o que ela me nega. Mas o mais louco nisto tudo é que eu gosto desta ânsia. Anseio por aquilo que não posso ter.

— Eu prometo que vai. — Sorridente, me inclino para mais perto, lambendo a ponta de sua orelha. — Você vai gritar isso para mim, *gattina*.

Mergulho meu dedo em sua boceta na próxima respiração dela.

A inspiração brusca e, em seguida, o gemido que sai de sua boca... Oh, porra, eu poderia gozar só de ouvir aquele som suave e melancólico. Meu polegar

encontra seu clitóris e eu começo a esfregar aquele botão doce em círculos lentos, enquanto absorvo sua imagem.

A cabeça de Tara está jogada para trás, as pálpebras semicerradas. Seu cabelo lindo cai em cascata pelas costas. Seu cheiro de morango me envolve completamente, me deixando louco.

Eu preciso possuí-la.

Preciso torná-la minha.

Eu preciso... Preciso vê-la gozar.

Para mim. Só para mim.

Seus seios sobem e descem com respirações superficiais, aumentando rapidamente o ritmo à medida que pressiono mais forte seu clitóris. Empurro meu dedo mais fundo dentro de sua boceta, acariciando suavemente suas paredes internas. Ela é tão apertada. Tão linda em seu êxtase. Estou me segurando por um fio muito frágil.

Minha mão inteira já está encharcada com seus sucos tentadores. Quero prová-los, mas não posso. Ainda não. Preciso torturá-la um pouco mais, assim como ela tem me atormentado. Por semanas. Meses, na verdade. Essa mulher tem um talento especial para me irritar.

Movo minha mão livre para seu pescoço delicado, envolvendo sua garganta com a palma da mão. Não aperto, apenas seguro-a levemente, deixando-a montar meu dedo como uma mulher possuída. Posso sentir cada respiração rápida e seu pulso acelerado sob meus dedos. É rápido. Tão rápido. E sua boceta está tremendo.

Com os olhos entreabertos, ela me encara com raiva. Uma mistura de fúria e euforia toma conta de seu rosto. Está claro como o dia que ela detesta que seja eu quem esteja lhe dando esse prazer, mas ela também não pode negar que quer mais.

— Meu nome, — rosno, puxando meu dedo para fora, apenas para empurrá-lo com força e profundidade dentro dela novamente. — Diga, Tara.

— Satanás. — A palavra é abafada por seu gemido quando empurro meu dedo o máximo que posso.

Pequena criatura teimosa e obstinada.

Teimosa demais para admitir a quem pertence.

— Vou fazer você gozar... com tanta força... — meu aperto em seu pescoço se intensifica, — ...que todos num raio de um quilômetro vão ouvir seu grito. — Segurando seu queixo, inclino sua cabeça para que ela possa me olhar diretamente. — E vou fazer isso usando apenas uma mão.

— Não vai acontecer.

Há tanta irritação naqueles olhos verdes enquanto ela me encara, nossos rostos a poucos centímetros de distância.

— Olhe para mim. — Sorrio, sentindo o tremor revelador de suas paredes ao redor do meu dedo ainda enterrado.

Com meu olhar fixo no dela, pressiono bem no epicentro de seu clitóris, bem onde ela é mais sensível. Simultaneamente, deixo meu dedo curvar-se dentro de sua boceta, encontrando aquele outro ponto especial dela.

Um gemido agudo de prazer explode de sua garganta. O som quase me faz perder o controle. Meu pau está latejando nas calças. Estou tão duro que é doloroso.

Deslizo o polegar um pouco mais para baixo, aumentando a pressão sobre o clitóris dela enquanto sua boceta continua a se contrair ao redor do meu dedo. A satisfação de ver minha esposa se desfazer em minhas mãos por causa do prazer que lhe dou só é rivalizada pela sensação do seu néctar quente em toda a palma da minha mão. Ela pode negar, mas a prova é incontestável. E vê-la perdida em êxtase quase me faz gozar. Puta merda, estou tão excitado e meu pau nem está dentro dela.

Abaixo a cabeça e mordo seu lábio. — Você estava dizendo?

Nenhuma palavra sai da boca dela. Ela está tremendo tanto que eu movo minha mão para a nuca dela, com medo que ela bata a cabeça no maldito espelho.

Lentamente, deslizo minha outra mão e a levo aos meus lábios.

— Se você se comportar como deve... — lambo o néctar do meu dedo, — ...da próxima vez, vou comer sua boceta até você desmaiar.

O olhar que ela me lança está cheio de desdém. Agarrando os pedaços do vestido arruinado, ela os aperta contra os seios enquanto desliza para fora da bancada.

— Obrigada pela oferta, — ela diz entre respirações ofegantes. — Mas não haverá uma próxima vez.

— Por que não?

Ela se espreme entre mim e a penteadeira para pegar seus sapatos no chão. Quando se endireita, não há nem um traço da satisfação extasiada que eu esperaria ver em seu rosto depois do que acabou de acontecer. Apenas determinação inabalável.

— Porque, DeVille, aprendi a nunca repetir meus erros.

Virando-se nos calcanhares, ela sai do banheiro, deixando-me cercado pelo aroma mais inebriante do mundo. O cheiro de morangos e do orgasmo da minha esposa.

Minha boca fica cheia de água.

Que merda! Quando a porta se fecha atrás dela, mal tenho forças para reprimir a vontade de correr atrás dela. Para agarrá-la e transar com ela, direito desta vez. Mas deixo-a ir.

Porque isto é loucura.

Tudo isso é uma loucura!

Passando a mão pelo balcão, jogo a garrafa de uísque para longe. Ela bate na porta com um *estrondo* alto e se estilhaça em mil pedaços.

Assim como minha mente fez há um momento.

Maldita mulher.

Capítulo 15



— Minhas sinceras desculpas, Sra. DeVille, mas não sei onde está seu carro.

Olho de soslaio para o loiro de terno azul-acinzentado. — Você é Tony, certo?

— Isso mesmo.

— Bem, Tony... — Dou um passo ameaçador em direção a ele. — Meu amigo Jovan deixou meu carro aqui ontem à noite. Ele disse que deixou com um cara chamado... Você consegue adivinhar? — Dou mais um passo. — Sim. *Tony*. Tem vários Tonys por aqui?

— Hum... — Ele lança um olhar fugaz para a janela do térreo. — Acho que deveria perguntar ao Sr. DeVille.

Era de se esperar. Cerro os dentes e dou meia-volta para voltar para dentro da casa. O que diabos aquele idiota do meu marido fez com meu carro?

Já se passaram três dias desde aquela cena desastrosa no banheiro de DeVille. E todos os dias desde então tenho tentado apagar isso da minha mente, esquecer como ele me destruiu com tanta facilidade e rapidez, deixando-me ofegante em cima da pia. Cada gemido, cada respiração ofegante, tudo isso ressoa na minha mente como uma sirene. Meus pensamentos estão repletos de como me comportei

de forma tão devassa. Tudo por causa de Arturo DeVille. Porque foi *ele* quem me fez assim. Mas não consigo. Não consigo mais pensar nisso. Recuso-me a reconhecer aqueles minutos devastadores da minha vida. Eles nunca aconteceram.

É uma pena que meu corpo traiçoeiro pareça não conseguir esquecê-los. Assim que DeVille entra no meu campo de visão, tudo dentro de mim vibra instantaneamente. Cada célula, cada terminação nervosa, ressoa com o eco do seu toque. Meu lábio inferior, que ele mordeu de forma tão provocante naquela noite, imediatamente começa a formigar, como se estivesse pronto e esperando por mais um beijo.

A situação entre minhas pernas é ainda mais drástica. Minha boceta chora, ansiando por suas carícias perversas. Os músculos do meu abdômen se contraem cada vez que uma lembrança de suas mãos em mim vem à tona. A dor latejante é quase insuportável. O desejo que ele despertou é tão forte que mal consigo dormir à noite.

Eu me odeio pela reação do meu corpo. Estou irritada por não conseguir apagar Arturo dos meus pensamentos. Mas, mais do que tudo, detesto meu coração idiota por sua traição. Cada vez que aquele homem entra na sala, cada vez que meus olhos o encontram em qualquer lugar, meu coração traiçoeiro dispara. Como se estivesse feliz em ver aquele bastardo. Como se estivesse correndo para se aproximar dele. Como se achasse que é desejado de alguma forma. Que coração idiota e ignorante.

Ainda bem que aquele diabinho lindo deve concordar comigo que o que aconteceu entre nós no banheiro dele foi um grande erro. No dia seguinte, ele nem olhou para mim. Vi mais as costas dele e ouvi mais seus grunhidos do que em qualquer outro momento desde que nos conhecemos. E ele não tentou nos colocar

em uma situação semelhante novamente. Não que eu fosse permitir que isso acontecesse! Não, de jeito nenhum!

Ultimamente, DeVille tem me tratado quase como se eu não existisse. Ele sai da sala assim que me vê. Não diz nada quando por acaso estamos no mesmo lugar. O que, na verdade, tem sido muito raro. Ele fica fora por muitas horas todos os dias.

Na maioria das vezes, acordo de manhã e ele já saiu de casa. Ele volta, na maioria das vezes, depois que eu já fui dormir. Mas, em algum momento entre esses horários, ele ainda prepara pratos deliciosos para mim, deixando-os na bancada da cozinha para me deixar louca com seu aroma divino. Carbonara. Salsichas grelhadas com legumes salteados como acompanhamento. Um prato de vitela com molho branco que parece delicioso. Até uma pizza caseira! Comecei a sonhar com essas coisas malditas, imaginando-me a devorá-las. Isto é, quando não estou a sonhar com Arturo a comer. A minha boceta.

Não toco na comida que ele prepara, é claro, mantendo-me fiel às minhas convicções sobre isso. No entanto, os últimos dias têm sido muito difíceis, e minha determinação está começando a vacilar. Há um limite para a tentação que uma pessoa pode suportar. Também estou cansada de comer só queijo, saladas e frutas. Pedi delivery uma vez e pedi para Greta preparar outra de suas refeições sem gosto, mas foi o máximo que me atrevi a arriscar. Ainda estou determinada a garantir que DeVille não descubra meu medo irracional. Não posso dar a ele mais munição para usar contra mim.

É por isso que fiquei tão empolgada quando Jovan me mandou mensagem dizendo que meu carro finalmente tinha sido consertado. Ele precisava de uma nova bomba de combustível, que teve de ser encomendada especialmente para a Velha Betsy, então levou bastante tempo. Jovan mandou meu possante ser entregue no

portão da frente do DeVille, e eu estou super cheia de gás (sem trocadilho … ou talvez com!) para poder usar logo. Agora posso ir a vários lugares, comprar a comida que eu quiser, e o Satanás nunca vai saber!

Exceto que... aparentemente, meu carro sumiu.

— Onde está meu carro, DeVille? — pergunto assim que entro na sala.

Meu marido está deitado no sofá, com um laptop apoiado nos joelhos. Uma caneca fumegante de chá e um frasco de ibuprofeno estão ao alcance da mão, na mesa de centro, bem ao lado do mouse.

Ele nem sequer me dá a honra de um olhar, apenas continua digitando no teclado. — Seu carro?

— Não se faça de bobo. Jovan me mandou uma mensagem dizendo que deixou o carro no portão ontem à noite. Deixou com um cara chamado Tony.

— Ah, você está falando daquele carro velho de quinze anos com uma rachadura no para-brisa e ferrugem por toda parte? — Ele fecha o laptop com força. — Eu pedi para alguém levá-lo para uma instituição de caridade local. Até recebemos um recibo para dedução no imposto de renda.

— Você *o quê*?

— Minha esposa não pode ser vista dirigindo aquele calhambeque, Tara. É vergonhoso e humilhante. Riggo vai te levar a uma concessionária para você escolher um carro novo. Algo mais adequado ao seu novo status. Aqui.

Completamente pasma, vejo ele pegar a carteira e jogar o cartão American Express preto na mesa de centro.

— Você não tinha o direito!

— Eu tinha todo o direito. Sou seu marido. Minha palavra é lei pelo próximo ano, ou você esqueceu?

— Como se eu pudesse.

— Ótimo. — Ele toma dois analgésicos. — Fico feliz que tenhamos resolvido isso.

Idiota.

— E o que seria ‘mais adequado ao meu novo status’, oh, Sua Alteza Esnobe? Um supercarro? Talvez banhado a ouro?

— Qualquer coisa que faça as pessoas se virarem para olhar com admiração.

— É mesmo? — Eu sorrio e pego o cartão de crédito da mesa. — Até mais tarde.

***

Bato com o dedo no queixo enquanto avalio o Bentley vermelho brilhante no meio do showroom da concessionária. De acordo com a pequena placa ao lado do veículo, ele vem totalmente equipado com todos os aparelhos e engenhocas, bugigangas de luxo e bancos de couro genuíno costurados à mão.

— Não, — declaro.

— Mas... este é o veículo mais sofisticado que temos em estoque, senhora, — diz o vendedor. — E é uma edição limitada, para garantir exclusividade. Posso garantir que não encontrará um carro melhor e mais moderno em Nova York.

— O carro não é o problema. É o preço.

— Ah. Entendo. Bem, que tal darmos uma olhada em alguns dos nossos modelos mais acessíveis...

— É muito barato, — acrescento.

Os olhos do vendedor arregalam-se. — Custa... Custa quatrocentos mil, senhora.

— Exatamente. — Com as mãos na cintura, dou uma olhada no showroom.

Este é o terceiro lugar que visito e nenhum deles tem nada disponível por mais de meio milhão. Os carros mais caros são todos encomendas personalizadas, com meses e meses de espera. No entanto, quero ter a certeza de que sigo as instruções do meu marido hoje, de preferência gastando pelo menos um milhão de dólares do dinheiro dele.

Estou pensando se devo simplesmente cortar as perdas e ficar com a monstruosidade vermelha à minha direita quando meu olhar se fixa no outdoor do outro lado da rua. É um anúncio de um novo sucesso de bilheteria. Mas não é o cara de roupa de spandex que chama minha atenção. É o que está no céu acima dele.

Meus lábios se curvam em um sorriso.

Bingo.



— Estou em uma reunião, Tony, — grito no telefone e imediatamente começo a tossir. Droga, parece que vou cuspir um pulmão. Vasculho meu bolso, pego outra pastilha e coloco na boca. — A menos que seja urgente, pode esperar, — finalmente consigo acrescentar.

— Não é urgente, senhor, mas achei que o senhor gostaria de saber que... hum, sua esposa... o veículo que ela comprou chegou. É...

— Tony, isso definitivamente não é nada que eu precise saber agora. — Desligo a ligação e jogo o telefone na enorme mesa. — Onde eu estava?

— Aumento projetado na receita e outros benefícios de mudar do nosso fornecedor atual para a empresa de frete de Adriano Ruffo para distribuição, — diz Ajello de sua cadeira executiva atrás da mesa do escritório. — Ele está aberto a discutir uma possível parceria nessa frente?

— Sim. Na nossa videochamada esta manhã, depois de discutirmos as últimas novidades do projeto em Manhattan, eu mencionei a ideia novamente. Ruffo insistiu que isso deveria ser discutido pessoalmente, então não entramos em detalhes. Mas ele está, sem dúvida, interessado. — Eu me mexo na cadeira. Apesar de estar engolindo pastilhas para tosse como se fossem balas, a coceira na garganta persiste. — Dei uma olhada nos números. A frota de Ruffo é composta por mais de 15 mil caminhões e quase quatro vezes mais reboques. Eles transportam cargas para mais de 50 empresas em todos os Estados Unidos, com exclusividade. Estamos falando de grandes nomes, contratos de vários anos. Tudo, desde móveis e eletrodomésticos até produtos refrigerados e materiais de construção.

— Qual é a receita anual deles?

Olho para as minhas anotações. — Os relatórios financeiros estimam em 6,2 bilhões. Mas lembre-se de que esses são os números dos últimos doze meses apenas do setor de transporte rodoviário. Isso não inclui todos os outros negócios do Ruffo, como os serviços de logística que sua empresa oferece.

— Louvável. — Ajello concorda com a cabeça. — Mas há algo que não compreendo. Trabalhando com grandes empresas, os processos logísticos devem ser rigorosos, sem mencionar todas as regulamentações e inspeções que enfrentam. E, imagino, a carga é lacrada para transporte com bastante antecedência antes de ser recolhida. Isso significa que as chances de mexer nela ou as oportunidades de usar as rotas como fachada para contrabandear produtos devem ser limitadas. Então, como ele consegue distribuir toneladas de drogas com essa configuração?

A dor aguda e lancinante que sinto cada vez que respiro fundo volta a aparecer. Minha garganta fica obstruída por uma pressão ardente e eu começo a tossir com força, como se estivesse com dor de estômago. Quando a crise finalmente passa, pego a garrafa de água da mesa. — Não faço ideia.

— Você não parece bem, Arturo. — Ajello me lança um olhar de reprovação enquanto me observa engolir outro analgésico. — Deveria tirar alguns dias de folga. É sexta-feira. Vá para casa, descanse um pouco.

— Está fora de questão, chefe. O baile anual de gala dos melhores do ano é amanhã à noite. Não podemos... — Outra crise de tosse me domina. — Não podemos perder essa oportunidade de fazer contatos, sem falar em conversar com potenciais parceiros de negócios abertamente. Na segunda-feira, vou me reunir com Wang para discutir aquela confusão em Chinatown. E no dia seguinte, tenho uma

reunião com o arquiteto-chefe do complexo de condomínios. Além disso, já mencionei que nossa próxima remessa chegará em poucos dias?

— Certo. Aquela festa seria uma oportunidade para você passar um tempo com sua esposa. — Ele balança a cabeça como se tivesse ponderado minhas palavras e percebido o erro de seu comentário anterior. — Mas, fora isso, você está de licença médica a partir de agora. Vou avisar a segurança para não deixar você entrar no prédio até que eu informe o contrário.

— Não preciso de licença médica. E não tenho tempo para ficar doente, especialmente agora, já que Nino não está disponível para me substituir.

Ainda não há informações sobre os caras que nos atacaram na estrada no início da semana. Nenhum dos cadáveres tinha identidade. A caminhonete que eles usaram foi roubada dois dias antes de nos emboscarem. Com o número infinito de pessoas ou grupos que têm rixa com a Família, ou comigo pessoalmente, não consigo nem imaginar quem pode estar por trás do ataque. Nino passou a última semana investigando todos os bares e casas de strip-tease frequentados por marginais de outras organizações obscuras, tentando descobrir se há alguma conversa. Tudo sem sucesso.

Ajello me fixa com o olhar. — Sim, você sabe. Está dispensado, Arturo.

A indignação corre em minhas veias enquanto pego meu laptop e as pastas da mesa e saio furioso do escritório do chefe. Ginger, a assistente administrativa de Ajello, corre em minha direção, tagarelando sobre o armazém em Princeton e o contrato de aluguel que vence na próxima semana. Cerro os dentes e continuo pelo corredor em direção ao elevador. Embora eu esteja praticamente ignorando-a, ela continua correndo atrás de mim.

— Quer saber, Ginger? — Aperto o botão do elevador com muita força. Coloco o laptop debaixo do braço e entrego as pastas para ela. — Leve isso para o chefe e diga que espero que ele se divirta com a papelada.

O elevador toca. Entro e aperto o botão do estacionamento com força. Quando as portas se fecham, o rosto perplexo de Ginger fica bloqueado da minha visão.

Que ótimo. Não acredito que Ajello me colocou em licença médica forçada. Especialmente quando as coisas que tenho para fazer estão se acumulando. No último ano, tirei exatamente um dia de folga. Um! O dia em que Sienna se casou. Ninguém pode argumentar que não cumpro minhas obrigações com o chefe e com esta Família com a máxima eficiência. E é assim que sou recompensado? Tudo por causa de uma tosse?

Essa tosse escolheu exatamente este momento para me lembrar que está me matando. Eu me curvo, tossindo tanto que chego a me perguntar se meus órgãos vão sair. Me sinto como se estivesse no inferno, mas não vou deixar isso me impedir. Mesmo que meus pulmões pareçam que vão implodir com a pressão que aperta meu peito e todos os músculos do meu corpo doem. Droga, preciso me livrar dessa gripe logo. Pego outra pastilha para a garganta e coloco na boca.

Quando o elevador para na garagem subterrânea, sinto novamente que posso sobreviver com as respirações superficiais a que fui reduzido. Finalmente recuperei minha carteira de motorista esta manhã, então vou direto para o meu Land Rover. Sentando-me ao volante do SUV, suspiro e inclino a cabeça para trás por um minuto.

Que carro minha rebelde comprou? Recebi uma ligação há algumas horas para confirmar que meu cartão de crédito não havia sido roubado. Aparentemente,

minha esposa estava tentando fazer uma transação de 1,2 milhão no Amex. É o que ganho por dizer a Tara que ela pode comprar o que quiser. Assumo meus erros, então autorizei a compra. Espero que ela não tenha comprado um conversível feio. Detesto esses carros.

Assim que vi o carro velho dela estacionado na garagem, a lembrança de Tara naquele beco escuro passou pela minha cabeça. Não importa o quanto o carro foi consertado, não confio nele. Não consigo acreditar que aquele carro velho não vai deixá-la na mão de novo. E se eu não estiver lá da próxima vez? E se ela estiver sozinha e ficar presa no meio do nada? E se os freios falharem e minha esposa se envolver em um acidente? Não. Eu não poderia fazer isso. Não poderia permitir que existisse a menor possibilidade disso acontecer. Então, eu o fiz desaparecer. Mandei-o para o céu dos carros, ou para onde quer que seja. Certifiquei-me de que ela nunca mais entraria naquela coisa.

Também dobrei a segurança dela, designando outra equipe de guarda-costas para segui-la. Sempre. Ela nunca mais ficará desprotegida. E sei que o carro novo terá todos os recursos de segurança. Também vou garantir que instalemos todas as atualizações personalizadas. Rastreamento. Vidros à prova de balas. Tudo o que for necessário. Só preciso saber qual veículo ela escolheu.

Talvez Tara tivesse reagido melhor à minha atitude com o carro antigo se eu tivesse simplesmente admitido a verdade. Mas, em vez disso, inventei aquela explicação idiota, fazendo parecer que ela precisava de um carro chamativo, algo mais adequado à minha esposa. Como se eu fosse um esnobe arrogante ou algo do tipo.

Estúpido, eu sei. Mas funciona melhor para a situação em que estamos.

O relógio do painel me diz que são pouco mais de seis horas, ainda é início da noite. Tempo de sobra para trabalhar mais um pouco. Vou visitar Wang e tentar resolver quaisquer problemas que sua equipe tenha com a programação da nossa equipe. Aquele maldito depósito precisa ser concluído o mais rápido possível. Diabos, precisava ter sido feito semanas atrás. Depois, posso dar uma ligada rápida para o nosso arquiteto-chefe e revisar as novas renderizações que ele enviou para a próxima fase do nosso projeto de construção. Alguns detalhes não estão ficando do jeito que eu imaginei. Isso significa que vou começar minha licença médica amanhã. Hoje à noite, manter-me ocupado vai me distrair de pensar na minha esposa. E na sua bocetinha apertada.

Não que haja a menor chance de eu conseguir tirar da cabeça a imagem do rosto corado dela. Há dias ando com um tesão danado, pensando constantemente em como ela ficou quando gozou na minha mão. Merda, essa última semana, esbarrar nela pela casa foi uma tortura. Toda vez que a via, voltava instantaneamente para aquele banheiro com ela. Então, fiquei longe. Trabalhei o máximo possível. Caramba, corri 160 km na esteira da academia só para não sentir o cheiro do xampu de morango dela. Mas toda vez que fecho os olhos, lá está ela. Linda. Excitada. Eufórica.

E lá vai meu pau de novo.

Toda.

Maldita.

Vez.

***

É quase meia-noite quando chego em casa. Ao dirigir até casa, indo para a garagem nos fundos, vejo uma sombra enorme no meio do gramado do quintal.

O que diabos...?

Piso no freio e saio do SUV.

Não é possível.

Nem mesmo *ela* seria tão louca. Certo?

— Hum... Eu tentei lhe dizer, senhor, — murmura Tony ao chegar ao meu lado.

— Como diabos essa coisa chegou aqui?

— Foi deixado por um caminhão plataforma, cortesia do vendedor. Os entregadores se desculparam por estragar o terreno, mas este era o único espaço grande o suficiente para deixá-lo.

Dou um passo à frente, ainda sem conseguir acreditar no que estou vendo.

Minha esposa impertinente comprou um helicóptero!

Aquela mulher audaciosa... corajosa... imprudentemente inteligente e astuta!

Uma risada explosiva surge na minha garganta. Pressiono o punho contra a boca, tentando engoli-la.

— Senhor? — Tony me lança um olhar preocupado. — Você... você está bem?

Uma gargalhada profunda e gutural irrompe de mim e explode na noite. Minha garganta e meus pulmões gritam em protesto, e outra crise de tosse me domina. Nada disso é suficiente para me fazer parar de rir.

— Hum... senhor? Devo tentar devolvê-lo?

Finalmente, consigo controlar a respiração. — Não. Deixe onde está.

Balançando a cabeça, dirijo-me para a casa.

— Greta, — chamo, entrando pela porta da frente. — Onde está minha esposa?

Minha governanta espreita pela esquina. — Ela está lá em cima, dormindo. Você viu o helicóptero, não foi?

— Era difícil não ver.

— Está zangado com a Sra. DeVille?

Não sei bem porquê, mas não estou. Não consigo ficar nem um pouco zangado com Tara. Na verdade, ela acabou de me alegrar o dia, apagando completamente as últimas horas horríveis da minha mente. Foda-se, nem me lembro da última vez que ri tanto.

— Não. Não estou bravo, Greta.

Duas sobrancelhas grisalhas atingiram a linha do cabelo, também grisalho. — Huh. Bem, fico feliz. Mas eu entendo, Sr. DeVille. É difícil ficar bravo com a pessoa que você ama.

Eu paro de caminhar.

Como é que a minha governanta teve a ideia absurda de que estou apaixonado pela minha esposa? Isso é ridículo. Não, espere. Acho que faz sentido.

Temos fingido ser um casal feliz sempre que há outras pessoas por perto. A nossa pequena encenação deve ser convincente.

— Ela comeu o ensopado que eu fiz para ela?

— Oh... hum... não. Não, ela não comeu. A Sra. DeVille pediu hambúrgueres.

Meu maxilar se contrai. Minha esposa ainda prefere comer comida ruim de delivery do que uma refeição caseira.

— Tenho certeza de que ela não quis magoá-lo, senhor. A Sra. DeVille provavelmente não gosta de cordeiro. Ela também não parece ser fã de carbonara, porque não comeu o macarrão que você deixou para ela ontem. Eu... servi um sanduíche de queijo grelhado para ela, e ela praticamente lambeu o prato.

De repente, sem sentir mais a alegria de antes, atravesso a sala até ficar a um braço de distância de Greta. — A partir de amanhã, você não vai preparar mais comida para minha esposa. Está claro?

— Oh. Se o senhor manda, Sr. DeVille.

— Mando. E avise aos guardas do portão que todas as entregas de comida são estritamente proibidas. Se o entregador ficar parado no local, diga à segurança para atirar como se ele fosse um invasor. Está claro?

— Muito claro, senhor. Nenhuma entrega de comida.

— Ótimo, — eu grito enquanto subo as escadas.

— Ah, Sr. DeVille, — Greta chama da porta da frente. — Esqueci de lhe dizer... Está um pouco frio esta noite, então acendi a lareira da Sra. DeVille. Espero que ela goste de acordar em um quarto aquecido e com o som agradável do fogo crepitando.

Uh-huh. Não dou a mínima para o que a Sra. DeVille gosta.

Estou exausto. É uma luta reunir forças para tomar um banho e colocar um novo curativo no ferimento do ombro. Mesmo completamente destruído, sinto a necessidade de dar uma olhada rápida em Tara antes de ir para a cama. Depois de abrir a porta entre nossos quartos, apoio o ombro bom na ombreira e simplesmente observo minha esposa dormir, banhada pelo brilho quente e cintilante da lareira.

Se Tara e eu concordamos em alguma coisa, é que o que aconteceu na outra noite foi um erro. Mas o erro dela não foi o mesmo que o meu. Não sei o que me deu. Por que não consegui controlar meu desejo. Talvez eu tenha bebido demais quando ela cuidou dos meus ferimentos. Na verdade, não há nenhum 'talvez' nisso. Aquilo doeu pra caramba. Bebi mais do que o suficiente para ficar bêbado, e foi isso que me fez perder o controle.

O desejo maníaco de provar minha pequena gata selvagem tomou conta de mim como uma tempestade de fogo. Meu sangue fervia com a necessidade de possuí-la. Meus pulmões ardiam com o desejo de roubar seu fôlego. Não toquei em uma gota de álcool desde aquela noite, mas minha cabeça ainda está girando por causa da meia garrafa de uísque que tomei. Melhor do que ficar de pau mole por causa do álcool, eu acho.

Esse problema eu não tenho. Meu pau está doendo de tesão. Me masturbar não ajudou. Eu quero provar o gosto dela. Quero sentir seu corpo estremecer nos meus braços outra vez. Estou faminto pelos gemidos dela, pelos murmúrios, pelos suspiros. Pela quebra da respiração. Morrendo de vontade de saber se eu conseguiria fazê-la gritar o meu nome.

Aparentemente, minha loucura é mais profunda do que o desejo sexual. O que me deixa louco vai além de levar minha esposa para a cama. Tenho essa

necessidade de conquistar. De reivindicá-la de todas as maneiras possíveis. De garantir que todos saibam que ela é minha, e não apenas por causa de um pedaço de papel sem valor. Não por causa do acordo que fizemos. Ela é minha. Minha para abraçar. Minha para guardar. Minha. Mesmo que ela não saiba disso. Mesmo que ela não queira isso. Ela ainda é minha.

E é isso que tem passado pela minha cabeça há dias. Jesus. Aquela mulher me deixa louco. Eu realmente não sei o que há de errado comigo. Olhando para Tara do outro lado da sala, duvido muito que encontre as respostas.

Uma de suas pernas bem torneadas escapou dos limites do edredom, e não consigo deixar de admirar a extensão macia e leitosa de sua pele. Quero explorar cada centímetro dela. Com minhas mãos. Com minha língua. Com meu pau. Quero ouvir seus gemidos enquanto fodo aquela boceta apertada e molhada. Quero ver seu rosto enquanto a faço gozar.

Sim, tocá-la foi sem dúvida um erro colossal. Agora sei exatamente o que estou perdendo. Nunca deveria ter deixado minhas mãos se aventurarem perto da boceta dela. Então, por que, em vez de concordar com ela sobre a questão do ‘erro’, fiquei irritado por ela ter chamado assim?

Andando o mais silenciosamente possível, atravesso a distância até a cama dela. Como sempre, ela está enrolada no cobertor, mas a maior parte dele escorregou até a cintura. Como ela consegue ficar tão enrolada todas as noites? Pego uma das pontas e endireito para cobri-la até o pescoço. Ela gosta do calor.

— Você está mexendo com minha cabeça, *gattina*, — sussurro na escuridão e saio silenciosamente do quarto da minha esposa. Minha cabeça está me matando, então, assim que ela toca o travesseiro, caio em um sono profundo e sem sonhos.



Cheiro de madeira queimando. Fumaça. Tanta fumaça que está ficando impossível respirar. Eu grito. A porta se abre com um estrondo e Drago entra cambaleando no quarto. Com ele, uma onda de calor e uma nuvem espessa e escura.

— Tara! — ele grita enquanto me pega da cama. Mesmo segura em seus braços, não consigo parar de gritar.

Minhas mãos pequenas se agitam loucamente na frente do meu rosto.

Meus olhos estão ardendo com a fumaça, cheios de lágrimas. De alguma forma, porém, ainda consigo ver minha irmã gêmea. Ela está encolhida do outro lado do quarto, com as costas pressionadas contra a parede. Com seu corpinho tremendo e o horror estampado em seu rosto de bebê, ela simplesmente fica ali parada. Imóvel. Quieta, como sempre.

Drago continua gritando, tentando alcançá-la, mas meus próprios gritos estão dificultando ouvir o que ele está dizendo.

Pisco os olhos e tudo ao meu redor se dissolve. Não estamos mais em nosso quarto. E Dina não está em lugar nenhum que eu possa ver.

— Dina! — grito, mas apenas um som rouco e entrecortado escapa da minha garganta dolorida.

Meus pulmões não funcionam mais. Não há ar. A fumaça pútrida queima meu nariz, arde meus olhos. Envolvo meus braços em torno do pescoço de Drago enquanto ele me carrega por um túnel de fogo. Ele se fecha em torno de nós por

todos os lados, pronto para nos engolir sem piedade. Nós vamos morrer. Nós vamos...

Minhas pálpebras se abrem. Respiro ofegante. Um maldito pesadelo. Um que eu não tinha há muito tempo.

Não, não é um sonho terrível.

Uma lembrança.

Eu tinha apenas quatro anos, mas aquela noite ficou gravada para sempre na minha mente. Eu continuo revivendo-a, repetidamente. Sentindo a impotência devastadora de uma criança, mas vendo-a distorcida pelos meus pensamentos adultos. Nas duas décadas que se passaram, seu domínio sobre mim nunca diminuiu. Mesmo agora, posso sentir o calor na minha pele. Sentir o gosto da fumaça no ar. Minha garganta está irritada, dificultando a deglutição. É como se eu ainda estivesse lá. No meio de um inferno, revivendo aquele inferno novamente.

Não vou conseguir dormir mais esta noite. Normalmente demoro um tempo para me livrar de um pesadelo, e este último é pior do que todos os anteriores. De alguma forma, mais real. Quase como se eu ainda pudesse sentir o cheiro de queimado no quarto. Ele invade todos os meus sentidos, envolvendo-me como um sudário mortal.

Jogando as pernas para fora da cama, sento-me. Leva um momento para perceber que a escuridão no quarto não é total. Uma luz estranha pisca em algum lugar atrás de mim, projetando minha sombra na porta que liga meu quarto ao de Arturo. Olho por cima do ombro, procurando a fonte, quando meus olhos se fixam no fogo.

Um grito aterrorizado irrompe dos meus lábios. Salto da cama e recuo, colando-me à porta de correr, com os olhos ainda fixos na chama laranja do outro lado da sala. Será que ela me seguiu do meu pesadelo macabro para esta terrível realidade? Tremores sacodem todo o meu corpo. Um medo gelado desliza pelas minhas costas. Minhas pernas ficam bambas, cambaleando enquanto lutam para suportar meu peso. E tudo que consigo fazer é olhar para o fogo furioso dançando sobre os troncos empilhados na lareira.

— Não! — grito, começando a cair.

Minha mente não consegue processar o que está acontecendo. As chamas que pareciam contidas há apenas um momento atrás parecem ter crescido, preenchendo completamente minha visão. Uma névoa desce ao meu redor. A sala se enche de fumaça. Muita fumaça. Está ardendo meus olhos. Meu nariz. Estou sufocando com seu cheiro amargo.

— Não. Não. Não. — Balanço a cabeça, tentando fugir com as pernas trêmulas do inferno que se aproxima de mim. A superfície fria nas minhas costas me lembra que não há para onde ir, e algo intrínseco me diz para não confiar nos meus olhos. O pensamento mal se formou quando a porta atrás de mim se abre para o lado.

— Tara. — Um grande braço tatuado envolve minha cintura, impedindo-me de cair no chão. — O que...

Virando-me, jogo meus braços em volta do pescoço de Arturo e subo até a metade do seu corpo. — Para fora, — sussurro em seu peito. Segurando-me como se minha vida dependesse do refúgio que só ele pode me dar, agarro-me a ele com todas as minhas forças. Um gemido escapa dos meus lábios. — Por favor, tire-me daqui.

— Eu vou, querida. — Sua mão pousou na parte de trás da minha cabeça, acariciando-me como se eu fosse um animal ferido. — Só me diga para onde você quer ir.

As lágrimas ameaçam me sufocar, mas de alguma forma consigo formar as palavras. — Longe dos... pesadelos.

A porta se fecha e então sou carregada. Para onde, eu não sei. Não me importo. Só sei que estou segura. Enterro os dedos no cabelo de Arturo, agarrando os fios macios com força. Shampoo almiscarado, sabonete de capim-limão e um homem limpo. Seu cheiro me envolve e respiro fundo pela primeira vez desde que acordei, emocionada até os ossos por não sentir mais o cheiro de madeira queimada e fumaça.

A estrutura da cama range quando Arturo sobe no colchão. Mantendo-me pressionada contra seu peito, ele se deita nos lençóis brancos. Não ouso mover um músculo enquanto acabo espalhada em cima do meu marido, ouvindo o som rítmico de seus batimentos cardíacos. A melodia me embala e, junto com seu cheiro, afasta meus pensamentos horríveis de fogo e destruição.

— Tara? — Sua palma quente desliza pelas minhas costas. — Quer falar sobre isso?

Eu balanço a cabeça e aconchego o rosto no ponto macio onde seu pescoço e ombro se encontram, logo acima da clavícula.

— Tem certeza? Eu sei uma coisa ou duas sobre pesadelos. — Seu tom é gentil, reconfortante. Diferente de tudo que já ouvi dele, mas exatamente o que preciso agora.

— Não, obrigada, — sussurro.

— Tudo bem. — Ainda mantendo o braço firmemente em volta de mim, ele puxa o cobertor para cima, cobrindo a gente. Quando finalmente me permito relaxar, minha respiração se acalma e eu caio em um estado de tranquilidade enquanto a palma da mão dele continua deslizando pelas minhas costas. Seus movimentos são lentos e leves. Ternamente. Algo que eu nunca esperaria de Arturo. Especialmente depois do meu último ato de rebeldia. Talvez ele ainda não tenha visto o helicóptero?

— Você viu minha adição à sua... frota? — pergunto, encostando a voz no pescoço dele.

— Sim.

Ah...

Espero que ele diga mais, mas nossas respirações constantes são os únicos sons no quarto. Quaisquer que sejam suas razões, agradeço por ele ter decidido esperar até amanhã para me dar uma bronca pela minha atitude. Hoje à noite, não consigo lidar com mais nenhuma ‘emoção’.

Meus olhos se fecham e eu me rendo ao sono. Levada ao mundo dos sonhos pelo movimento reconfortante de seu peito sob o meu. Protegida pela batida constante e hipnótica.

Capítulo 16



— Você comprou um helicóptero? — O grito de Sienna ecoa pela sala de jantar.

— Sim. — Enfio o garfo no recipiente de plástico e coloco mais um pedaço da deliciosa costeleta de porco na boca. — Seu irmão insistiu para que eu comprasse algo que causasse impacto.

— Ah, sim. Mas um helicóptero?

— Não dá para fazer uma entrada mais grandiosa do que chegar em um... Ai! — Eu me afasto e arranco a escova da mão dela. — Você poderia ser mais gentil? Eu gostaria de ter algum cabelo sobrando depois disso tudo.

— Bem, *esse* penteado precisa de volume com V maiúsculo. — Ela aponta para a imagem no meu celular, que eu coloquei apoiado na garrafa de água, depois pega a escova de volta e continua a pentear os fios no topo da minha cabeça. — O que Arturo disse sobre o helicóptero? Aposto que ele ficou louco, certo?

Lambo o garfo até ficar limpo, mergulho em outra tigela e pego um pouco de arroz. — Bem, essa é a questão. Não ficou.

Acordei na cama do meu marido esta manhã. Felizmente, seu legítimo ocupante já tinha ido embora há muito tempo. Os lençóis frios me diziam que ele já

tinha saído há horas. Meu cérebro confuso levou quase um minuto para lembrar como eu tinha ido parar no quarto de DeVille, na cama dele.

Meu primeiro pensamento foi que a gente tinha feito sexo. Considerando tudo, talvez isso fosse o mal menor. Se eu pudesse escolher, preferiria ter me envolvido com Satanás DeVille a deixá-lo testemunhar meu colapso. E como se não bastasse, tenho quase certeza de que passei o resto da noite dormindo em cima dele. A sensação de seus braços ao meu redor ainda permanece, como uma carícia fantasmagórica. Se eu tivesse acordado ainda enroscada em seus braços, teria ficado mortificada e pronta para me matar.

— Eu já estava dormindo quando ele chegou em casa ontem à noite, e ele já tinha saído bem antes de eu acordar hoje de manhã. Então, ainda não conversamos sobre isso. — Eu dou de ombros, decidindo que não quero discutir com Sienna nem refletir sozinha sobre os eventos que aconteceram nesse intervalo. — Ele acabou de me enviar vários links para regulamentos, programas de treinamento e certificação. Depois, os dados de contato do seu agente de seguros. E, por fim, o nome de um cara que aparentemente é piloto e já trabalha para ele. Não foi nada a reação que eu esperava.

— Que estranho. Talvez Arturo esteja apenas em choque. Mas, garota, o que você vai fazer com um helicóptero?

— Não faço ideia, — murmuro com a boca cheia de costeleta de porco. — Especialmente agora, com uma equipe de guarda-costas me seguindo para todo lugar que vou. — Enquanto falo com a boca cheia de comida deliciosa, me sinto como uma porca, mas não me importo. Eu estava morrendo de fome quando cheguei na casa de Drago hoje. — Nossa, sinto falta da comida da Keva. Você acha que tem mais sobras na geladeira que eu posso levar para casa?

— Hum... claro. Você sabe que geralmente sobra bastante. Mas tem certeza de que vai ter espaço para levar tudo para casa? Você gosta da comida de Arturo, pelo menos? Passa-me o grampo de cabelo.

— Ainda não provei. É uma questão de princípio. Não como nada do que ele faz, — digo, entregando-lhe um pequeno arame em forma de U. As palavras mal saíram da minha boca quando os extremos metálicos cravaram-se no meu crânio. — Cristo, Sienna.

— Tudo bem, justo. Mas não estou acostumada a brincar de cabeleireira na sala de jantar. Vamos subir. A iluminação é muito melhor lá.

— Não podemos! Estamos derramando chá, e a regra não escrita da Sérvia é que todas as fofocas acontecem na sala de jantar.

— *Por quê*?

— Não sei. É assim mesmo. — Eu dou de ombros bem quando Sienna puxa outro fio do meu cabelo com tanta força que parece que vai arrancá-lo. *Ai!*

— Sabe, eu realmente esperava que essa animosidade entre você e Arturo desaparecesse.

— Isso não vai acontecer tão cedo, — respondo com raiva. Meu tom é duro, mas, no fundo, sinto minha determinação vacilar um pouco. Arturo não me pressionou para explicar meu comportamento na noite anterior. Ele também não me chamou de histérica, como eu imaginava que faria. Ele apenas... me abraçou. E foi tão bom.

— Você pode mudar de ideia se experimentar o ensopado de cordeiro dele. O que você está comendo, afinal? Comida delivery? — Sienna pergunta enquanto enfia mais grampos no enorme coque no topo da minha cabeça. — Eu sei que Greta é uma péssima cozinheira. Ela pode ser ainda pior do que você.

— Eu estava fazendo um pouco dos dois, pedindo comida e aguentando algumas das refeições dela. Até esta manhã, pelo menos. Aparentemente, seu irmão proibiu todas as entregas de comida em casa e deu ordens diretas para Greta não cozinhar mais para mim. Acho que ele está fazendo sua própria declaração. Ou como o que ele faz ou passo fome. — Respirando fundo, continuo: — Vejo muitos sanduíches, cereais e macarrão instantâneo na minha vida nos próximos anos. Pense só: uma semana já passou, faltam mais 51. Que alegria, eu.

— Oh, pelo amor de Deus! Vocês dois são inacreditáveis. — Ela balança a cabeça. — Mas... por que você simplesmente não...

— Faço algo para mim? — Levanto uma sobrancelha. — Sienna... Fogão a gás. Lembra-se?

— Ah.

— Sim. Ah, — suspiro. — Sinto arrepios na espinha sempre que olho para aquela coisa. — Depois da noite passada, acho que vou ficar longe da cozinha. Pelo menos por enquanto.

— Vou explicar a Arturo. Ele vai trocar por um fogão elétrico.

— Você não vai dizer nada para ele. Isso é problema meu, e não quero que todos fiquem sabendo. Especialmente seu irmão. — *Não mais do que já sabe.*

— Tara...

— Já terminamos? — Interrompo.

— Sim, tudo pronto. Só preciso passar spray no cabelo. Feche os olhos.

— Não se esqueça das penas, — digo enquanto uma névoa fina cai sobre mim em todas as direções. Sienna parece determinada a usar um frasco inteiro na minha cabeça.

— Tudo bem, mas não as perca. — Meu crânio é picado novamente quando ela enfia uma pena de pavão na minha cabeleira. — Essas são as minhas favoritas.

— Vou lembrar disso.

Assim que Sienna se afasta, pego o espelho de mão na mesa e o levanto na frente do rosto. Ela fez um trabalho incrível. Meu cabelo está quase idêntico à imagem que mostrei a ela como referência. — Excelente. Você acha que vai ficar assim a noite toda?

— Com certeza. Onde você vai, a um baile de máscaras ou algo assim? — ela pergunta, ajustando um dos cachos atrás da minha orelha. — Eu não tinha ideia de que o Arturo gostava desse tipo de coisa.

Sorrio.



Cruzo os braços sobre o peito, observando minhas irmãs se contorcerem em seus assentos do outro lado da mesa. — Tudo bem. Vamos ouvir.

— O quê? — pergunta Sienna.

— Aquele assunto tão urgente que precisava ser discutido. Pessoalmente. Imediatamente. E não podia esperar nem mais um minuto.

— Não podemos simplesmente querer tomar um café com nosso querido irmão porque sentimos saudades dele?

— É o segundo sábado do mês. O que significa que a sua loja de sapatos favorita está com uma promoção de 50% de desconto que começa... — olho para o meu relógio, — ...agora mesmo. Não vejo vocês perdendo isso para tomar café comigo.

— Eu amo você mais do que amo sapatos bonitos com desconto!

— Uh-huh. E Asya, você decidiu fazer uma viagem improvisada para Nova York só para poder se juntar a nós para uma bebida cara?

— O avião particular do pakhan está sempre à disposição, e Pasha e eu gostamos da ideia de uma viagem rápida. Esta delicatessen tem os melhores sanduíches de pastrami com pão de centeio, — murmura Asya.

— Mm-hmm. — Coloco as palmas das mãos sobre a mesa e me inclino. — Você está grávida, Asya?

— O quê? Não.

Meu olhar desliza para Sienna. — *Você* está grávida?

— Não estou. E pare com essa bobagem. Só queríamos ter uma conversinha com você.

— Então, há um motivo oculto afinal. O que é isso? Uma intervenção?

— Talvez. — Seu sorriso é perfeitamente inocente.

— Certo. Sou todo ouvidos.

Elas se olham. Então, Sienna cutuca Asya com o cotovelo, acenando na minha direção. Asya balança a cabeça, cutucando de volta.

— Tudo bem, tudo bem. Eu vou dizer. — Sienna imita minha pose anterior e cruza os braços sobre o peito. — Estamos preocupadas com você, Arturo.

Eu resmungo. — O que há comigo que as preocupa tanto?

— Sua esposa, — diz Asya, sem expressão.

— Como assim?

— Nós duas gostamos da Tara. Muito. Mas a maneira como você a trata parece horrível. A Sienna me contou tudo, e eu preciso dizer... Estou completamente chocada. Você realmente fez a Tara assinar um acordo pré-nupcial com um monte de regras sobre como ela pode se vestir e se comportar?

Minha cabeça se vira para Sienna. — Então, Tara contou a verdade para você, certo?

— Sim. Tudo, cada detalhe terrível. Incluindo você ameaçando incriminá-la por assassinato. Devo dizer que estou chocada, Arturo.

— Chocada. — Asya acena com a cabeça ao mesmo tempo. — Você tem sorte que ela não contou a Drago. Eu mencionei a ela que deveria contar. Estou muito decepcionada com você, irmão mais velho.

— Meu casamento não é da sua conta, — eu rosno. — Nem da sua, Sienna.

— Já que você está fazendo de tudo para sabotar sua felicidade, eu diria que é, — acrescenta Sienna.

— Felicidade? Eu não escolhi Tara para ser minha noiva. Fui obrigado a casar com ela. Se ela fosse a última mulher na Terra, eu não a teria escolhido.

— Exato, — ela continua. — Porque ela não é italiana. Não dá a mínima para as nossas tradições sociais. Não tem medo de te desafiar ou dizer o que realmente pensa. Basicamente, ela é o completo oposto da esposa ideal que você criou na sua cabeça.

— Não poderia ter dito melhor.

— Aham. Deve ser uma bela merda ter se apaixonado pela sua esposa indesejada, então.

— Essa é a maior bobagem que ouvi em muito tempo, — dou uma risada.

— É mesmo?

— Escute, irmã. Eu entendo que você tenha essas ilusões fofas de que o mundo gira em torno do amor e todas essas bobagens sentimentais. Eu culpo os livros que você gosta de ler por essa bobagem. Mas a vida não é um romance, Sienna. E certamente não é a vida que eu escolhi levar. É difícil, assustadora, e a única maneira de superar isso é seguindo a razão, não fantasias.

— Então, ter sentimentos por Tara é irracional?

— Exatamente. Não vou mentir e dizer que não me sinto atraído por ela de alguma forma desconcertante. Afinal, ela é uma mulher muito bonita. Mas isso é apenas química básica. Não há nada mais do que isso.

Sienna se inclina para a irmã gêmea. — Eu te disse. Ele dormiu com ela.

— Não dormi.

— Mas quer!

— Sim, quero. Mas isso não significa que estou apaixonado por ela. — Tomo um gole do café que o garçom trouxe. — Ela transformou minha vida em um inferno, Sienna. Tara é totalmente imprevisível. E tem um talento especial para me irritar. Essa mulher me irrita como nenhuma outra. Como eu poderia me interessar por alguém assim por mais do que uma boa transa?

— Mm-hmm, — Sienna sorri, depois inclina a cabeça para Asya novamente. — É por isso que ele a fez assinar aquele acordo pré-nupcial idiota.

Estreito os olhos para ela. — Eu a fiz assinar aquele acordo pré-nupcial para proteger meus interesses e garantir que ela não me faça de bobo, especialmente em público.

— Oh, por favor. Seu ego é do tamanho de um pequeno planeta. Como se a escolha de roupas da sua esposa ou suas pequenas encenações pudessem chegar perto de feri-lo.

— Ok, já que você é tão psicanalista, por que não explica minhas verdadeiras motivações?

— É simples. — Ela dá de ombros. — Você gostou dela desde o início, com todo o seu drama. Isso a tornou uma anomalia que ameaçou destruir sua ideia cuidadosamente construída de como as coisas deveriam ser. O que, no seu livro, equivaleria a um fracasso. Então, sua solução foi neutralizar exatamente as características que o atraíram nela, fazendo-a agir como todo mundo. Porque Deus nos livre de você realmente desenvolver algum tipo de sentimento profundo por sua esposa e não apenas tê-la por perto para cumprir um papel social.

— Você não me ouviu? Eu não tenho nenhum sentimento por Tara, droga! Ela é rude. Meia selvagem. Teimosa. E não dá a mínima...

— Para você. — Minha irmã sorri. — É. Isso deve ser muito chato. Amor não correspondido é o pior. Não é à toa que você está ficando louco.

Passo as mãos pelo cabelo e puxo as raízes, olhando fixamente para a mesa à minha frente. — Ela exigiu um milhão de dólares por cada mês que estiver casada comigo.

— Arturo, você ameaçou incriminá-la por assassinato, — diz Asya suavemente.

— De fato, — acrescenta Sienna. — Se eu fosse ela, teria insistido em pelo menos o dobro disso! Você mereceria só por ter sido um idiota com ela.

— Nesse caso, ela deveria ter pedido o triplo. — Isso vem da minha gentil Asya.

Olho para as minhas duas irmãs. — Vocês duas não deveriam estar do meu lado?

— Desta vez, não, — dizem elas em uníssono.

— Ótimo, — suspiro.

— Fale com ela. — Asya assume agora. — Pare de ser idiota e admita que gosta dela.

— Não temos nada para conversar. — Jogo fora o que restou do meu café e me levanto. — Desculpem por encerrar a reunião mais cedo, mas preciso ir para casa me trocar para o baile de gala desta noite.

— Tenha cuidado, irmão, — diz Asya com sua voz suave. — Ou pode ser tarde demais.

Pego minha carteira. — Tarde demais para quê?

— Para você cair em si. Há muitos homens importantes por aí, e um deles pode acabar roubando Tara de você.

— É mesmo? Já vai tarde.

Capítulo 17



Pressiono a bolsa contra a barriga e respiro fundo, olhando para a porta do Satanás. Ele chegou em casa há cerca de vinte minutos, enquanto eu dava os últimos retoques na maquiagem. Ouvi-o tossindo no corredor, e ele parecia muito pior do que ontem. Idiota teimoso. Vou contar tudo para Sienna amanhã de manhã. Talvez ela consiga fazer o irmão idiota entrar em razão.

Não que eu esteja preocupada com a saúde dele ou algo assim. Deus sabe que, se DeVille caísse morto, isso resolveria muitos dos meus problemas e... Meu estômago dá um salto. Aquela tosse realmente parecia séria. E se ele estiver realmente doente?

Pego meu celular na bolsa e mando uma mensagem rápida para Sienna. Pronto. Fiz minha boa ação. Agora, outra pessoa pode se preocupar com Arturo, e eu posso voltar a não me importar com ele. É só que... Ugh. Tudo bem, talvez eu me importe. Mas só um pouquinho. Talvez eu devesse sugerir que a gente pule essa festa idiota? Mas mesmo que eu sugira, duvido que ele considere.

Meus dedos tremem levemente quando levanto a mão para bater. Não sei por que estou tão nervosa para enfrentá-lo. Sei que não é por causa da reação que certamente terei assim que ele abrir a porta. Estou ansiosa para vê-lo por causa do que aconteceu ontem à noite?

Não consigo conter a tempestade de emoções que está se formando dentro de mim. Não consigo ignorar a sensação dos braços dele ao meu redor. A maneira como ele me segurou... Gentilmente. Com a palma da mão acariciando suavemente minhas costas, enquanto eu me agarrava freneticamente a ele. A paz que senti em seus braços. A segurança. Por aquele breve momento, finalmente senti que nada neste mundo poderia me machucar. Gostaria de poder esquecer, mas não consigo.

Algo mudou entre nós, ali, no meio da noite, e não sei se foi algo *ruim* ou *bom*. De qualquer forma, uma das muitas barreiras entre nós desapareceu. É como se... eu não o odiasse tanto quanto antes. E não gosto disso. Não gosto nada disso. Não gosto nem um pouco dessa sensação. Especialmente porque é dirigida ao homem que escolheu virar minha vida de cabeça para baixo. Me arrancou da minha família, sem pensar duas vezes ou ter um momento de arrependimento. Como se eu fosse algum tipo de brinquedo para ele se divertir. Por isso, recuso-me a sentir qualquer coisa por ele além de desprezo.

Entrei nesta casa com a intenção de manter Arturo DeVille longe de mim. Tanto física quanto emocionalmente. Esse era o meu plano, a minha rede de segurança. Falhei em uma condição; não pretendo falhar na outra.

Endurecendo a espinha, bato à porta. Duas vezes. Do outro lado, passos rápidos e medidos. Aproximando-se. A porta se abre, revelando meu marido irritante, que está fechando o fecho do relógio de pulso. Como ele consegue fazer um ato tão simples parecer tão sexy?

— Você está pronta? — ele pergunta enquanto mexe na pulseira de ouro. — Precisamos nos apressar se...

As palavras morrem em seus lábios no momento em que ele olha para cima. Uma fome evidente brilha em seus olhos enquanto ele me encara. Esse olhar

de desejo, no entanto, rapidamente se transforma em choque assim que ele percebe meu cabelo.

— Você está brincando comigo? — ele rosna.

Sorrio. — Como assim, querido?

Arturo range os dentes e dá um passo ameaçador em minha direção. Meu instinto de autopreservação me faz recuar.

— Você vai voltar para o seu quarto... — mais um passo para perto, — ...e não me importa como, mas você vai consertar isso... isso... — o último passo me faz bater contra a parede, — ...essa monstruosidade e ficar com uma aparência normal.

— Não dá. Tem tanto spray de cabelo que eu precisaria lavar o cabelo. E se eu fizer isso, vamos nos atrasar com certeza.

Ele não responde, mas vejo o espasmo muscular em seu queixo coberto de barba por fazer. A fúria surge dele como uma nuvem espessa e escura. A qualquer momento, ele pode me estrangular. O homem gentil e atencioso da noite passada não está em lugar nenhum.

Dentro do meu peito, meu coração parece estar sendo apertado. Uma mão invisível o segurou. Era isso que eu queria, certo? Provocá-lo para que ele ficasse irritado comigo. Se ele estiver, será muito mais fácil odiá-lo. Muito mais fácil para mim esquecer... outras coisas. Então, por que não estou pulando de alegria, tendo conseguido meu objetivo? Por que sinto vontade de chorar?

— Não vejo qual é o problema, — continuo, cravando as unhas na palma da mão para garantir que minha voz não falhe. — Não violei nenhum dos termos do nosso acordo. O penteado é elegante. Até majestoso. Usei uma pintura de Maria Antonieta como inspiração. Sua aparência sempre simbolizou riqueza e poder.

‘Quanto mais grandioso o cabelo, maior o status social’, diziam. Então achei que seria mais do que adequado para o evento extravagante desta noite.

— Talvez no século XV! — ele responde bruscamente.

— Na verdade, ela viveu no século XVIII.

As narinas de Arturo dilatam-se. Ele coloca as palmas das mãos na parede, de cada lado de mim, e inclina a cabeça. Aquele olhar voraz volta quando os seus olhos se concentram nos meus lábios. — Pelo menos tira as malditas penas?

— Vou pensar nisso. *Se* você pedir com educação.

A pálpebra do olho esquerdo dele começa a tremer. *Oh, céus*. Parece que acertei em cheio com aquele comentário ‘peça com educação’.

Ele se inclina para mais perto até que nossas bochechas quase se tocam. Um tremor agradável percorre minha espinha quando sua barba por fazer roça levemente minha pele.

— Você parece muito empenhada em encontrar maneiras de me desafiar, *gattina*. — Seus lábios estão bem próximos do meu ouvido quando ele sussurra. Seu hálito quente acaricia a pele delicada da minha orelha. — Tenho pensado muito nisso.

— Hmm? — Sua proximidade está fazendo todos os meus cabelos se arrepiarem. Inalar o aroma doce da madeira e o tempero exótico e quente de sua colônia me tenta a virar a cabeça e enterrar o nariz na curva do seu pescoço. Assim como fiz ontem à noite. — E a que conclusão você chegou?

— Acho que... — Aqueles lábios macios roçam o lado do meu rosto, e todos os neurônios do meu corpo pegam fogo. — Acho que isso te excita, Tara.

O ar fica preso na minha garganta. Abro a boca para negar, para dizer a ele como sua suposição é totalmente idiota, mas as palavras não saem da minha língua.

Ele abaixa a cabeça até que seus lábios pressionam logo abaixo da minha orelha, enquanto continua com aquela voz sensual e rouca. — Pergunte-me como eu sei.

— Como? — eu exalo.

— Porque tem o mesmo efeito em mim... *gattina mia*. — Seus lábios se fecham em torno do ponto de pulsação na minha nuca, sugando minha pele entre seus dentes que me roçam.

Uma corrente elétrica percorre minhas veias, sacudindo meus ossos até a medula. Cada parte do meu corpo formiga com energia carregada. É assim que me sinto toda vez que nos beijamos. Como se estivesse derretendo. Dissolvendo-me no éter, apenas para ser mantida unida pelo seu toque quente. Esse homem vai ser minha ruína. Eu simplesmente sei disso.

Um gemido fraco escapa-me, traindo a minha determinação em resistir à sedução de Arturo. Agarro as lapelas do paletó dele e inclino a cabeça para o lado, dando-lhe maior acesso. Seus lábios traçam um caminho dolorosamente lento até a junção entre meu pescoço e ombro. É um beijo ardente. De repente, ele parece estar em todos os lugares, mesmo que seja apenas sua boca que esteja me tocando. Posso sentir o poder desse contato em toda a extensão entre minhas pernas, onde meu âmago se contrai em necessidade desesperada.

Não. Isso não pode estar acontecendo. Não de novo. Não sinto atração por Arturo DeVille. E nunca sentirei.

Sua boca continua o ataque a todos os meus sentidos, acendendo-me por dentro. Estou oscilando entre implorar por mais e procurar forças para parar isso. Não importa o que eu faça, eu perco.

Mas não parece uma derrota quando os dentes dele roçam suavemente meu ombro. Quando o tecido sedoso da minha saia começa a subir pelas minhas pernas nuas. Minhas panturrilhas. Minhas coxas internas. Espere... São dedos calejados. Tocando levemente minha pele hipersensível. Para cima. Subindo. Puxando minha calcinha para o lado...

A pressão repentina em meu clitóris dolorido envia uma onda de calor por todo o meu corpo, acendendo a chama que agora queima em mim viva. Um gemido baixo escapa da minha garganta enquanto o ar sai dos meus pulmões.

— Adoro o jeito que você ronrona quando eu provoco sua boceta.

Minha capacidade de responder com sarcasmo é inexistente. Tudo por causa da maneira como ele agora está esfregando meu clitóris. Seus movimentos lentos, mas firmes, estão me deixando louca. Eu aperto as lapelas de sua jaqueta, segurando-me com todas as forças. Segurando-me nele.

Seu ritmo oscila, passando de lento para rápido, rápido para lento. É como se ele soubesse exatamente o que é preciso para eu perder completamente a cabeça. Jogo a cabeça para trás, ofegante, ficando mais molhada a cada segundo. Chegando cada vez mais perto do limite.

Puta merda!

Ele consegue fazer isso só com a mão. Ninguém mais jamais me fez gozar apenas usando os dedos para brincar com o meu clitóris. No entanto, aqui estou eu. À beira de cair mais uma vez no abismo, guiada pelo maldito Arturo DeVille.

Eu me odeio por cada gemido de prazer, cada segundo de rendição, cada respiração trêmula. Tudo o que ele está me fazendo sentir. E, ainda assim, eu não quero que ele pare.

Seus lábios caem em meu pescoço novamente, reivindicando minha carne com uma força que fica na linha entre o prazer e a dor. A provocação em minha boceta cessa, e estou prestes a protestar quando ele de repente belisca meu clitóris. *Olá, cosmos!* Eu explodo. Reduzida a poeira estelar em uma supernova.

— Viu? Eu estava certo, gatinha.

A satisfação em sua voz é inconfundível. Ele tira a mão e leva os dedos aos lábios. Com o olhar fixo no meu, ele os lambe até ficarem limpos. Exatamente como fez na outra noite. E, assim como antes, tem exatamente o mesmo efeito em mim. Quase gozo novamente só de vê-lo fazer isso.

— Você tem um gosto tão doce. — Um sorriso diabólico se forma no canto dos lábios dele. Ele enfia a ponta do polegar na boca, chupando o resto do esperma. — Nem mesmo o menor traço daquela amargura que você tanto gosta de espalhar. O que me faz pensar. Tudo isso... Seu veneno... Não passa de uma encenação.

— Chega. — Coloco as palmas das mãos no peito dele para empurrá-lo, mas acabo deixando-as lá. Fraca demais para forçar até mesmo um pouquinho de distância entre nós. Ainda tremendo depois de descer das nuvens. — Saia.

Ele dá um passo para trás sem pressa, enquanto seu olhar se desvia para o lado do meu pescoço, bem onde minha pele ainda formiga por causa do beijo dele.

Lentamente, levanto a mão, tocando o ponto sensível logo abaixo da orelha. — Você... você deixou uma marca em mim?

— Acho que sim.

Abro a boca. Depois a fecho com força e passo por ele o mais rápido que meus saltos permitem. Satanás DeVille deixou uma chupada em mim. Marcando-me onde todos podem ver, como se eu fosse... eu fosse... sua propriedade ou algo assim. E... e eu gosto disso.

Merda.



Sob o teto alto de cinco metros e meio, os enormes lustres de cristal lançam uma luz cintilante sobre os convidados que circulam. Este salão de baile é algo especial. Um espaço opulento que lembra a grandiosidade dos hotéis históricos europeus. É decorado com uma pista de dança brilhante, uma claraboia majestosa, colunas e as imponentes e inúmeras portas francesas que, nos meses mais quentes, permitem aos convidados explorar outras áreas do local.

É quase irônico que, neste salão de banquetes neoclássico, todos estejam olhando. Para nós. Não é de se admirar, considerando que a monstruosidade que adorna a cabeça da minha esposa tem pelo menos 15 centímetros de altura. Nem sei como descrever o ‘penteado’ dela. Um coque inspirado em um bolo de casamento de três andares? Uma torre de cabelo inclinada e desastrosa? Quem sabe. Mas ninguém poderia dizer que Tara não tem criatividade, isso é certo.

Mas nem todos os olhares de espanto são por causa de seu penteado real centenário. Apesar do cabelo extravagante, minha esposa está divina em seu elegante vestido formal azul-marinho. Ele se ajusta ao seu corpo, envolvendo suas curvas delicadas, mas de dar água na boca, antes de se alargar suavemente na altura da coxa,

destacando sua silhueta. O decote ombro a ombro adiciona um toque de sofisticação sem revelar muito da pele leitosa da qual não consigo ficar longe. Ela é linda. Deslumbrante. E *minha.* Mas continua tentadora para todos esses idiotas. Eles não conseguem esconder o que estão pensando, e sou tomado por uma raiva vulcânica sempre que vejo outro homem olhando para minha esposa, devorando-a com os olhos.

Não estou preparado para a erupção de ciúmes ardentes e não tenho ideia do que fazer com isso. O que eu sei, porém, é que quanto mais coloco as mãos nessa mulher sedutora, mais a desejo. O cheiro e o gosto de sua excitação estão para sempre impregnados em mim. Mesmo agora, entre a multidão dos melhores e mais brilhantes, o brilho e o glamour da alta sociedade, a única coisa em que consigo me concentrar é nela.

Seu sorriso é brilhante, mas não chega aos olhos. E seus dedos estão úmidos na minha mão. Algo nisso me incomoda. Ela deve estar nervosa, aparecendo pela primeira vez em um evento público como minha esposa.

Eu a puxo para perto, principalmente porque não consigo me controlar, mas também parece confortá-la. Ela se encosta em mim levemente, sem parecer perceber.

— É aquele... — Tara murmura ao meu lado. — Aquele cara, de terno marrom... Ele é...

— Não. — Passo o braço pela cintura dela e a levo na direção oposta. Não vou permitir que Adriano Ruffo chegue perto dela novamente.

O que diabos ele ainda está fazendo em Nova York? E Ajello sabe disso? Tanto faz, não tenho tempo nem disposição para lidar com a política da máfia hoje à noite.

— Você nem me deixou terminar.

— Você não o conhece. — Aponto para um homem que está olhando para um vaso no chão cheio de flores. — Ali. É o senador Larson. A família dele tem vários vinhedos na Califórnia. Quer conhecê-lo?

— Por que eu iria querer conhecer um velho porco que parece já estar bêbado?

Porque *ele é* um velho porco, interessado apenas em golfe e vinho. Não é um bilionário recém-solteiro que ela considera um *cavalheiro*.

A sensação de aperto nos pulmões aumenta e começo a tossir. *Droga.* Antes de sairmos de casa, tomei alguns comprimidos para ajudar com essa gripe, mas nada parece estar funcionando. A dor na garganta e a latejada na cabeça me deixam constantemente irritado. E, do jeito que estou me sentindo, não tenho paciência para continuar ignorando os olhares lascivos que minha esposa vem recebendo desde que chegamos ao baile.

— Boa observação. — Afasto-me para pegar um copo na bandeja que está sendo passada pelo garçom mais próximo e bebo o conteúdo sem pensar duas vezes. O uísque queima a parte de trás da minha garganta, aliviando a sensação desconfortável de coceira.

— Afinal, por que estou aqui? — pergunta Tara. — Este não é um evento familiar, então não vejo por que preciso estar presente.

— Eu não queria roubar de você a oportunidade de mostrar sua rebeldia contra as diretrizes explícitas que concordamos.

— Ah. Você poderia ter me poupado três horas presa a uma cadeira enquanto sua irmã criava o símbolo da minha rebelião. — Ela aponta para o cabelo.

— Três horas. Doeu. Muito. E agora meu couro cabeludo está coçando por causa do spray de cabelo.

— O quanto você está disposta a se esforçar é louvável.

— Bem, fico feliz que você reconheça meu trabalho árduo, querido. — Ela me lança aquele sorriso falso ridículo e acena para a esquerda. — Amigos seus?

O direção do seu olhar me leva a um casal de idosos que se aproxima, vestindo roupas combinando. O terno azul do homem é exatamente da mesma cor do vestido da sua companheira. Os botões dourados nas mangas do paletó dele combinam com o broche decorativo no ombro da mulher.

— Não há 'amigos' neste círculo social, Tara. Esses são os Wrights. São parentes distantes, mas ainda assim relacionados à família real britânica. Ser considerados 'parentes muito distantes' não os impede de terem uma opinião elevada de si mesmos. Eles ainda acham que são melhores do que todos os outros. Os Wrights são donos de uma das maiores empresas de cosméticos do mundo.

— Sério? Talvez eu possa pedir algumas amostras para a senhora aristocrática. Isto é, se eu tiver permissão para falar. — Seu sorriso falso se amplia.

— Você pode, — resmunguei. Não que ela precise de nenhuma daquelas porcarias que os Wrights têm tentado empurrar goela abaixo de todo mundo. Duvido que exista algo que possa deixar Tara mais bonita do que ela já é.

— Sr. DeVille! — exclama Lord Wright, apertando minha mão. — Estou muito feliz em vê-lo aqui esta noite. Especialmente em companhia tão charmosa.

Ele se vira para Tara, com a mão já estendida na direção dela. Nem pensar. Eu casualmente afasto a mão dele. Um homem de sessenta anos, casado ou não, não vai tocar na minha mulher.

— Esta é Tara. Minha esposa. — Passo meu braço em volta da cintura dela e lanço um olhar significativo para Wright. Um olhar que diz: *Mantenha as mãos longe dela, ou não vai gostar das consequências*.

— Ah, sim, entendo. — O homem ri nervosamente. — Claro. Eu não sabia. É um prazer conhecê-la, Sra. DeVille.

Tara sorri ainda mais. — É uma honra conhecê-lo, Lord Wright. — De alguma forma, ela consegue dizer isso com os dentes cerrados, sem deixar o sorriso escapar nem por um momento.

Céus. Apertei levemente sua cintura em sinal de aviso.

Inclinando a cabeça para o lado, ela bate os cílios longos para mim, me lançando seu olhar mais inocente.

Tudo bem. Desisto. Ela pode sofrer com cãibras faciais, não me importo.

— E esta é minha adorável esposa, Loretta, — continua Wright, voltando-se para mim. — Loretta tem me pedido para ligar para você sobre aquela maravilhosa oportunidade de investimento que discutimos no ano passado. Diga-me, você teve a chance de pensar sobre isso?

— Cremes esfoliantes e produtos para minimizar poros não são muito adequados para a Gateway Development Corp. Vamos ter que recusar.

— Que pena, — comenta Loretta, com o olhar calculista fixo em Tara. — Mas talvez sua linda esposa tenha interesse em se tornar nossa embaixadora da marca? Você tem uma pele maravilhosa, minha querida. Já posso imaginar o outdoor na Times Square e...

— Não, — corto bruscamente. Só de pensar na imagem da minha esposa estampada em todos os lugares para os homens babarem e se masturbarem, sinto uma raiva assassina crescer dentro de mim.

— Mas por que não? — insiste Loretta. — Ela seria uma sensação mundial em vinte e quatro horas após sua estreia. Sem o cabelo horrível, é claro.

Minha cabeça se vira bruscamente para a mulher desagradável. — Quer repetir isso? — rosno, fixando a megera com um olhar que normalmente reservo para degenerados que pego falando mal da Família. Geralmente é seguido pelo som de ossos se quebrando.

— Hum... eu... eu, — ela gagueja, lançando um olhar fugaz para o marido. — Eu quis dizer o estilo *avant-garde* que sua esposa obviamente prefere.

— Acho que ouvi mal. — Volto meu olhar para o marido dela.

— Sem dúvida. Avant-garde. Alta costura. Ela é simplesmente deslumbrante. — Wright acena com a cabeça, segurando o cotovelo de Loretta. — Mas... ah, precisamos ir. Boa noite para vocês dois. — Eles desaparecem em questão de segundos, perdidos na multidão.

E não foi cedo demais.

Fico feliz por ter conseguido afastar Tara do resto da multidão. Com minhas lutas ocasionais para não perder um pulmão, não consigo imaginar ninguém querendo se aproximar muito. Ainda assim, há alguns que parecem querer tentar. E eu não posso permitir isso. Apesar de sua bravata, minha esposa, definitivamente não está à vontade com todos esses olhos voltados para ela. Enquanto está pressionada contra mim, ela fica mexendo na lateral do vestido, sem parecer perceber que, ao fazer isso, sua mão roça em mim. Perigosamente perto do meu pau

já meio duro. Ela nem está tentando, mas sua propensão para criar perigos é de primeira.

— Achei que você tivesse dito que meu cabelo era ridículo. Você disse isso quando chamou de 'monstruosidade', — Tara sussurra ao meu lado enquanto observa a multidão reunida em torno da torre de champanhe com cautela.

Dou um passo para trás e aperto sua cintura com mais força, inclinando a cabeça para falar baixinho em seu ouvido. — Independentemente das razões que nos forçaram a este casamento, você é minha esposa. E será tratada com respeito. Não permitirei que ninguém seja rude ou agressivo com você, especialmente em público. O que você e eu dizemos um ao outro em particular fica entre nós. — Sopro na pena de pavão presa no lado do coque dela, que faz cócegas no meu nariz. — E *ridículo* nem chega perto de descrever essa abominação, *gattina*.

Tara inclina a cabeça, lançando-me um olhar de lado, enquanto algo que soa como um gemido abafado sai de seus lábios firmemente pressionados. Ela parece estar lutando para não rir. Por alguns segundos, a vitória está quase ao seu alcance. Até que ela falha. Seus olhos brilham com malícia, enquanto seus lábios se curvam em um sorriso radiante.

— Tenho que concordar com você nessa, Satanás. — Uma risada baixa e sensual escapa dela, o som se misturando com a conversa das pessoas e o tilintar ocasional de copos.

Seu sorriso ilumina todo o seu rosto. Desta vez, não é um sorriso falso. É real. E caloroso. E dirigido a mim. Sua ansiedade também parece ter desaparecido; ela não está mais puxando a saia. Devo ter conseguido distraí-la o suficiente para permitir que ela esquecesse seus problemas. Perceber isso me faz sentir como um super-herói ou algo assim. É uma sensação muito boa saber que fui capaz de fazê-la

rir, fazê-la feliz. E fazê-la sentir-se segura. Quando foi a última vez que uma coisa tão pequena fez meu coração bater mais rápido? Me fez parar para apreciar um momento pequeno e simples? Nem me lembro.

— A multidão está normal hoje? — ela pergunta. — Parece haver uma grande variedade de convidados.

— Sim. — De alguma forma, consigo me recompor. — Muitas oportunidades de negócios nos aguardam. Vamos socializar.

O presidente do conselho, representando uma conhecida empresa de capital de risco, está bebendo uma taça de champanhe ao lado da mesa de aperitivos no centro da sala. Venho tentando marcar uma reunião com ele há dois meses. Mas, em vez de ir direto até ele e usar a oportunidade desta noite para encurralá-lo até que aceite, acabo nos levando na direção oposta.

Um dos proprietários de uma rede de varejo nacional está parado perto do bar aberto, no lado esquerdo do salão, balançando levemente como se já tivesse bebido demais. Este seria um ótimo momento para conversar com ele e tentar descobrir alguma informação privilegiada. Na semana passada, Ajello e eu estávamos discutindo se deveríamos comprar algumas ações da empresa. Em vez disso, dirijo nossos passos para a direita.

Por quase meia hora, andamos sem rumo pela sala, enquanto eu faço o possível para evitar ser arrastado para uma conversa por quem quer que seja que passemos. O que estou fazendo? Negócios eram a única razão pela qual eu queria vir aqui esta noite. Eu deveria estar fazendo networking, estabelecendo conexões com os figurões da sala e tentando determinar se há uma maneira de explorá-los, não passeando casualmente com meu braço em volta da minha esposa.

Mas parece que é só isso que me interessa. Gostaria que todas essas pessoas desaparecessem magicamente, deixando-me sozinho com a mulher linda ao meu lado. Minha esposa. Minha esposa, que eu só quero levar para casa e encontrar alguma besteira mundana e sem sentido para discutir. Tudo para que eu possa apreciar sua tentativa descarada de me desafiar. Para me dar um motivo para levá-la para a minha cama. Carregá-la como um homem das cavernas e transar com ela até ela perder os sentidos, transformando meu quarto em um antro de sexo.

O pensamento me faz parar. Será que perdi completamente a cabeça?

— Você está bem, DeVille? — Tara arqueia a sobrancelha perfeita para mim.

Não. Acho que não estou.

E foda-se! Eu odeio, *odeio*, *odeio* quando ela não usa meu nome!

— Arturo DeVille, — uma voz gutural e levemente acentuada chama. — E a pequena Tara Popov. Que surpresa inesperada vê-los aqui.

Eu me viro, lançando um olhar fulminante ao intruso. Katrakis Sênior. Ele cambaleia em nossa direção, parecendo um pouco desgrenhado e obviamente bêbado.

— Ouvi dizer que você teve problemas com alguns documentos recentemente. Que constrangedor, — ele balbucia.

Filho da puta. Eu sabia que ele estava por trás daquele fiasco com as licenças.

— Não se preocupe. Tudo foi resolvido. Um item perdido é fácil de encontrar quando se tem pessoas competentes trabalhando para você. — Aperto mais a cintura de Tara, acenando discretamente para meus seguranças quando os vejo se

aproximando. — Mas ouvi dizer que você ainda está procurando o seu. Alguma sorte em localizar seu filho desaparecido?

Tara fica tensa e se inclina para mim. Talvez eu não devesse ter mencionado isso, considerando todas as circunstâncias.

— Você sabe algo sobre o paradeiro do meu filho? — o grego pergunta com um sorriso sarcástico.

— Não me importo com peixes pequenos, Katrakis. Talvez você devesse procurar seu filho em Atlantic City. Pelo que ouvi, ele costuma frequentar os cassinos de lá com bastante regularidade. Talvez tenha sido assim que ele acabou perdendo a escritura da propriedade que agora é minha?

— Seu canalha, — ele sibila. — Sempre se achando o máximo. Acha que é melhor do que todo mundo? Pois não é! Veja só... — seu olhar furioso se volta para Tara, — ...você está transando com a mulher do meu filho. Como você...

Há mais de uma década, uma regra simples tem sido meu credo. *Não perder a cabeça na frente de possíveis parceiros de negócios.* Isso significa que tenho que controlar meu temperamento com mais frequência do que o filho idiota desse imbecil se masturba olhando para o próprio reflexo. Além de morder a língua, tenho que reprimir qualquer impulso de violência. Qualquer desvio mancharia a reputação cuidadosamente construída que nossa Família vem tentando manter. Para a sociedade em geral, fiz tudo o que era possível para parecer nada mais do que um empresário experiente. Alguém que nunca se envolveria em uma briga física com alguém em meio a uma multidão de testemunhas. Nunca.

Meu punho atinge o rosto de Katrakis antes que o filho da puta pronuncie a próxima sílaba. Ele voa para trás, aterrissando de bunda no chão a vários metros de distância.

Gritos ecoam pela sala quando os convidados percebem a comoção e o sangue jorrando do nariz quebrado de Katrakis. Ele não tenta se levantar, apenas fica deitado entre duas mesas altas e gemendo como o cobarde que é.

— Esta é a única vez que você vai desrespeitar minha esposa, — rosno. — Diga mais uma palavra sobre ela e eu arranco sua língua e enfio no seu traseiro. Anote o que estou dizendo.

Um suspiro coletivo surge da multidão que se reuniu ao redor do grego. Mas ninguém está tentando ajudá-lo, porque todos estão olhando para mim. Eu conhecia quase todos eles de alguma forma, e eles provavelmente achavam que me conheciam. Eu também achava que me conhecia. Estava errado. Não pensei nem por um segundo no meu credo ou nas consequências dos meus atos. Tudo o que pensava era na minha esposa. E em como nunca permitiria que alguém a machucasse.

— Vamos embora. — Colocando minha mão na cintura de Tara, eu a empurro em direção à saída, silenciosamente dizendo aos meus homens com um olhar para ficarem onde estão e lidarem com as consequências aqui.

— Isso foi sutil, — murmurou Tara ao meu lado enquanto nos afastávamos. — O que aconteceu com aquela regra de ‘não fazer cenas’ e ‘não causar escândalos’ que você espalhou por todo o nosso acordo?

— Eu estou... — tusso, — ...de mau humor, — resmungo enquanto tento reprimir a pressão áspera na garganta.

— Não me diga.

Pegamos nossos casacos e estamos indo pelo corredor que leva à porta principal quando o som de alguém chamando o nome da minha esposa atrás de nós me faz parar. Olho por cima do ombro e vejo um homem de vinte e poucos anos em um terno justo correndo em nossa direção.

— Tara! — ele grita novamente. — É mesmo você?

Minha esposa se vira e minha mão cai das costas dela.

— Conrad? Meu Deus! Quando você voltou?

Conrad? Procuro em minha memória. Ela mencionou um *Conrad* para mim? A dor em minha cabeça está aumentando e não consigo lembrar. *Droga.* Preciso dormir muito.

Quando o cara chega até nós, eu me lembro. O pirralho de um magnata do petróleo. Aquele que *ainda* liga para ela. Aquele com quem ela *poderia ter* se casado. E provavelmente gostaria de ter se casado.

— Não acredito nisso! *É* você, — exclama o cara e puxa *minha esposa* para um abraço.

Essa é a gota d'água. O ponto de ruptura. A última gota que faz meu ciúme transbordar. Envolvo Tara pela cintura por trás, tirando-a do alcance dele enquanto aperto a frente do paletó do idiota com a outra mão. — Afaste-se.

— Que merda é essa, DeVille? — Tara se debate em meus braços, chutando vários centímetros acima do chão. — O que há de errado com você?

— *Arturo DeVille*? — O insignificante dá um passo para trás. A surpresa brilha em seus olhos enquanto eles se movem rapidamente de mim para Tara e vice-versa.

— Correto. — Com meu olhar fixo no idiota, abaixei a cabeça até que minha bochecha barbuda repousasse contra a pele macia de Tara. — Esse é seu ex-noivo?

— O quê? Não... Quer dizer, sim. Não. Não! Não era oficial... Você pode me soltar?

Um *noivo*. Aperto Tara com mais força contra meu peito e toco meus lábios na concha de sua orelha. — Você deveria dizer ao garoto para ir embora.

— Não vou. Não nos vemos há anos. Me solta, droga. — Ela tenta chutar minha canela.

O pirralho deve ter alguns neurônios funcionando na cabeça, afinal, porque parece ter entendido a situação e dá mais um passo para trás. Ótimo. Suas chances de escapar vivo aumentaram um pouco. Considerando que eu já perdi o controle completamente esta noite, no momento, estou perto de rasgá-lo em pedaços.

— Coloque as mãos na minha esposa de novo e eu acabo com você, — rosno.

Seus olhos se voltam para a mão de Tara, que está envolvendo meu pulso. Com a palma da minha mão aberta sobre a barriga dela, a mão direita dela e a minha esquerda estão quase lado a lado. Nossas alianças de casamento combinando brilham bem no centro. Seu olhar permanece nas alianças por um breve segundo antes de se desviar.

— Entendo... Tara, a gente conversa outra hora, tá? Eu te ligo...

— Não, você não vai. — Eu evito outra tentativa de Tara de me causar danos físicos. — Agora, desapareça.

— E você *me* chamou de selvagem, DeVille? — Tara grita enquanto tenta se soltar. — Onde estão seus modos civilizados, aquele comportamento impecável do qual você tanto se orgulha?

— Também estou me perguntando isso. — Um olhar para o corredor confirma que o pirralho mimado está fora de vista, então abaixo minha esposa no chão.

— Vá se danar, DeVille!

No momento em que seus pés tocam o piso de mármore, ela corre em direção à saída o mais rápido que seus saltos permitem, fazendo um barulho furioso ao atravessar o corredor vazio. O penteado em forma de torre em sua cabeça não resistiu a toda a agitação e está caindo, ligeiramente torto. Uma das penas de pavão parece ter se perdido no caminho.

Um porteiro com um uniforme chamativo recua o máximo que pode, segurando a pesada porta aberta e observando-a passar por ele. Aposto que ele já viu muitas mulheres furiosas saírem correndo do local antes.

— Desejo-lhe boa sorte, senhor. — Ele inclina a cabeça para mim com um olhar de solidariedade nos olhos. Parece que é um companheiro de sofrimento.

Saio do prédio bem a tempo de ver Tara com a mão na porta de um táxi, pronta para entrar no carro. O casal elegantemente vestido que deve ter acabado de chegar naquele táxi já está subindo as escadas do hotel.

— Tara, — eu a aviso, permitindo que minha voz se sobreponha ao barulho da cidade e atravesse os poucos metros que nos separam.

Ela levanta a mão livre, mostrando-me o dedo médio perfeitamente manicurado.

Corro pelas escadas de pedra enquanto o pânico toma conta de mim. Ainda não sabemos quem está por trás do ataque na estrada nem o motivo dele. Mesmo agora, os culpados podem estar à espreita, esperando outra oportunidade para atacar. E minha esposa está entrando em um táxi desconhecido! Estou a menos de três metros dela quando ela bate a porta do carro praticamente na minha cara. No segundo seguinte, o veículo arranca da calçada com um barulho alto.

— Tara! — grito, mas o táxi já está se esquivando no trânsito de Nova York.

Maldita mulher! Fico parado no meio da calçada, furioso e apavorado ao mesmo tempo, olhando para as luzes do táxi que se afastam. Meu carro está estacionado em uma garagem subterrânea, a cerca de um quarteirão daqui. Quando eu chegar lá, quem sabe onde aquela mulher estará. Isso presumindo que o motorista do táxi não seja um assassino psicótico. *Droga!*

O barulho de uma buzina atrás de mim me tira dos meus pensamentos. Olho para trás e vejo que outro táxi parou. Serve.

Corro para o lado do motorista e abro a porta. — Saia!

Um homem na casa dos cinquenta me encara boquiaberto, enquanto aperta o volante com as mãos. — O quê?

Oh, pelo amor de Deus. Eu agarro a frente da camisa dele e o puxo para fora do carro. O cara até se mostra prestativo, soltando o cinto de segurança.

Droga, droga, aquela mulher.

Assim que me sento ao volante, piso no acelerador.

Fico grato por a gala deste ano ter sido realizada em um hotel no distrito financeiro e não no centro da cidade. Mas, mesmo a esta hora tardia, o trânsito ainda está um caos. Mudo de faixa, tentando diminuir a distância do táxi de Tara, mas meus esforços podem ser inúteis. Quando o semáforo muda à minha frente, corto um carro brilhante para passar à frente, e o motorista buzina antes de me mostrar o dedo do meio.

Já são dois esta noite, mas não é o dedo do meio que estou atrás. Preciso alcançar minha gata selvagem antes que ela desapareça completamente da minha vista.

— Oh, céus. Perdemos a curva? — pergunta uma voz aguda atrás de mim.

Lentamente, olho pelo espelho retrovisor. Uma senhora idosa com um casaco de pele castanho grosso e uma raposa morta enrolada no pescoço estica-se no banco de trás.

— Devo ter cochilado. É tão difícil ficar acordada até tão tarde da noite na minha idade, sabe? — Ela me dá um sorriso maternal. — Mas tudo bem, meu rapaz, você pode dar a volta no quarteirão.

Ótimo. Não só roubei um táxi, como também sequestrei a avó de alguém no processo.

— Vamos pegar um atalho. — Eu piso no acelerador.

O táxi que minha esposa usou para fugir está apenas alguns carros à frente. Lembro-me daquele grande amassado no para-choque traseiro.

— Deve ser estressante trabalhar como motorista de táxi aqui em Nova York, — continua a senhora. — Especialmente para um estrangeiro. Você está aqui há muito tempo, Bjorn?

O quê?

— É um nome dinamarquês? Ou sueco? Você não parece muito sueco para mim. Pintou o cabelo de preto, talvez? Fica muito melhor em você. Mas deveria atualizar a foto da sua carteira de motorista.

Olho para o cartão de identidade preso no painel. A foto é de um cara loiro na casa dos cinquenta que eu tirei do carro. — Sim. Também me faz parecer uns vinte anos mais jovem. Você poderia parar de falar agora?

— Que grosseria!

Fecho os olhos por um instante e respiro fundo. A dor aguda no peito escolhe esse momento para reaparecer, acompanhada de um chiado estranho sempre que puxo o ar.

O trânsito parece diminuir um pouco ‘graças a Deus’, então piso mais fundo no acelerador, apenas para socar o freio um segundo depois. Um flash mob[7] surge de repente, ocupando a rua e bloqueando o cruzamento em todas as direções. O táxi da Tara conseguiu passar bem a tempo.

Claro que conseguiu.

— Porra! — Bato com o punho no volante e buzino sem parar.



— Muito obrigado. — Entreguei o dinheiro ao motorista do táxi enquanto um dos seguranças de Arturo segurava a porta aberta. Sorte a minha. É aquele trapaceiro, Tony.

— Sra. DeVille. — Ele me olha confuso. — Aconteceu alguma coisa?

[7] Quando um grupo de pessoas se reúne de repente em um espaço público para performar algo e depois se dispersa como se nada tivesse acontecido.

— Sim. Seu chefe maníaco aconteceu, — murmuro enquanto saio e corro em direção à porta da frente.

Idiota. Como ele ousa?

Por um tempo, esta noite, eu realmente me diverti com Arturo. Foi divertido conviver com algumas dessas pessoas arrogantes e ver suas reações ao meu cabelo. E Satanás me surpreendeu quando encarou aquela velha aristocrata e a chamou a atenção por seus comentários. Foi gentil da parte dele vir em meu socorro, mesmo que eu não precisasse de sua ajuda. Eu poderia ter lidado com ela sozinha, mas ainda assim foi um gesto muito cavalheiro da parte dele. E bastante sexy também.

Ele passou o resto da noite com a mão na minha cintura ou em volta da minha cintura, guiando-me para garantir que ninguém esbarrasse em mim. Fingi não notar, é claro, mas apreciei sua consideração. Não que eu fosse admitir isso para ele. E eu preferiria comer meu próprio pé a admitir que gostei da companhia de Arturo DeVille. Mas gostei. Gostei mesmo.

Seu toque também teve um efeito surpreendentemente calmante em mim, aliviando minha ansiedade por estar entre tantas pessoas desconhecidas para um nível mais suportável. Não sei se meu marido descobriu isso, ou se sua escolha de nos manter afastados de todos foi apenas uma coincidência. De qualquer forma, foi a primeira vez que me senti confortável em uma multidão.

Aquela cena com o pai de Stavros foi exagero, mas não posso ficar brava com Arturo por isso. O cara basicamente me chamou de sobras do filho dele, e isso meio que acertou em cheio. Não no sentido de que ele obviamente quis dizer isso, mas porque muitas vezes me senti inútil depois dos meus relacionamentos terríveis. Então, embora eu não goste de ver ninguém sofrendo, estaria mentindo se não

admitisse que ver Arturo derrubá-lo para defender minha honra, como um verdadeiro cavaleiro de um dos meus livros, foi extremamente excitante.

Até que Arturo ficou irracional e possessivo e arruinou tudo.

Acabei de passar pela porta quando o barulho de um veículo se aproximando me fez parar. Olhei por cima do ombro e vi outro táxi parando. Quando a porta do motorista se abriu, meu querido marido saiu, com uma cara de raiva que nem dá para descrever.

Por que ele estava dirigindo o táxi? Onde está o motorista? E quem é a senhora confusa de casaco de pele que acabou de sair do banco de trás?

— Decidiu mudar de carreira, querido? — grito para ele.

Arturo não parece achar minha pergunta engraçada, porque bate a porta do veículo com tanta força que parece um tiro no meio da noite. Ele está com os olhos fixos em mim enquanto se aproxima com uma expressão assassina no rosto.

Hora de fugir.

— Tudo bem. Vejo você amanhã de manhã. — Mando um beijo para ele e corro para dentro.

Correr com saltos de 10 cm não é para os fracos, mas eu consigo de alguma forma. Atravesso o hall de entrada na velocidade da luz, depois, levantando o vestido, subo os degraus dois a dois. Assim que chego ao patamar, corro para o meu quarto, sem perder nem um segundo para olhar para trás.

Vou direto para o banheiro da suíte, tirando minhas roupas pelo caminho e jogando-as no chão. O espaço é enorme, facilmente do tamanho do meu quarto inteiro em casa. A penteadeira de mármore branco com sua pia retangular ocupa toda a extensão de uma parede. Do outro lado, há um chuveiro enorme com paredes de

vidro que poderia acomodar pelo menos cinco pessoas. Os armários são de madeira, combinando com os tons do quarto, e há detalhes em tons de pêssego por toda parte. Adoro. Quase posso sentir meu estresse se dissolver nesse luxo que parece um spa.

Nem me dou ao trabalho de tirar os grampos antes de entrar no chuveiro e abrir a torneira. Com todo o spray que Sienna jogou em mim, meu cabelo vai precisar ficar encharcado antes que eu possa tentar removê-los. Inclino o rosto em direção ao chuveiro com efeito de chuva no teto, fechando os olhos enquanto deixo a água morna me acalmar. Nossa, isso é bom.

— Que parte de *'estamos em alerta máximo'* você não entendeu, Tara?

Eu grito. Com o coração batendo forte, olho para a origem daquela exigência rosnada.

Arturo está na porta aberta do box, segurando os painéis de vidro de ambos os lados.

— Saia. Daqui. Agora mesmo, DeVille!

— Eu não falei claramente? — Ele dá um passo para dentro do boxe. — Ou você simplesmente decidiu me ignorar? Desafiando-me novamente por diversão.

A cascata de água bate em mim, colando meu cabelo nas laterais do rosto. Quando as gotas caem, respingam na roupa de Arturo, mas ele nem se dá ao trabalho de sair do alcance. Seus olhos furiosos estão totalmente fixos nos meus. Nem mesmo meus seios e minha boceta totalmente expostos o distraem.

— Eu simplesmente decidi que já estava farta do seu comportamento errático, — vocifero. — Me forçar a seguir as regras idiotas que você insistiu em incluir no acordo pré-nupcial é uma coisa. Ameaçar meu amigo é onde eu traço o limite. Você não tem o direito de fazer isso, idiota!

— Amigo? — Ele dá mais um passo em minha direção. — Vocês estiveram noivos.

— Não estivemos! Ele pediu, eu disse *não*. E por que o meu passado deveria importar para você?

Mais um passo. Esse o leva bem para baixo da água. Ela encharca sua calça social elegante e sua camisa social branca. Ele se ergue acima de mim, bloqueando parcialmente os respingos. Seu cabelo está encharcado, tornando seus fios já negros como tinta ainda mais escuros que a meia-noite. Os riachos correm pelo seu rosto, pingando no meu. Ele segura meu queixo entre os dedos, inclinando minha cabeça para cima. Apesar de estarmos ambos encharcados, o olhar em seus olhos quase me incinera no lugar.

— Nenhum outro homem pode pedir você em casamento, *gattina*. Nem no passado. Nem no futuro. Só eu.

A respiração para nos meus pulmões e depois escapa em rajadas curtas. Há poucos instantes, a água estava agradavelmente quente. Agora, porém, parece escaldante.

— Ninguém... — Ele abaixa a cabeça, mal tocando meus lábios com os dele. — Nenhum outro homem pode colocar as mãos na *minha esposa*. Só eu.

O calor corre direto para o meu íntimo, e minha boceta faminta parece estar em chamas. Eu aperto a frente de sua camisa molhada e coloco minha boca na dele. Conter-me não era nem uma opção. Mais um segundo e nós dois viríamos a cinzas.

O beijo é um tormento feliz. Céu e inferno, tudo em um só lugar. Eu me odeio por não conseguir resistir à atração intensa que sinto por esse homem

dominador. Mas, ao mesmo tempo, não consigo continuar sem que seus lábios devorem os meus. Seus beijos... A melhor sensação do mundo.

Ainda segurando meu queixo, ele estende a outra mão e agarra minha bunda, apertando minha carne com força. Frenética, impulsionada por um desejo desesperado, puxo sua camisa, tirando-a das calças e desabotoando-a.

— Só para constar, — digo contra seus lábios enquanto basicamente rasgo sua camisa. O zíper de suas calças é o próximo. Minhas mãos estão tremendo como se eu fosse uma viciada à beira de outra dose. Um instante depois, puxo suas calças para baixo, junto com sua cueca boxer, deixando-as em volta de seus tornozelos. — Você nunca me *pediu* em casamento.

— Eu também nunca pedi para você mexer com a minha cabeça, — ele rosna em resposta. — Mas aqui está você, fazendo um ótimo trabalho nisso.

O pau grosso de Arturo cutuca meu estômago enquanto ele se ergue sobre mim, seu rosto voltado para baixo a apenas um suspiro do meu, enquanto a água escorre dele para mim. Ficamos ali, sob o jato de água, como se estivéssemos em algum tipo de impasse estranho e silencioso. Dois inimigos que parecem não conseguir decidir se preferem matar ou foder um ao outro.

— Você vai ficar aí parado ou o quê? — pergunto.

Um som baixo e perigoso irrompe da garganta de Arturo. Seu olhar penetrante não me deixa enquanto ele me agarra pelas coxas, me levanta e me encosta na parede do chuveiro. Arrepios percorrem minha pele quando a ponta de seu pau desliza por entre minhas dobras.

— O que eu vou fazer... — ele empurra dentro de mim, lentamente, e um suspiro estrangulado escapa dos meus lábios, — ...é te foder com força. Com tanta força que você vai esquecer todos os caras com quem já esteve. Todos eles.

Minhas paredes internas se esticam enquanto ele pressiona mais fundo, esfregando aqueles nervos de prazer escondidos a cada centímetro de seu avanço. Oh Deus, ele é tão grande que a penetração é quase dolorosa, ao mesmo tempo em que parece pura felicidade. Respiro trêmula, acolhendo a sensação, deleitando-me com os tremores que se espalham do meu centro até meus limites externos. Uma onda de calor percorre meu corpo enquanto a torrente de água esfria meu corpo eletrizado.

— E então, eu vou te foder de novo. E de novo. E de novo. — Seus dentes roçam meus lábios, produzindo tremores, tanto dentro da minha boceta quanto na superfície da minha pele. — Até que a ideia de outros homens se torne impensável.

Ele continua deslizando cada vez mais fundo dentro de mim. Quando ele está totalmente dentro, sou tomada por uma sensação de plenitude tão avassaladora que não consigo distinguir onde termina o meu corpo e começa o dele. É o encaixe perfeito. Como se nossos corpos tivessem sido feitos um para o outro. Como se nossa união fosse uma inevitabilidade da qual não poderíamos escapar. Cada nervo, cada célula dentro de mim vibra de prazer depois de tanto tempo ansiando por ter Arturo dentro de mim. Este... choque carnal entre nós parece predestinado. Inevitável. Idílico.

Eu o odeio.

Odeio-o por me fazer sentir assim.

— Um pouco confiante demais, não é? — digo, encontrando seu olhar cortante.

Os olhos de Arturo se estreitam e ele abaixa a testa na minha. — Veremos.

Por um momento, ficamos em silêncio. Imóveis. Perdidos na cascata ensurdecedora.

— Você toma anticoncepcional?

— Sim.

Apertando meus quadris, ele se retira completamente, apenas para mergulhar de volta com tanta força que o ar se prende na minha garganta. Um gemido escapa da minha garganta quando ele se afasta outra vez. Mas então, estou arfando, ofegante, soluçando baixinho enquanto ele volta a me penetrar, repetidamente.

Um beijo brutal e rápido, e ele se endireita. Muda de posição. Coloca mais vigor em seus quadris que me golpeiam.

Minhas costas deslizam para cima e para baixo ao longo da parede de azulejos enquanto Arturo me penetra uma e outra vez. A cada estocada forte, ele parece ir mais longe, mais fundo, gratificando-me e punindo-me ao mesmo tempo, sem piedade. À medida que os tremores que me assolam se intensificam, sou levada cada vez mais alto. Satisfeita, mas querendo mais. Precisando de mais.

Nossos corpos colidem. Fico em ruínas. Isso não deveria ser tão bom, mas é.

Cravando as unhas nos ombros dele, jogo a cabeça para trás. Meu mundo gira enquanto fico sem fôlego nos braços desse homem.

— Olhe para mim! — ele rosna, enchendo o banheiro com sua voz grave de barítono.

Abro os olhos e minha garganta se enche de emoção. O olhar de Arturo me captura instantaneamente. Seu olhar cheio de luxúria brilha com fogo. E mesmo sob o jato constante de água, eu sinto o calor. Seu maxilar está cerrado, os lábios pressionados com força enquanto ele continua seu ataque devastador.

— Ótimo. Quero testemunhar cada segundo em que você se desfaz para mim, — ele diz com raiva, enquanto me penetra novamente. — Quero ver seus olhos revirarem quando você gozar no meu pau. E quando sua boceta estiver cheia da minha porra, quero que você memorize exatamente quem foi que te fodeu. Entendeu, Tara querida?

Não consigo dizer uma palavra. Ele está me penetrando com tanta força e rapidez que tudo o que consigo fazer é respirar ofegante. Cada vez que ele sai quase completamente, sinto uma perda monumental, uma ausência dolorosa. Cada mergulho de volta é um alívio bem-vindo. Mas não é apenas meu corpo traiçoeiro que o recebe com alegria. Meu coração idiota também bate forte, rendido.

Maldito seja ele!

— Vá para o inferno, querido! — rosno de volta.

Minha resposta parece deixá-lo frenético. Ajustando sua pegada, ele inclina suas estocadas para que cada golpe de sua pélvis atinja meu clitóris e seu pau alcance aquele ponto indescritível dentro de mim, levando-me a novas alturas.

Todos os pensamentos racionais fogem. Sou reduzida a nada além do instinto. Uma coleção de terminações nervosas expostas, carne sensibilizada e necessidade avassaladora. Arrepios percorrem meu corpo, convulsões me sacodem por dentro. Mal tenho forças para me agarrar a Arturo enquanto sou fodida até perder a cabeça. Um grito se forma no fundo do meu peito e não consigo contê-lo. Não consigo suprimi-lo. Ele explode, arrancando-me por dentro. Cada célula do meu corpo se ilumina como fogos de artifício enquanto eu gozo mais forte do que nunca na vida.

Acho que desmaiei momentaneamente. Caí em um abismo de euforia. O rugido selvagem de Arturo quando ele goza me traz de volta, enquanto seus braços

se apertam ao meu redor. Minha visão está embaçada, mal tenho forças para olhar nos olhos dele. Mas, fiel à sua palavra, Arturo me observa, respirando com dificuldade. Seu olhar sombrio me perfura como uma espada. Cortando minha armadura restante. Destruindo minhas últimas barreiras.

Que diabos foi isso? Foi épico. Muito além de qualquer coisa que eu já tenha experimentado antes. E tenho a sensação de que nunca mais vou experimentar... a menos que... a menos que seja com Arturo. Porque eu apostaria minha vida que ele pode me proporcionar muito mais vezes.

Este homem... Ele destruiu os meus alicerces. Ele também me deu o que mais ninguém poderia dar.

Ele roubou-me um futuro imaginário, mas deu-me uma realidade melhor do que a fantasia.

O idiota estava certo. Não há como outro homem me fazer sentir como ele me fez.

Mais uma coisa que Arturo DeVille me negou.

E não há como eu odiá-lo por isso.



Feiticeira. Encantadora. Não sei que tipo de vodu essa mulher pratica, mas deve ser alguma bruxaria séria.

— Você está escorregando. — Abrindo a porta do chuveiro, passo por cima da pilha de roupas molhadas que jogamos no chão mais cedo.

— Você está muito molhado, — diz Tara no meu pescoço, mas aperta as pernas em volta da minha cintura.

Ela se agarra a mim como um bebê coala enquanto eu vou até o armário embutido para toalhas na parede oposta, perto da banheira. O vapor no quarto é tão denso que faz todo o espaço parecer quase mítico.

Ao passar pelo espelho sobre a penteadeira, não consigo evitar parar por um momento. Nossas silhuetas estão borradas, pois a superfície do vidro está completamente coberta de condensação, tanto que só consigo distinguir nossos contornos vagos. Estendo a mão e limpo a umidade, revelando nosso reflexo. O rosto de Tara está virado para o lado, deixando seus gloriosos cabelos escuros em destaque. A massa molhada de ondas leves cai em cascata pelas suas costas, quase alcançando sua bunda nua. Com os braços e as pernas envolvendo-me, parecemos estar entrelaçados. Não consigo desviar o olhar. Caramba, é tão bom tê-la em meus braços assim.

— Estou congelando aqui, DeVille.

Minha pressão arterial dispara toda vez que ela me chama assim. Queria conseguir entender qual é o problema dela. Que diabos ela tem contra o meu nome? Já a ouvi me chamar de Arturo. Meu nome em seus lábios se tornou um obsessão quase tão grande quanto o gosto, o cheiro e o toque dessa mulher em meus braços. Mas as únicas vezes em que ela parece se descuidar são quando estou sangrando. Pergunto-me se vou ter de perder cada gota de sangue nas minhas veias antes que ela use apenas o meu primeiro nome.

Pego uma toalha na prateleira, coloco sobre os ombros dela e saio do banheiro.

As luzes da sala estão apagadas, todas, exceto a luminária perto da janela. Seu brilho suave ilumina diretamente a cama desarrumada. Claro que a cama foi deixada em desordem. É nisso que minha esposa é boa. É como se ela deixasse propositalmente provas de sua existência por toda parte.

Suéteres e moletons estão espalhados pelo quarto. Deixados no encosto do sofá, como se fossem sua marca registrada. Uma trilha de livros aleatórios espalhados por todas as superfícies disponíveis. Na sala de estar, na bancada da cozinha e até mesmo na lavanderia. A jarra de leite está sempre enfiada na prateleira errada da geladeira. Na tigela antiga na estante do andar de baixo, um par de brincos que ela usou em um de nossos encontros.

Quando olho ao redor, é como se eu pudesse rastrear minha esposa pela casa. Se fossem coisas de outra pessoa, minha personalidade obsessivo-compulsiva me obrigaria a arrumar tudo imediatamente. Tudo tem seu lugar. Exceto Tara. E as coisas dela, aparentemente. Minha esposa não apenas 'se encaixa' em um espaço específico na minha vida. Ela tomou conta dela completamente. E nunca passou pela minha cabeça me livrar das coisas dela. É quase como se... como se eu *gostasse* de ver as coisas dela por toda parte. Na casa. No nosso lar.

Meu olhar volta para os lençóis emaranhados e para a pilha de travesseiros caóticos perto da cabeceira da cama. Ela teve um sono agitado? Ela ficou se revirando na cama ontem à noite, sonhando comigo transando com ela? Porque eu sonhei. Tenho sonhado em afundar nela todas as noites. Desde o momento em que ela entrou nesta casa. E, para ser sincero, desde muito antes disso.

Eu esperava que essa obsessão bizarra por uma mulher que me tenta a reivindicá-la como minha a cada momento acabasse assim que finalmente transássemos. Considerando o estado duro como pedra do meu pau poucos minutos depois de tê-la tido, minha esperança era um sonho tolo.

— Você precisa secar o cabelo antes de dormir, — digo enquanto a coloco ao lado da cama bagunçada.

Tara levanta o queixo, olhando para mim através dos fios molhados que cobrem seu rosto ainda corado. — Isso é uma ordem?

— Sim.

Aqueles olhos verdes brilhantes se estreitam em desafio. — Você não pode me dar ordens, DeVille.

Eu a encaro, absorvendo a visão dessa criatura encantadora. Cada detalhe dela salta aos meus olhos. Seu pescoço, avermelhado pela minha barba e ainda exibindo minha marca de chupão. A marca que eu fiquei mais do que feliz em deixar nela. Seu lábio inferior carnudo, vermelho e inchado pelos meus beijos violentos. Seus seios, com mamilos de dar água na boca, aparecendo entre os fios molhados de seus cabelos.

É como se estivéssemos de volta ao chuveiro, porque ela está me encarando com tanta intensidade que poderia me queimar vivo. Seus olhos estão vagando pelo meu peito, examinando meu torso. Ela está catalogando as marcas que deixou em mim? Tenho certeza de que há rastros e mais rastros de arranhões de suas unhas nas minhas costas. Não é difícil imaginar, considerando a aparência esfarrapada da minha frente.

O quarto ao nosso redor está completamente silencioso, exceto por nossas respirações, que estão ficando mais rápidas enquanto nos encaramos pela segunda vez naquela noite. O ar entre nós fica mais denso, carregado a um ponto em que uma pequena faísca poderia fazer tudo explodir. *Porra*, eu quero transar com ela. De novo. Hoje à noite. Agora mesmo.

Mas não vou.

Uma vez já foi arriscado o suficiente. Não posso deixar esse vício absurdo me consumir.

— Vou para a cama, — digo com os dentes cerrados.

— Ótima ideia.

— Tudo bem. — Aceno com a cabeça.

— Ok, — ela responde.

Minha respiração sai em rajadas rápidas, como se eu tivesse acabado de correr uma maratona, tudo porque essa mulher e tudo nela estão me deixando louco. Cerro os punhos, esperando que isso seja suficiente para me impedir de alcançá-la. Minhas palmas suam e coçam de desejo. A cada segundo, a cada batida do coração, a frustração e o desejo dentro de mim aumentam cada vez mais, e não há nada que eu possa dizer a mim mesmo que me faça virar e ir embora.

A ninfa sardenta diante de mim pode estar tendo um problema semelhante. Seu corpo está inclinado em minha direção, enquanto o desejo e a reticência lutam pelo domínio em seu rosto.

Abaixo a cabeça e sussurro: — Você realmente precisa entrar naquela cama, *gattina*. Agora mesmo.

Com os lábios levemente machucados pelo beijo e a respiração ofegante, ela dá um passo em minha direção. A ponta do meu pau dolorosamente duro pressiona sua barriga, logo acima do umbigo cravejado de joias. Esse leve contato é quase suficiente para me fazer cair de joelhos. Pontos pretos aparecem na minha visão periférica enquanto o desejo desenfreado toma conta de mim.

— Vá para o inferno, DeVille.

Qualquer fio de autocontrole que me mantinha inteiro se rompe. Se dissolve. Derrete no esquecimento. Qualquer capacidade mental que eu tinha se foi. Eu a pego nos braços e a jogo no meio da cama. No próximo suspiro, estou me posicionando sobre ela.

— Tão macia, — murmuro enquanto arrasto meus lábios em direção ao umbigo dela, em direção àquele piercing maldito que vem me provocando há tanto tempo. — Como algo pode ser tão macio?

Um sopro trêmulo sai dela enquanto eu chupo a pequena joia entre meus lábios. A ponta da minha língua traça círculos ao redor dela, enquanto deslizo as palmas das mãos ao longo da parte interna de suas coxas, abrindo suas pernas ainda mais, aproximando-me cada vez mais do seu calor.

Um gemido alto e necessitado explode dela quando deslizo meu polegar por sua carne molhada, procurando seu clitóris. Começo com uma leve pressão, depois aumento enquanto esfrego em círculos apertados ao redor daquele botão sensível. Mantenho meu ritmo constante, acompanhando o movimento da minha língua sobre seu piercing.

Sua respiração fica mais irregular, seus gemidos aumentam e ecoam pelas paredes do quarto. Sinto-a tremendo sob meu toque, cada vez mais perto do precipício, e mal comecei.

Uma dor percorre a parte de trás da minha cabeça quando Tara agarra meu cabelo, puxando-me para mais perto e empurrando minha boca para onde ela mais quer. Como se eu precisasse de um convite implícito.

Essa garota. *Minha* garota.

— Gatinha impaciente, — rosno, lambendo seu umbigo mais uma vez.

Mas estou mais ansioso para enterrar meu rosto em sua boceta do que para respirar.

O cheiro dela... Doce e sedutor. Minha marca pessoal de cocaína. Eu a respiro profundamente, mantendo aquele cheiro cativo em meus pulmões enquanto empurro a língua em sua abertura. *Deus do céu*. O gosto inicial dela é uma overdose. Mas se eu morrer agora, morro feliz.

Afastando ainda mais os joelhos dela, eu ataco seu mel decadente, fodendo seu centro com movimentos lentos e metódicos da minha língua. Lambendo seu néctar para pegar cada gota. Beijando seus lábios inferiores, suas dobras sedosas. Chupando seu clitóris só para ouvi-la ronronar. Deliciando-me com minha esposa como se fosse um homem faminto, voraz.

A respiração ofegante de Tara preenche o espaço ao nosso redor, enquanto ela vibra como as cordas de um violino inestimável em minhas mãos. E eu saboreio cada segundo de fazê-la se curvar ao meu toque, seus gemidos sendo música para meus ouvidos. Antes que esta noite termine, vou tocar, lamber e beijar cada centímetro do corpo dela. Vou fazê-la se desfazer na minha língua, nos meus dedos, no meu pau. Vou apagar da mente dela a lembrança de outros homens. Vou arruiná-la para todos os demais. O único que ela vai sentir, que vai desejar, sou eu.

— Se isto é o inferno, gattina... — sopro um hálito quente sobre sua pele sensível, fazendo-a tremer novamente, — ...nunca mais voltarei. Nunca. Passarei a eternidade feliz dentro da sua boceta.

Achatando a língua, dou outra lambida longa em sua fenda, desde o buraco traseiro até a borda de seu monte macio. Então, selo meus lábios sobre seu clitóris inchado e chupo. Forte. Mais forte.

Um grito agudo de *SIM, OH DEUS, SIM!* explode dela. Ela goza, quase arrancando meu cabelo pela raiz. E eu quase caio junto com Tara. Aquela sensação na base da minha espinha me diz que não vou aguentar muito mais. Mas continuo a me deleitar com minha esposa, acariciando e chupando, deixando-a aproveitar o orgasmo. Seu corpo treme debaixo de mim, sacudindo tão forte que, se eu não soubesse o que estava acontecendo, ficaria preocupado com a causa.

Sim... Agora essa é minha missão. Aprender tudo sobre o corpo dela, encontrar cada uma de suas zonas erógenas. Fazer com que ela sinta as coisas mais pecaminosas. Dar a ela o prazer mais requintado. Garantir que ninguém mais jamais possa proporcionar a ela o que ela experimenta comigo. Ela pode continuar me desprezando. Deus sabe que eu mereço isso e muito mais. Mas ela não será capaz de viver sem meu toque. Ela nunca deixará de desejar nosso acasalamento carnal. O único homem para ela sou eu. Qualquer outro que sequer pensar em roubá-la, eu destruirei antes que tenha a chance.

Traço uma linha de beijos da sua boceta até o peito, parando para circular sua joia brilhante com a ponta da minha língua novamente. Chupo e mordo gentilmente seus mamilos. Puxo um seio delicado para dentro da minha boca. Depois, o outro. Mordisco suas clavículas finas. Lambo o pescoço dela até chegar à nuca. E, finalmente, capturo sua boca.

— Veja como você tem um gosto pecaminoso, — sussurro contra seus lábios trêmulos.

Sua exalação trêmula é minha única resposta.

Ela bagunça meu cabelo enquanto me beija de volta. Desliza a língua na minha boca, chupando a minha. Deslizo minhas mãos pelos braços dela. Puxo-os por cima da cabeça. Capturo seus pulsos.

— Não esperava deixar você sem palavras, *gattina*. É um pouco surreal, se quer saber.

— Vai se foder. — Palavras ofegantes proferidas entre beijos escaldantes.

— Você vai. Ainda não acabamos, Tara querida. — Levantando meus quadris para deixar meu pau encostar em sua entrada, eu mergulho dentro dela com uma estocada poderosa.

O paraíso. Sentindo seu calor úmido e quente me envolver. O abraço acolhedor de sua boceta é a satisfação máxima. Como voltar para casa. O tempo pára. Talvez deixe de existir completamente. Tudo ao meu redor desaparece. Tudo, exceto minha esposa. Tremendo debaixo de mim. Uma expressão de puro êxtase em seu rosto. Eu a observo. Hipnotizado. Observo seus lábios se abrirem a cada gemido. Percebo o rápido subir e descer de seus seios lindos a cada respiração superficial que ela dá. O bater de seus cílios longos e escuros enquanto seus olhos verdes vidrados se fixam nos meus.

Continuo batendo meu corpo contra o dela, forte e rápido, tentando me enganar acreditando que o calor que se espalha pelo meu peito, o martelar do meu coração e a repentina incapacidade de engolir são apenas efeitos de um sexo intenso e maravilhoso. O tipo de sexo que deixa você se sentindo selvagem. Ainda assim, não passa de uma reação biológica. Química magnética entre ela e eu. Nada disso se baseia em emoção. Certamente nada que abalaria o chão sob meus pés. E a necessidade de reivindicá-la, possuí-la, acorrentar minha esposa a mim e jogar fora a chave, isso é apenas o delírio da minha mente embriagada de sexo. Muitos feromônios, pouca noite de sono.

É só isso. Tudo o que poderia ser. Não pode ser outra coisa.

Não deixarei que seja.

Capítulo 18



O beco está escuro e os prédios de ambos os lados estão se aproximando. Todas as janelas estão escuras. Todas as sombras são frias e ameaçadoras. A lua não ajuda enquanto continuo procurando por...

Paro de repente. Onde estou? E por que está tão frio? Meus dentes estão batendo.

Apertando o casaco com mais força, deixo os olhos deslizarem pelo bairro desconhecido. Como diabos vim parar aqui? Não me lembro. Estou...

Estou procurando alguém.

Sim. Estou procurando alguém que perdi.

Quem? Quem é que eu não consigo encontrar?

Asya?

Sim, deve ser ela quem estou procurando. Minha irmãzinha desapareceu.

Olho para a esquerda da rua, depois para a direita. Não há ninguém. Não importa. Retomo a corrida. É o que tenho que fazer. Continuar. Continuar procurando alguém importante para mim. Alguém que é meu. Preciso encontrá-los. Proteger o que é meu. Cuidar deles como um falcão.

Um poste de luz solitário aparece à minha frente. Longe, no final do quarteirão, pouco antes do cruzamento. Uma silhueta. Uma mulher sozinha, parada bem embaixo da luz.

— Asya? — chamo.

— Estou bem, Arturo, — responde a mulher com a voz de Asya.

Um suspiro de alívio escapa dos meus lábios. Ela está bem. Sim. Felizmente casada com aquele maldito russo.

— Estava procurando por você, — digo.

Minha irmã sorri. Não consigo ver direito porque ela está muito longe, mas tenho certeza de que é verdade. — Não é a mim que você está procurando.

Ela está certa. Eu estava tentando encontrar outra pessoa. Mas quem?

— Você já a encontrou. Aquela que você está procurando há tanto tempo. Só ainda não percebeu.

— Encontrei quem? — pergunto, aproximando-me. — Diga-me!

— A salvação vem de muitas formas, Arturo.

— Salvação? — Recuo enquanto o desespero me domina. — Sou incapaz de salvar alguém, mana. Não consegui salvar você! Procurei e procurei, mas no final, outra pessoa acabou resgatando você. Eu falhei. Falhei com as minhas duas irmãs. Quase perdi Sienna também, por causa dos meus erros. Não vou falhar com mais ninguém.

O vento frio sopra, jogando poeira e detritos no meu rosto. A temperatura deve ter caído ainda mais.

Minha irmã inclina a cabeça, olhando para mim como se achasse minhas palavras engraçadas.

— Não é ela quem precisa ser salva. — Palavras suaves chegam até mim. — É você.

Eu? Do que preciso ser salvo?

— De você mesmo, Arturo.

A luz da rua se apaga, mergulhando o beco na escuridão, e a silhueta da minha irmã se dissolve no ar. Apenas suas palavras permanecem. Levadas pelo vento gelado. Ecoando nas paredes. Ressoando dentro da minha cabeça como uma sirene estridente.

— Arturo!... Arturo!... Arturo!



— Arturo! — grito, sacudindo seus ombros. — Acorde!

O suor escorre pela pele escaldante dele enquanto se debate de um lado para o outro. Estou tentando acordá-lo há vários minutos. Isso não é normal, e estou começando a entrar em pânico. Balanço-o novamente, com mais força desta vez, enquanto tento ignorar o pânico que ameaça me dominar.

Finalmente, seu corpo fica imóvel. Suas pálpebras se abrem lentamente. *Graças a Deus!*

— Você deve ter tido uma noite...

Espere. Algo não está certo. Ele está olhando para mim, mas seus olhos estão fora de foco. Seguro seu rosto entre as mãos. Sob minhas palmas, ele está queimando.

Febre.

— Está... frio. Tão frio aqui, — ele diz lentamente, enquanto tremores sacodem seu corpo. Seu olhar está voltado para mim, mas é como se ele estivesse olhando através de mim.

— Arturo? — Eu o sacudo. Levemente, desta vez. — Olhe para mim.

Um sorriso estranho e quase imperceptível se forma em seus lábios. — Claro. Sempre gosto de olhar para você, *gattina*. Mesmo quando você está jogando canapés em mim.

Eu fico boquiaberta. Louco. — Você está com febre.

— Mm-hmm... Posso te dar um beijo também? Daqueles selvagens, em que você morde minha língua? — Seus lábios formam um beicinho. O movimento é lento, como se ele estivesse me tentando a aceitar sua oferta.

Ele está delirando. E definitivamente com febre. Parece forte.

— Ótimo, — murmuro para mim mesma.

O que eu faço? Como se lida com uma temperatura tão alta? Drago nunca ficou doente, nunca teve nenhuma doença grave. E eu só tive dor de garganta e gripe estomacal. O que eu faço?

Eu estava preparada para lidar com muitas coisas desagradáveis quando vim morar nesta casa, mas não com isso. Não com esse medo angustiante que se instalou em mim enquanto observo meu marido sem saber como ajudá-lo. Diabos,

prefiro ouvir outra longa palestra ou uma discussão sobre minha total incompetência como esposa, prefiro suportar isso. Não isso.

Isso não.

Saindo da cama, corro para encontrar minha bolsa. Sienna saberá como cuidar do irmão. Assim que meus dedos tocam o telefone, disco o número dela.

Ela atende ao sétimo toque.

— São duas da manhã, Tara. O que...

— Arturo está doente, — digo enquanto volto para a cama ao lado dele. — Ele está com febre alta. E está balbuciando coisas sem sentido. O que eu faço?

— Qual é a temperatura dele?

— Eu... eu não sei. Não sei onde está o termômetro. Mas a pele dele está quente ao toque. E o que ele está balbuciando parece que o cérebro dele está fritando.

— Sim, tudo bem. Já vi isso antes. Aconteceu quando a febre dele passou dos 40 graus.

— Quarenta? — Engasgo enquanto meu estômago revira.

— Sim. Você precisa baixar a temperatura dele. Rápido. Coloque-o no chuveiro. Água morna, não fria.

— Como? Ele é duas vezes maior que eu, Sienna. E mal consegue falar, — grito. — Remédios ajudariam? Ele anda com um frasco de ibuprofeno há dias, tomando aquilo como se fosse doce. Posso tentar encontrar.

— Não vai ser rápido o suficiente. Os comprimidos, quero dizer. Eles demoram muito para fazer efeito. Pelo menos pegue algumas toalhas molhadas e cubra-o da cabeça aos pés. Vou ligar para Ilaria e pedir para ela vir vê-lo. É melhor não dar nenhum remédio para ele até lá.

— Ilaria?

— A mãe do chefe.

— Ajello tem mãe? — Eu achava que aquele homem tinha sido gerado por algo sombrio e antinatural.

— Eu sei, é difícil de acreditar. Mas ela é uma senhora simpática e uma ótima médica, então não se preocupe. Vou desligar agora e ligar para ela. Mantenha-me informada sobre como as coisas estão indo, certo?

— Claro. Toalhas molhadas. Ilaria. Te manter informada. — Pressiono a palma da mão na testa escaldante de Arturo. — Diga a ela para se apressar.

Jogo o telefone longe e corro para o banheiro para pegar as toalhas.

Quinze minutos depois, estou olhando para a pilha de toalhas meio secas ao lado da cama. Tenho trocado as toalhas quase tão rápido quanto as coloco, mas não adianta nada. A pele de Arturo está tão quente quanto antes. Talvez ainda mais quente. *Droga.*

— Arturo. — Afasto os fios de cabelo encharcados do rosto dele. — Precisamos de te levar para o chuveiro.

Ele pisca, lentamente. Seus olhos ainda atordoados finalmente encontram os meus. — Mm-hmm... Adoro tomar banho com você. Você vai me deixar comer sua boceta de novo?

— Não! — Minhas bochechas esquentam. Sinto-me ficando vermelha. — Você está com febre e precisamos baixá-la.

— Então, nada de boceta? Eu não vou então.

— Eu não estava pedindo. — Eu agarro seus pulsos e puxo, tentando levantá-lo da cama. — Me ajude aqui, por favor.

— Não. Sem boceta, sem ajuda. — Ele cai de volta no travesseiro.

Jesus! — Tudo bem. Como quiser. — Ele não consegue nem se sentar, muito menos se abaixar para me fazer sexo oral.

Com esforço, consigo colocá-lo de pé, mas nós dois quase caímos no chão quando ele perde o equilíbrio. Segurando-o bem a tempo, coloco o braço dele em volta do meu pescoço e, apoiando-o pela cintura, levo-o até o banheiro.

— Adoro o seu cheiro, — diz Arturo, enterrando o nariz no meu cabelo.

— Hum... obrigada.

— Não deixei Greta trocar meus lençóis desde que você passou a noite na minha cama. Eles têm o seu cheiro, e eu quero mantê-los assim para sempre.

— Isso é nojento.

— *Não*. Mas se você não gosta, posso comprar outros, — diz ele, endireitando-se. — Mas só se você vier morar comigo. No meu quarto, na minha cama. Se você dormir sempre comigo. Em cima de mim. Adorei isso. Na verdade, adoro muitas coisas em você.

— Acho que você está ficando louco. Cuidado!

— Oh, mandona! Também gosto disso. Mas sabe o que eu adoro mesmo? — Ele ri. — Abraços no pescoço.

— O quê?

— Isso! — Ele me agarra pela cintura e me levanta, apertando-me contra ele de forma que meu rosto fica esmagado no espaço entre seu ombro e pescoço. — Sim, assim mesmo.

— Você está louco? Me solta ou nós dois vamos cair no chão.

— Mm-hmm... isso também vai ser divertido. — Ele me abaixa no chão, balançando.

Merda. Envolvo meus braços em torno dele, mantendo-o em pé. — Vamos lá. Só mais alguns passos.

Os últimos dois metros até o banheiro parecem cinquenta. Nós cambaleamos o caminho todo. Quando finalmente consigo colocá-lo no box, eu o apoio contra a parede e ligo o chuveiro.

— Pode parecer frio para você, com essa febre alta. Mas eu garanto que a água está morna. — Estendo a mão para ele. — Vamos, Arturo.

Um sorriso torto se espalha pelo rosto dele. — Eu entraria em águas geladas ou atravessaria o fogo do inferno por você, gata selvagem. — Trançando os dedos nos meus, ele me puxa para si e entra sob o jato de água.

Faz apenas algumas horas desde que estávamos nesta mesma posição, com a água caindo sobre nós. No entanto, nada parece exatamente igual. O olhar de Arturo não tem mais aquele brilho perigoso que costuma ter. Neste momento, a maneira como ele está me olhando é diferente de todas as outras vezes em que ele olhou para mim. Seus olhos estão suaves. Desprotegidos. A febre e o delírio devem estar realmente mexendo com sua cabeça.

Uma pontada de saudade atinge meu peito. Como seria ter Arturo DeVille me olhando assim sempre?

— Você entrou no chuveiro gelado por mim, — ele sussurra, acariciando minha bochecha com as costas da mão.

— Não está gelada. — Levanto-me na ponta dos pés e roço meus lábios nos dele. Até eles parecem mais macios, de alguma forma. Talvez seja a água escorrendo pelo rosto de nós dois. — É só impressão sua.

— E você disse meu nome... — seus dedos acariciam meu queixo, — ...várias vezes.

— Eu estava sob pressão. Escapou.

Sua outra mão desliza para as minhas costas, acariciando toda a extensão da minha coluna sob minha camiseta molhada. É a única peça de roupa que estou usando. Meu marido, porém, não está vestindo nada. E, mesmo assim, nosso toque não parece sexual.

Minhas palmas deslizam sobre seu peito duro como pedra, depois circulam pelas suas costas, explorando lentamente seu corpo glorioso. Tudo em mim formiga de consciência. Minha boceta ainda está sensível do sexo desenfreado e frenético que tivemos mais cedo esta noite, mas estou ansiosa por mais. Pulsando com a necessidade de senti-lo. Um círculo sobre meu clitóris e tenho certeza de que explodiria. Desmoronaria como só ele consegue me fazer.

Mas não é isso que eu quero agora. Eu quero isso. O movimento lento de seus dedos ao longo do meu queixo. Sua língua, explorando minha boca. Aquela sensação agradável na base do meu crânio enquanto ele percorre meu cabelo. É isso que eu quero. Todas essas coisas maravilhosas. Dele.

A necessidade desse afeto básico é estranha, considerando o jogo volátil de cabo de guerra que jogamos desde o primeiro dia. Nada entre nós dois tem sido fácil. Nada, exceto a atração inegável que ele e eu sentimos. Não há como resistir a esse tipo de química por muito tempo. Não importa quantas vezes minha mente tentasse negar, meu coração reconhecia a mentira. Eu sabia que, eventualmente, Arturo e eu acabaríamos na cama. Na cama dele ou na minha, não faria diferença. Nós dois teríamos nos rendido àquele intenso magnetismo físico. Mas isso, este

momento aqui, não parece ser apenas atração sexual. É algo completamente diferente. E eu não tenho ideia do que seja.

Ou talvez saiba.

Ao continuar com essa farsa de casamento, achei que estava fazendo a coisa certa. Sacrificando um ano da minha vida pela minha família. Consertando mais uma das minhas intermináveis asneiras. Aceitando um homem que não me ama. Um homem perigoso que me chantageou. Um homem que, fora da cama, me acha deficiente em todos os aspectos que importam. Assim como todos os homens anteriores da minha vida.

Achei que conseguiria. Que poderia temporariamente deixar meus sonhos e minha felicidade de lado. Doze meses. Não deveria ser difícil depois de uma vida inteira sem ter o que eu tanto desejo. Um homem que me valorizasse acima de todas as outras. Que me amasse mais do que a si mesmo. Apesar de eu ser um *desastre ambulante,* como Satanás DeVille tão eloquentemente me rotulou. Mas essa é a minha vida. E independentemente das confusões que eu tenha feito nela, há uma coisa sobre a qual sempre fui inflexível. Uma coisa que prometi a mim mesma. A única coisa que eu nunca iria estragar.

Eu só me apaixonaria por um homem que me amasse de volta.

Estúpida, estúpida, estúpida. Porque consegui estragar isso também.

— Espero que seja o suficiente. — A ponta do meu nariz arde quando saio dos braços de Arturo e desligo a água. — Vamos levá-lo de volta para a cama. A médica deve chegar em breve.

***

— Boa ideia, colocá-lo no chuveiro.

Loira, sofisticada e completamente confiante em si mesma, Ilaria pousa o estetoscópio.

Olho para Arturo, deitado de bruços na minha cama. Ele desmaiou assim que voltamos do banheiro, adormecendo instantaneamente. Levei quase dez minutos para enfiar seus membros enormes em uma camiseta e uma calça de pijama, para que ele não 'encontrasse' a médica nu.

— O que há de errado com ele? — pergunto, mordendo a unha do polegar.

— Pneumonia. Provavelmente viral, mas saberemos com certeza quando eu receber os resultados dos exames laboratoriais. Estou detectando chiado sintomático na respiração dele. Isso é um bom indício de inflamação nos pulmões.

— Isso é... grave?

— Menos grave do que pneumonia bacteriana. Há quanto tempo ele está tossindo?

— Hum... cerca de uma semana. Talvez duas.

— O antipirético que injetei nele vai baixar a febre. Mandarei alguém pela manhã com medicamentos antivirais. Eles ajudarão a acelerar a recuperação dele.

— Tudo bem... O que mais?

— Normalmente, com esse tipo de pneumonia, os sintomas semelhantes aos da gripe desaparecem por conta própria. Ele só precisa de repouso, muitos líquidos e uma boa alimentação. Dê-lhe chá morno com limão e mel para a garganta.

Sopa caseira. E mantenha-o na cama pelo resto da semana, no mínimo. Não o deixe fazer nenhum trabalho.

— Não sei se isso vai ser possível.

— Ele se meteu nessa situação por ser irresponsável. Ignorou os sintomas e se encheu de remédios sem receita que só mascararam a doença até a infecção piorar. — Ela fecha a maleta médica com mais força do que provavelmente pretendia. — Os homens são idiotas, — acrescenta.

Eu bufo, depois coloco a mão sobre a boca. É difícil acreditar que alguém tão... normal... tenha sido mãe de um bastardo impiedoso como Salvatore Ajello.

— Então, é isso? — pergunto. — Ele vai ficar bem? E se a febre dele subir de novo?

— Ele pode continuar tomando ibuprofeno para as dores e a febre, se voltarem. Dê a ele a cada quatro a seis horas. Banho frio, mas só se for absolutamente necessário. Além disso, você deve se afastar por alguns dias. A equipe também. Com pneumonia viral, Arturo ainda será contagioso até começar a se sentir melhor e ficar sem febre.

Sim. Considerando nossos encontros carnais, é tarde demais para eu tomar precauções. — Bem, se ainda não fiquei doente, provavelmente estou bem.

— Se você começar a sentir sintomas, me ligue imediatamente. — Ilaria se levanta e pega seu casaco de cashmere na poltrona reclinável. — Eu saio sozinha. — Do outro lado do quarto, ela para na porta. — Sabe, quando recebi a ligação pouco depois das duas da manhã, tinha certeza de que estaria tirando uma bala de alguém. Mas pneumonia... Prefiro isso a um tiro qualquer dia.

No momento em que ela sai, subo na cama ao lado de Arturo. Ele parece muito melhor do que há uma hora. O que significa que provavelmente poderei

dormir um pouco. Deitada ao lado dele, pressiono meus lábios contra sua testa. Ainda está quente. Mas não tanto. Acostando-me ao seu lado, suspiro.

Keva me disse uma vez que segredos sussurrados na escuridão ficam lá para sempre. Trancados onde ninguém pode encontrá-los. Ainda faltam algumas horas para o amanhecer, mas logo os primeiros raios do sol vão aparecer. Sua luz vai entrar pela janela e iluminar o quarto. Agora, porém, ainda está escuro. E, a julgar pela respiração regular de Arturo, ele está em um sono profundo. Longe demais para ouvir minhas confissões.

— Eu seria uma pessoa ruim se admitisse que gostaria que você continuasse delirando? — sussurro ao lado de seu ouvido. — Ou talvez eu pudesse fingir que você não estava delirando quando disse que atravessaria o fogo e pisaria em água gelada por mim? Isso me tornaria muito patética? — Uma mecha de seu cabelo caiu sobre seu rosto, então estendo a mão para afastá-la. — Sim, eu também acho. Mas tudo bem, sabe? Sou conhecida por fazer coisas estúpidas como essa. Então, vou me permitir fingir. Só até de manhã. E então, nós dois voltaremos a nos odiar. O que você acha?

Silêncio e respirações ritmadas são minha única resposta.

— Eu amaldiçoo o dia em que te conheci, Arturo DeVille, — sussurro. Em seguida, dou um beijo em seu ombro e fecho os olhos.

Em poucas horas, o nascer do sol espalhará a quietude da noite. Queimará meus segredos, ‘a verdade’ que não consigo encarar à luz do dia. Afugentará meus sonhos tolos e me levará de volta à dura realidade. Apagará suas palavras doces da minha memória. Assim que acordar, voltarei a manter Arturo DeVille à distância. Porque essa é a única maneira de me salvar.

Da dor do coração.

De querer algo que sei que nunca poderei ter.

De desejar um *para sempre* com meu marido.

Capítulo 19



Encostando o quadril na bancada da cozinha, observo minha esposa tentar desmontar a cafeteira. Pelo menos, é o que imagino que ela esteja tentando fazer. Em vez de usar uma das chaves de fenda que guardo na gaveta à esquerda dela, ela está usando uma faca de manteiga para tentar soltar o pequeno parafuso.

— Droga, seu maldito, — ela resmunga. — Não vou ser derrotada por um pedaço de alumínio.

— Na verdade, é aço inoxidável, — digo eu.

Tara se vira tão rápido que derruba o saco de grãos de café da bancada. — O que você está fazendo aqui?

— Esta é minha casa. — Aponto para a cafeteira. — E essa coisa que você está tentando destruir é meu utensílio de cozinha favorito.

— Volte para o seu quarto. Ilaria mandou você ficar em repouso absoluto.

Minha testa franze. — Ilaria esteve aqui? Quando?

— Você não se lembra?

— Não.

Uma emoção passa pelos olhos dela tão rápido que, se eu não estivesse observando atentamente, teria perdido. Mas ela voltou a concentrar a atenção na

cafeteira rápido demais para que eu pudesse entender. E, embora não tenha certeza absoluta, parecia que havia dor brilhando nos olhos dela.

— Isso significa que você não se lembra dela enfiando uma agulha enorme na sua bunda nua. Que pena.

— Desculpe desapontá-la, mas a última coisa que me lembro é de transar com você até você perder os sentidos no chuveiro e, em seguida, fazê-la gritar meu nome enquanto queimávamos os lençóis da sua cama. — Empurrando a bancada da cozinha, aproximo-me por trás dela e coloco minha mão em seu quadril. — E adoraria repetir. Ver você gozar na minha mão, na minha língua, no meu pau, vai me ajudar a esquecer todas as dores que meu corpo está sentindo agora.

Ela me empurra sem se dar ao trabalho de se virar.

— Você está com pneumonia. Volte para a cama.

Passo as unhas pela barba por fazer, sentindo-me um pouco confuso. Será que fiz algo ontem à noite que a incomodou? Ela não pode continuar zangada por causa da nossa discussão na gala, porque sei que superámos isso quando ela me implorou por mais depois de gozar na minha língua. A melodia dos seus gemidos doces, enquanto eu estava dentro dela, ainda está a tocar na minha cabeça. Quer dizer, ela ainda *pode* estar zangada. Minha mulher sabe muito bem como guardar rancor. E ela nunca se esquivou de ser sarcástica. Mas sempre que tinha algo a me dizer, ela sempre dizia na minha cara. Agora, porém, ela está evitando todo contato visual. Na verdade, ela está fazendo de tudo para olhar para qualquer lugar, menos para mim.

— As chaves de fenda estão aqui. — Abrindo a gaveta ao lado dela, pego uma chave de fenda de cabo vermelho e coloco-a na bancada. — Posso perguntar o que você está fazendo?

— Esta coisa não funciona direito. Tem muito calcário acumulado.

— Você tentou limpar com vinagre primeiro?

— Quem é você? Martha Stewart? — Ela agarra a borda da bancada, baixando a cabeça como se estivesse derrotada.

Algo não está certo, eu tenho certeza. Estendo a mão para segurar seu braço, mas ela se afasta do meu toque. Seus movimentos são rápidos e imediatos, como se eu tivesse uma doença contagiosa ou algo assim.

— O que diabos há de errado com você? — pergunto. — Por que você está agindo assim? Você nem me deixa tocar em você!

— Porque eu não quero.

— Que merda é essa? Desde quando? — rosno, cansado dessa constante rejeição. — Você não pode simplesmente fingir que não há nada entre nós.

— Não há *nada*! — Ela se vira e encontra meu olhar pela primeira vez. — Foi só sexo, DeVille. Você satisfez meu desejo, eu satisfiz o seu. Nada mais aconteceu, — ela bufa. — O quê? Você acha que seu pau é mágico ou algo assim? Que algumas rodadas de sexo por ódio de alguma forma me fariam esquecer que nenhum de nós está neste casamento por escolha? Que você literalmente me chantageou para entrar nisso?

— Certamente parecia que minha esposa achava meu pau mágico enquanto eu a fodia com força no colchão. — Coloco as mãos na bancada, de cada lado dela. Cercando-a, porque ela parece pronta para fugir. — Então, deixe-me ver se entendi. Nós transamos e vamos fazer isso de novo. Em breve. E com frequência. Mas isso não muda nada?

— Exatamente. Agora, por favor, volte para cima, DeVille. Você teve febre alta a noite toda, e Ilaria mencionou que você pode estar contagioso. Não tenho vontade de pegar o que você tem.

— Tudo bem. Como quiser. — Pego uma garrafa de água na geladeira e saio furioso da cozinha.

Eu esperava que as coisas fossem diferentes entre nós? Não. E não quero que nada mude. Ela e eu estamos exatamente como estávamos quando começamos. Lidando com a situação de merda que caiu em cima de nós. Ela ainda me odeia, e eu também não gosto dela. E deve continuar assim.

Além disso, aquela mulher é obviamente incapaz de formar um relacionamento saudável. Se por um minuto eu pensei que poderíamos tentar, deve ter sido apenas minha febre alta falando. Com a cabeça fria, eu sei que não é assim. Eu sabia desde o início que nós dois éramos um grande erro. Um erro que tentei conter com todas as regras que a fiz concordar. Regras que ela encontrou uma maneira de desobedecer repetidamente. Fazendo uma manobra atrás da outra até eu perder a cabeça.

Eu nunca perco a cabeça. Nunca. E muito menos por uma mulher. Certamente não por uma mulher que luta contra mim a cada passo. Ou exige um milhão de dólares por cada mês de nosso casamento, como se a proximidade comigo justificasse um adicional de periculosidade! E compra um maldito helicóptero quando eu lhe ofereço um carro novo.

Um sorriso idiota toma conta do meu rosto. É inútil tentar resistir. Minha pequena rebelde.

Dou uma risada, mas ao inspirar, uma tosse forte me atinge no pé da escada. *Droga.* Agarro o corrimão para me manter em pé. Um minuto atrás, eu estava bem, agora me sinto como se tivesse sido atropelado por um ônibus.

Aquela febre deve ter sido forte, porque não me lembro de nada da noite passada. Nada depois que Tara e eu sacudimos as paredes de vidro do chuveiro e repetimos a performance na cama dela antes de desabar, exaustos. Sei que não tinha forças para me vestir antes de adormecer, então como diabos acordei de camiseta e calça de pijama?

No meio da escada, meu traseiro cansado tropeça porque não tenho forças para levantar os pés. Naquele instante, uma imagem borrada passa pela minha mente. Tara colocando uma toalha fria na minha testa. Está lá em um momento e desaparece no outro. Balanço a cabeça. Perfeito. Agora estou começando a ter alucinações. Imaginando coisas que nunca poderiam acontecer. Visto que minha esposa deixou seus sentimentos por mim bem claros lá embaixo, ela teria preferido me deixar morrer a cuidar de mim até eu ficar bom.

Depois de finalmente me arrastar até meu quarto, reviro tudo, procurando meu celular. A essa altura, devo ter dezenas de e-mails e chamadas perdidas, mas a maldita coisa não está em lugar nenhum. Talvez esteja no quarto de Tara? Jogo a jaqueta que acabei de revistar para o lado e vou até a porta que liga nossos quartos.

A cama está desarrumada. Exatamente como eu a deixei. Os lençóis estão emaranhados. Ambos os travesseiros têm marcas. Ela dormiu ao meu lado? O outro lado da cama estava vazio quando acordei, então ela deve ter ido para outro quarto dormir, com medo de 'pegar o que eu tenho'. Estico o braço e pego o travesseiro. O travesseiro que sei que não usei. Viro-o. Examino-o cuidadosamente. Então, olhando por cima do ombro para ter certeza de que estou sozinho, levo-o ao nariz. Tem o

cheiro dela. Aquele aroma adocicado de morango. Enterro o rosto em sua suavidade e respiro fundo.

Lábios. Suaves e sensuais, delicadamente percorrendo a borda da minha boca. Minhas mãos lentamente passando pelos fios escuros e molhados. Uma cascata de seda sobre as pontas dos meus dedos. Palavras sussurradas e água fria, muito fria. Promessas reconfortantes e uma dor gelada e cortante. E então, a suavidade mais deliciosa sob meus lábios enquanto eles percorrem a coluna do pescoço dela. O jato forte batendo nos meus ombros. Mas no eco do chuveiro, meu nome em uma suave expiração dela.

Jogo o travesseiro de volta na cama. Definitivamente estou imaginando coisas. Porque tenho certeza absoluta de que não me lembro de nenhum encontro com minha esposa que não tenha sido explosivo. Nunca houve um momento de ternura entre nós. Ela só me chama de Satanás ou DeVille. A menos que eu esteja sangrando.

Jesus, estou tão cansado. E com frio. Tanto frio. Deixo-me cair para a frente na cama, enterrando o rosto no travesseiro que acabei de jogar fora.

***

— Merda. Você está queimando de novo...

Mãos. Acariciando meu rosto. Algo molhado e frio na minha testa. Eu o afasto.

— Droga, Arturo.

Prefiro sentir aquelas palmas. São macias e quentes. Jesus, está congelando. Capturo uma das mãos e a pressiono contra minha bochecha. Ah, muito melhor.

— Abra a boca. Beba.

Não. Não, só quero dormir.

— Merda. Se você não tomar o comprimido, vamos precisar de outro banho frio, e não sei se consigo te levar lá sozinha. — Voz aveludada. Persuasiva. Mas desesperada ao mesmo tempo. — Por favor, Arturo.

Não quero um comprimido, não quero beber, mas não consigo resistir àquela voz sensual. Não consigo negar nada que ela me pede. Então, cedo. Minha garganta fica áspera quando o líquido frio desce.

— Vou molhar mais toalhas.

Não! Não vá! Estendo a mão às cegas, agarrando a dona daquela voz. Aperto a sereia contra o meu peito. Mantendo-a perto. Tão perto. Tão quente. Tão comigo.

— Me solta. Eu tenho que...

Balanço a cabeça. Não! Isso não vai acontecer. Nunca vou deixar você ir. — Fique, — digo com voz rouca. — Sem discussão.

— Suas maneiras não mudam nem mesmo quando você está delirando, DeVille.

Eu odeio isso. Odeio quando ela faz isso. Coloca distância entre nós usando meu sobrenome. Não vou permitir. Quero-a perto. Passando minha perna por cima, puxo-a para mim. Emaranhando nossos membros. Fundindo-nos em um só.

— Adoro o seu cheiro, — murmuro em seus cabelos, inalando o aroma fresco de frutas vermelhas. É doce e azedo, e tão gostoso. Doce e azedo como ela.

— Sim, você já disse isso. Por favor, tire seus tentáculos de mim. Não consigo respirar.

— Quando eu era pequeno, morangos eram meus favoritos. São frutados e doces, e às vezes levemente azedos. Perfeitamente equilibrados, o que os torna ótimos. Como você. Perfeita pra caralho.

— Você me chamou de desastre ambulante.

— Você é. De uma forma adorável e irresistível. — Eu a aperto com mais força e suspiro. — Estou com tanto sono. Prometa que não vai embora. Fique... comigo.

— Tudo bem.



— É só um fogão idiota, — resmungo enquanto olho para o fogão. Estou a um passo da histeria. — Acenda a coisa, coloque a panela no fogo e ferva a maldita água.

Racionalmente, sei que as chances dessa engenhoca pegar fogo do nada são quase nulas. Gás ou não, eletrodomésticos não pegam fogo assim. Mas o medo não é racional. O que eu sei e o que sinto são duas coisas diferentes. E é isso que não deixa meus pés se moverem para seguir em frente. Impedindo-me de dar o passo

final. Os ingredientes picados para a sopa de macarrão com vegetais estão na bancada, bem ao lado da panela que já enchi com água. Tudo está esperando que eu me controle.

O fanático por saúde não tem micro-ondas, é claro. Portanto, minha melhor opção é inexistente. E é óbvio que o estimado Chef DeVille também teria algo contra chaleiras elétricas. Porque eu procurei em todos os lugares desta maldita cozinha, vasculhei todos os armários. Duas vezes. Nada. Com isso, minha última esperança se foi.

Enfiando a mão no bolso de trás da calça jeans, pego meu celular e ligo para Sienna.

— Tara! Estou ligando para você há horas. Como está Arturo?

— Bem, — respondi com voz rouca. — Dormindo como uma pedra.

— Sem febre?

— Não. Não nas últimas três horas. — *Ahem.* Limpo a garganta. — Escuta, posso fazer sopa usando água quente da torneira? Água bem quente mesmo?

— Hum... *não*.

Encosto-me no balcão da cozinha, fecho os olhos e suspiro. — Foi o que pensei.

— Tara? Você está bem?

Se estou bem? A última coisa que comi foi o almoço. Ontem. E, excluindo o breve cochilo da noite passada, estou acordada há mais de vinte e quatro horas. — Estou bem. Estou bem.

— Quer que eu vá aí ajudar?

Hmm, pedir à minha cunhada para dirigir mais de uma hora para me ajudar a fazer uma maldita sopa seria um novo ponto baixo. — Não precisa. Ligo se alguma coisa mudar. Diga olá a Drago por mim.

Desligando o telefone, voltei a olhar para o fogão. Dizer a Greta para não aparecer hoje foi um erro, mas não queria que ela corresse o risco de apanhar uma pneumonia. Pensei em pedir a um dos homens de Arturo que patrulha o terreno para vir ferver água para mim. Mas essa ideia morreu rapidamente quando imaginei o meu querido marido a rir-se à gargalhada ao ouvir isso. Talvez eu pudesse simplesmente ignorar o conselho de Ilaria e levar suco para ele?

— Merda.

Minha garganta se fecha, dificultando a deglutição, enquanto dou um passo em direção ao meu destino. Com os dedos trêmulos, alcanço a maçaneta mais próxima e giro no sentido horário. Um clique rápido quebra o silêncio na cozinha, ao mesmo tempo em que um odor fraco, mas pútrido, de gás enche o ar. Uma chama azul se eleva do queimador. É preciso toda a minha força para não virar as costas e fugir.

Instantaneamente, sou transportada vinte anos no tempo, enquanto imagens de fogo rasgando as paredes da minha casa de infância surgem diante dos meus olhos. Um grito cresce dentro do meu peito. Não! Não posso fazer isso. Não posso me deixar ser sugada de volta para lá.

Pisco os olhos, afastando a névoa mental e a cena de destruição, e concentro-me em colocar a panela no fogão.

— Droga, DeVille, — resmungo enquanto a panela quase escorrega das minhas mãos trêmulas. — Droga, você, sua sopa e sua maldita cozinha.

Assim que o recipiente de aço inoxidável está bem posicionado no fogão, dou alguns passos para trás e observo a pequena chama lambendo o fundo da panela. *Consegui.* Se alguém me dissesse que eu iria voluntariamente para perto de um fogo como este, eu diria que era louco e cairia na risada até não aguentar mais.

Estou me gabando internamente, sentindo orgulho de mim mesma e do meu triunfo, mas essa alegria desaparece mais rápido do que um balão ao encontrar um porco-espinho. Não acredito. Eu consegui... por *ele*.

Porra.

Enfiando os dedos no cabelo, agarro as raízes. *Sou* um desastre total. Mas isso é diferente. Isso é misericórdia. Ele está doente!

A temperatura de Arturo não subiu nas últimas horas, então tenho esperança de que o pior já tenha passado. Isso deve significar que não haverá mais delírios doces. Não haverá mais palavras carinhosas que mexem com minha cabeça. Nada que obscureça minha percepção de quem Arturo DeVille realmente é.

Tenho que permanecer fiel ao meu plano. Mantê-lo fora das minhas paredes e longe do meu coração tolo.

Não posso me permitir apaixonar por Satanás DeVille.

Não posso me deixar cair... mais fundo.

Capítulo 20



— Ginger insistiu que isso não pode esperar. — O homem que está na minha porta balança a cabeça. — Como CEO, o Sr. DeVille é o único que pode assinar este documento.

Respiro fundo, tentando resistir à vontade irresistível de dar um soco na cabeça desse cara. — Ele não pode assinar nada sem ler, e não está em condições de fazer isso agora.

A temperatura de Arturo permaneceu abaixo da zona de perigo nos últimos dois dias, oscilando um pouco abaixo de 37,7 °C. Preocupada que a febre pudesse voltar, tenho entrado no quarto dele quando ele está dormindo e usado um termômetro sem contato para medir a temperatura regularmente. Essa doença realmente o deixou exausto. Aquele homem tem dormido muito!

— Isso precisa ser assinado imediatamente, Sra. DeVille. São ordens do chefe. Algo sobre amanhã ser o prazo final.

— Tudo bem. Volte às sete. — Arranco o envelope das mãos dele e bato a porta na cara dele.

— *'São ordens do chefe'*, — imito enquanto caminho pesadamente para a sala e me deixo cair nos almofadões do sofá.

Quando Ilaria passou ontem para ver como Arturo estava, reiterou que refeições leves, caseiras, bastante líquido quente e muito repouso na cama são cruciais para uma recuperação rápida. Eu realmente aprecio a preocupação dela, mas tive vontade de gritar: *Estou tentando, droga!* Passei horas assistindo a vídeos sobre como preparar todo tipo de sopa reconfortante e refeições rápidas de uma panela só.

Entre acordar a cada duas horas para medir a temperatura de Arturo, correr para terminar a revisão do último manuscrito de Sienna, que deve ser entregue amanhã, e ter um pequeno surto toda vez que sou forçada a chegar perto do fogão a gás, estou exausta. Também estou entrando em um ciclo vicioso. Com a paranoia sobre o gás e um incêndio prestes a começar, liguei para a Greta acabei contando tudo o que aconteceu com Dina e como tenho estado mal desde então. Ela me ajudou a acalmar e, depois, me deu algumas dicas sobre a sopa que eu estava tentando fazer. Tudo isso, de alguma forma, me deixou ainda mais exausta. Agora, porém, preciso adicionar a revisão desse contrato à minha lista de tarefas, já que Satanás obviamente ainda está fora de ação e provavelmente continuará assim por pelo menos mais um ou dois dias.

— Eu deveria simplesmente bater na porta dele e jogar isso na cara dele, — murmuro enquanto folheio o que parece ser o equivalente a duas árvores em papel. Quantas páginas tem esse contrato idiota? Cem, porra?

— Não vou passar a tarde inteira lendo essa porcaria para ele. — Páginas e páginas de disposições gerais descrevendo cláusulas administrativas e legais, depois cronograma após cronograma com detalhes sobre o escopo dos serviços, prazos, custos e, finalmente, condições de pagamento. Um contrato de fornecimento e compra. Revisei alguns desses enquanto trabalhava para Drago e, com todas as letras miúdas, eles tendem a ser um verdadeiro tormento.

— Por que eu deveria me importar se ele está doente demais para trabalhar? Afinal, esse é o trabalho dele. Ele é que deveria estar lidando com toda essa baboseira entorpecente. — Pego uma caneta na mesa de centro e me acomodo em uma posição mais confortável. — Sim, vou levar isso para ele lá em cima agora mesmo.

Com a caneta passando rapidamente pela seção *Regras de Interpretação*, começo a ler:

Se houver qualquer inconsistência, ambiguidade ou conflito entre o texto de qualquer documento do Contrato listado abaixo, o texto do documento que aparece primeiro na lista tem prioridade sobre o texto de qualquer documento listado posteriormente.

1) Os artigos do Contrato de Fornecimento e Compra...



O vapor me segue quando saio do banheiro após um banho quente. Não fiz muito além de dormir nos últimos dois dias, mas ainda me sinto como se tivesse passado várias noites em claro e pareço um cadáver. Pelo menos aquela dor de garganta terrível passou e parei de tossir. Graças a Deus.

Arrastei-me em direção à cama, querendo nada mais do que cair no colchão macio, mas sabendo que precisava fazer algumas ligações primeiro. Ao me aproximar, vi uma tigela de sopa ainda fumegante na minha mesinha de cabeceira. Hmm. Greta tem deixado minhas refeições na escrivaninha da sala de estar do meu

quarto. Embora aconchegante e cercada por janelas enormes, o espaço fica no canto mais distante do quarto. Achei que ela simplesmente não quisesse correr o risco de ficar doente, então tem mantido distância até agora.

Ao lado da sopa está um envelope pardo. Sento-me na beira da cama e pego o pacote. Dentro está um contrato de renovação com um dos fornecedores da Gateway, que precisa ser assinado até amanhã, no máximo. Eu tinha esquecido completamente dessa maldita coisa. Estreitando os olhos, tento decifrar os rabiscos nas margens do documento. Quando foi que a letra de Ginger ficou tão ruim? Presumo que foi ela quem enviou e deixou essas anotações.

Enquanto tento me concentrar nas seções pertinentes, a pressão em minhas têmporas se intensifica. Graças a Deus Ginger já identificou as questões críticas e adicionou comentários descrevendo as revisões que precisam ser feitas. Se eu ignorar sua caligrafia horrível, as anotações que ela deixou são bastante boas. Quem diria que a assistente de Ajello tinha um olho tão apurado para detalhes? Normalmente, levaria uma hora só para revisar as seis páginas da tabela de preços, mas com as anotações de Ginger, consigo terminar minha avaliação em menos de quinze minutos, fazendo apenas algumas pequenas alterações nas mudanças propostas por ela. Considerando o tempo que economizei e as dores de cabeça que evitei, já estou planejando pedir a ela para revisar todos os nossos contratos no futuro.

Pego meu celular no carregador e vejo mais de uma dúzia de chamadas perdidas e um monte de mensagens de texto. Eu sabia que tinha dormido profundamente, mas será que não ouvi o celular tocar? Deslizo a tela para baixo e vejo que o modo ‘Não perturbe’ está ativado. De novo. Eu nunca silencio o celular, mas nos últimos dois dias, toda vez que acordei de um sono profundo, encontrei essa configuração ativada. Caramba, eu lembro de ter desligado esta manhã!

Enfio o envelope com o contrato debaixo do braço e ligo para o meu advogado enquanto desço as escadas.

— Atkinson, vou pedir a Tony para deixar o contrato com você. Precisa de alguns ajustes, — digo com voz rouca ao descer o último degrau. — Certifique-se de que eles aceitem as alterações propostas e me envie a versão revisada para assinatura amanhã de manhã.

— Claro, — ele responde. — Se as alterações forem pequenas, não deve haver problema algum. Ah, tentei entrar em contato com você hoje cedo sobre as licenças de zoneamento para o...

Ele continua falando, mas eu perdi a capacidade de formar um pensamento coerente, tudo porque toda a minha atenção foi capturada pela cena diante de mim.

Aninhada no sofá, com os cabelos emaranhados ao redor da cabeça, minha esposa está dormindo profundamente. A camiseta grande demais que ela está vestindo está enrolada acima da cintura, deixando à mostra suas pernas longas, a pele sedosa e macia de seus quadris delgados e uma calcinha de renda preta. O canto de um livro de bolso grosso com capa rosa aparece sob sua bochecha, parcialmente escondido por seus cachos despenteados.

— Ligo-lhe mais tarde, — sussurro ao telefone e desligo rapidamente. Depois, por precaução, desligo a campainha.

O mais silenciosamente possível, atravesso a sala e me agacho ao lado do sofá, observando minha pequena travessa dormir. Alguns de seus cabelos escuros caíram sobre os olhos e sobre a borda do sofá, com as pontas chegando ao chão.

Sempre me senti atraído por mulheres com cabelos curtos. De alguma forma, os cabelos longos me pareciam menos sofisticados. Agora, porém, a ideia de minha esposa cortar sua linda cabeleira me deixa absolutamente furioso. Se ela

soubesse disso, provavelmente estaria na cadeira do cabeleireiro em menos de uma hora, cortando seus longos cabelos. Inconcebível! Mas se ela tiver essa ideia, vou incendiar todos os salões de beleza da cidade.

Dois dias. Dois dias inteiros sem colocar os olhos nela. Bem... isso não é totalmente verdade. Acordei por volta das três da manhã. E na noite anterior também. Como se tivesse sido acordado por um despertador interno enlouquecido, fiquei olhando para o teto e lutando contra a vontade de ir ver como ela estava. Algo que tenho feito quase todas as noites desde que trouxe Tara para minha casa. Deitado na cama, tentava racionalizar minha necessidade de garantir que a mulher que deixou bem claro que não dá a mínima para mim estivesse segura e confortável. Nada sensato me veio à mente. Eu estava apenas sendo um idiota. Por causa de uma mulher. Minha esposa. Mesmo assim, entrei sorrateiramente no quarto dela para ter certeza de que ela não havia tirado o edredom, como costuma fazer quando dorme. Eu estava apenas sendo cortês. Ao contrário dela. Ela não se preocupou em ver como eu estava nos últimos dois dias.

Jogando o envelope com o contrato no chão, deslizo cuidadosamente meus braços sob o corpo de Tara e a levanto. Greta já deve ter ido para casa, pois não ouço nenhum outro barulho na casa. Está tudo silencioso, exceto pelos meus passos abafados enquanto levo minha esposa escada acima. Ela se mexe um pouco quando entro no quarto e solta um suspiro suave antes de encostar o nariz na curva do meu pescoço. Meus passos vacilam. Eu paro, paralisado no lugar.

A cama dela está a poucos metros de distância, mas não consigo me aproximar. Quero sentir isso. Tê-la tão perto, aconchegada em mim. Quero que dure mais. Para sempre, até. Fico parado, enraizado no lugar, embalando minha esposa indesejada nos braços pelo que parece uma hora. Quando finalmente consigo deitá-la na cama, instantaneamente, uma sensação de perda profunda me atinge.

— Pequena bruxa, — sussurro na escuridão enquanto puxo o cobertor sobre o corpo dela. Não há outra explicação; ela deve ser uma feiticeira. O que explicaria todos aqueles malditos gatos pretos! E só algum tipo de magia negra poderia ter lançado um feitiço sobre mim. Um feitiço do qual sou incapaz de escapar. Um feitiço do qual sou fraco demais para fugir.

Mas, afinal, quando foi que comecei a acreditar em magia?

Capítulo 21



Ajustei o telefone entre a orelha e o ombro para evitar que escorregasse e virei o bife fino na frigideira. — Sem chance.

Pietro suspira do outro lado da linha. Ele está ficando muito confortável como um dos meus tenentes. Vou ter que lidar com sua atitude laissez-faire, e logo.

— Lidamos com os Vipers há mais de uma década. Jackson é confiável. Ele vai pagar, — protesta ele.

— O pagamento integral é sempre na entrega. Sem exceções. Sem dinheiro, sem produto.

— Mas...

— Sem mas. Não estamos fazendo caridade. Se a gangue dele não conseguir pagar o que deve pela cocaína, a remessa será oferecida a outra parte. Se ele não gosta da maneira como eu faço as coisas, pode ir se foder.

— Você não deveria estar de melhor humor, considerando que está de folga há uma semana?

— Ah, sim, fiquei fora de ação por cinco míseros dias e tudo virou unicórnios e arco-íris. Como um dos nossos caminhões ser parado na fronteira quando deveria ter passado direto, — respondo bruscamente. — E nós perdemos o contrato de aluguel do armazém porque os malditos contratos não foram assinados

a tempo. Ah, e que tal Carmelo conseguir irritar Wang com uma de suas piadas idiotas. Agora a Tríade está ameaçando nos expulsar de Chinatown. Aquele depósito tem sido um pé no saco há meses, e agora parece que voltamos à estaca zero! — Jogo a espátula na pia, quebrando alguns copos. — Estarei no escritório em duas horas para revisar os últimos contratos com o chefe. Primeiro, preciso resolver essa confusão com Wang.

Pietro limpa a garganta. — Uh, a segurança foi informada de que você não pode entrar. Licença médica obrigatória, por ordem de Don Ajello.

— Eles podem tentar me impedir de entrar, mas é melhor avisá-los que não estou *de bom humor*. — Desligo o telefone e jogo-o sobre a bancada.

— Você não vai a lugar nenhum.

Eu me viro e vejo Tara encostada na bancada da cozinha, com os braços cruzados sobre o peito.

— Decidiu aparecer finalmente, hein? — eu rosno.

Esta casa é grande, mas nunca a considerei tão grande a ponto de permitir que minha esposa me evitasse por dias a fio. Especialmente porque dormimos em quartos que compartilham uma parede. Ela tem me evitado, ficando longe como se eu fosse um presságio de morte.

Pelo menos Greta não me abandonou. Ela preparava minhas refeições e as levava para o meu quarto várias vezes ao dia, junto com um jornal todas as manhãs. Mas, por mais que eu apreciasse os esforços da minha governanta, havia momentos em que eu não sabia se era a pneumonia ou a comida dela que estava me matando. De alguma forma, a comida dela estava pior do que nunca. As sopas estavam sem graça e sem sabor. Na verdade, quase intragáveis. Mas, independentemente disso,

eu comia sempre que acordava e encontrava uma tigela fumegante na minha mesa de trabalho.

— Volte para a cama, DeVille. — Tara acena com a cabeça na direção da escada.

— Está preocupada que eu te contagie? — Encosto o traseiro na bancada da cozinha e dou uma grande mordida no meu sanduíche de bife. — Não precisa. De acordo com o Dr. Google, uma vez que a febre passa, a pneumonia não é mais contagiosa.

— É *bom* saber. Você ainda não vai sair. Sua médica disse para você não trabalhar por pelo menos uma semana.

— Preocupada com a minha saúde a longo prazo, *gattina*? — Levanto uma sobrancelha. — Não precisa fingir. Nós dois sabemos qual é a sua posição. Você deixou isso bem claro, — rosno, batendo o prato com o sanduíche pela metade na bancada ao meu lado. Qualquer apetite que eu tinha desapareceu.

Ao passar por Tara a caminho da porta da frente, sinto um leve cheiro de morango. Isso desperta algo dentro de mim. Uma imagem da minha esposa levando um copo de água aos meus lábios passa pela minha mente por um breve segundo. *Abra a boca. Beba.* Balanço a cabeça, afastando o pensamento vagante.

Imagine isso, eu vulnerável e precisando da ajuda de alguém. Dependendo de outra pessoa para as necessidades básicas da vida, como comida e água. É quase ridículo.

Durante quase metade da minha vida, estive sozinho. Não solitário, mas certamente autossuficiente. Não tive escolha e tinha irmãs mais novas para cuidar. Com apenas vinte anos, tornei-me pai delas. Sabia o que estava a fazer? Claro que não, mas isso não importava. Elas eram a minha responsabilidade. A minha única

família. A minha razão para continuar vivo, para seguir em frente, quando desistir teria sido mais fácil.

Quantas vezes ouvi alguém dizer *que não conseguia imaginar como isso deve ter sido difícil para mim*? Difícil? Ninguém faz a menor ideia. Não se tratava de cuidar das necessidades das minhas irmãs. Fornecer comida, abrigo e roupa. Não se tratava de mantê-las saudáveis e seguras, de ensiná-las a ser seres humanos decentes. Todas essas coisas eu faria de novo e de novo. Todos os dias da minha vida, se fosse necessário.

Difícil? Sim. Mas duro?

Difícil era viver a vida em que nasci. Constantemente temendo pelo destino das minhas irmãzinhas, caso algo acontecesse comigo. Esse terror era constante e arrepiante. Pairando sobre minha cabeça como a espada de Dâmocles. Eu não conseguia me livrar do medo. E se eu acabasse na prisão? Ou morto? Asya e Sienna poderiam ser enviadas para um orfanato ou para um membro da Cosa Nostra que as usaria para seus próprios interesses egoístas. Ambas as opções eram igualmente horríveis. Ambas me atormentavam sem parar.

Esse medo só diminuiu quando Ajello assumiu o controle. Ele nunca desapareceu completamente, mas eu sabia... Sabia sem sombra de dúvida que Salvatore Ajello manteria minhas irmãs em segurança se algum dia eu não pudesse mais fazê-lo. Isso não significava que eu desistira da luta. Não significava que, à medida que elas cresciam, eu não fazia tudo ao meu alcance para cuidar delas. Muitas vezes sufocando-as no processo. Ou pelo menos foi o que as duas meninas me disseram recentemente.

Sim, eu entendo. Estou longe de ser perfeito. Mas a vida nos molda e nos torna quem somos. No meu caso, um idiota com personalidade tipo A. Eu funciono

com regras, motivação e ambição. Valorizo a estrutura e a estabilidade porque elas me permitem alcançar meus objetivos. Quero que tudo seja feito da maneira certa e rapidamente, e muitas vezes não consigo confiar nos outros para fazer isso por mim.

Nem mesmo quando estou morrendo de pneumonia.

Então, não, não *preciso* que ninguém cuide de mim. Especialmente uma princesa mimada cujo nome do meio deveria ser Caos, porque nunca sei como ela vai reagir ou o que vai dizer a seguir. E meu desejo tolo de que ela realmente se importe com o meu bem-estar vai contra a minha própria essência. O que, na verdade, está me deixando louco.

Atravesso a garagem e vou em direção ao meu SUV. Ele está estacionado no lugar de sempre, perfeitamente alinhado com a porta da frente, de uma forma que atende à minha necessidade inescapável de eficiência. Ao me aproximar, meu celular começa a tocar no bolso, mas minha atenção se concentra no veículo. Inclino a cabeça, tentando descobrir o que há de errado com essa imagem.

O Land Rover parece um pouco inclinado, como se o chão estivesse irregular. Mas não está. Então, por que...

Filho da puta!

Os dois pneus à minha frente estão furados. Acelerando o passo, contorno o veículo e confirmo que, de fato, todos os quatro pneus estão furados. Agachando-me ao lado da roda dianteira do lado do motorista, vejo a chave de fenda com cabo vermelho saindo da lateral do pneu.

Ela não fez isso!

— Tara! — grito, virando-me. Meu olhar se choca com o da minha esposa, que está casualmente encostada na ombreira da porta da frente.

— Eu avisei, — ela grita de volta. — Você não vai a lugar nenhum hoje, DeVille!

Chega! Corro pela garagem, direto para a casa. Tara solta um grito agudo e corre para dentro, batendo a porta atrás de si. Chego a tempo de ouvir a fechadura girar, trancando-me do lado de fora.

— Vou torcer seu pescoço! — Bato com o punho na superfície de madeira.

— Só estou tentando garantir que você siga as ordens da médica. — Sua voz soa abafada atrás da barreira. — Acalme-se. Já chamei um guincho. Ele chegará ainda hoje. E você terá seu SUV com pneus novos amanhã, bem a tempo do fim do repouso prescrito por Ilaria.

Minha testa se franze. Achei que ela tivesse agido assim só para me irritar. — Quer dizer que você não conseguiu pensar em outra maneira de me manter na cama além de cortar meus pneus?

— Eu... acho que não.

Apertando as têmporas, balanço a cabeça. Um sorriso luta para sair, distorcendo meu rosto, apesar dos meus esforços para contê-lo. — Tara... eu tenho outros carros. Mas mesmo que não tivesse, como você acha que nossos seguranças vão trabalhar?

— Não sei. De ônibus?

— Os carros deles estão estacionados ao lado da portaria.

— Ah, — ela suspira.

Ela parece tão derrotada e triste que não consigo mais me controlar. Coloco o punho na boca para impedir que a risada escape.

— Sim. Oh, — eu bufo, lutando para parecer calmo. — Abra a porta.

— Não, acho que não devo.

— Por favor.

Vários segundos se passam em silêncio antes de eu ouvir o clique inconfundível da fechadura. A porta se abre, mas apenas alguns centímetros.

— O que foi? — Seu rosto sardento aparece pela fresta.

Eu me inclino até nossos olhos ficarem no mesmo nível e toco a ponta do meu nariz no dela. — Não mexa no Land Rover de novo, Tara. Entendeu?

— Não espere que eu cuide de você quando sua pneumonia voltar. *Entendeu*, querido?

— Como se você fosse fazer isso.

— Claro que não faria. Nem mesmo por um milhão a mais no banco.

Como eu imaginava.

Meus olhos se voltam para os lábios dela, mas o telefone no meu bolso começa a tocar novamente. É a quarta vez nos últimos minutos. Pego o telefone e coloco no ouvido. — O que foi?

— Você precisa ir ao estaleiro de obras no Brooklyn, — diz Nino, com voz grave. — Agora mesmo, porra.

— Estou a caminho. — Olho para minha esposa, que está me encarando com os olhos semicerrados pela fresta da porta. — Devo chegar a tempo para o jantar e vou comprar algo para nós. Diga a Greta para ficar longe da cozinha daqui em diante. A comida dela está ainda pior do que eu lembrava.

Em vez de responder, a porta se fecha na minha cara.



— Isso é para a mesa no fundo. — Jelena coloca dois White Russians na minha bandeja. — Ei, não é que eu não esteja feliz em te ver, mas por que você está aqui agora?

Encolho os ombros em resposta.

— Seu marido sexy finalmente deixou você sair do quarto para tomar um ar fresco? Não me surpreenderia se fosse isso que realmente aconteceu. — Inclinando-se sobre o balcão, ela sorri e me lança um olhar sedutor. — É verdade que os italianos são feras na cama?

— Com certeza. — Pegando a bandeja cheia de bebidas, eu rapidamente me viro e atravesso a pista de dança.

Estou feliz por estar de volta ao Naos. Não é que eu de repente goste de servir mesas, mas é ótimo estar novamente em terreno familiar. Preciso sentir que estou no controle da minha própria vida, pelo menos por algumas horas.

Como de costume a essa hora, pouco depois das quatro da tarde de domingo, a maioria das mesas e cabines estão ocupadas, mas a pista de dança continua vazia. Para a maioria dos clientes presentes, esse horário é para negócios, não para se divertir. Mas as coisas vão esquentar mais tarde. Por volta da meia-noite, esse lugar vai estar lotado, especialmente porque Drago flexibilizou algumas das regras exclusivas do clube nos últimos meses, após o sucesso da festa dos motociclistas. Agora, em noites mais calmas, como quintas e domingos, ele deixa o Naos se transformar em uma boate mais convencional. Um ponto de encontro para os jovens e inquietos do submundo do crime, que apreciam o refúgio seguro

oferecido pelo clube do meu irmão. Aqui, eles podem relaxar ou fazer negócios importantes sem temer por suas vidas. Sem ter que se render ou arriscar confrontos sangrentos ao encontrar rivais em território hostil.

O Naos é um território neutro, onde o acesso é aberto a uma variedade de organizações clandestinas de Nova York. Desde que sigam as regras de Drago, é claro. E possam pagar o preço alto. As salvaguardas que acompanham o status único do Naos não são baratas, e Drago ganhou uma fortuna oferecendo esse pequeno serviço de refúgio. A segurança é sempre rigorosa. A qualquer momento, pelo menos quinze homens fortemente armados estão espalhados pelo local, garantindo que a neutralidade seja mantida. Isso deixa todos livres para conduzir seus negócios, seja uma trégua entre gangues rivais ou negócios de drogas que valem milhões. A proteção de Drago garante que ninguém tenha a garganta cortada. E para os mais jovens, eles podem passar a noite na cidade sem se preocupar em encontrar alguém que possa ter rixas com seu grupo.

Cruzando o caminho de uma das outras garçonetes, sigo em direção à mesa mais distante, onde dois homens parecem estar envolvidos em uma discussão profunda. Um, de terno preto, está sentado de costas para mim. Mas o outro, o cara de frente para mim, eu reconheço imediatamente. Embora não saiba a que facção ele pertence, já o vi por aqui muitas vezes. Também não é difícil adivinhar em que tipo de negócio ele está envolvido. Ele tem uma aparência modesta, com tatuagens aparecendo pela gola da camisa social branca simples. No entanto, as pastas cheias de fotos de pessoas que costumam aparecer no noticiário da manhã são uma espécie de indício claro sobre sua profissão. Na verdade, ele tem uma com uma marca na frente dele agora.

— Suas bebidas, senhores. — Sorrio e coloco os copos de coquetel ao lado da pasta amarela sobre a mesa baixa. Sem querer, dou uma olhada no que há dentro.

É a foto de um homem que me parece familiar, embora não consiga lembrar onde o vi antes.

— Sra. DeVille, — diz o homem de terno ao meu lado. — Que surpresa agradável.

Olho para o dono daquela voz culta. — Sr. Ruffo. Não esperava vê-lo aqui. O mundo é pequeno.

— É mesmo. Como está? Fico feliz em vê-la bem após o incidente que aconteceu depois do nosso jantar. Por favor, transmita minhas sinceras desculpas ao seu marido.

Minhas sobrancelhas se franzem em confusão. — O que quer dizer?

— O ataque ao seu veículo. Receio que possa ter sido dirigido a mim.

— Ah. Isso é... Não sei o que dizer. Espero que esse tipo de coisa não aconteça com você com frequência. Pessoas tentando te matar, quero dizer.

Um sorriso se espalha por seus lábios, mas não parece nem um pouco sincero. — Claro que não.

Sim, claro. Especialmente considerando o que ele faz. Meu olhar se volta para a pasta mais uma vez, mas a foto de quem eu presumo ser o alvo não está mais à vista.

— Então... Espero que vocês dois aproveitem o resto do dia. Se precisarem de mais alguma coisa, é só me chamar, — digo alegremente, recuando rapidamente para o bar.

Isso só prova uma coisa. As pessoas nunca são o que parecem. Ao conhecê-lo, eu tinha certeza absoluta de que Adriano Ruffo era exatamente quem ele dizia ser. Um empresário gentil e sofisticado com ligações infelizes com a Cosa

Nostra de Boston. Achei que ele tivesse se envolvido com eles por acaso, talvez por alguma conexão familiar. Mas aqui está ele. Contratando um assassino para matar alguém.

— Não entre na sala dos fundos, — diz Jelena ao se aproximar, carregando uma bandeja cheia de bebidas. — Um idiota sacou uma faca, então nossos rapazes estão lembrando-o das regras da casa. Pode demorar um pouco para ensinarem a lição a ele. O cara deve ser mais burro do que uma porta se achou que ia se safar com essa merda.

Eu dou de ombros. — Alguém vai precisar ficar encarregado da limpeza. Vou embora em menos de uma hora e estou usando meu par de sapatos de salto favorito.

Levanto a aba do balcão e passo para trás do bar. Embora ainda esteja no meio da agitação, agachar-me perto do cubículo onde deixei meu celular me permite um minuto de paz. Sienna me mandou uma mensagem, basicamente dizendo que Arturo e eu somos esperados para jantar hoje à noite. Isso não vai rolar. Respondo rapidamente, informando que peguei o turno da noite no Naos.

A ‘curiosidade’ menos emocionante são as dezessete chamadas perdidas do meu querido marido. Aposto que ele chegou em casa mais cedo e ficou irritado ao descobrir que sua esposa/animal de estimação treinado não estava lá.

Ele deveria se considerar sortudo. Se eu estivesse em casa, provavelmente ficaria tentada a colocar veneno de rato na comida dele. Enquanto ele estava deitado na cama, eu estava passando por um inferno e fazendo o possível para não ter um ataque de pânico. Cada vez que eu entrava na cozinha e ligava o fogão para preparar a comida de sua Alteza, não tinha certeza se conseguiria sair de lá. Mas consegui. E para quê? Para ele se virar e me dizer que a comida estava horrível?

Sim, eu sei! Não sou a melhor cozinheira, mas não tive escolha. Entre mandar Greta e os outros funcionários embora e as ordens dele para não permitir entregas de comida, eu tinha que fazer alguma coisa para alimentar aquele idiota ingrato e cheio de germes! Ele é tão inconsciente. Ele nem percebeu que éramos só nós dois em casa desde segunda-feira. Que era eu, e não Greta, quem cuidava dele. Então, sim... Não consegui bater a porta na cara dele rápido o suficiente hoje cedo. Só estou grata por ter conseguido fazer isso antes que ele visse minhas lágrimas.

Ainda estou magoada. E furiosa. Talvez eu fique no Naos e faça outro turno para não ter que ir para casa e enfrentá-lo. Eu poderia até dormir no sofá da sala dos funcionários hoje à noite. Minhas costas vão me matar pela manhã, mas seria melhor do que a alternativa. A única coisa que não vou mais permitir a mim mesma, porém, é sentir preocupação por alguém que obviamente não dá a mínima para mim. Nunca mais vou deixar ele me machucar. Idiota.

Deslizo a tela, apagando todas as notificações de chamadas perdidas. — Vá se foder, Arturo DeVille.

De repente, as luzes se apagam e a música para.

Que diabos...?

Um silêncio resignado toma conta da sala. Alguns suspiros são ouvidos aqui e ali, mas nada mais. O público aqui não é do tipo que entra em histeria ou dispara alarmes sem um bom motivo.

A iluminação de emergência ao longo dos rodapés acende.

— Está tudo bem. Por favor, mantenham a calma. — A voz de Jovan ecoa de algum lugar à minha direita. — Pode ter havido um curto-circuito no nosso painel elétrico e...

Tiros automáticos explodem no ar.

A parede espelhada e centenas de garrafas de bebidas alcoólicas acima da minha cabeça explodem, liberando uma torrente de estilhaços e líquido. Eu grito e cubro a cabeça com os braços.



Seis horas antes

— Fiz a descoberta quando cheguei.

Tirando os óculos escuros, examino a cena de destruição diante de mim. Mesmo para um estaleiro de obras, este lugar parece uma bagunça total.

— Quem quer que tenha nos atacado, fez tudo o que pôde para não chamar a atenção, — continua Nino. — A parede externa está intacta e não acho que tenha feito muito barulho.

— Qual é a gravidade da situação?

— Muito ruim. Os cabos de alimentação do gerador foram cortados e a maioria das máquinas pesadas foi desativada. Linhas hidráulicas, placas de circuito, painéis de distribuição. Tudo o que você imaginar, eles sabotaram. Os computadores e outros aparelhos eletrônicos do escritório do estaleiro foram destruídos.

— Por que ninguém relatou isso antes?

— É domingo. O local está fechado desde as seis da noite de sexta-feira. Tínhamos guardas de plantão. Os dois estão mortos.

Passo por cima de um cabo elétrico que sai do trailer que serve de escritório móvel. O contêiner está localizado perto do portão, mas bem além do muro que bloqueia o acesso à obra. Não há sinais de arrombamento e a porta está destrancada. O cheiro de sangue e comida estragada me atinge assim que entro no pequeno espaço. Os corpos de dois seguranças jazem em poças de sangue. Ambos os homens têm buracos abertos no meio da testa. A mensagem é clara. Foi um assassinato executado. Uma sacola de um restaurante fast-food local foi jogada a poucos metros da porta. Seu conteúdo está espalhado pelo chão, o que explica o odor. O agressor provavelmente conseguiu entrar fingindo ser um entregador.

— O turno muda às sete. — Nino acena com a cabeça para os homens mortos. — Se eu não tivesse vindo hoje, provavelmente não saberíamos disso até esta noite.

— Não é coincidência que eles tenham escolhido o dia em que o local está fechado. Matar nossos homens não era o objetivo deles, mas obviamente era outra coisa. Isso parece muito preciso, talvez até mesmo suficiente para exigir a ajuda de alguém de dentro. Alguma contratação recente?

— Vou verificar.

— Faça isso. E me envie os nomes. — Aproximo-me de uma pequena mesa de conferência no centro do trailer, olhando para as cartas de baralho e uma pilha de fichas espalhadas sobre sua superfície. — Havia apenas dois guardas?

— Sim. Acho que sim.

— Há três pilhas de cartas aqui, não duas. Então, quem era o terceiro jogador? — Meus olhos examinam a sala. Há caixas e armários de arquivo amontoados em todos os lugares onde cabem. Cadeiras extras. Duas mesas com computadores quebrados e telefones virados. Nenhum terceiro corpo. No canto mais

distante, quase escondida por uma árvore falsa com um cartaz pendurado nos galhos, está uma porta estreita que leva ao banheiro. — Você verificou lá?

— Não. — Nino passa por cima da perna de um dos homens mortos e abre a porta. — Foda-se.

— O que você encontrou?

— Um tiro na barriga. Parece que... Arturo! Ele está com pulso.

Pego meu colete. — Vou ligar para Ilaria.

***

— Sr. DeVille? — Tony fica com os olhos arregalados ao ver as manchas de sangue nas minhas mangas e na frente da camisa. — Você está bem?

— Ótimo. — Jogo as chaves do carro para ele. — Obrigado por me emprestar seu carro. Vai precisar de uma limpeza completa, especialmente o banco de trás. Está um pouco sujo. Coloque na minha conta.

— Claro. Ah! Seu carro está de volta com pneus novos! — ele grita atrás de mim.

Sorrio. Minha querida esposa deve estar bem decepcionada com isso.

Ao entrar, a casa parece estranhamente silenciosa. Além dos sons que Greta costuma fazer quando realiza as tarefas domésticas, tem sido assim desde que Sienna se mudou. Até que esta se tornou a casa de Tara também, é claro.

Paro ao pé da escada, prestando atenção. Não se ouve nenhum barulho de furadeira. Nem a música de fundo que ela gosta de ouvir quando lê seus romances eróticos. Nada. Nem um pio. Talvez ela esteja tirando uma soneca? Mesmo enquanto

essa pergunta surge na minha mente, de alguma forma eu simplesmente sei que minha esposa não está aqui. É como se a energia no ar estivesse diferente. A casa de repente parece... entorpecida. E dou por mim a sentir falta da vibração caótica que sempre a rodeia.

Ela deve ter ido jantar na casa de Drago. Minha irmã praticamente exigiu nossa presença hoje à noite. *Jantar em família. Nós quatro. Cheguem o mais cedo possível.* Ela é tão mimada.

Pego o celular e ligo para Tara. A linha toca uma vez e depois desliga. Espero que ela esteja apenas reclamando com Sienna sobre como é ruim morar comigo ou lidar com seus 'babás', como ela chama os seguranças que eu contratei para protegê-la. Mas mesmo que as duas estejam fazendo bonecos de vodu ou jogando dardos em uma foto minha, eu realmente não me importo. Só estou grato que Tara entenda que estamos em alerta máximo e não tenha discutido muito comigo sobre ter uma equipe de segurança.

O incidente de hoje me deixou ainda mais nervoso, e eu preferia que minha esposa estivesse sã e salva em casa agora. Eu gostaria que ela tivesse esperado por mim em vez de ir sozinha para a casa do irmão? Claro que sim. Acho que vou ter que ir buscá-la assim que terminar de me arrumar. Desabotoando a camisa pelo caminho, subo as escadas.

O homem que encontramos ferido no banheiro acabou sendo outro segurança. Ele sobreviveu à viagem até nosso hospital particular e deve se recuperar após uma cirurgia de três horas. Ilaria parecia otimista quanto às chances dele quando falei com ela depois que ela terminou a cirurgia. Ele ainda não recuperou a consciência, então deixei Nino esperando para interrogá-lo assim que acordar.

Preciso de respostas, e rápido. E embora tenha minhas suspeitas sobre quem está por trás do ataque, preciso ter certeza absoluta antes de agir. Ir atrás de outra organização criminosa sem provas seria tolice. Mas se eu estiver certo, isso significa que já estamos em guerra e nossas medidas de retaliação serão bem justificadas.

Antes de entrar no chuveiro, tento ligar para Tara novamente. Ainda sem resposta. A essa altura, estou ficando irritado. Tenho certeza de que ela não está atendendo de propósito. Eu deveria ter incluído etiqueta telefônica na lista de regras do nosso acordo pré-nupcial. Vivendo e aprendendo, acho.

Enquanto visto uma camisa limpa depois de tirar a sujeira do dia, meu telefone começa a tocar. Com a mente totalmente voltada para minha esposa e seu hábito irritante de me provocar, aperto o botão verde e, em seguida, o ícone do alto-falante, sem verificar quem está ligando. — Ignorando minhas ligações, *gattina*?

Alguém limpa a garganta. — O guarda acabou de acordar.

A decepção me atinge como um soco no estômago. Eu não estava esperando Nino. Fechando os olhos, tento voltar a me concentrar.

— Conseguiu tirar alguma coisa dele?

— Ainda não. Ele ainda está grogue. Pode levar mais uma hora até que ele esteja coerente o suficiente.

— Tudo bem. Voltarei para o hospital daqui a pouco. Se ele disser alguma coisa antes de eu chegar, me ligue.

Pego meu coldre e minha jaqueta na cama e ligo para Tara mais uma vez enquanto desço as escadas. A maldita linha toca e toca até cair na caixa postal. Ligo para Sienna.

— Minha esposa pretende atender minhas ligações em breve?

— Não sei, Arturo. Mas se você falar com ela nesse tom, ela deve bloqueá-lo.

— Sim, sim. Passa-lhe o telefone.

— Não posso fazer isso, desculpe.

— Droga, Sienna. Preciso falar com ela.

— O que você precisa é parar de agir como um idiota e... — Seu grito abafado interrompe o que ela ia dizer, e então ela ri ao fundo. — Pare com isso, Drago! Estou ao telefone com Arturo.

— Desliga. — É a voz rouca de Popov. — A menos que você queira que seu irmão ouça seus gemidos enquanto eu me deleito com sua linda boceta. Só para constar, — ele grita, inteiramente para meu benefício, — eu não me importo com isso, idiota.

Jesus! — Sienna! Tara está aí? — grito, dirigindo-me para o meu Land Rover.

— Não, Arturo, — ela responde, voltando à linha. — Receio que você precise procurar sua esposa em outro lugar. E eu não ficaria nem um pouco surpresa se ela decidisse largar seu traseiro rabugento. Tchau.

Porra. Sento no meu SUV e ligo para Tara novamente enquanto dou ré. Nenhuma resposta. Onde está aquela mulher?

— Tony! — grito quando chego à guarita do portão. — Você viu minha esposa?

— Ela saiu daqui há cerca de uma hora e entrou em um Uber que estava esperando. Não faço ideia de para onde ela foi. Ela mencionou que você retirou a segurança dela...

— Que merda é essa? Eu não fiz nada disso! Você anotou a placa do carro?

— Hum... não. Ele estacionou um pouco mais adiante, do outro lado da rua.

Tenho certeza de que ela fez isso de propósito. — Vou sair para ver se consigo encontrá-la. Ligue-me imediatamente se ela voltar.

E se ela foi se encontrar com aquele pirralho mimado? Curtis ou Conan ou sei lá quem. Talvez o merdinha tenha decidido ignorar meu aviso e procurado minha esposa, apesar da minha ameaça? Ou talvez Tara tenha se cansado e, como Sienna sugeriu, decidido me deixar? Abandonar os seguranças certamente poderia indicar isso.

O toque do meu celular interrompe meus pensamentos turbulentos enquanto eu voo pela estrada. Por um segundo, espero que seja minha esposa, mas é apenas Nino.

— O que foi?

— O cara começou a falar. Foram os gregos. — Isso confirma o que eu já suspeitava.

— Um ataque a um local praticamente desabitado porque Katrakis ainda está irritado por ter perdido o terreno? Para ser sincero, isso é um pouco patético. Se essa propriedade é tão importante para ele, eu esperaria que o velho fizesse algo mais drástico do que destruir nosso equipamento de construção.

— Isso foi apenas um prelúdio para o ato principal. Katrakis responsabiliza outra parte pela perda deles e pelo nosso ganho, aparentemente um, — diz Nino em tom sombrio. — Eles estão atrás de Drago.

— O quê?

— Nosso informante ouviu aqueles idiotas falando enquanto destruíam o escritório. Eles não sabiam que ele estava lá porque ele estava no banheiro antes do ataque. Parece que Katrakis acredita que Drago traiu a confiança deles ao transferir a escritura da propriedade para nós antes que eles tivessem a chance de reembolsá-lo.

Aquele bastardo sorrateiro. Eu deveria ter adivinhado que ele estava por trás da empresa offshore que nos vendeu o terreno. Se minha irmã não fosse casada com aquele idiota, eu adoraria deixar Katrakis dar uma boa lição nele.

— Você avisou Drago? — pergunto.

— Logo antes de ligar para você.

Meu telefone apita com outra chamada, e eu olho para a tela e vejo que Sienna está tentando me ligar. Desligando rapidamente com Nino, eu troco de linha.

— Sienna! Você está bem?

— Estamos bem. — Sua voz ligeiramente histérica é quase abafada pelo barulho ao fundo. — Drago acabou de colocar a casa em confinamento, caso haja um ataque aqui. Mas você precisa ir para Naos!

— Tenho coisas mais importantes para fazer agora do que verificar o negócio do seu marido. E tenho certeza de que o pessoal dele é mais do que capaz...

— Tara está lá, seu idiota! — ela grita.

Meu coração para de bater. — O quê?

— Ela acabou de me enviar uma mensagem há alguns minutos. Tentei ligar para o clube, mas não consegui falar com ninguém. Ninguém está atendendo o telefone!

Os pneus guincham quando eu dou meia-volta, piso no acelerador e saio voando pela estrada como um morcego saído do inferno.

Capítulo 22



Em lugares normais, como bares e restaurantes, quando bandidos invadem com armas em punho, geralmente se ouvem gritos histéricos. Mas não no Naos. Além de gemidos de dor e palavrões baixos quando alguém é atingido, os únicos sons são o *barulho* rápido das armas e *os estrondos* dos tiros.

— Quando vão ligar a maldita energia? — resmunga Jelena ao meu lado, enquanto abre a porta secreta no assoalho. — E se acertarmos um dos nossos por engano? Sig ou Beretta?

— Beretta, por favor. Vai demorar alguns minutos para ligar o gerador. — Pego a arma que ela me oferece e jogo a outra para Iliya, que está agachada alguns metros à minha esquerda.

— Vocês duas não saiam daqui até que isso acabe, — grita Iliya ao pegar a Sig. — Drago vai me matar se algo acontecer com vocês. Entendeu, Tara?

— Entendi, — minto.

Há apenas duas luzes de emergência atrás do balcão, embutidas tão perto do chão que preciso me inclinar bastante para conseguir verificar o carregador. É difícil saber quantos atacantes há, porque o tiroteio violento está ao nosso redor. É como se todos os presentes estivessem atirando ao mesmo tempo. Se fosse mais tarde da noite, todas as armas de fogo teriam sido guardadas em segurança ao entrar no

clube, mas as regras permitem que os clientes do Naos mantenham suas armas consigo entre o horário de funcionamento e por volta das nove da noite.

— Tem sentido atirar assim quando ninguém consegue ver nada? — Mais algumas garrafas explodem acima de mim; vidro e bebida caem sobre minha cabeça. O cheiro forte de várias bebidas alcoólicas é mais do que pungente, irritando meus olhos e nariz. Eu me pressiono contra o balcão do bar e engatilho a arma enquanto meus músculos da coxa gritam em protesto. Agachar-se de salto alto é muito difícil, especialmente quando se tenta não escorregar na poça de álcool derramado.

As luzes do teto piscam e acendem no momento em que um homem armado com uma Uzi se inclina sobre o balcão do bar, bem acima de Jelena. Reajo sem pensar duas vezes, levantando o braço e atirando na cabeça dele.

Jelena levanta a sobrancelha bem delineada. — Foi rápido. Tem certeza de que ele não era um dos nossos?

— Ele está usando uma bandana marrom na testa.

Meu irmão insiste em um código de vestimenta muito rígido no Naos. Não há como alguém vestindo uma roupa casual, mesmo que com as cores de uma gangue, ter sido deixado entrar.

Evitando garrafas quebradas e cacos de vidro, eu ando agachada até a beira do balcão e espio para o salão principal. As divisórias das cabines, que proporcionam privacidade, mas na verdade são obstáculos de vidro fosco à prova de balas instalados especificamente para o caso de algo assim acontecer, ainda estão intactas. Drago é inflexível quanto a ter móveis blindados ao redor. A maioria dos convidados e funcionários do clube se protegeu atrás dessas barreiras e está atirando na direção da entrada principal.

Um dos alto-falantes suspensos caiu no chão, quebrando os azulejos de pedra em bilhões de pedacinhos. Droga, meu irmão vai ficar furioso com isso. Ele importou esses azulejos da Espanha.

Pelo que posso ver, há apenas uma vítima do *nosso* lado. O corpo do cara que eu suspeito ser um assassino está estendido perto da cabine onde ele estava sentado. Adriano Ruffo está ajoelhado ao lado dele, atirando nos agressores com uma arma enorme de maneira perturbadoramente casual.

Os membros da gangue, porém, não se saíram tão bem. Três mortos perto da entrada e outro um pouco mais adentro, perto da borda da pista de dança. Apenas um parece ainda estar vivo, escondido por um pilar de pedra a alguns metros da porta principal. Ele está atirando aleatoriamente para dentro, tentando acertar qualquer um que aparecer na sua mira. Isso significa que há seis agressores, incluindo o homem que eu acabei de matar. Uma força bastante pequena para um ataque desse tipo. Talvez eles não esperassem muita resistência?

— Tara! — Jelena agarra a barra da minha camisa, puxando-me para trás. — Há mais vindo pelos fundos!

Merda. Mantendo-me abaixada e apontando minha arma para frente, sigo Jelena até o outro lado do bar, onde Iliya está caído no chão, pressionando uma mão em seu lado sangrando.

— Use isso. — Passo a ele uma toalha de bar que peguei em um armário e estico o pescoço, dando uma olhada pela estreita abertura abaixo das prateleiras de bebidas e logo acima do balcão do bar. Ela serve como acesso rápido a suprimentos extras alinhados na borda que corre ao longo do outro lado da parede espelhada.

A entrada dos fundos da boate fica no depósito logo atrás daquela parede, escondida entre as caixas de cerveja empilhadas dos dois lados. Mais cinco caras da

gangue, vestindo jeans surrados e moletons largos, estão entrando pela porta. Com a disposição do nosso bar, não há como alguém na frente ver os inimigos que estão chegando. Jelena e eu somos as únicas cientes da nova ameaça, e ela está ocupada tentando impedir que Iliya sangre até morrer. Quais são minhas chances de atirar em todos os cinco bandidos antes que eles possam me matar? Muito poucas, mas não tenho escolha a não ser tentar. Eles estão a menos de três metros de nós.

Abaixo-me novamente e respiro fundo. Os armários molhados e meu próprio suor estavam começando a me deixar pegajosa. Lá vamos nós. Segurando a arma com força, levanto-me rapidamente, mirando na porta dos fundos através do espaço entre duas garrafas de Johnnie Walker.

Os dois caras mais próximos da entrada caem no chão ao mesmo tempo.

O quê?

Pisquei os olhos e mais dois caíram de cara no chão.

O último agressor em potencial se vira no momento em que outro tiro explode no ar. As pernas do homem cedem e ele cai, revelando uma figura em um terno preto em contraluz parada na soleira da porta. Seus braços estão dobrados ao lado do corpo, com uma arma em cada mão, pronta para atirar.

Abaixo minha arma, olhando para meu marido, enquanto Arturo passa por cima do cara morto e vem em minha direção.

Os tiros cessaram na parte principal da boate. Na quietude repentina, o barulho de suas solas batendo no chão de azulejos ecoa como um trovão em meus ouvidos. Ele guarda as armas nos coldres enquanto fixa o olhar em mim.

Eu o sigo com os olhos até que ele chega à beira da parede divisória e então aparece à minha frente, no final do balcão do bar. Mais alguns passos e ele está bem na minha frente.

— Divertindo-se demais para atender minhas ligações, Tara querida?

— Pode-se dizer que sim. Como foi o seu dia?

Um burburinho contido irrompe entre as pessoas atrás de mim, e percebo que nossa troca chamou a atenção de todos que ainda estão lá dentro. O peso de dezenas de olhos repentinamente recai sobre mim. Posso sentir *todos* olhando para nós, e isso está me deixando nervosa pra caramba.

— Agitado. — Arturo coloca as mãos nos bolsos da calça. — Eu tinha a impressão de que você entendia que ainda estamos em alerta máximo. Então, o que está fazendo aqui? Sem seus seguranças, devo acrescentar.

— Naos é considerado um dos lugares mais seguros da cidade, DeVille.

— Ah, é mesmo? Meu erro, então. Acho que desperdicei uma dúzia de capangas para chegar até você sem motivo algum, já que você estava, obviamente, PERFEITAMENTE SEGURA! O QUE HÁ DE ERRADO COM VOCÊ?

— Não grite comigo, DeVille! — Algo molhado escorre pelo canto do meu olho, e eu rapidamente o limpo enquanto tento manter a compostura diante desse homem irritante. — Tenho um pente quase cheio na minha Beretta e sei muito bem como...

— Isso é SANGUE?

Olho para minha mão. Há uma mancha vermelha nos meus nós dos dedos. Devo ter me cortado com um fragmento de vidro e não percebi com toda a confusão. Tanto faz. — Não mude de assunto...

Seus dedos agarram meu queixo, inclinando minha cabeça para o lado. — Tara. — Um grunhido baixo sai de sua garganta.

— Estou bem. — Afasto a mão dele. — Pode parar de me interromper? Você está fazendo uma cena, aliás. E nós dois sabemos o quanto você gosta de fazer isso em público. Este lugar está uma bagunça e eu preciso... — DeVille! Me solta!

— Não, — ele grunhe enquanto me carrega em direção ao depósito. — Vamos para casa para fazer nossa cena em particular.

— Você está louco? A polícia provavelmente está a caminho, e Iliya precisa de cuidados médicos. Eu preciso...

— Você não é advogada. Nem médica. O que você é, é minha esposa. E, no momento, está sangrando.

— É só um arranhão, Arturo!

— Mm-hmm. E isso é definitivamente um reflexo condicionado.

— O quê?

Ele entra no depósito e contorna as prateleiras de suprimentos perto da porta dos fundos. Vejo mais dois cadáveres.

— Você só diz meu nome quando um de nós está sangrando. — Ele chuta a porta, saindo para fora. — Você está com náuseas? Dor de cabeça?

— Eu não tenho nenhuma concussão! Agora, me solta.

— Não.

— Por que diabos não?

Ele para ao lado do seu SUV e me encara com um olhar mortal. — Porque, se eu fizer isso, posso voltar para dentro do clube, onde matarei todos os homens a serviço de Drago por não terem conseguido te manter em segurança. E ilesos. Porque, minha querida esposa, ainda não superei o pânico de não chegar a tempo. De chegar e você estar morta ou morrendo. E agora que estou com você em minhas

mãos, não vou deixar você ir. Mas principalmente porque, se minhas mãos estivessem livres, eu mesmo poderia estrangulá-la por me assustar tanto.

Meus lábios se contraem ao ouvir suas palavras. — Deixe-me ver se entendi. Você estava preocupado comigo. No entanto, quer me matar. Ou você quer me matar porque estava preocupado comigo?

— É meio que as duas coisas, — ele rosna e bate sua boca na minha.



— Acho que... — mordo o lábio inferior de Tara e chuto a porta da frente para fechá-la. — ...precisamos verificar seu ferimento primeiro.

— Está tudo bem, — ela diz enquanto tenta abrir a fivela do meu cinto.

Puta merda, eu realmente espero que seja verdade, porque acho que vou explodir se não enfiar meu pau dentro dela *agora*. Eu nem sei como chegamos em casa inteiros. Ou como saímos do carro e entramos na casa sem acabar transando na garagem. Meu casaco se perdeu logo depois que saímos do SUV, e não tenho a menor ideia de onde está o coldre com minhas armas. Provavelmente na varanda.

Mas não vamos mais longe. Estou afundando nela bem aqui, contra a porta da frente. Neste exato momento. É a única maneira de aceitar que ela está sã e salva. De sair dessa névoa densa de terror que tomou conta da minha mente assim que entrei no estacionamento do Naos. Temia estar atrasado. Que ela estivesse morta. Que a tivesse perdido. Preciso de provas. Preciso de provas físicas. Preciso dela agora, nos meus braços, para sentir a vida em suas veias.

— Ah, mas você tem tendência a não ser totalmente sincera. — Segurando seu queixo com os dedos, eu nos coloco frente a frente. — Deixe-me ver.

Um pequeno sorriso aparece em seus lábios machucados. Inclinando a cabeça para o lado, ela me dá uma visão melhor de sua têmpora, enquanto continua a desabotoar minhas calças. — Então? Vou sobreviver? — ela pergunta, tirando meu pau duro como pedra.

Tento me concentrar no corte dela. Quase impossível com a mão dela acariciando meu pau. Céu. O toque dela é puro céu. O ferimento, porém, parece superficial. O sangramento já parou. No entanto, a vontade de estrangulá-la por se colocar em perigo não me abandona.

— Talvez, se eu deixar. — Solto o queixo dela e ergo a barra da minissaia. — Mas o pessoal de segurança do seu irmão definitivamente não.

— Você não vai colocar um dedo nos meus amigos, DeVille.

Em vez de responder, agarro a tira da calcinha dela e a arranco com um único puxão. Ela não tem o direito de fazer tais exigências, especialmente porque poderia ter sido morta por causa da incompetência daquelas pessoas. Agarrando sua bunda, eu a pressiono contra a porta e me enterro em seu calor úmido com uma estocada poderosa.

Ela grita, mas sei que não a machuquei. Seus olhos reviram e ela murmura: — *Mais*. — Seus gemidos altos enchem a entrada, ecoando no teto. O jeito que ela ronrona quase me faz gozar. Inaceitável. Não terminei com ela, nem de longe.

Capturando seus lábios com os meus, deslizo a palma esquerda pela sua coluna, seu pescoço, acolhendo a parte de trás da cabeça para protegê-la da madeira. Então, deslizo lentamente meu pau para fora apenas para mergulhar de novo em sua boceta. Outro gemido alto irrompe da minha feiticeira feroz, reverberando pela sala

em um tom quase de grito. Isso quase me faz esquecer o rugido dos tiros e a cacofonia sem fim de vidros quebrando e destroços desabando que ecoavam nos meus ouvidos enquanto eu abria caminho a tiros para dentro daquele maldito clube.

Estocada.

Com medo de encontrá-la ferida.

Estocada.

De encontrá-la morta.

Estocada. Estocada. Estocada.

Os dedos de Tara percorrem meu cabelo, suas unhas arranhando a parte de trás da minha cabeça. Dói, mas essa dor é boa. Uma ótima lembrança de que ela está aqui. Ela está bem. Comigo. Meu pequeno perigo está bem.

— Você não vai sair desta casa nunca mais, — rosno conforme mudo de ângulo, penetrando mais fundo em seu calor acolhedor enquanto minha língua invade sua boca com a mesma intensidade. — Esta porta contra a qual estou te fodendo... É o mais perto que você terá do mundo exterior. Vou te acorrentar à minha cama se for preciso, tudo para te manter longe desses desastres que você atrai como um ímã.

— Você pode tentar. — A bruxa astuta sorri contra meus lábios, pouco antes de morder minha língua. Com força. Enviando uma descarga elétrica direto para meu pau.

Eu me retiro rapidamente, até que apenas a ponta permaneça dentro de sua boceta. — Não brinque comigo, Tara.

— Por que não? — Ela aperta as pernas em volta da minha cintura e contorce o bumbum, tentando me puxar para mais perto. Seus calcanhares se cravam

nas minhas costas enquanto ela tenta forçar meu pau mais fundo. Quando não me movo nem um centímetro, ela me corta com seu olhar frustrado; suas mãos deslizam até meus bíceps e as unhas se cravam na minha pele através da camisa. — Foder é a única coisa que parece funcionar bem entre nós, não é, Satanás?

Estou tentado a sacudi-la e gritar: '*Você está errada!* Sexo não é a única coisa boa entre nós. Não é a única coisa que eu desejo'. Mas meu pau quer me fazer mentir. Todo o autocontrole que me restava se desfaz. Desintegra-se enquanto sou sugado pelo seu olhar verde inescapável. Vaporiza-se sob a força do seu ataque.

Aperto a bunda dela e enfio meu pau dentro dela até chegar ao fundo. — Não me chame assim.

Sua boceta escorregadia e apertada me envolve como sempre, espasmando ao redor do meu comprimento em um ritmo eufórico. Mais uma vez, é uma batalha para mim me conter, continuar balançando meus quadris e prolongar esse momento. Envolvendo seus cabelos em torno do meu pulso, eu aperto seu cabelo, inclinando sua cabeça para que eu possa consumir aquela boca teimosa e sarcástica dela. Ataco seus lábios com a mesma intensidade com que bato em sua boceta, reivindicando-a e punindo-a ao mesmo tempo. Cada gemido que sai de seus lábios, cada respiração ofegante, eu me deleito com cada um desses sons apaixonados, empurrando cada vez mais forte para arrancar mais e mais dela. Nós fomos feitos para ficar juntos. Nossos corpos se encaixam tão perfeitamente.

Essa química alucinante entre nós é tão potente. Minha fome insaciável por ela me faz querer transar com ela o tempo todo. Mas isso não é a única coisa que eu quero. Não é mais há algum tempo.

Quero vê-la fazer coisas bobas, como desmontar minha máquina de café com uma faca de manteiga. Ou fazer buracos inúteis na parede para colocar mais

uma estante. Seu cabelo maluco? Porra, eu amo isso. Adoro ver que penteado maluco ela vai inventar. E todas as roupas absurdas que ela usa para me surpreender. As provocações dela. Todas as vezes que ela tentou me irritar no começo... Quero mais disso. Tudo.

Porque só agora entendo o poder do feitiço dela. Aquela tenacidade inabalável. Quero acordar todas as manhãs com o corpo dela sobre o meu. Aquilo era felicidade. Felicidade absoluta. Tê-la dormindo em cima de mim. É isso que quero, todos os dias. E, se for preciso, eu sofreria churrascos intermináveis. Aguentaria cada um e com parentes detestáveis. Afogaria-me num oceano de comida desconhecida. Se isso significasse que ela ficaria.

Ficaria para sempre.

Mas ela nunca ficaria.

— Bruxa, — rosno enquanto aumento o ritmo.

Os gemidos de Tara se transformam em gritos de êxtase a cada movimento do meu pau. Meu Deus! Ela é tão linda. Corada e sem restrições nos meus braços. Seu corpo inteiro está tremendo. Suas unhas se afundam como garras nas minhas costas. Nunca vi uma visão mais magnífica do que minha esposa à beira do orgasmo. Sabendo que fui eu quem a levei até lá.

— Algum homem já te fodeu assim, te fez sufocar com a própria respiração? — exijo. — Alguém já te deixou tão molhada que seu orgasmo escorre pelas suas pernas até o chão? Alguém já fez isso?

— Não, — ela responde ofegante.

— E ninguém além de mim jamais vai fazer. Você pode não gostar de mim, *gattina*, mas saiba disso. Eu cortarei o pau de qualquer homem que ousar tocar em você. Ou mesmo se aproximar de você. Você é minha.

Suas unhas se cravam nos meus ombros, fazendo rios de sangue escorrerem pela minha pele.

— Agora, talvez. Mas não quando nosso tempo acabar.

— Agora. Amanhã. Daqui a um ano. Daqui a uma década. Não me importo! Vou castrar qualquer idiota que pensar que pode ter o que é meu.

Ajustando minha postura, mudo nossa posição, inclinando seus quadris para que eu possa penetrá-la ainda mais fundo. Mais perto. Quero que fiquemos muito mais próximos. Mais conectados, mesmo que seja impossível estarmos mais próximos fisicamente do que já estamos.

Seu grito desenfreado rompe o silêncio da casa vazia. Ecoa pelas paredes enquanto ela se desfaz lindamente em meus braços. Cerro os dentes, me forçando a não soltar, querendo deixá-la aproveitar seu orgasmo, arrancando mais gemidos doces dela. Só depois que ela começa a descer do seu ápice é que eu me entrego ao meu próprio clímax. Segurando aquele queixo teimoso, mergulho dentro da minha esposa mais uma vez e fundo minha boca na dela. Ela continua a tremer enquanto eu a encho com meu sêmen. Marcando-a. Possuindo-a. Reivindicá-la como minha. Deliciar-me com o prazer que isso me traz.

Ela é *minha.*

Euforia.

Minha.

Êxtase.

Minha.

Felicidade.

Mas apenas por um breve momento.

Raiva. Desespero. Agonia.

Com sua juba sedosa em minhas mãos, eu enterro meu rosto em seu pescoço. Respirando sua essência. Absorvendo-a enquanto ainda tenho a chance.

Lutei tanto contra esses sentimentos. Contra minha necessidade inextricável por ela. Esse aperto feroz que ela tem sobre mim. Fiz minha missão convencer a nós dois de que nossa união era uma combinação horrível.

Que idiota cego eu sou!

Enquanto fazia o meu melhor para que a minha esposa me desprezasse, acabei por me apaixonar perdidamente por ela.

Capítulo 23



— Arturo! — O grito de Sienna ecoa pela linha. — Drago e eu estamos tentando entrar em contato com você e Tara há horas! Não acredito que você me deixou preocupada...

— Sou eu, — sussurro no telefone. Encostada na parede do banheiro, deslizo para baixo até que minha bunda nua toca os azulejos frios de mármore.

— Tara? Que bom que você ligou. Finalmente! Drago estava ficando louco, mesmo que Jelena tentasse tranquilizá-lo dizendo que você estava bem. Ele estava pronto para invadir a casa de Arturo há horas, e eu precisei de toda a minha força para mantê-lo longe. Por que você não nos ligou antes?

— Hum... Não sei onde está meu celular. Mas estou bem. Nós dois estamos bem. Desculpe por não ter entrado em contato logo. Eu estava... ocupada.

— Ocupada? Com o quê? O que é mais importante do que...

— Ocupada sendo fodida sem sentido contra a porta da frente.

— Ah. — Há uma breve pausa. — Tudo bem, bem... Nesse caso, você está perdoada.

— Obrigada. Como estão as coisas no Naos? Mais alguém ficou ferido?

— Está uma bagunça. Houve uma vítima entre os clientes; os outros só tiveram ferimentos leves. Além do Iliya, mas ele vai ficar bem. Mas não vamos mudar de assunto, gatinha. Sem entrar em muitos detalhes... porque, err, ele é meu irmão... foi bom?

Fecho os olhos e suspiro. — Sexo com Arturo é sempre bom. Melhor do que bom, na verdade. Às vezes, parece bom demais para ser verdade.

— Eu sabia! — ela grita com alegria. — Eu disse que você iria gostar dele! É ótimo que vamos continuar cunhadas em duas frentes. Drago vai ficar louco quando souber disso. Ele fica me dizendo que você vai largar meu irmão a qualquer momento. Eu vi aquele vídeo de Arturo enlouquecendo depois que você cortou os pneus do carro dele, foi hilário...

— O quê? — sussurro em voz alta. — Que vídeo?

— Opa. Eu não deveria ter dito isso.

— Sienna!

— Bem... Meu marido engenhoso pediu a Mirko para hackear a câmera de segurança de Arturo. Por favor, não fique brava com ele, ele só fez isso para cuidar de você.

— Cuidar? Que diabos, ele estava espionando...

— Bem, considerando as circunstâncias, ele estava preocupado. — A voz de Sienna mal se ouve. — Você não pode culpá-lo por isso.

— Como assim? Que circunstâncias?

— Hum... Drago sabe, Tara.

— Sabe o quê?

— Que Arturo te chantageou para casar com ele. Ele não sabe os detalhes, nada além do que Ajello lhe contou. O que não foi muito. Apenas que você e Arturo têm um acordo e que Drago deve ficar fora disso.

— O quê? — Meu estômago cai no chão. — Desde quando?

— Pouco antes do seu casamento.

Cubro o rosto com as mãos. Era de se esperar. Eu deveria ter percebido que havia algo errado com Drago. Ele estava muito despreocupado depois que nosso noivado foi anunciado.

— Mas isso não importa mais, não é? — ela continua em um tom leve e alegre. — Com vocês dois se apaixonando, isso é basicamente um casamento de verdade agora. Quem diria que a intromissão de Ajello resultaria em outro casamento por amor?

Um casamento por amor. Sim. Balanço a cabeça. Que ideia maluca.

— Nada mudou, Sienna. Arturo e eu ainda estamos tentando enlouquecer um ao outro, só que agora terminamos nossas discussões na cama.

— Meu Deus, a disputa entre vocês dois para ver quem é mais teimoso está empatada! Por que vocês dois não param de agir como idiotas e conversam um com o outro? Apenas diga a Arturo o que você sente por ele.

— Não sinto nada por ele, — respondo, irritada.

— Claro. Você quase me enganou. Se não sente nada, estaria dormindo agora, em vez de chorar no meio da noite.

A capa do celular se quebra na minha mão com a força com que a aperto. — Eu me recuso a sentir qualquer coisa por um homem que é incapaz de me amar.

— É, não funciona assim, garota. E, para que conste, Arturo está completamente apaixonado por você.

— Mm-hmm. Ele tem uma maneira estranha de demonstrar isso. Eu realmente sinto o amor dele quando ele deixa absolutamente claro que eu sou o oposto do que ele considera uma parceira perfeita. Pelo amor de Deus, ele me fez assinar um acordo pré-nupcial com cláusulas detalhando como eu devo me vestir! Isso soa como algo que um homem *apaixonado* faria, Sienna?

— Quando se trata de Arturo, sim. É exatamente o que ele faria, — ela suspira. — Eu sei que é difícil de entender, mas ele é assim mesmo. Se vocês dois simplesmente sentassem e conversassem. Admitissem seus sentimentos, então talvez...

— Não vou confessar àquele idiota que estou apaixonada por ele! — Minha mão voa para minha boca, mas é tarde demais para conter as palavras. — Hum... preciso ir. Tchau.

Jogando o telefone no chão como se fosse venenoso, levanto-me rapidamente e quase corro para fora do banheiro. Mas paro no meio do caminho, bem na soleira da porta.

Meu marido está deitado de bruços na cama, dormindo com o braço direito estendido em direção ao espaço vazio ao lado dele. Ao lado dele está o travesseiro ainda amassado que usei quando fiquei imóvel por quase duas horas, olhando para o nada depois que desabamos após nossa segunda rodada de sexo por ódio.

Sexo por ódio. Posso ainda chamar assim? Sabendo que não o odeio?

Por quanto tempo posso continuar mentindo para mim mesma?

Por quanto tempo vou fingir que acredito nisso?

Quando concordei com este casamento estúpido, pensei que iria colocar a minha vida em espera por um ano, no máximo. Entretanto, o meu Príncipe Encantado... o meu cavaleiro de armadura brilhante... e o nosso final feliz estariam algures por aí, à minha espera. O momento em que finalmente o encontraria seria simplesmente adiado, nada mais. Mas receio que isso já não seja verdade.

Quer eu queira ou não, agora sei que sempre compararei todos os outros homens a Arturo DeVille. E tenho quase certeza de que Satanás não chegaria aos pés de nenhum deles. Como eles não poderiam ser melhores com todos os defeitos dele? Sua devoção idiota a tradições bobas, como se ainda estivéssemos no século XIX, é realmente ridícula. Mas também é engraçado, e eu adoro chamá-lo a atenção por isso todas as vezes. Mas... embora ele possa estar meio preso ao passado, sua dedicação às suas convicções é realmente cativante. E eu seria hipócrita se não admitisse que há lugar para o cavalheirismo no mundo moderno. Eu daria zero pontos para ele por ser cavalheiro, mas não consigo. Mesmo que ele tenha me trazido flores ‘de funeral’. E Arturo nunca hesitou em me emprestar seu casaco, apesar de provavelmente saber que eu estava apenas brincando com ele.

Depois, há o seu mau humor. Quando se trata de ser mal-humorado, seria impossível encontrar alguém que tivesse uma pontuação mais alta do que ele nessa escala. Ainda assim, até mesmo o temperamento rabugento de Arturo é meio fofo. Ele age de forma autoritária, como um tirano absoluto, mas faz coisas que nenhum outro senhor feudal faria. Quero dizer, o cara proibiu Greta de fazer comida para mim e determinou que eu nem mesmo poderia pedir delivery. Mas ele continua cozinhando todas as minhas refeições. Mesmo sabendo que eu me recuso a tocar em qualquer coisa que ele prepara.

Ainda assim, ele é muito rápido em me lembrar que só está comigo por causa do decreto do seu chefe. Como se, sem essa afirmação frequente, eu tivesse a

ideia boba de que ele realmente gosta de mim. Não há necessidade de ele se dar a todo esse trabalho; eu entendo perfeitamente os sentimentos dele sem que ele precise explicá-los. É óbvio, já que ele nunca perde uma chance de apontar o quanto eu sou um desastre. Embora eu deva admitir que ele faz isso com aquele sorriso irritante no rosto bonito. E nunca há malícia brilhando em seus olhos, mas algo mais... algo diferente. É quase como se ele achasse minhas constantes trapalhadas... divertidas? Também tenho que admitir que ele nunca mencionou minhas falhas, a menos que estivéssemos sozinhos.

E agora, esta última. Arturo entrou em um tiroteio violento, matando sabe-se lá quantos atacantes, só para chegar até mim. Quem faz esse tipo de merda? Quer dizer, eu sei que Drago faria isso. Ele nem hesitaria. Mas alguém mais? Especialmente por mim? Nunca imaginei que alguém além do meu cavaleiro faria algo assim. E a armadura de Satanás DeVille certamente não é *tão* brilhante. Ele provavelmente fez isso só para se exibir.

Tanto faz. Isso não muda meus sentimentos. Talvez eu não o odeie, mas vou negar qualquer coisa além disso.

Com os passos abafados pelo tapete grosso, atravesso a sala e deito na cama. Assim que o colchão afunda, Arturo se mexe e joga seu braço, que parece um tronco, sobre mim, puxando-me para o seu lado. Eu deixo. Na verdade, me aconchego ainda mais até nossos corpos parecerem se fundir, com minha perna entrelaçada na dele e minha bochecha pressionada contra seu ombro.

Pura felicidade calorosa.

Sim. Um exemplo clássico de um sinal de alerta. É assim que Arturo DeVille é.

O homem que arruinou a fantasia da minha vida. Porque eu sei... Eu sei muito bem! Quando nosso ano juntos acabar, quando minha busca pelo príncipe perfeito recomeçar... todos os homens... todos os outros homens do mundo, de alguma forma, eu acharei que lhes falta algo. Não há ninguém por aí que se compare a Arturo DeVille.



Está escuro. É meia-noite perpétua. Não há lua. Não há luz de nenhum tipo.

À minha volta, um rugido estrondoso. Assobios. Uivos.

O vento.

Estou no olho de um furacão. Preso dentro de um abismo negro.

Longe, muito longe, um tambor.

Batida de coração?

Sei que é minha única esperança de encontrar uma saída.

Esse som se torna meu farol. Chamando por mim através do nada, através do frenesi implacável que posso sentir, mas não posso ver. Eu sigo a batida. É importante. É tudo para mim.

Não posso perdê-la. Então corro. Não sei para onde vou, mas preciso chegar lá antes que o tamborilar pare. Antes que a batida se silencie. Não posso perdê-la.

O ar passa por mim. Frio. Amargo. Cortante. Derrubando-me.

Corro, tropeçando às cegas, mas não consigo abrandar. Não posso vacilar. Não posso desistir.

Não posso deixar nada me impedir. Preciso me apressar, ou estarei perdido.

Não porque temo a escuridão, mas porque aquele bater rítmico é a minha vida.

Dentro do vazio, dentro do vórtice giratório, estou procurando...

Pela luz dos olhos verdes e calorosos.

Meus olhos se abrem rapidamente.

— Seu ronco é tão alto quanto um trem de carga, DeVille, — murmura Tara ao meu lado. Seu cabelo está espalhado pelo travesseiro, com mechas fazendo cócegas no meu nariz.

Suspiro. Que sonho estranho pra caramba. Coloco a mão na parte inferior das costas da minha esposa e deslizo a palma para cima ao longo da coluna dela. — Acho que você deveria se acostumar com isso.

— Posso pedir um bônus? — Ela se vira para mim. — Cem mil dólares por sofrer devido a condições perigosas de sono que não foram divulgadas durante nossas negociações?

Cerro os dentes. Ela tinha que mencionar isso de novo. — Salvar você de bandidos armados também não estava no contrato, mas eu fiz mesmo assim.

— Por favor. Aqueles idiotas tinham mais entusiasmo do que cérebro e não tinham nenhum treinamento. Provavelmente teríamos nos virado muito bem sem você.

— Sim, claro. — Eu gentilmente afasto o cabelo da testa dela para ver melhor o corte que ela recebeu.

— Você ficou realmente preocupado? Na boate. Você disse que estava com medo por mim.

Um arrepio percorre minha espinha. Dizer que estava com medo é dizer pouco. Eu estava morrendo de medo.

— Claro que estava. Você consegue imaginar a merda em que a Família se meterá se algo acontecer com você sob meus cuidados? Drago ficaria furioso.

— Eu estava no clube do meu irmão quando o ataque aconteceu. Se alguém fosse culpado, seria ele.

Claro que ele seria o culpado! E é, na verdade. Algo que não vou esquecer tão cedo. Mas não posso admitir isso para ela.

— Você é minha esposa e, portanto, minha responsabilidade. Dito isso, a partir de agora, você não sairá da nossa propriedade a menos que toda a sua equipe de segurança e eu estejamos com você.

A raiva brilha nos olhos dela. — Você não pode simplesmente me trancar!

Posso. E vou fazê-lo. Recuso-me a passar novamente pelo tipo de situação horrível que passei ontem à noite. — Você deveria colocar algo nesse corte.

— Não mude de assunto de novo!

— Não está em discussão, Tara. Estou disposto a ignorar o fato de que você violou os termos do nosso acordo ao trabalhar no clube do seu irmão, se você me garantir que isso não vai acontecer novamente.

— Você e seu acordo podem ir para o inferno, — ela zomba e pula da cama.

Meus olhos a seguem enquanto ela corre em direção à porta que liga nossos quartos, pegando suas roupas do chão pelo caminho. Ela para na soleira e me lança um olhar furioso por cima do ombro.

— A propósito, o que eu concordei foi que não *trabalharia* no clube. — Um sorriso malicioso surge em seu rosto. — Trabalhar implica pagamento por serviços prestados. Como eu estava apenas ajudando sem esperar nenhuma compensação monetária, não houve violação dos termos da minha parte. E não há nada nesse documento que me proíba de fazer isso novamente. Você realmente precisa estar mais atento ao que assina, DeVille.

A porta se fecha na minha cara perplexa.

Fico furioso durante todo o tempo em que estou no chuveiro e enquanto me visto para o trabalho. É absolutamente impensável que ela arrisque sua segurança só para me irritar! Ela é tão teimosa! O medo que me dominou quando eu não tinha ideia se ela estava viva, ferida ou morta ainda está causando estragos na minha cabeça. Os piores cenários possíveis, com o corpo da minha esposa crivado de balas ou ela sendo levada para Deus sabe onde, passam pela minha mente, e não há nada que eu possa fazer para impedir esse horror esmagador. Meu estômago se revira, e os restos da minha última refeição ameaçam reaparecer, fazendo-me dobrar de dor ao pensar no que poderia ter acontecido se eu tivesse chegado tarde demais.

— Greta! — grito enquanto desço as escadas correndo e vestindo meu casaco.

— Sim, Sr. DeVille? — ela responde da cozinha.

— Não voltarei até tarde da noite, então considere suspensa a proibição de cozinhar para minha esposa. Você poderia preparar algo para o almoço dela?

Ela espreita pela esquina. — Claro. Alguma coisa em particular?

— Veja o que ela quer. Mas talvez seja melhor evitar outra sopa. Tenho certeza de que ela está cansada de sopa depois de uma semana inteira comendo isso. A propósito, obrigado por se dar ao trabalho de cozinhar para mim. Estava... muito nutritivo.

— Ah, não, não fui eu. Você gostou do creme de batata? A Sra. DeVille teve um pouco de dificuldade com ele.

Paro bruscamente no meio do caminho até a porta da frente. — Você não fez as sopas enquanto eu estava doente?

— Não, foi sua esposa. Ela estava preocupada que você fosse contagioso, então me deu uma semana de folga e não deixou ninguém entrar em casa. — Ela retoma a tarefa de limpar a bancada e então solta um suspiro profundo. — Pobre coitada. Ela estava tão nervosa. Ligava para mim toda vez que achava que o fogão fazia um barulho estranho. Ou sempre que o cheiro de gás permanecia na cozinha por mais tempo do que ela esperava. Talvez você devesse pensar em substituí-lo por um fogão elétrico, Sr. DeVille. Este deve ser uma lembrança muito dolorosa do que aconteceu com sua querida irmã.

— A irmã dela morreu em uma explosão de bomba.

— Na verdade, não. A Sra. DeVille disse que foi no incêndio que se seguiu depois que o gás do fogão explodiu. Honestamente, se eu fosse ela, provavelmente nunca seria capaz de chegar perto de outro aparelho a gás ou qualquer tipo de chama. Mas aquela menina...

Não ouço o resto do que Greta diz. Em vez disso, saio correndo escada acima. Ignoro o telefone tocando no meu bolso. Não me importo que provavelmente seja o chefe na linha. Que merda é essa? Por que ela não me contou? Chego à porta dela em um instante.

— Tara.

Bato na porta.

— Estou dormindo! — Uma resposta agitada e seca. — Vá embora.

Suspiro, encostando a testa na porta branca. — Por que mentiu? Por que me deixou acreditar que era Greta que estava preparando minhas refeições? E por que... por que diabos não me contou sobre o problema com o fogão?

Seus passos ecoam enquanto ela se aproxima da porta e a abre um pouco. — Eu não menti, DeVille. Você simplesmente presumiu. Assim como presumiu muitas outras coisas sobre mim.

— Sinto muito, *gattina*. Eu... eu pensei que você me odiava.

— Poupe suas desculpas. Especialmente porque, como você tão eloquentemente insinuou, a comida estava péssima. Espero que, pelo menos, as notas que deixei para você no contrato não tenham te decepcionado tanto.

— Elas estavam... incríveis. Mas achei que tinha sido Ginger quem as fez, não você.

— Hmm. Bem... Talvez da próxima vez *ela* possa cuidar de você enquanto você tem uma febre alta, te forçar a tomar remédios e arrastar seu traseiro pesado para um banho frio para baixar a febre.

A porta se fecha na minha cara pela segunda vez hoje.

Fico olhando para a porta, sem palavras, enquanto uma miríade de emoções se agita dentro de mim. Me sufocando. Não foi uma alucinação. Todos aqueles flashes que eu pensei que fossem fruto da minha febre eram reais. Ela estava lá o tempo todo. Puta merda, ela poderia ter ficado gravemente doente por minha causa, enquanto eu vomitava merda nela como um idiota.

E o fogão a gás... Porra! Eu nem me dei ao trabalho de descobrir o motivo por trás da relutância dela em cozinhar. Simplesmente presumi que fosse um de seus impulsos mimados. Nunca pensei... Merda. Ela tem feito comida para mim há dias. Meu Deus, minha pequena perigosa deve ter ficado morrendo de medo, e mesmo assim... ela superou isso. Por mim. Por mim, um idiota ingrato.

Fechando os olhos, encosto a testa na superfície de madeira. As palmas das mãos também, como se pudesse empurrar aquela coisa idiota para longe. Remover a maldita barreira entre nós. Mas não é a porta que nos separa. É o meu comportamento idiota. Desde o início de... nós.

— Tara, — chamo com voz rouca.

— Deixe-me em paz! — As palavras, abafadas e um pouco entrecortadas, fluem através da madeira maciça que se interpõe entre nós. — E atenda a porra do telefone! Está irritante.

***

— Você está me ouvindo, Arturo?

Tiro o olhar das minhas mãos e olho para Nino. Passamos a última hora no escritório de Ajello, informando o chefe e, sobre os nossos próximos passos para lidar com o Sindicato Grego. Quando o telefone de Ajello tocou, ele se levantou e foi para o canto mais distante para falar com a esposa, e minha mente novamente vagou para a cena entre mim e Tara mais cedo. É a única coisa em que consigo pensar desde que saí de casa.

— Na verdade, não. — Encolho os ombros. Minha pele está arrepiada com a necessidade de ir para casa. Para minha Tara. Não sei se estou nem aí para estratégias ou para fazer meu trabalho direito agora.

— Eu disse que é uma pena não podermos simplesmente matar o velho Katrakis, — resmunga Nino do outro lado da mesa de conferência. — Política, mesmo a política da máfia, é um saco.

Resmungo. Os dois seguranças mortos em nosso estaleiro de obras no Brooklyn eram caras comuns, temporários de uma empresa de segurança privada contratada localmente. Uma empresa que estávamos pensando em recrutar para nossas fileiras. O acordo ainda não foi fechado, então não podemos alegar que foram nossos homens que foram mortos. Também há ambiguidade em relação ao motivo de Katrakis. Sem nenhuma prova concreta de que foi um ataque direto à nossa família, não podemos afirmar que uma retaliação contra os gregos seria justificável.

Navegar no submundo do crime é um negócio complicado. Com tantos jogadores amontoados em espaços apertados, um passo em falso pode afetar seriamente se você viverá o suficiente para desfrutar do espaço que conseguiu

conquistar para si mesmo. Cada ação precisa ser ponderada em relação a todos os resultados possíveis para garantir que não colocará em risco a prosperidade da Família. Eu também sei disso. E nunca tive nenhum problema com isso. Até hoje.

— Vou esmagar a espinha dorsal daquele filho da puta, — rosno. O medo do que poderia ter acontecido com Tara ainda está pesando como uma pedra no meu estômago. Só de pensar em como estive perto de perdê-la, fico louco. — Vou fazer isso uma vértebra de cada vez. Depois, vou caçar os remanescentes da gangue dos Vipers e fazer o mesmo com cada um deles por terem participado do ataque ao Naos.

— Você sabe que não podemos nos envolver com eles, Arturo. Nem retaliar contra Katrakis.

Sim, eu sei. Acontece que os Vipers devem bastante aos gregos. Dinheiro que eles pegaram emprestado para pagar o carregamento de cocaína. Até esta manhã, não sabíamos dessa conexão. Mesmo sabendo que Katrakis estava por trás disso, temos que respeitar um código que permite que o submundo coexista sem se destruir. Ele determina que apenas a parte prejudicada pode retaliar. Como foi a organização sérvia que foi atacada, apenas Drago pode tomar medidas contra a gangue ou os gregos. Mesmo que o sérvio seja nosso parceiro de negócios, neste caso, a Cosa Nostra está de mãos atadas.

— Não dou a mínima.

— É um prazer vê-lo de tão bom humor num dia lindo e ensolarado como hoje, — Nino ri. — A vida de casado obviamente lhe faz bem.

Ergo uma sobrancelha. — É mesmo? Quer que eu mostre como estou extremamente feliz dando outro beijo de lábios rachados em você?

— Ah, qual é. Não pode ser tão ruim assim.

Sim, pode ser. Ainda não sei se quero estar em casa agora para estrangular minha esposa pela audácia dela ou para transar com ela até ela perder os sentidos. — Eu disse a Tara, em termos inequívocos, que até que esta situação seja resolvida, ela não tem permissão para sair da propriedade a menos que eu esteja com ela. Não fazia cinco minutos que eu tinha saído quando o meu segurança me ligou para me informar que ela tentou sair sorrateiramente pelo portão.

— Você foi sem dúvida diplomático e muito cortês ao informá-la dessa exigência. — O sorriso de Nino se amplia enquanto ele cruza os braços atrás da cabeça. — E você certamente lhe garantiu que se importa profundamente com ela e que só está preocupado com a segurança dela. Certo?

— Não. — Na verdade, fiz de tudo para parecer que estava apenas tentando evitar possíveis problemas entre a Cosa Nostra e os sérvios, que surgiriam se algo acontecesse com ela.

— Por que não?

— Não é da sua conta, Nino.

— Vocês dois precisam de terapia de casal séria, meu amigo.

Eu belisco a ponte do nariz. Sim, receio que nenhuma quantidade de aconselhamento conjugal seja suficiente para consertar a bagunça que eu fiz. Mesmo que eu ignore meu orgulho e confesse a verdade... que estou desesperadamente apaixonado por ela, não adiantaria nada. A mulher me detesta profundamente. E o que eu diria a ela, realmente? *Perdoe-me por ser um idiota. Fiz o que fiz porque queria afastá-la. Porque não consegui impedir-me de me apaixonar por você e não sabia como lidar com isso.* Sim, isso certamente resolveria tudo.

Como faço para ela entender o motivo da minha idiotice? Que, durante anos, associei amor a dor. A perda. Perder alguém que você ama é o destino de todos

neste mundo, mas quando esse amor é arrancado de você da maneira mais brutal, ele deixa uma cicatriz tão profunda, tão irregular, que nunca cicatriza. Eu perdi meus pais. Quase perdi minhas duas irmãs, o que reabriu essa ferida. A última coisa que eu queria era me permitir amar minha esposa. E depois perdê-la também. Isso me destruiria. Me dizimaria completamente. Aniquilaria minha alma.

A aparição de Tara na minha vida foi um golpe que eu não esperava. Desde o momento em que nos conhecemos, eu estava perdido. Por ela. Mas não conseguia admitir. Não conseguia aceitar. Não conseguia encarar a possibilidade de perdê-la. No fundo, eu sabia que nunca sobreviveria a isso. Então, eu disse e fiz coisas horríveis para a mulher que amo para evitar minha própria destruição. Para evitar o amor a todo custo.

— Arturo. — A voz de Ajello ressoa pela sala e me assusta. — Quando foi a última vez que você teve notícias de Riggo?

Olho para cima e encontro seu olhar severo. Ele ainda está ao telefone.

— Não tenho certeza. — Minha testa se franze enquanto tento me lembrar. — Dois, talvez três dias atrás. Ele estava me deixando louco, querendo mais responsabilidade. Então, mandei-o para a equipe de Pietro. Achei que ele poderia dar uma mão enquanto eles seguem Katrakis. Pietro me enviou uma mensagem, porém, dizendo que já tinha muitas pessoas trabalhando nisso. Então, presumi que ele tivesse encontrado outro trabalho para o garoto. Por quê?

— A irmã dele disse a Milene que não consegue falar com ele.

— Isso é estranho. O garoto pode ser irritante pra caramba, mas sempre foi confiável. — Eu me viro para Nino. — A equipe de vigilância já entrou em contato?

— Sim, mas, pelo que eu sei, Riggo não estava com eles. Ele seria burro o suficiente para tentar seguir Katrakis sozinho?

Eu gemo. Isso definitivamente parecia algo que Riggo faria. — Você pode pedir a um dos seus rapazes para verificar o localizador GPS do carro dele?

— Eu mesmo posso fazer isso daqui.

Ajello acena com a cabeça e volta para sua ligação, enquanto Nino abre seu laptop. O barulho rápido de seus dedos no teclado fornece uma trilha sonora sutil para os gemidos ocasionais do chefe. Ele provavelmente está ouvindo outra história sobre Milene e seu gato demoníaco,. Ajello está prestes a fazer sua ameaça semanal de ‘estripar aquele merdinha magricelo’. Por mais que reclame, ele acaba cedendo à esposa e à sua coleção cada vez maior de animais de estimação.

— Foda-se. — O palavrão de Nino ecoa pela sala.

— O que foi?

— A tag principal do carro de Riggo foi desativada, então fiz a busca pelo GPS secundário. Instalei isso como um sistema de segurança em todos os veículos usados pelos novatos. — Ele vira o laptop. — Dá uma olhada na localização do pin.

Pego o laptop e puxo-o para mais perto. Na tela, o mapa mostra um marcador vermelho sobre um local no Queens, nos arredores do aeroporto.

— Um complexo de armazenamento. — Olho para cima. — Um que pertence aos gregos.

Capítulo 24



— Teve notícias da nossa fonte na delegacia? — pergunto enquanto verifico minhas armas.

— Sim. — Nino acena com a cabeça enquanto vira à direita. — Nenhum desconhecido que corresponda à descrição de Riggo apareceu nas últimas 72 horas. Então, há uma chance de o garoto ainda estar vivo.

Meus maxilares se contraem. Essa chance é mínima, na melhor das hipóteses. Mas, esteja Riggo vivo ou morto, Katrakis é um homem morto. Ele assinou sua sentença de morte no momento em que colocou as mãos em um membro da Cosa Nostra. Agora, nem preciso me preocupar em irritar Ajello indo atrás do grego *idiota.* Quebrar a espinha dele será totalmente justificado.

Contornamos outra esquina e entramos no estacionamento de uma empresa local de transporte e distribuição. Há uma agitação intensa, com muitos caminhões de entrega em constante movimento. Isso deve ser útil para mascarar nossa aproximação. E podemos chegar perto do prédio de Katrakis, que fica atrás do armazém da empresa de transporte. Graças a Deus pela atenção maníaca de Nino quando se trata de protocolos de segurança. Se ele não tivesse instalado aquele rastreador secundário no carro de Riggo, teríamos levado muito mais tempo para localizar este lugar.

— Ainda acho que devemos esperar até anoitecer. — Nino para o carro. — Entrar atirando a esta hora é muito arriscado. Há muitos olhos por aí e não sabemos quantos homens Katrakis tem lá dentro.

— Já perdemos muito tempo reunindo nossos homens. E logo vai escurecer. Além disso, todos esses caminhões nos dão bastante cobertura, e o barulho do trânsito da Belt e do aeroporto deve abafar qualquer tiro.

Mais seis veículos se juntam aos caminhões estacionados quando saio do carro. O barulho de várias portas sendo fechadas é abafado pela atividade cacofônica à distância. Examino os rostos determinados de quase duas dúzias de nossos homens fortemente armados. Se toda a força do Sindicato Grego estiver dentro do complexo de armazéns, estaremos em grande desvantagem. Mas isso não importa. Fazemos isso há muito tempo.

— Lembrem-se, Katrakis é meu.

Os homens acenam com a cabeça em sinal de compreensão. Antes de virmos para cá, revisamos todos os detalhes do nosso plano de ataque. Todos sabem seu papel e sua posição.

Pego minhas duas armas e atravesso a divisão entre as propriedades.

***

Algo não bate certo.

Agacho-me ao lado do corpo deitado de bruços no chão de concreto e viro-o. Minha bala acertou o bastardo logo acima do olho esquerdo.

— Parece familiar? — pergunta Nino ao meu lado.

— Não. — Apoio os cotovelos nos joelhos, olhando para cima e para baixo no corredor longo e estreito, ladeado por portas metálicas intermináveis que dão acesso a armários de armazenamento. — Não gosto disso.

— É. Eu esperava mais resistência.

A recepção, que atacamos primeiro, certamente mostrava sinais de que muitos outros homens haviam estado ali recentemente. Havia uma pilha de caixas de pizza ainda gordurosas e latas de cerveja vazias espalhadas pelo espaço. Cinzeiros transbordavam de cigarros pela metade, e a fumaça ainda pairava no ar. Todos os indícios de um pequeno exército no local.

No entanto, além dos dois seguranças que a equipe de Pietro cuidou na entrada da frente e do que Nino derrubou na porta dos fundos, encontramos menos de um punhado de caras pelos corredores. Contando meu amigo morto aqui, o total é de seis. Verifiquei cada um deles e nenhum era um Katrakis velho. Seu guarda-costas inepto da noite em que visitaram o estaleiro de obras também não está entre os mortos.

— Algum sinal de Riggo? — pergunto.

— O carro dele foi encontrado atrás de uma das unidades independentes, mas não há sinal dele. Pietro levou metade dos nossos homens para o outro lado do prédio. Eles estão revistando todos os armários de armazenamento.

Olho para o longo corredor, onde nossos homens estão forçando as portas de metal. Alguns estão usando alicates ou furadeiras que devem ter encontrado no escritório para quebrar as fechaduras, enquanto outros optaram por simplesmente atirar nas coisas.

— Você fica com o lado esquerdo. — Endireito-me e aponto para a fechadura do depósito mais próximo à minha direita, disparando.

Móveis antigos. Caixas de lixo cobertas de mofo. Cabides com roupas surradas e fedorentas. A cada unidade que abro, prendo a respiração, temendo e esperando encontrar Riggo. Na maioria das vezes, o garoto tem sido um chato, mas tenho uma queda por ele. A presença dele aqui levanta muitas perguntas. Algumas respostas possíveis eu me recuso a considerar. Meu palpite é que Riggo estava seguindo Katrakis e foi descoberto. Ele foi trazido aqui para enfrentar o velho. Mas por quê arriscar manter um membro da Cosa Nostra em cativeiro? Por quê arriscar retaliação por um garoto relativamente insignificante? Tobias Katrakis deve estar perdendo o jeito.

— Nino? — grito enquanto abro mais uma porta basculante.

— Ainda nada. — Sua voz se sobrepõe ao som do metal sendo raspado. — Mandei Pietro verificar os prédios externos. Talvez eles tenham se livrado dele... *Puta merda!*

Eu me viro e vejo Nino se abaixando sob a porta entreaberta de um armário no fim do corredor.

— Aqui!

Quando chego ao local, o cheiro pútrido de urina e sangue atinge meu rosto. A lâmpada no teto do espaço apertado está apagada, mas há luz suficiente vinda do corredor para iluminar o corpo encolhido no chão sujo.

— Eles o espancaram bastante, — grita Nino ao telefone, pressionado contra o ouvido. Sua outra mão está apalpando o lado do pescoço de Riggo. — O pulso está fraco, mas está batendo. O garoto está inconsciente. Precisamos levá-lo à clínica, rápido.

Agachado ao lado de Riggo, começo a examiná-lo em busca de outros ferimentos enquanto Nino dá o resumo para Ilaria. O rosto do menino, todo

machucado e roxo, indica que ele levou vários golpes na cabeça. Os dois olhos estão fechados e inchados, e há lacerações ao redor da boca e das sobrancelhas. Ele não está vestindo camisa e o tronco, especialmente o estômago e o peito, está coberto de mais hematomas. Não há ferimentos de bala, mas há definitivamente hemorragia interna. Ele também está sem o polegar direito. Os bastardos espancaram, torturaram e deixaram o menino para morrer.

— Vamos levá-lo? — pergunto.

— Sim. Ilaria está a caminho. Ela diz que não podemos esperar a ambulância chegar.

Riggo não reage quando eu o seguro pelos braços e Nino pega suas pernas. Estamos quase saindo do prédio, a caminho do carro que Pietro trouxe para a entrada dos fundos, quando o garoto começa a se mexer, gemendo de dor.

— Estamos aqui, — eu o acalmo. — Você está seguro, Riggo.

— Sr. DeVille? — ele pergunta com voz rouca.

— Sim. Fique calmo, vamos levá-lo à médica em breve. Não fale.

— Eu... eu sinto muito... Sr. DeVille. — As palavras fracas saem dele. — O... o anel...

Pietro mantém a porta do carro aberta enquanto Nino e eu deitamos Riggo com cuidado no banco de trás. — Agora não é a melhor hora para discutir joias, amigo.

Sua mão sem polegar envolve meu pulso com força, como uma tenaz; a força por trás desse aperto é muito mais forte do que eu esperaria de alguém em sua condição.

— Eles encontraram, — ele diz com voz embargada. — O anel de Stavros. No meu porta-malas. Deve ter caído quando eu... o movi. Eles... eles queriam saber... como... como ele foi parar lá.

Fecho os olhos. *Merda.*

— Eu não queria, Sr. DeVille, mas... acho que contei tudo para eles.

— Tudo bem, Riggo. — Dou um tapinha em sua mão. Nada mudou. Só sei que agora Katrakis está atrás de mim enquanto eu tento encontrar esse idiota para matá-lo. — Você pode soltar meu pulso, e nós vamos levá-lo para a clínica.

— Eles não fariam... não fariam mal à Srta. Tara, fariam?

Meu sangue gelou. — O quê?

— Ela matou o herdeiro grego. Eu... eu disse a eles que ouvi você dizer isso...

Um terror, diferente de tudo que já senti, toma conta de mim enquanto me inclino, tentando captar cada palavra dele. A respiração de Riggo está ofegante, e cada som que ele emite fica cada vez mais fraco.

— Eles todos... eles foram todos...

— Para onde? — grito, sacudindo seus ombros, tentando mantê-lo acordado. — Para onde eles foram?

— Para casa... eles foram... para a sua casa.



— Não estou com disposição para um filme hoje à noite, Sienna. Talvez eu possa ir aí amanhã? — Coloco o telefone entre a orelha e o ombro para poder manter as mãos livres. — E, de qualquer forma, Riggo está desaparecido, e tenho certeza de que não vou conseguir convencer Tony a me levar até aí. Ele sabe que estou 'trancada' por ordem de Sua Alteza.

— Você realmente deveria ter comprado um carro, não um helicóptero, — Sienna ri. — E eu também estou presa. Drago enlouqueceu. Ele está mobilizando seus homens, planejando um ataque aos gregos desde as seis da manhã.

Seguro a pequena parte articulada de um ferrolho de metal no painel da porta e pego a broca. — Eu sabia que ele faria isso. Aqueles azulejos espanhóis eram edição limitada. Ele não vai conseguir substituí-los.

— Não é por causa disso... Tara? Você está aí? Que barulho é esse?

— Estou instalando uma fechadura! — grito por cima do barulho da furadeira.

— O quê?

— Encontrei no depósito e... — Um pedaço enorme da superfície de madeira se quebra. — Opa.

— Tara? O que você está fazendo?

Suspiro e desligo a ferramenta elétrica. Encostada no outro lado da porta, deslizo para o chão, esticando os pés à minha frente. — Estou instalando um cadeado nas portas que ligam meu quarto ao do seu irmão. Ou pelo menos tentando.

— E você está fazendo isso porque...?

— Para garantir que Arturo não acabe na minha cama hoje à noite. Ou eu na dele. Escolha você.

— Porque...?

— Porque então transaríamos como coelhos. Ele me faria sentir como se eu tivesse decolado da Terra. E depois, eu adormeceria nos braços dele e teria a melhor noite de sono da minha vida.

— E isso é... ruim?

— Muito ruim. — Aceno com a cabeça, mesmo que ela não possa me ver.

— Hum... por quê?

— Meu Deus! Você pode parar?

— Assim que você explicar por que dormir com seu marido e se sentir bem com isso é *ruim*.

— Porque ele não é o que eu imaginava como um herói romântico! Não é o cavaleiro de armadura brilhante que eu desejava! Era por ele que eu deveria ter me apaixonado, Sienna, não por Satanás! — Enfio os dedos no cabelo, arranhando o couro cabeludo. — Jesus. Como eu consigo estragar tudo na minha vida? Até mesmo meu próprio conto de fadas imaginário?

— Tara...

— Quer saber o que fiz ontem à noite antes de ligar para você? Fiquei acordada na cama, encolhida ao lado de Arturo, imaginando como seria se a nossa relação fosse real. Um casamento feliz que começou de forma normal. Talvez tivéssemos nos conhecido e nos apaixonado instantaneamente por causa do amor que você e Drago demonstram um pelo outro. Teríamos saído juntos, encontros de

verdade! Encontros em que ríamos e conversávamos sobre tudo e nada. Livros. O trabalho dele. Eu teria provocado ele por ler os jornais como um velho. — Um riso triste escapa dos meus lábios. — Teríamos nos conhecido aos poucos. Eu teria mostrado a ele como editar manuscritos, e ele teria me ensinado a cozinhar. Teríamos nos divertido juntos. Em algum momento, Arturo teria me salvado de alguns bandidos, é claro. Talvez um ladrão que tentasse roubar minha bolsa enquanto estávamos fora, mas meu cavaleiro galante teria perseguido o bastardo. — Desta vez, a risada que irrompe se transforma em um soluço que sai do meu peito. — Deus, que bobagem. Fora das minhas fantasias, não consigo nem imaginar algo assim acontecendo. Tudo o que consigo imaginar é seu irmão parado na calçada rindo da minha sorte ruim.

— Arturo nunca faria isso. Ele com certeza perseguiria o bandido pela rua, — acrescenta Sienna. — E provavelmente quebraria os braços e as pernas do cara assim que o pegasse. Arturo também te ama, Tara. Eu sei disso.

— Sim, claro. Fique com suas teorias sem fundamento e, por favor, não interrompa meu novo devaneio. Onde eu estava? Ah, sim. Um belo dia, Arturo escolheria um lugar maravilhosamente romântico e se ajoelharia. Na frente de testemunhas! Muitas, muitas testemunhas. Ele me diria que me ama e que não pode viver sem mim. E então, ele me pediria em casamento. Para ser sua esposa.

Fecho os olhos, imaginando a cena na minha mente. Não é tão difícil. Sempre tive uma grande imaginação. Arturo ajoelhado no chão, vestindo um de seus ternos elegantes... improvável, mas poderia acontecer. Afinal, é uma tradição. No entanto, por mais que tente, não consigo imaginá-lo dizendo essas palavras. Para mim. Nem eu sou tão iludida.

— Se isso tivesse realmente acontecido, você teria...? — A voz de Sienna é quase um sussurro do outro lado da linha. — Dito sim?

— Sim. Eu teria...

O som de tiros automáticos rompe o silêncio do lado de fora da casa.

Me jogo no chão, de bruços, e cubro a cabeça com as mãos. Os tiros parecem vir de longe, de algum lugar além do portão da propriedade. Ainda assim, uma bala perdida sempre pode te acertar se você não tomar precauções.

— Hum... — digo, alcançando meu celular que havia caído. — Seu irmão irritou mais alguém recentemente? — Eu ofego enquanto rastejo pelo chão do quarto até uma janela.

— Acho que não. Por quê? E você pode desligar essa maldita furadeira? Mal consigo ouvir você!

— Não é a furadeira. — Espio lentamente pela janela. Flashes rápidos de luz se quebram entre os galhos das árvores e sobre os arbustos que cercam a cerca, correspondendo ao barulho rítmico de tiros. Quatro homens de Arturo, armados até os dentes, correm pela entrada em direção ao portão. Seus gritos ecoam na noite e trazem outros seguranças à vista. Alguns saem atrás de seus companheiros, outros assumem posições de defesa ao redor da casa. Vejo Tony agachado atrás de uma coluna de pedra perto da porta da frente, com um rifle automático em punho. — Acho que... estamos sob ataque.

— O quê?! — O grito histérico de Sienna explode em meus ouvidos. — Vá para um lugar seguro e tranque-se. Ligue para Arturo! Vou chamar Drago...

Sua voz frenética é interrompida no meio da frase. *Merda.* Eu sabia que esquecer constantemente de carregar meu celular acabaria me prejudicando. Jogando o tijolo inútil na cama, corro para o quarto de Arturo. Ele tem duas janelas que dão para o quintal. Como ele aumentou a segurança da casa ontem, deve haver pelo

menos vinte homens por aqui. Mais do que o suficiente para deter quem quer que esteja obviamente tentando atirar para entrar pelo portão principal.

As paredes de pedra que cercam a propriedade tornam este lugar praticamente impenetrável. A única outra maneira de entrar é por uma porta de aço fortemente reforçada localizada na parte de trás da propriedade, ao longo da extensão da parede que fica atrás da garagem. Ela quase nunca é usada e, de acordo com Riggo, só pode ser aberta com uma impressão digital.

Quando chego à janela do chão ao teto ao lado da cama do meu marido, porém, meu estômago cai no chão e, em seguida, o chão sob meus pés desaparece. Logo além da fileira de arbustos perenes que levam à garagem separada, várias figuras escuras estão se esgueirando em direção à casa. Eles violaram o perímetro.

Eu me viro, pronta para me esconder em algum lugar onde eles não possam me encontrar, quando percebo. Greta. Lá embaixo. Ela está trabalhando no turno da noite hoje. *Droga!* Eu saio correndo pelo quarto.

Arturo nunca me mostrou onde guarda as armas, e eu não tenho minha própria arma. Faço um desvio até as portas que ligam nossos quartos e pego o martelo da caixa de ferramentas. Não é uma arma muito boa, mas é melhor do que nada, eu acho. Meu coração está na boca e batendo a mil por hora enquanto corro em direção à escada, tentando não fazer barulho com os passos.

O hall de entrada está vazio; as portas da frente estão fechadas. Mas isso não ajuda muito, com todas as janelas no térreo. Tento não pensar na possibilidade de vários agressores quebrando os vidros enquanto corro pelo corredor em direção à cozinha.

Encontro Greta debruçada sobre a pia, esfregando uma panela enorme, os quadris balançando ao som de uma música que não consigo ouvir. Seus fones de ouvido cor-de-rosa estão firmemente no lugar. Um suspiro de alívio escapa de mim.

— Greta! — Arranco o fio, tirando o aparelho da orelha esquerda dela.

— Sra. DeVille? O que...

Outra rodada de tiros irrompe lá fora. Desta vez, parecem muito mais próximos do que antes. A expressão ligeiramente perplexa no rosto de Greta se transforma em pânico absoluto. Ela empalidece, sua tez instantaneamente ficando com uma cor que rivaliza com uma folha de papel.

— Precisamos subir, em silêncio. Não se preocupe. Vamos ficar bem, — sussurro, esperando que o que estou dizendo seja verdade. E que soe pelo menos um pouco reconfortante.

Ela acena com a cabeça e, apesar de estar tremendo toda, agarra minha mão com força. Meu punho aperta o cabo do martelo enquanto levo Greta de volta para o hall de entrada.

Estamos a meio caminho da escada quando mais tiros explodem nas proximidades. Desta vez, parece que vêm do quintal. Gritos altos e ordens secas misturam-se com o barulho incessante das armas. Reconheço Tony entre as vozes. O grupo de atacantes deve ser maior do que eu pensava inicialmente e está avançando de várias direções, se os homens de Arturo ainda não conseguiram detê-los.

Greta parece ter congelado no lugar, com os pés presos ao chão. Tenho que praticamente arrastá-la atrás de mim enquanto subimos as escadas para o andar superior.

— Onde diabos está Arturo? — murmuro baixinho enquanto insisto para que Greta continue. — Ainda está se encontrando com o chefe? Alguém já deve ter ligado para ele. Tony ou algum dos outros não teria contado a ele sobre a tempestade que se abateu sobre nós? Ele deve estar voltando. Ou talvez já tenha chegado e...

Eu paro no meio do caminho. Se meu marido está aqui, isso significa que ele provavelmente está no portão, onde está acontecendo a maior parte do tiroteio. Oh, Deus!

— Greta! — Eu me viro para encará-la. — Pegue isso, — digo, enfiando o martelo em sua mão. — Vá para um dos quartos e tranque-se. Fique longe das janelas. Entendeu?

— Sim... Mas... e você?

— Eu ficarei bem. Onde está seu telefone?

— Meu celular?

— Sim. Onde está?

— Eu... deixei na cozinha. Acho que está perto do fogão.

— Tudo bem. Agora vá. — Eu praticamente empurro-a escada acima.

No momento em que ela chega ao patamar do segundo andar, corro de volta para a cozinha. Preciso falar com Arturo. *Preciso* saber se ele está bem, ou vou perder o pouco de sanidade que ainda me resta.

O celular de Greta está exatamente onde ela disse que estaria. Pego-o como se minha vida dependesse disso e digito o número de Arturo. Nem sei quando decorei esse número. A linha toca. E toca. Depois, cai na caixa postal.

— Maldito seja, Arturo! — Bato com a palma da mão na bancada e redisco o número. Se ele se matou, vou estrangulá-lo. — Atenda. Atenda. Por favor, atenda!

Os tiros e os gritos dos homens parecem estar bem ali, do outro lado da parede da cozinha, mas tento bloquear tudo e me concentrar apenas no toque. O som familiar traz uma promessa, até que me leva de volta à caixa postal. Merda. Merda. Merda!

Disco novamente.

Mais uma vez.

E novamente.

Vidros se estilhaçam em algum lugar atrás de mim, ao mesmo tempo em que uma voz masculina enfurecida grita ao telefone: — O QUÊ?

Alívio. Um alívio avassalador e instantâneo toma conta de mim. Nunca senti tamanho consolo em toda a minha vida.

— Você está bem, — suspiro.

Ao me virar, aquela sensação de felicidade se desfaz como um galho seco. O terror absoluto me sufoca.

— Tara! — Arturo grita ao telefone. — Onde você está?

Não consigo falar. Não consigo pensar. Nem tenho certeza se meu coração está batendo. Fico olhando para as chamas alaranjadas que se espalham do chão até as cortinas.

— TARA!

O fogo se move como ondas na água, espalhando-se em todas as direções como ondulações em um lago. Mais janelas se estilhaçam quando algo voa pela sala através do vidro. Pequeno. Explosivo. Explodindo em uma bola de fogo instantânea. Assim que o clarão diminui, mais chamas se espalham pela área do impacto.

A sala está agora quase completamente em chamas. O tapete. O sofá. As estantes.

Está chegando. Os braços do fogo estão se estendendo em minha direção.

Mais perto.

Mais perto.

Mais perto.

Não consigo desviar o olhar. Não consigo me mover. Não consigo emitir nenhum som.

Meu mundo se transformou num inferno.

— Porra, amor, me diz onde você está! Estou indo te buscar!

Perdi a capacidade de respirar. Meus pulmões param de funcionar assim que a fumaça e seu cheiro pútrido e queimado invadem meus sentidos. Independentemente do tempo que passe, aquele cheiro específico está gravado para sempre na minha memória.

Estrondo.

Mais janelas quebradas.

Estrondo.

Outra à minha direita.

Estrondo.

Essa foi na cozinha.

Espero que as chamas se enrolem em volta dos meus pés.

Nada acontece. Estranho. O que está acontecendo?

Os buracos no vidro formam uma espécie de mini túnel de vento. Uma rajada de ar fresco passa por mim. É breve e perturbadora, mas não o suficiente para me tirar dessa paralisia.

Lá fora, a noite caiu. A escuridão engoliu tudo além do alcance do fogo. Nada se move. Nada existe naquela escuridão. Nada além do vento e do eco dos batimentos cardíacos acelerados.

Fico olhando. Olho enquanto, iluminada pela luz tremeluzente da chama ao meu redor, a figura de um homem preenche a moldura da janela quebrada da cozinha.

O pai de Stavros.

Levantando uma arma. Apontando para mim.

Sorrindo.

— Tara! — grita Arturo do outro lado da linha. Ele parece desesperado. E tão, tão distante.

Eu deveria fazer alguma coisa, certo? Abaixar. Correr. Teletransportar-me magicamente. Existem outras opções?

Mas não consigo fazer nada. Não consigo nem pensar direito. Sinto-me como uma observadora presa fora do meu corpo. Uma espectadora incapaz de realizar um único ato simples. Meu corpo congelou nessa posição específica, com o telefone pressionado contra a orelha e meus membros incapazes de se mover um centímetro sequer.

Nem ouço o tiro. A única razão pela qual sei que disparou é pela sensação de queimadura. Não é a parede de calor nas minhas costas, mas a dor lancinante no

abdômen. Os joelhos cedem e as pernas dobram-se debaixo de mim. Caio no chão de azulejos, aterrando de lado.

Fico deitada.

Imóvel.

De alguma forma, consigo manter o telefone pressionado contra o ouvido. Meu campo de visão: a sala de estar, totalmente consumida pelas chamas.

— É a mesma coisa, — sussurro. — O fogo. Tem o mesmo cheiro.



Pulo do meu SUV, meu olhar voando para a casa além do portão bloqueado e os restos de um veículo crivado de balas. A luz laranja tremeluzente dança lá dentro, enquanto uma fumaça espessa sai pelas janelas quebradas, transformando o sangue nas minhas veias em gelo.

Não!

O barulho do meu coração batendo alto abafa os sons do tiroteio caótico ao meu redor enquanto corro em direção ao inferno em chamas.

— Tara! — grito no telefone. — Você precisa sair da casa. Agora mesmo.

A dor rasga meu braço quando uma bala raspa meu ombro. Ignoro. Nem paro para atirar de volta. Há quase 150 metros entre mim e a casa em chamas. E minha esposa está lá dentro.

— Você está me ouvindo, Tara? Consegue sair?

Ela respira superficialmente. — Não consigo esquecer. — Seu tom é estranhamente sereno. Pacífico, até.

— Tara! — Grito, na esperança de que isso a tire do óbvio estupor em que se encontra. Ela provavelmente está em choque, em pânico. Na noite em que Greta acendeu a lareira no quarto de Tara, minha esposa parecia estar paralisada até que eu a envolvi com meus braços.

— Este cheiro. Este... calor infernal. Foi o mesmo na noite em que perdemos Dina. Meus pais. Vinte anos. Vinte anos e não consigo esquecer.

Um homem com uma arma automática está ajoelhado no chão à minha direita, usando o helicóptero de Tara como cobertura. Ele está trocando o carregador e se preparando para abrir fogo. Eu atiro na cabeça dele enquanto continuo correndo. — Você tem que sair daí, *gattina*! Por favor!

— Drago deveria ter tirado Dina primeiro. — A voz de Tara permanece calma, como se ela nem me ouvisse. — Eu chorei. Ela não. Então ele me escolheu. Ele escolheu a irmã errada. Dina ainda estaria viva se eu tivesse sido mais corajosa, então Drago poderia ter escolhido ela em vez de mim.

— Tara! — Eu grito, desesperado para que ela me ouvisse. Agora há menos de seis metros entre mim e a porta da frente.

— Eu estraguei tudo. — Sua voz está tão baixa, tão triste. — Eu sempre estrago tudo.

No outro lado da garagem, vejo Tony segurando uma mulher enquanto fogem da casa. Por um instante, penso que é ela. Mas não, é Greta.

— Onde ela está? — grito enquanto corro em direção a eles.

Minha governanta olha para cima, com o rosto pálido. — Ela está... — ela tosse, — ...ainda está lá dentro.

Um medo avassalador aperta meu coração, espalhando-se por todas as células do meu corpo mais rápido do que as chamas que destroem minha casa. Eu saio correndo, diminuindo a distância, e chuto a porta da frente.

Fumaça preta e espessa e um calor inacreditável atingem meu rosto. Jogo a arma no chão, levanto a aba da jaqueta sobre o nariz e entro.

Parece que a maioria dos coquetéis molotov foi jogado pelas janelas da sala, porque toda a área à esquerda da porta da frente está tomada pelas chamas. O fogo se espalhou por toda a extensão da parede oeste, consumindo cortinas e móveis, subindo até o teto.

Gritos urgentes substituem o som dos tiros lá fora, e reconheço a voz de Nino entre muitas outras, gritando meu nome. Gritando para eu sair.

Não vou a lugar nenhum sem minha esposa. Mesmo que isso signifique que ambos vamos virar cinzas dentro da maldita casa.

— Tara! Responda, querida. Onde você está? — grito no telefone, mas nenhum som vem do outro lado da linha.

As chamas já ultrapassaram a escada principal, consumindo o outro lado do térreo. Estamos a poucos instantes de tudo se transformar em uma fornalha gigante, e eu não consigo vê-la! Não consigo encontrar minha esposa! Com toda a fumaça e o calor escaldante, não consigo ver nada.

O telefone.

Ainda tenho o telefone.

Quase cego, mal consigo desligar a chamada e imediatamente ligo de volta. A fumaça enche meus pulmões e eu tropeço, rezando para ouvir o toque do telefone acima do barulho das chamas e dos batimentos do meu coração. O acesso ao segundo andar está completamente bloqueado por uma parede de fogo que vai do chão ao teto. *Madonna Santa*, por favor, por favor, não deixe que ela esteja lá em cima.

Uma melodia fraca, apenas audível por entre o barulho frenético. Vinda de algum lugar da cozinha. Eu me viro.

Lá. Logo atrás da bancada da cozinha, encolhida de lado, minha esposa está deitada no chão de azulejos. Graças a Deus o fogo ainda não chegou até ela.

— Tara! — Um rugido animalesco sai do meu peito enquanto corro e a pego nos braços. Não consigo nem ver claramente o rosto dela neste momento, mas sinto o peito dela subir sob a minha palma.

Ela está viva.

— Eu te peguei, amor, — murmuro. — Eu te peguei.

Aninhando meu precioso tesouro, eu a carrego através do fogo infernal que está destruindo nossa casa. Agradeço a Deus e a todos os santos lá em cima por me permitirem encontrar minha esposa. Por não ter chegado tarde demais. Por me dar a chance de salvá-la. Sem ela, eu não existo.

— Arturo! — grita Nino, correndo em minha direção assim que saio.

— Preciso levá-la a um médico, — digo tossindo, enquanto examino seu corpo em busca de ferimentos. — Ela deve ter inalado muito...

As palavras morrem nos meus lábios. Pânico. Um pânico avassalador atinge-me como um comboio em alta velocidade. A imagem diante dos meus olhos

não pode ser real. Sangue. Toda a parte da frente da camisola cinzenta de Tara está encharcada de sangue.

— TARA! — eu grito.

Capítulo 25



Vozes. Várias. Distintas. Todos falando ao mesmo tempo. É difícil decifrar o que estão realmente dizendo. Tudo soa abafado, como se estivesse encoberto por uma névoa densa. Sua energia, porém, é inconfundível. Alarme. Pressa.

Onde estou? O que está acontecendo?

Uma voz em particular se destaca das outras. É alta. Muito alta. Dando ordens em voz alta. Eu conheço essa voz. Já a ouvi zangada. Calmante. Excitada. Mas agora, há algo nela que não me é familiar. Está trêmula. Quebrando em certas palavras. Isso é... estranho. A voz do meu marido nunca treme. Meu Deus, ele está bem?

— Pisa nessa porra, Nino! Mais rápido, ou juro que vou te matar com minhas próprias mãos, caralho!

Oh. Ele está a dizer vários palavrões ao mesmo tempo. Algo de mau aconteceu. Não há maneira de ele dizer tantos palavrões de outra forma. Pelo menos, não com outras pessoas por perto. Comigo, porque sou ótima a deixá-lo louco, isso é normal. Acho que tenho um jeito de despertar o demónio que há nele. Com os outros, ele é sempre refinado.

— Merda. O sangramento não para. Foda-se, querida, aguenta firme. — Uma mão acaricia minha bochecha. — Não ouse me deixar, *gattina*. — Um beijo forte nos meus lábios. Lábios trêmulos. Mas ainda assim tão familiares. Exceto pelo gosto salgado que deixam para trás. — Leve-nos para o hospital, porra!

Imagens começam a passar pela minha mente. Clipes curtos, como cenas breves de um trailer de filme. Os sons estão tão confusos que não consigo conectá-los ao enredo. Tiros. Corrida. Um telefone tocando. Vidros se quebrando repetidamente. O cheiro avassalador de fumaça. Chamas. Brilhando, girando, subindo. Sobre as cortinas, o chão, pelas paredes. Tão hipnotizante, mas assustador ao mesmo tempo. Então, escuridão. Um homem. Um homem com uma arma na janela. Dor.

Que estranho. Não sinto mais isso.

Não a dor. Não o calor. Não o... Espere, isso foi real?

— Quanto tempo ainda, Nino?

— Menos de dez minutos. Continue pressionando o ferimento.

Meu marido. Meu marido no meio das chamas. Como o próprio Satanás, imperturbável pelo fogo, ele corre em minha direção através da tempestade violenta. Ele realmente invadiu uma casa em chamas? Para me salvar? Não. Deve ser outro sonho.

— Dez minutos, querida. — Os lábios dele estão nos meus novamente. — Você precisa aguentar. Mais dez minutos e chegaremos lá. Por favor, por favor, aguente.

Sua voz soa estranha. O tom é... suplicante. Nunca ouvi Arturo suplicar por nada antes. Quando abro os olhos, minha visão fica embaçada, mas consigo

distinguir meu marido inclinado sobre mim. Seu cabelo está completamente despenteado e há manchas pretas e vermelhas por todo o seu rosto frenético.

Ele está com uma aparência péssima.

— *Gattina*? — ele consegue dizer com voz embargada.

Mmm, adoro quando ele me chama assim. Dá-me vontade de me enrolar e ronronar. Seria bom, porque estou com muito, muito frio. E minhas pálpebras estão pesadas. Uma soneca seria ótima agora.

— Não. Não! NÃO! — Dedos perfuram meu cabelo na parte de trás da minha cabeça. — Fique comigo. Abra os olhos, querida!

Eu quero. Eu quero tanto. Mas é difícil.

— Por favor, Tara. Olhe para mim.

Droga, ele é persistente.

— Vou matar Drago!

O quê?

— Juro, se você não abrir os olhos, eu mato seu irmão. — Sua voz treme tanto que parece que vai quebrar. Isso meio que diminui o tom ameaçador.

— Você é... cheio de merda, Arturo, — sussurro, levantando as pálpebras apenas um pouco.

— Eu sei. — Ele acena com a cabeça.

O rosto dele está tão perto. Bem na frente do meu. Balançando um pouco. Devo estar imaginando coisas, porque os olhos dele estão vermelhos e inchados, e parece que há umidade em suas bochechas.

Minha mão parece pesar uma tonelada, mas com o último pingo de força, eu a levanto. Passo meus dedos pela pele áspera da barba. *Está* molhada.

— Por que você está chorando?

Ele sorri. Um sorriso triste. Um sorriso que nunca chega aos seus olhos escuros e brilhantes.

— Não consigo imaginar minha vida sem você, *gattina*. Por favor, não me deixe, — ele diz com a voz rouca.

Meus dedos roçam seus lábios, aquele sorriso suave. Um sorriso que eu queria que fizesse parte do meu próprio final feliz.

— Sua armadura brilhante está aparecendo, — sussurro, assim que as luzes se apagam.



Um minuto e quarenta e sete segundos.

Eternidade.

Esse foi o tempo que passei no inferno enquanto minha esposa estava morta na mesa de operação após entrar em parada cardíaca. Até que a RCP e a epinefrina reanimaram seu coração. Até que o meu voltou a bater.

Ela morreu.

Minha esposa morreu.

— Preciso de uma pinça. Agora! — A voz de Ilaria ressoa pela sala de cirurgia. — Merda. Ela está sangrando muito. Precisamos de outra bolsa de O negativo.

— É o último que temos, doutora.

Minha cabeça se vira rapidamente para a enfermeira que proferiu essas palavras. — O quê?

— Usamos todo o nosso estoque em Riggo. Ele estava entrando em colapso, então não houve tempo de fazer o teste antes de ele ser levado para a sala de cirurgia.

— Então testem Tara e deem-lhe o sangue certo!

— Já verificamos. Ela é O negativo. Não pode receber nenhum outro tipo.

O negativo. Como eu. — Pegue o kit de extração de sangue, — ordeno. — Você vai tirar meu sangue e dar para ela.

— Não se fazem transfusões diretas, Sr. DeVille. É muito arriscado. O sangue doado precisa ser testado e processado antes de poder ser dado ao paciente.

— Mais arriscado do que *minha esposa* morrer por perda de sangue? — eu berro. — Traga o kit!

— Doutora? — Ela lança um olhar assustado para Ilaria.

— Faça isso, — diz Ilaria, sem tirar os olhos do trabalho. — Apenas uma unidade. Ele também está ferido e não pode doar mais do que isso.

Eu me deixo cair na cadeira depois de arrastá-la até a janela de observação com vista para a sala de cirurgia, para poder continuar observando Tara na mesa de operação, e então começo a arregaçar as mangas. Uma técnica entra correndo, trazendo os materiais necessários para a coleta de sangue. Depois que tudo está

pronto e ela me prepara, ela insere a agulha em uma veia do meu braço esquerdo. O sangue começa a fluir, e ela está prestes a sair quando eu estendo o outro braço.

— Agora, o direito, — ordeno.

— Mas a médica disse...

— Faça isso, porra!

Ela engole em seco, acena com a cabeça e sai correndo para pegar outro kit de extração. Começo a bombear o punho para fazer o sangue fluir mais rápido. Mesmo assim, o processo parece dolorosamente lento.

Quando a técnica enfia a segunda agulha em mim e outra bolsa começa a encher lentamente, fico sentado ali, desesperado, observando a mãe do chefe tentar salvar minha esposa. Os minutos parecem horas até que a primeira bolsa fica cheia e a técnica corre com ela para a sala de cirurgia. Ela volta para verificar meu progresso e, por fim, leva a segunda bolsa cheia.

— Vamos terminar isso aqui, — diz ela quando volta.

— Não. Tire mais duas. E depois mais uma rodada. Tire todo o sangue que minha esposa precisar de mim. Faça isso.

— Sr. DeVille. O senhor já doou o dobro do permitido pela medicina. E isso sem levar em conta que o senhor está ferido. Não posso...

— Vou pegar essa agulha, — digo com voz rouca, — e enfiar no seu olho! Faça o que eu mando! — Chuto o banquinho em que a técnica estava sentada enquanto trabalhava em mim, e ele voa pela sala de observação, batendo na parede próxima. — Tire meu sangue! Agora!

— Controle-se, Arturo! — grita Ilaria da sala de cirurgia, sua voz transmitida pelo interfone. — Não vou deixar vocês dois morrerem sob meus cuidados.

— Se minha esposa morrer, Ilaria, posso garantir: ninguém aqui sairá vivo da sala de cirurgia. Você tem minha palavra. — Lanço um olhar severo para a técnica. — E isso inclui você.

— Conecte esse idiota, — grita Ilaria. — Você pode drená-lo até secar, por mim tudo bem. Maldito lunático.

Quando o segundo conjunto de bolsas de sangue está cheio, a técnica está semi-histérica. Ela está frenética com a queda da minha pressão arterial e o aumento da minha frequência cardíaca. Sinto-me tonto e a minha respiração é superficial, mas lutarei contra todos os demónios do inferno para não desmaiar. Aquela mulher estúpida não compreende que eu daria até à última gota do meu sangue por uma hipótese de Tara sobreviver.

Minha visão está ficando embaçada. O suor encharca minha pele. Ouço Ilaria gritar para que me apliquem uma solução de lactato de Ringer intravenosa. À medida que mais pessoas se aglomeram ao meu redor, mais tubos são conectados aos meus braços, meus olhos se fixam nos monitores da sala de cirurgia e eu escuto até a menor mudança no batimento cardíaco de Tara.

Cada vez que uma máquina dispara um alarme, um arrepio frio percorre minha espinha e minha expectativa de vida encurta em mais dez anos. Mesmo assim, continuo observando, tentando ver minha esposa.

Tara, volte para mim.

— Arturo. — A voz de Ilaria me tira do transe.

É difícil até mesmo mover a cabeça o suficiente para encontrar os olhos dela através do vidro. — Sim?

— Houve danos em vasos sanguíneos importantes e ela sofreu uma fratura na costela. A bala também atingiu o pulmão direito. No final, ela precisou de três unidades e meia de sangue...

De repente, não consigo respirar direito.

Engulo em seco.

Aguardo o prognóstico.

— Se a recuperação dela progredir como planejado, sua esposa precisará suportar muitas décadas do seu comportamento irritante. Infelizmente, não posso prescrever nada para isso.

Capítulo 26



Inclino a cabeça, olhando mais de perto para o homem encurvado na cadeira ao lado da minha cama de hospital. A mão dele repousa possessivamente sobre a minha coxa coberta pelo lençol, enquanto a cabeça, voltada para mim, descansa no espaço estreito ao lado do meu quadril. Ele está dormindo, respirando uniformemente. Mas algo me diz que esse sono está longe de ser tranquilo.

Olheiras escuras marcam seu rosto, que parece magro e um pouco amarelado sob as camadas de fuligem e manchas de sangue seco. Seu cabelo, normalmente penteado para trás com perfeição, está uma massa emaranhada de fios saindo em todas as direções, e alguns estão grudados pelo que suspeito ser sangue seco. Suas roupas estão em um estado ainda pior. A camisa, outrora branca e imaculada, agora está esfarrapada e rasgada, coberta por todo tipo de manchas (sujeira, sangue, suor) e fedendo a fumaça. A única coisa limpa nele são as bandagens brancas enroladas em seu ombro e cotovelos.

Há quanto tempo ele está aqui? Há quanto tempo eu estou aqui? Minha última lembrança clara é passar os dedos pelo rosto dele. O resto é um pouco confuso. O ataque. O fogo. O som da voz dele. Sim, no carro... Ele estava gritando, pedindo para alguém nos levar ao hospital. E então...

A voz dele ecoa na minha mente com tanta clareza. Primeiro, suas ordens, depois seus apelos para que eu não o deixasse. Lembro-me das palavras dele. Ele me

dizendo que não poderia viver sem mim. Algo que eu ansiava ouvir há muito, muito tempo. Mas... Mas ele não disse as palavras que eu mais queria ouvir. Ele não disse que me ama.

A questão com as palavras é a seguinte. Dizê-las quase nunca requer muito esforço. As pessoas são conhecidas por dizerem o que lhes vem à cabeça, seja verdade ou não. Muitas vezes, as palavras são usadas para manipular uma situação a favor de alguém. Na minha vida, alguns homens me disseram que me amavam apenas para me levar para a cama. Eles mentiram, e eu sabia disso, mas fingi que estavam sendo sinceros. Eu queria essa ilusão. Viver em uma fantasia pode ser algo bonito às vezes.

Dizer a alguém que você o ama é muito fácil. Sentir isso e demonstrar é que é difícil.

Este homem arriscou a vida por mim.

Era essa a maneira do Arturo mostrar que tem sentimentos por mim? Ouso esperar que talvez... apenas talvez, ele me ame, mas ainda não consiga expressar isso? Ou que me mostre que se importa de uma maneira mais óbvia? Certamente não facilitei as coisas para ele seguir esse caminho. Não posso culpá-lo por ficar calado quando fiz tudo ao meu alcance para convencê-lo de que não o suporto. Tudo porque tenho muito medo de baixar a guarda e admitir que estou apaixonada por ele.

À minha frente, a porta se abre, fazendo-me olhar para cima. Uma enfermeira entra no quarto carregando uma bolsa de solução salina. Seus passos são quase silenciosos no chão de linóleo enquanto ela contorna Arturo para chegar ao suporte de soro ao lado da minha cama.

— Como está se sentindo, Sra. DeVille? Alguma dor ou desconforto? — ela sussurra enquanto troca os remédios.

Consigo esboçar um pequeno sorriso e balanço a cabeça.

— A doutora virá vê-la em breve. Vou lembrá-la de verificar seu marido também. — Ela aponta para Arturo com o queixo. — Os sinais vitais dele não estavam muito bons depois daquela manobra que ele fez enquanto você estava na sala de cirurgia. Desmaiou logo depois que você foi trazida para cá. Não saiu do seu lado. Nem mesmo para se limpar.

Ela deve ter percebido a confusão no meu rosto.

— Nosso estoque de sangue O negativo estava esgotado, — ela explica. — A propósito, esse é o seu tipo sanguíneo, caso você não saiba. É especial. O tipo O negativo pode ser doado a qualquer pessoa, independentemente do tipo sanguíneo, mas pessoas como você, com sangue tipo O negativo, só podem receber esse tipo. Então, enquanto você estava em cirurgia, seu marido... — seu olhar se fixa em Arturo enquanto ela continua em tom reverente, — ...pediu à nossa técnica para coletar sangue dele para a transfusão. Ele é compatível com você, entende? E não foi apenas uma doação. Ele fez com que tirassem quatro unidades do seu sangue. Isso é extremamente perigoso. Ouvi dizer que ele teve que ser contido antes de entrar em choque hemorrágico. — Um sorriso sereno se forma em seus lábios. — Ele deve te amar muito.

Atordoada, sem palavras, observo-a se afastar, antes que meus olhos se voltem para meu marido adormecido. Arturo nem se mexeu durante todo esse tempo.

Uma dor aguda percorre meu braço, no local da intravenosa, quando estendo a mão para afastar uma mecha de cabelo que caiu sobre a testa dele. Em vez da suavidade habitual, meus dedos encontram uma textura frágil e fuligem. Minha garganta está seca, como se eu não bebesse água há dias. Falar parece uma tarefa impossível, mas consigo sussurrar: — Arturo.

Sua cabeça se levanta tão repentinamente que quase pulo da pele. Seu olhar imediatamente encontra o meu e fica fixo. Nenhum músculo facial se move. Ele nem pisca. Apenas... fica olhando.

— Arturo?

Nada.

Não tenho certeza se ele está respirando. Seus olhos cansados e vermelhos me perfuram com aquele olhar silencioso e frenético, vasculhando meu rosto com uma intensidade perturbadora.

É muito estranho.

Lentamente, movo minha mão para colocá-la sobre a dele, que ainda repousa sobre minha coxa. No momento do contato, um tremor violento percorre seu corpo, mas, fora isso, ele permanece imóvel. Ele apenas... continua me olhando. O que aconteceu com ele? Algo aconteceu. Nos últimos meses, conheci Arturo o suficiente para saber que isso não é normal. Nunca o vi se comportar assim. Isso me faz questionar seriamente seu estado mental atual.

— Hum... talvez devêssemos chamar um médico?

Isso me faz piscar. Então, ele praticamente salta da cadeira como se tivesse levado um choque e sai correndo do quarto. Em segundos, ele está de volta, meio arrastando, meio carregando um homem de meia-idade de jaleco branco. Sem dizer uma palavra, ele deposita o homem hiperventilando ao lado da minha cama.

— Eu quis te dizer, — murmuro. — Eu estou bem.

Outro piscar de olhos, e o pobre médico é empurrado para fora do quarto. A porta se fecha com um estrondo alto, e então Arturo está de volta ao meu lado.

Lentamente e com cuidado, ele pega minha mão, cobre-a com a outra palma e retoma sua vigília silenciosa e bizarra.

— Você está me assustando, Arturo.

O aperto em minha mão se intensifica. Ele se inclina para frente, bem devagar, até que seu rosto fica a poucos centímetros do meu.

— Você morreu. — Sua voz é tão baixa que mal pode ser considerada um sussurro. — Por um minuto e quarenta e sete segundos, seu coração parou. E durante cada um desses cento e sete segundos, eu morri mil mortes. Isso me destruiu, *gattina*.

Respiro fundo.

Nunca pensei realmente em morrer. Bem, nunca contemplei o que acontece com nossos corpos e almas após a morte. Houve momentos, porém, em que me perguntei se minha vida teria algum impacto neste mundo. A resposta sempre foi: improvável. Não fiz nenhum grande feito. Nada que deixasse um legado que pudesse ser continuado. Nenhuma façanha digna de nota.

Como não sou o que a maioria chamaria de ‘pessoa simpática’, minha morte provavelmente não afetaria muitas pessoas. Drago e Keva, com certeza. Eles ficariam muito tristes. Talvez também alguns amigos. Jelena. Desde alguns meses atrás, Sienna. E, talvez, meu mecânico. Ele só sentiria minha falta porque ganhou uma pequena fortuna ao longo dos anos consertando meu carro velho. Era o que eu imaginava, considerando meu papel.

Nunca, em um milhão de anos, imaginei que minha morte abalaria o poderoso Arturo DeVille.

— Não consigo passar por isso uma segunda vez, — ele continua com voz trêmula. — Prefiro morrer a passar por isso novamente. Você me entende?

É minha vez de ficar olhando para ele, estupefata. A única coisa que consigo fazer é acenar com a cabeça, muito abalada pelo tom e pelo tremor em sua voz para conseguir dizer qualquer outra coisa. Ele parece devastado e absolutamente sério.

— Ótimo. — Ele se aproxima até nossas testas se tocarem. Segurando meu rosto com as mãos, ele fecha os olhos e solta um longo suspiro. — Puta merda, querida.

Inclinando meu rosto, roço minha boca na dele. Quando ele puxa meu lábio inferior entre os seus, ele o faz com tanta ternura que meu coração se enche de alegria. Esse deve ser o beijo mais suave e gentil que já demos. Ele me abala profundamente.

— Você precisa descansar, — ele sussurra contra meus lábios, ainda roçando-os com os seus. — Ilaria voltará em algumas horas para fazer um check-up em você.

— Tudo bem. — Estou cansada, meio grogue. Uma soneca parece maravilhosa agora. Os remédios que estou tomando devem estar causando a sonolência que estou sentindo. — Onde está Drago? — pergunto antes de me acomodar.

— Ele está na sala de espera. A segurança teve que contê-lo, mas vou garantir que ele esteja aqui quando você acordar.

— Hum... obrigada. — Minhas pálpebras estão pesadas.

— Depois, tenho alguns documentos que você precisará assinar.

É claro que, mesmo na morte, não se pode escapar da burocracia. — Claro.

Encosto o rosto na palma da mão dele e deixo o sono tomar conta de mim.

***

— Vou matar aquele filho da puta.

Olho para o meu irmão com raiva. — Não, você não vai.

— Você quase morreu por causa dele! — ele rosna.

A última coisa que quero é ver Drago tão perturbado como estava quando invadiu o meu quarto no hospital há dez minutos. A expressão no rosto dele era mais parecida com a de alguém morrendo de *medo*. Ainda assim, prefiro lidar com isso do que com a sua raiva assassina. Estou seriamente preocupada que ele possa realmente matar Arturo. Estendo a mão e pego a dele.

— Não. Eu quase morri porque congelei. Eu tinha tempo para fugir, e o caminho para a porta da frente ainda não estava bloqueado. Eu poderia ter saído correndo da casa assim que o incêndio começou, e nada disso teria acontecido. — Aperto seus dedos. — Sinto muito por ter assustado todo mundo.

Ele balança a cabeça e beija o topo da minha cabeça. — Ainda vou dar uma surra naquele idiota.

— Você não vai tocar num fio do meu marido. Eu o amo, Drago.

— Você não acha que já está na hora de parar com essa palhaçada? — ele rosna. — Eu sei que Ajello esteve por trás desse casamento falso. O bastardo me contou isso pessoalmente. Ele veio me ver algumas semanas antes do seu casamento, cuspindo ideias malucas sobre armar uma cilada para DeVille e você ficarem juntos para que se apaixonassem. Cristo! Eu nunca vou me perdoar por ter entrado nessa palhaçada em vez de...

— Em vez de resolver meu problema? — eu o interrompo. — Provavelmente arrancando a cabeça de Ajello e Arturo, certo?

— Estripar os dois era o que eu tinha em mente, mas arrancar as cabeças deles também teria funcionado.

Solto um suspiro longo e pesado. Não preciso perguntar se ele está falando sério, porque sei que está.

— As razões que nos uniram, Arturo e eu, não importam. Nenhuma delas muda as coisas. Eu o amo. E ele me ama. — Uma pontada atinge meu peito ao dizer isso. Arturo nunca disse que me ama. E eu sei que ações falam mais alto que palavras, mas mesmo assim... — Então, eu agradeceria se você deixasse a cabeça do meu marido onde está. Obrigada.

— Você merece um homem que a valorize e proteja, Tara. Que a ame tanto que...

— Ele entraria em um prédio em chamas e arriscaria a própria vida para me carregar através de uma parede de chamas? — pergunto. — Assim como você fez por mim? Era isso que você estava prestes a dizer?

— Sim! É exatamente isso que... — Ele interrompe a frase e desvia o olhar. — Porra. Eu odeio aquele filho da puta.

Não consigo deixar de rir, mesmo que isso me faça doer os pontos. — Isso não é uma competição, Drago.

— Certo.

— E se vocês dois deixassem de lado essa competição idiota entre vocês, talvez percebessem o quanto são parecidos.

Ele me lança um olhar cheio de incredulidade e repulsa total. — Deus me livre. E, para que conste, não acredito nem um pouco que você esteja realmente apaixonada por DeVille.

— Hmm... Bem, talvez eu devesse pedir a Mirko para instalar uma câmera no meu quarto e de Arturo? Uma com transmissão ao vivo para o seu laptop? Assim você poderia ver por si mesmo o quanto nos amamos. Talvez então você se convencesse? — Mordo a parte interna da bochecha para não deixar o sorriso aparecer no rosto. — Claro, uma câmera pode não ser suficiente. Vou pedir para ele colocar outra no banheiro. E na entrada. Na cozinha, com certeza. Ah, na escada também! Nós também costumamos...

— Pelo amor de Deus, pare! Ver aquele idiota apalpando minha irmã no meio da garagem já foi o suficiente. Eu realmente não preciso saber todos os lugares onde vocês dois fazem coisas nojentas. Jesus!

— Sexo, Drago. S. E. X. O. A mesma coisa que você não se cansa de fazer com sua esposa. E se você não quer saber mais sobre minha vida sexual, sugiro que peça a Mirko para cortar a conexão com nossos sistemas de segurança. E, para que conste, essa foi uma atitude de merda, irmão mais velho.

— Vou pensar nisso, — resmunga ele.

— Tudo bem. Vou dizer a Arturo que, a partir de agora, todos os nossos momentos de diversão carnal vão acontecer na varanda da frente. Ele vai adorar. Todo aquele ar fresco vai despertar o homem selvagem que há nele.

— Você não faria isso.

Ergo uma sobrancelha.

— Tudo bem. — Ele range os dentes. — A propósito, onde está o garoto bonito?

— Ilaria o levou para fazer um check-up e alguns exames de sangue. Ela teve que ameaçar restringir todas as visitas a mim se ele não obedecesse às ordens médicas.

— Para que diabos ele precisa de um check-up? Para garantir que cada fio de cabelo esteja no lugar?

— Ha! Engraçado, mas não. Considerando que ele quase sofreu um choque hipovolêmico[8] ao doar todo aquele sangue para minha transfusão, ela precisava ter certeza de que ele estava bem e que sua teimosia não causaria complicações.

Drago pisca para mim como se minhas palavras o tivessem deixado um pouco atordoado, mas a expressão de surpresa em seu rosto rapidamente se transforma em irritação. — Eu sou seu irmão. Eles deveriam ter me chamado para doar sangue.

— Oh, pelo amor de Deus. — Olho para o céu e suspiro. — Dê o fora, Drago. E mande Keva entrar.

Ele beija minha bochecha e se levanta para sair, bem quando me ocorre uma ideia. Mordo o lábio inferior.

— Ei. — Eu agarro seu antebraço. — Você acha que Dina teria gostado de Arturo?

Um sorriso sereno se forma em seus lábios. — Sim. Acho que sim. Infelizmente.

---

[8] Acontece quando o corpo perde muito sangue ou líquidos, a ponto de o coração não conseguir bombear sangue suficiente para os órgãos. Isso pode levar a queda brusca da pressão arterial, falta de oxigênio nos tecidos e, se não tratado rapidamente, até à morte.

Ele atravessa a sala até a porta, mas antes de abri-la, vira-se abruptamente. Seus olhos - preocupados, mas resignados - percorrem meu corpo. O que ele está pensando? Sobre Dina? Nosso passado? Arrependo-se das escolhas que ambos fizemos?

— Você realmente ama aquele idiota?

— Amo. Amo mesmo, de verdade.

***

A lâmpada da mesinha de cabeceira ao lado da minha cama de hospital projeta uma luz suave sobre a pilha de papéis em minhas mãos, tornando o branco imaculado ligeiramente amarelado. Doentio. Enfermo. Minha mente não consegue compreender o texto diante dos meus olhos, então eu olho para ele com um pouco mais de atenção. Tentando... entender.

Como pude estar tão errada? Eu estava realmente tão drogada pelos remédios a ponto de entender completamente errado as palavras de Arturo? Meu olhar desliza para o final da página. Abaixo do título em negrito. A data. Nossos nomes. Concentrando-me nas duas linhas. A linha superior já contém a assinatura elegante do meu marido.

Não posso passar por isso uma segunda vez.

Pensei que ele estava confessando que me amava.

Obviamente, estava enganada.

Essa constatação bate no meu peito como uma marreta, e a dor é mil vezes maior do que o desconforto físico real após a cirurgia.

É agonia, mas infinitamente mais.

Não querendo que ele veja o efeito que isso está causando em mim, mordo o lábio inferior para impedir que ele trema. Então, olho para cima e encontro o olhar penetrante de Arturo.

— Você quer o divórcio, DeVille?

— Sim.

Sua resposta instantânea parece um golpe final, me destruindo completamente. Não consigo esconder o tremor dos meus dedos enquanto tiro a caneta presa na borda superior da pasta e coloco a ponta na linha em branco. A tinta azul escorre pela página, mas minha visão fica embaçada, distorcida, e transforma tudo o que estou vendo em vermelho. Na minha mente, estou assinando outro acordo com o diabo. Desta vez, com meu sangue.

— Pronto. — Fecho a aba da pasta sobre o documento e mantenho minha atenção fixa naquela coisa miserável. *Não vou deixar ele me ver chorar*. — E o meu dinheiro? Combinamos um milhão por cada mês de casamento.

— Acordamos. E como estou quebrando o acordo, todos os doze milhões foram depositados na sua conta há uma hora.

Engulo em seco. Mal consigo. — Perfeito. E Ajello?

— Eu cuido do chefe.

Ele vai cuidar do chefe. Ótimo. — Vou ficar com os anéis.

— Eu não aceitaria de outra forma. Na verdade, insisto que você fique com eles.

Bastardo. Vou mandar derreter, só por isso. — Bem, gostaria de poder dizer que foi bom fazer negócios com você, DeVille, mas...

— Igualmente.

Sua voz soa divertida. O idiota está se divertindo. Claro que está. Primeiro, ele destruiu minha vida. Agora, meu coração. Mas tudo bem, fico feliz por ter conseguido entretê-lo. Deus, por que ele não dá o fora daqui para que eu possa desmoronar em paz? É pedir demais? É?

Meus olhos permanecem fixos na pasta, mas finalmente percebo um leve movimento no canto do olho. Só que... Ele não está indo embora. O que... o que ele está...?

Levantando a cabeça, tudo o que consigo fazer é olhar para Arturo com espanto, de olhos arregalados. Ele está ajoelhado ao lado da minha cama. Está vestindo um de seus ternos elegantes, aparentemente depois de tomar banho e se trocar enquanto eu dormia, e está ajoelhado no chão do hospital como se não se importasse com isso.

— O que você está fazendo?

— Paciência, *gattina*, — ele diz, enfiando a mão no bolso da calça.

Estou prestes a mandá-lo embora quando ele limpa a garganta. Seus olhos capturam os meus, e não há um pingo de alegria neles. Ele realmente parece um pouco...

— Eu estraguei tudo, — ele deixa escapar, passando a mão pelo cabelo como se estivesse nervoso. — Muito. Estraguei tudo porque fui idiota. E teimoso. E porque tive medo. — Sua voz falha um pouco na última palavra. — Você me disse uma vez que sempre estraga tudo, mas isso não é verdade. Fazer buracos na parede ou desmontar a máquina de café com uma faca de manteiga, isso não é estragar tudo, querida. É apenas você sendo você. Você é independente e engenhosa. Algumas coisas podem não sair do jeito que você quer, mas você não foge dos desafios. Você

não desiste, e eu amo isso em você. Eu amo tudo o que você faz. Mesmo quando envolve travessuras bizarras com o cabelo. Eu adoro ver qual será a sua próxima ideia maluca, e quero continuar experimentando isso pelo resto da minha vida.

Ele fica em silêncio, mas tenho a sensação de que não terminou. Seus olhos continuam saltando entre os meus, como se ele estivesse tentando me dizer algo sem emitir nenhum som. Implorando para que eu entenda cada palavra sua. É como se ele estivesse respirando fundo antes de mergulhar. Preparando-se para acender um fósforo em uma sala cheia de hidrogênio em vez de ar. E eu fico sem fôlego, lutando para respirar. Esperando pela faísca que vai explodir meu mundo com sua próxima expiração. Sua próxima frase.

— Eu te amo, *gattina*.

B

O

O

M

— Tara, por mais de uma década, além das minhas irmãs, a Família Cosa Nostra foi a coisa mais importante na minha vida. Mas então você entrou nela como uma bela tempestade. Meu precioso perigo. E eu percebi que você ofuscava tudo. A Família - se eu tivesse que escolher, eu a teria traído por você. Minha vida - eu teria dado a minha para salvar a sua em um nanossegundo. Eu abriria mão de tudo por você, querida, tudo. E esse pensamento me assustava profundamente. Ter esse tipo de fraqueza era simplesmente incompreensível. Mas foi isso que você se tornou. Meu calcanhar de Aquiles.

— E então, eu me revoltei. Tentei te afastar quando tudo o que eu realmente queria era te abraçar, te manter segura e nunca te deixar ir. Porque eu te

amo. Desesperadamente. — Ele respira fundo e tira um anel do bolso, levantando-o na frente do meu rosto. — Sinto muito, Tara, querida. Você quer se casar comigo?

Eu suspiro. Espanto, raiva e uma felicidade vertiginosa surgem dentro de mim, lutando pelo domínio enquanto continuo a olhar boquiaberta para o lindo anel de ouro com outra esmeralda deslumbrante no centro, ainda mais bonita do que a do meu anel atual.

— Você está brincando comigo? — finalmente consigo dizer. — Você acabou de me entregar os papéis do divórcio!

— Quero consertar as coisas, *gattina*. Quero que cada passo da nossa vida juntos seja real. Um dia, nossos filhos devem ouvir a história de como o pai deles pediu a mãe em casamento, ajoelhado diante dela. Não que ele fosse um idiota e chantageasse o amor da sua vida para se casar com ele, — ele sorri maliciosamente. — Mas como posso pedir você em casamento se já somos casados? Por favor, Tara. Me dê a honra de se tornar minha esposa.

Pego a pasta com os papéis do divórcio, balanço-a e bato na cabeça dele.

— Isso é um *sim*? — Ele sorri timidamente e aperta os olhos.

— Eu passei por um inferno, pensando que tinha me apaixonado por um idiota que não dá a mínima para mim! — grito. — Não, Arturo. Definitivamente *não* é um sim.

Aquele sorriso malicioso se transforma em uma careta quando a confusão toma conta de seu rosto. Levantando-se rapidamente, ele se inclina até ficar na altura dos meus olhos.

— O quê?

É minha vez de sorrir. Agarrando a lapela de sua jaqueta, puxo-o para baixo para um beijo de tirar o fôlego.

— Se você achou que eu ia facilitar as coisas para você, se enganou, querido. — Eu sorrio contra sua boca. — Desta vez, você vai ter que merecer esse *sim*. — Eu roço seu lábio inferior com os dentes. — Mas o anel é bonito. Eu vou aceitar.

Epílogo

Vários meses depois



Festa de aniversário de Milene Ajello

Nova York

Não acredito que ela disse *não*. De novo.

Não interrompo nosso beijo enquanto chuto a porta do banheiro e a tranco.

— Algo me diz que o chefe não vai ficar feliz por termos abandonado a festa da esposa dele, — diz Tara, ofegante, enquanto mexe no meu cinto.

— Vou pedir desculpas por não dar a mínima. — Envolvendo meus braços em torno de sua cintura, levo-a até a penteadeira.

— Talvez você devesse reconsiderar sua atitude, querido. Afinal, você precisa ficar bem com ele para que ele não fique muito irritado por você ter delegado a revisão de todos os documentos da empresa para mim.

— Ajello já sabe. Ele até mencionou que vai jogar todo o trabalho dele para você também. — Aperto minha boca na dela. — Agora, chega de conversa de trabalho. Tudo o que eu quero agora é foder minha esposa até ela perder os sentidos.

— Ex-esposa.

Eu rosno. Ela adora trazer essa merda à tona. Isso me irrita profundamente, e ela sabe disso. Ela também sabe que*, tecnicamente,* nosso divórcio nunca foi finalizado porque eu me recusei a assinar os papéis. Nada disso me impediu de tentar reconquistar minha esposa. Eu a cortejei, namorei, preparei todas as suas refeições favoritas, que agora ela não tem problema em saborear noite após noite, e tentei continuamente convencê-la a aceitar meu pedido de casamento. Desta vez, sem coerção. Apenas meu amor.

Incluindo minha tentativa inicial no hospital, tentei a sorte exatamente dezenove vezes. Independentemente da hora, data ou lugar, a resposta foi *não*, *não*, *não*.

Tentei durante a celebração da *Preslava* na casa do irmão dela, achando que pedir em casamento na frente da família e dos amigos malucos dela daria certo. A *Preslava* é basicamente outra versão da *Slava,* mas com menos convidados. Infelizmente, ainda incluía o porco assado. Mesmo assim, ajoelhei-me e pedi a Tara em casamento na frente de cinquenta pessoas. Ela recusou. Mas ficou com o anel. Mulher frustrante. O dia acabou se transformando em um desastre depois disso. Enquanto tentava seduzir minha esposa, acabei abandonando minhas funções como assador de porco. A coisa acabou queimando tudo. Isso levou Drago e eu a trocar socos no meio da tenda da festa, e conseguimos derrubar e rolar no bolo que Keva fez para a ocasião. Não importava quem saísse por cima. Acho que todos apenas se divertiram, como se fôssemos dois palhaços ali para entreter a multidão. Alguém começou uma lista de pedidos para o próximo evento familiar.

Isso me obrigou a mudar de tática. A vez seguinte que tentei pedi-la em casamento foi durante um jantar em um dos restaurantes favoritos da Tara em Manhattan. Eu tinha certeza de que um lugar mais chique a deixaria mais receptiva, especialmente se a lembrasse de algo daqueles livros que ela gosta de ler. Eu até contratei um quarteto de cordas para tocar sua música favorita ao fundo. As pessoas ao nosso redor aplaudiram e comemoraram enquanto ela me lançava aquele sorriso de tirar o fôlego. Mas o barulho rapidamente se acalmou com o seu sonoro *'não'*.

Minha segunda tentativa de pedi-la em casamento foi na ópera, durante o intervalo entre os dois primeiros atos. Depois, na livraria local, enquanto ela folheava a seção de livros históricos eróticos. No cinema. Em frente à loja de lingerie.

Não, Arturo. *Não*. *Não, e pare de interromper o filme. Não. Você está causando uma cena.*

Dezenove vezes, porra! Eu abri meu coração ajoelhado. Todas as tentativas foram respondidas com um não. Mas, todas as vezes, ela se certificava de aceitar o anel. A essa altura, eu já tinha um pedido em aberto com meu joalheiro em Roma. Um novo anel de esmeralda feito sob medida a cada duas semanas.

Todos os anéis de noivado que lhe ofereci estão alinhados em cima da cômoda do nosso quarto, na nossa casa recém-reformada. São uma triste prova de todas as minhas tentativas falhadas de convencer a Tara a escolher-me. Cada vez que olho para eles, não consigo decidir se quero rir ou matar alguém. A minha única salvação? Ela nunca tirou o meu anel original. Nem a aliança que lhe dei. Ambos estão sempre presentes no seu dedo delicado.

— Sem chupões, — Tara murmura no meu pescoço. — E, por favor, tente não estragar minha roupa desta vez.

— Não prometo nada.

O vestido rosa que ela está usando é justo, mas, de alguma forma, consigo puxar a barra até a cintura sem rasgar o tecido. Sem calcinha. Perfeito. Coloco sua bunda nua no mármore e pego meu pau.

— Talvez eu devesse apenas transar com você até você ficar sem sentidos e submissa. — Seu cabelo é uma cascata de ondas lindas, chegando até a metade das costas, todo macio e sedoso. Quando agarro uma mecha na parte de trás da cabeça dela, os fios escorregam pelos meus dedos. — Eu deveria levá-la ao limite e simplesmente mantê-la lá até você dizer *sim* ao meu pedido, *sim* para se casar comigo novamente.

Um sorriso malicioso se espalha por seus lábios, e mais uma vez fico perplexo com o quanto ela é de tirar o fôlego.

— Estratégia interessante. — Segurando a borda da bancada, ela se inclina para trás e abre bem as pernas. — Você definitivamente deveria tentar, querido.

— Talvez eu tente. — Eu a penetro com um movimento suave. Lar. Felicidade total.

Sua pele é tão sedosa sob minha palma enquanto traço a delicada coluna de sua garganta. Perfeita. Absolutamente perfeita. Assim como ela inteira. Inclinando meus quadris, mergulho mais fundo, depois puxo para fora, deixando apenas uma fração de centímetro. Ela adora quando eu a penetro sem piedade, recuando quase completamente antes de voltar com força.

Mas não esta noite. Esta noite, vou fazê-la concordar em se casar comigo, mesmo que isso faça meu pobre pau dolorido explodir no final. Seu pulso acelera sob meus dedos, e sinto o rápido subir e descer de seu peito. *Sim, querida, sim.*

Deslizando minha outra mão pela coxa dela, eu a deslizo entre nossos corpos, passando meus dedos pela entrada de sua boceta, até seu clitóris doce e inchado. Um ponto tão sensível, pulsando a cada movimento do meu polegar. Tara está tão molhada que o barulho de nossa carne batendo enche o cômodo. Alto e obsceno. Eu adoro isso. O cheiro de seu desejo está me deixando louco. Faminto. Ansioso por mais. Acelero o ritmo, empurrando mais rápido, mas recuando quando sinto que ela está chegando perto demais do precipício.

Unhas afiadas cravam-se no meu pescoço, deixando com certeza marcas vermelhas em forma de lua crescente que ficarão na minha pele durante horas. Marcando-me como dela. Isso não é realmente necessário. Sou dela desde o momento em que os meus olhos se cruzaram com os da minha gata selvagem, e serei dela até ao meu último suspiro.

— Talvez você queira reconsiderar minha oferta? — Passo os dentes pela borda do queixo dela, depois desço pela garganta delicada, pelos seios arredondados.

— Não. — Sua resposta sai mais como um gemido prolongado do que como uma palavra claramente pronunciada.

Droga.

Eu me movo novamente, mudando o ângulo mais uma vez. Meus quadris empurram com mais força, mais rápido. Estou pressionando o mais fundo que posso enquanto suas paredes internas se fecham em torno de mim, me apertando como um torno. As luzes do teto lançam um brilho intenso sobre seus seios lindos. Seios que agora estão quase saindo do decote do vestido. Eu xingo por dentro por não ter mãos suficientes para fazer tudo o que quero com minha mulher. Tocá-la em todos os lugares. Tudo ao mesmo tempo. Sou forçado a abandonar sua garganta para poder

agarrar seu seio direito, massageando-o levemente. Combinando a pressão dos meus dedos com o ritmo das minhas estocadas.

— Posso continuar assim por horas, — minto. Aquela sensação na base da minha espinha já está se espalhando, me levando cada vez mais perto do limite. Eu me esforço para aguentar, prolongando o prazer dela, enquanto o cheiro doce e inebriante do nosso amor me envolve, diminuindo minha determinação.

— Mentiroso, — ela ofega ao lado do meu ouvido. — Nós dois sabemos que eu posso te quebrar, e só preciso fazer isso.

Seus dentes afundam na pele macia entre meu pescoço e ombro, enviando uma descarga elétrica por todo o meu corpo. Eu grito. Agarrando seus joelhos, eu os empurro para abrir mais, e então começo a penetrá-la como um homem possuído.

Suas costas se arqueiam em minha direção enquanto ela geme. Os sons mais bonitos saem de seus lábios pecaminosos enquanto eu a possuo. A cada estocada, posso sentir seu centro espasmar ao redor do meu pau. Ela explode. Tremendo, estremecendo, cavalgando as ondas de êxtase enquanto grita meu nome.

Minha. Só minha.

Rangendo os dentes, eu me retiro, e a perda repentina do calor dela quase me faz cair de joelhos. Acaricio o rosto dela com as palmas das mãos, persuadindo seus olhos ligeiramente atordoados a encontrar os meus. Cada músculo do meu corpo está tenso. A necessidade de mergulhar de volta nela é avassaladora. Um desejo visceral que não pode ser negado. Eu quero enchê-la com minha porra, marcá-la completamente. Mas também preciso que ela entenda.

— Eu te amo mais do que qualquer outra coisa neste mundo, *gattina*, — digo com voz rouca. — Mais do que qualquer coisa. Você consegue entender isso?

Aquele olhar esmeralda queima-me enquanto os seus lábios tremem. Não importa quantas vezes ela já tenha dito isso antes, o medo de que desta vez ela possa permanecer em silêncio quase me sufoca. A dúvida surge de que, de alguma forma, eu arruinei tudo para nós, afinal. Preciso de ouvir as palavras dela ou posso morrer.

— Eu também te amo, Arturo.

O alívio invade meu corpo como uma chuva vivificante. Cada vez que ela diz isso, uma onda de choque percorre meu corpo. Soltando um gemido, mergulho de volta em sua boceta, tão fundo e com tanta força que quase gozo naquele instante.

O grito apaixonado de Tara explode na sala. É alto, e aposto que todos no salão de banquetes provavelmente ouviram. Acima da música, das conversas e de tudo mais. Tremores sacodem seu corpo enquanto ela se desfaz em meus braços. De novo. Eu a seguro com força, assim como pretendo segurá-la por toda a eternidade. Mantendo-a segura e protegida em meus braços.

Só depois que ela começa a descer da euforia é que eu volto a penetrá-la, buscando meu próprio alívio. Apenas duas estocadas me levam ao clímax. Minhas bolas se contraem e eu gemo quando minha porra explode dentro dela, enchendo-a com minha semente.

Minha bruxa.

Meu pequeno e precioso perigo.



Um mês depois

Piazza Navona, Roma

Ao me aproximar do centro da praça, a magnificência dos edifícios centenários ao meu redor me tira o fôlego. As pedras sob as solas das minhas sandálias de salto alto estão quentes com o calor do sol da tarde. Grupos de turistas estão reunidos por toda parte, suas vozes se misturando em um zumbido harmonioso de várias línguas diferentes. O ar cheira levemente a castanhas assadas, e a brisa leve traz o aroma delicioso de pão fresco dos cafés próximos.

Não acredito que estou em Roma!

— É a coisa mais bonita que já vi, — sussurro, absorvendo a vista.

— Não poderia concordar mais, — diz Arturo atrás de mim.

Eu me viro e o vejo encostado no muro de pedra, olhando para mim. Mais cedo, ele tirou o paletó na suíte do hotel e decidiu sair sem ele. As mangas da camisa social estão arregaçadas e os dois botões superiores estão abertos. A gola aberta deixa à mostra um pouco do peito bronzeado, as clavículas sensuais e o pescoço coberto por uma barba por fazer, com um crucifixo de ouro ao redor.

Ao olhar para o meu homem, lembro-me daquele dia não muito distante em Naos. Naquela época, foi o brilho das luzes, em vez dos raios de sol em seu colar,

que chamou minha atenção quando me aproximei dele. Mesmo depois de todos esses meses, ele ainda tem o poder de tirar meu fôlego.

— Você vai finalmente explicar por que insistiu para virmos a Roma, de todos os lugares, neste fim de semana? — pergunto.

— Na semana passada, depois que Drago mencionou as férias que vai tirar com Sienna, você provocou-o dizendo que ele nunca a levava a lugares divertidos. — Ele se afasta da parede e se aproxima de mim com passos lentos e predatórios. — E bem, você sabe o quanto eu adoro irritá-lo. Então, decidi que você merecia uma viagem antes deles, — ele ri. — Deixei um cartão postal para ele na recepção do hotel, com instruções para que fosse enviado como correio prioritário.

— Você ainda está chateado com Drago por ele ter conspirado com Ajello? Ou ainda acha que ele vendeu a propriedade dos gregos para você de propósito, dando início a tudo o que passamos?

— Ambas as coisas. Mas também não gosto dele.

— Já discutimos isso, Arturo.

— Mm-hmm. Mas o idiota ainda acha que ama Sienna mais do que eu amo você.

— Vocês dois precisam parar com esse comportamento infantil. Quem ama mais quem é uma competição ridícula. — Suspiro. Acho que é melhor do que as outras besteiras sobre as quais eles continuam discutindo. Sienna e eu temos tentado resolver a animosidade entre nossos irmãos. Até agora, sem muito sucesso. Drago responsabiliza Arturo por eu ter levado um tiro e quase morrido. E Arturo está convencido de que toda essa confusão não teria acontecido se Drago tivesse mais senso nos negócios. No que diz respeito a explorar as garantias dos gregos, é claro. — Alguma notícia do pai de Stavros?

O rosto de Arturo se contorce em uma máscara de raiva. — Não. O filho da puta parece ter desaparecido e ninguém conseguiu localizá-lo. Mas ele vai aparecer eventualmente. E quando aparecer, vou garantir que sua morte seja lenta e extremamente dolorosa. — Ele segura meu rosto com a mão, enquanto a outra mão repousa sobre meu coração. — Ainda sou atormentado por pesadelos sobre aquela noite. Quase te perdi.

— Estou bem. Estou aqui. Com você. — Levantando-me na ponta dos pés, pressiono minha boca contra a dele.

Ele puxa brevemente meu lábio inferior entre os dentes, mas então, com uma expressão bastante divertida no rosto, se ajoelha.

— Outra razão pela qual escolhi Roma é porque meu joalheiro está aqui. Assim, quando você me disser 'não' mais uma vez, poderei pegar o novo anel imediatamente e pedir você em casamento novamente. — Ele sorri, levantando um anel de esmeralda em sua caixa de veludo diante de mim. — Você quer se casar comigo*, gattina*?

Meu coração palpita como sempre quando ele me pergunta isso. Ele tem tentado corrigir seus erros, começando com um pedido de casamento romântico que eu nunca recebi antes de concordarmos em nos casar. Assim que eu aceitar, ele quer que renovemos nossos votos. Para dizer palavras de amor um ao outro e, desta vez, ambos com sinceridade. Até agora, ele já me pediu em casamento mais de uma dúzia de vezes, talvez quase vinte. Sinceramente, perdi a conta. Mas está na hora. Ele se redimiu o suficiente.

Eu sorrio e pego o anel. O tão esperado *'sim'* está prestes a sair dos meus lábios quando o olhar de Arturo se volta para o lado. A alegria em seus olhos se transforma em frustração enquanto ele olha para algo atrás de mim.

— Você está brincando comigo.

— O quê? — Olho em volta, sem ver nada de errado. — Eu não... O que está acontecendo? — Fico boquiaberta enquanto Arturo se levanta, proferindo um monte de palavrões em italiano e enfiando meu anel de volta no bolso. — Ei! Devolva isso!

— Não. Aquele merdinha me seguiu até aqui. Não vou deixar que a má sorte estrague isso para nós.

— Do que diabos você está falando?

— Isso. — Ele aponta o queixo para a direita.

Meu olhar se desloca na direção que ele indicou. Passando rapidamente pelos turistas aglomerados em grupos. Procurando, procurando. Até parar na lata de lixo ornamentada perto de um restaurante.

Em cima dela, com a pata traseira levantada, está sentado um gato preto magro. Um gato que lambe vigorosamente o próprio traseiro.

Bato com a palma da mão na boca para abafar uma risada. Sem sucesso. Rindo do todo-poderoso Arturo DeVille. Meu homem é supersticioso?

— Por que você está rindo? Não tem graça, — ele resmunga.

Balançando a cabeça, agarro a frente da camisa dele e puxo-o para baixo para um beijo.

— Me dê o anel, — murmuro em seus lábios.

— Não, — ele responde com voz rouca.

Eu recuo. — Como assim, ‘não’?

— Quero que seja perfeito. E isso definitivamente não é.

— Mas eu só ia...

Sua boca se choca contra a minha, cortando o resto das minhas palavras.



Algum tempo depois

Nova York

— Sim, eu sei que é urgente, chefe. — Fecho a porta com o pé e levo a sacola de compras para a cozinha. Na pressa de chegar em casa, quase esqueci de pegar os ingredientes para a lasanha que vou ensinar Tara a fazer amanhã. Enquanto Ajello tagarela no meu ouvido, guardo tudo rapidamente e saio em busca da minha esposa. — Tara já leu o contrato e o analisou minuciosamente. Aqueles idiotas tentaram incluir uma taxa mais alta do que a acordada originalmente e adicionaram uma penalidade à cláusula de atraso. Acho que eles acharam que não iríamos perceber. Vou ver se...

Paro bruscamente no meio da escada, sem acreditar no que vejo. Água escorre pelos degraus do andar superior e cai no patamar como uma pequena cachoeira.

— Vou ter que ligar de volta. — Desliguei o telefone.

Enquanto desço os degraus dois a dois, as solas dos meus sapatos espirram a água corrente que rapidamente molha os meus pés. Sons ridículos de esguicho me perseguem enquanto sigo pelo corredor em busca da origem do vazamento.

— Tara! — Entro no nosso quarto. — Querida, o que está acontecendo aqui?

— Oh, oi, querido. — Minha esposa aparece na porta, sorrindo timidamente. — Chegou cedo. Que tal voltar para o escritório e tentar novamente daqui a uma hora? Ou talvez três. Amanhã seria melhor.

Seu cabelo molhado está preso no topo da cabeça, com vários fios colados às bochechas rosadas e à testa. A camiseta cinza que ela está usando está encharcada, colada aos seios e à barriga. Hoje ela não está usando sutiã. Que sorte a minha.

— Acho que vou ficar.

— De jeito nenhum! — Ela sai do banheiro pelo espaço mais estreito, fechando a porta atrás de si, e então se inclina contra ela como se fosse Cerberus[9] guardando o portão. — O encanador já está a caminho e tudo será consertado em pouco tempo. Te mando uma mensagem assim que estiver tudo pronto.

Um sorriso ameaça surgir no meu rosto, mas eu o contenho, mordendo o interior do lábio. Jogando minha jaqueta nas costas da poltrona reclinável que começou a absorver água na base, atravesso o chão inundado e me inclino para beijar minha esposa.

— O que você fez, Tara, querida? — sussurro enquanto mordisco seu lábio inferior. — Deixou a banheira encher e esqueceu?

— Não. O cano debaixo da pia estava pingando, — ela explica enquanto sobe no meu corpo para envolver minhas pernas com as pernas. — Eu sabia que seu dia estava cheio de reuniões e outras coisas e que você estaria exausto quando

[9] Cão monstruoso de três cabeças que guardava a entrada do submundo de Hades.

chegasse em casa. Então, tentei consertar, porque não queria que você tivesse que lidar com isso. Hum... Mas não saiu como planejado.

— Posso dar uma olhada?

Suspirando frustrada, ela enterra o rosto na curva do meu pescoço. — Por favor, não. Está um desastre.

— Tenho certeza de que não está tão ruim assim. — Eu ajusto meu abraço, movendo Tara para poder apoiar sua bunda com uma mão enquanto alcanço a maçaneta da porta do banheiro com a outra.

E abro o portal para o caos total.

Vários jatos saem do cano rachado embaixo da pia como gêiseres, jorrando em quase todas as direções. O maior deles atinge a parede oposta, resultando em respingos secundários à medida que o jato ricocheteia e encharca tudo à vista, incluindo minha caixa de ferramentas, que está meio submersa ao lado da pia aberta.

— Eu... tentei fechar a válvula embaixo da pia, mas devo ter feito algo errado e a alavanca meio que quebrou, — ela continua em voz baixa, com o rosto ainda pressionado no espaço entre meu pescoço e meu ombro. — Sinto muito. Prometo que vou consertar essa bagunça.

Beijo sua testa, depois pego seu queixo entre os dedos e inclino sua cabeça para que nossos olhares se encontrem. — Tudo bem.

— Não está *tudo bem*, Arturo. E o piso novo? É de madeira maciça. E a casa toda foi reformada. E os móveis? E...

Ela continua a expressar as suas preocupações a um ritmo acelerado enquanto eu atravesso o chão encharcado, levando-a até ao armário das toalhas e

tentando ao máximo evitar os piores salpicos. Parece ser o local mais seguro, por isso coloco a minha esposa na bancada.

— …se é que dá para consertar, claro. Merda. E se precisarmos trocar todos os canos da casa?

A água salpica as minhas costas enquanto enfio a mão no bolso e tiro uma pequena caixa de veludo. Tenho-a comigo desde que regressámos de Roma, à espera do momento perfeito.

Perfeito. A única coisa perfeita na minha vida é a minha esposa. Com ela, tudo o mais se torna perfeito.

— E se o seguro não cobrir? E... Arturo? Que diabos? Levante-se. Você está ficando completamente molhado!

Eu sorrio e levanto o anel para ela. — Quer se casar comigo, Tara, querida?

Ela fica boquiaberta. — Sério, Arturo? Você está me pedindo agora?

— Sério. O momento não poderia ser mais perfeito. — Dou de ombros.

— Estamos no meio de um grande desastre hidráulico, caso você não tenha percebido.

— Eu percebi. E daí? Você quer ser minha esposa, meu pequeno perigo precioso?

Seus lábios se fecham em uma linha reta enquanto ela me encara por um longo momento, antes que um sorriso radiante se espalhe por seu rosto atordoado. Seus lindos olhos verdes se enchem de lágrimas quando ela começa a acenar com a cabeça.

— Sim, — ela funga, depois levanta a mão. — Eu vou casar com você.

Bem, graças a Deus!

Deslizo o anel em seu dedo até que ele encoste no primeiro que escolhi para ela. O anel que lhe dei antes de minha mente compreender totalmente o que essa mulher incrível significava para mim, mas meu coração já sabia que ela era inestimável.

Assim que as duas esmeraldas centrais se conectam sobre a aliança, ficando ligeiramente inclinadas para formar inadvertidamente um símbolo de infinito, eu me levanto e pego minha esposa nos braços, depois corro para o nosso quarto.

— Hum... Podemos deixar de mencionar o grande vazamento e a inundação quando contarmos aos nossos futuros filhos sobre este momento? Podemos simplesmente dizer que eu concordei em casar com você em Roma, — ela sugere enquanto eu tiro sua camiseta molhada.

Eu sorrio e capturo sua boca com a minha.

— De jeito nenhum.

Enquanto isso, em Boston

Adriano

Sede da Ruffo Enterprises

Distrito Portuário

A dor constante lateja em minhas têmporas, fazendo meu cérebro parecer que está se transformando em mingau sob a pressão. Aperto a ponte do nariz e recosto-me na cadeira do escritório, esperando que essa enxaqueca passe rapidamente se eu ficar completamente imóvel. Assim que me acomodo para uma hora agonizante, uma batida forte na porta aumenta ainda mais meu sofrimento.

— Ótimo, — suspiro.

Considerando a hora tardia e os gemidos estranhos e abafados que podem ser ouvidos mesmo atrás da porta fechada, só poderia ser uma pessoa. Meu mensageiro.

Com outra pressão no nariz e depois nas têmporas, o que não adianta absolutamente nada para a minha enxaqueca, endireito-me na cadeira.

— Entre.

A porta se abre, revelando um homem de meia-idade com cabelos oleosos na altura dos ombros e uma barba grisalha e rala. E um bastardo choramingando

encolhido aos seus pés. De alguma forma, apesar do pano sujo enfiado em sua boca, os gemidos do homem maltratado soam como trovões na minha cabeça.

— Tenho o seu pacote, — declara o barbudo. Sua voz tem um leve sotaque francês; a articulação é nítida e totalmente incompatível com sua aparência desleixada. — Aqui está.

Como se para reforçar seu argumento, ele agarra o chorão pelo pescoço e o empurra para fora da porta. O pobre coitado amarrado e amordaçado rola pelo chão.

Inclino a cabeça, avaliando o estado da minha mais recente aquisição. Ele parece ter desmaiado. Meu olhar se volta para o entregador, examinando-o da cabeça aos pés. Pelo estado de suas roupas sujas e rasgadas, diria que ele passou pelo menos uma semana dormindo nas ruas. Será que foi mesmo?

— Isso é novo. — Desvio o olhar para o cabelo dele, para os fios que parecem não ver água e sabão há pelo menos um mês. — E gosto especialmente da barba falsa.

Os olhos do homem se estreitam. Eles são a única falha em seu disfarce. É possível mudar muitas coisas em si mesmo, mas o olhar geralmente denuncia a verdade. Os olhos do mensageiro são claros. Jovens. Muito jovens. Olhando para mim com fogo brilhando em seu interior. Chamas selvagens. Ele ainda não aprendeu a controlar suas emoções. O que só enfatiza suas habilidades surpreendentes de engano. Isso inclui a maquiagem habilmente aplicada em seu rosto. A máscara astuta o faz parecer mais do que o dobro da sua idade real.

— Então? Estamos quites agora? — ele rosna.

— Sim. Estamos quites, Zacharie. — Aceno com a cabeça, imediatamente me arrependendo quando uma dor aguda atinge meus olhos. — Você teve a chance de reconsiderar minha oferta para trabalhar para mim em tempo integral?

— Não. Estou satisfeito com meu novo empregador.

Eu *bato a língua*. Teimoso. Igual ao pai. E leal. Eu deveria ter me esforçado mais e derrotado aquele maldito siciliano para tirar o garoto da prisão chinesa. — Tudo bem, dê os meus parabéns a DeSanti. Ele ganhou um grande trunfo.

Os olhos do garoto brilham de surpresa. — Esse não é o tipo de informação que se divulga abertamente.

— Enquanto houver agentes dispostos a vender informações e pessoas com meios para pagá-las, todas as informações podem ser obtidas. Lembre-se disso.

Assim que Zacharie Allard sai, vou até as janelas que vão do chão ao teto e olho para o horizonte de Boston iluminado à noite. Minha entrega ainda está encolhida no centro do meu escritório, enchendo o lugar com o cheiro de medo.

Levou meses e uma pequena fortuna, mas minhas fontes finalmente encontraram Tobias Katrakis escondido em algum lixão em Atenas. Outra boa quantia foi gasta para providenciar um voo particular para trazê-lo para este lado do Atlântico. Valeu a pena. O velho agiota tem muitos contatos em Nova York que podem ser úteis, e as informações que posso obter dele compensam todo o dinheiro que gastei para caçá-lo. E ainda há um bônus extra. O subchefe da Cosa Nostra quer a cabeça do grego por quase matar sua esposa. Ainda estou pensando em como usar essa vantagem, mas é um bom trunfo na manga.

Olho para o meu relógio de pulso. É muito tentador ficar e começar logo a primeira rodada de perguntas. No entanto, minhas prioridades parecem ter mudado recentemente. Tiro o celular do bolso da calça e envio uma mensagem para o

segurança lá embaixo. Minha equipe sabe que espero uma ação imediata, então ele estará aqui em instantes para pegar Katrakis.

O grego está começando a acordar, algo que não posso permitir. Não posso deixar que ele tenha ideias malucas neste momento.

Aproximo-me do homem semiconsciente e agacho-me ao lado dele. O jovem Zacharie Allard maltratou-o bastante, mas ainda há um risco quando se trata de Katrakis. E eu entendo muito bem o valor de mitigar riscos residuais.

Segurando seu pé com a mão direita, coloco a esquerda logo acima do tornozelo. Um pouco de pressão e um estalo alto ressoa pela sala. Imediatamente seguido pelo grito de um pobre idiota azarado o suficiente para sofrer uma fratura.

Isso basta.

Endireitando-me, atravesso o escritório, pegando meu paletó no caminho para a porta.

Sempre fui pragmático. Fixações doentias, desejos e sentimentos delirantes mesquinhos nunca existiram na minha vida. Isso é para pessoas comuns que não conseguem almejar mais para alcançar suas ambições. Pessoas que se deixam influenciar com facilidade, se distraem e se tornam inúteis, incapazes de separar a ficção da realidade.

O que torna impossível para mim compreender minha nova, inexplicável e consumidora obsessão. Esse fascínio que desenvolvi e não consigo me livrar, por mais que tente. Como um viciado, fico pensando que mais uma dose será suficiente para me livrar do vício. Só para provar que estou errado.

Tudo começou com um único doce embrulhado em celofane. Um biscoito italiano. Meio amassado quando ela me ofereceu. No entanto, as camadas tricolores do recheio ainda estavam distintas. Ainda tentadoras. Mágicas.

Arco-íris.

O símbolo do nome dela.

Íris.

Fim

Cena bônus 1

Sequestrado

Esta cena bônus é narrada do ponto de vista de Kurt.

Para entender a história abaixo, você precisa ter lido o Livro 5 (Stolen Touches – Milene e Salvatore) e a cena bônus anterior (Kurt).

Kurt

Clink...

Abro um olho.

O som é quase imperceptível, mas reconheço o barulho de uma chave girando na fechadura. Os pombinhos já estão voltando? Que bom, porque já estou cansado dessa poltrona desconfortável. O Malvado fechou todas as portas que dão para outras partes da cobertura antes de levar Milene para um encontro chique e me deixar preso na sala de estar. Tenho certeza de que ele fez isso de propósito. Ele não me quer em nenhum dos quartos. É ganancioso demais para compartilhar os travesseiros fofos que estão empilhados em cima das camas macias. Seu rato bastardo.

A porta da frente se fecha com um baque abafado.

Sim, eles voltaram.

Apertando os olhos novamente, empurro o carregador do celular do Malvado para baixo da minha barriga para que ele não perceba. Aquele pedaço de carne sem pelos adora tirar todos os meus brinquedos. Mas eu gosto muito deste. Eu o mastiguei tão bem. Aquela coisa fibrosa agora está quase achatada. Parece bacon.

Ahhhh... Eu adoro bacon! Quase tanto quanto adoro atum. Mas a fofinha da Milene me colocou de dieta no mês passado. *Hiss*[10]. É por causa daquela veterinária malvada. Ela disse para a minha humana que eu estava um pouco acima do peso. Acima do peso! Eu? Como ela ousa me insultar! Eu não preciso de nenhuma mudança na minha dieta. A menos que isso signifique mais atum e bacon. Eu sou o espécime perfeito de um gato macho. Forte, ágil e perfeitamente cuidado! Eu lambo minhas bolas e meu traseiro diariamente. Um gato acima do peso teria flexibilidade para fazer isso?

Tap. Tap.

Estico o pescoço, olhando na direção da entrada, ouvindo o som de passos se aproximando. Está escuro no quarto, mas isso não faz diferença para mim. Minha visão é tão aguçada quanto minhas garras, e minha audição é melhor do que a de um rato do metrô. O menor barulho é suficiente para eu determinar a origem. E esses passos são muito regulares. Não são os passos do Malvado. E são pesados demais para serem da Milene.

Intruso!

Bolas de pêlo! Temos um problema!

Alerta! Alerta! Alerta!

---

[10] O sibilar do gato.

Pulo na parte de trás da poltrona reclinável e depois salto para o topo da estante. Meus movimentos são rápidos e graciosos - definitivamente muito além do que um gato gordo poderia fazer. (Não dá para me convencer do contrário. Eu vi a prova em vídeo. O registro de gatos obesos presos dentro da tela do celular da Milene. Alguns deles até tinham nomes... Cheezburger. Que vergonha, eu digo, que vergonha!)

Mas agora não há tempo para contemplar as más escolhas feitas pelos felinos menos sensatos do mundo. Assumo meu posto de observação. Ouvindo. Esperando.

Tap. Tap.

Um homem, vestido com uma estranha roupa preta, parecendo um dos lunáticos que o Malvado às vezes assiste na TV, vira a esquina e entra furtivamente na sala. Ele para, olha em volta no escuro e tira algo do cinto.

Uma arma!

Socorro! Socorro! Socorro!

Ele tem uma arma!

Pelas pulgas de Deus! O idiota do Malvado escolheu justamente hoje para levar Milene para um encontro em vez de proteger seu covil! Inútil! Não tem instinto nenhum.

Clique.

Um feixe de luz se estende da mão do intruso, varrendo a sala de canto a canto.

Oh. É uma lanterna.

Eu me deito em cima da estante, mantendo-me completamente imóvel. Nem um pêlo se move enquanto observo esse estranho intruso bisbilhotando meu território.

Será um ladrão? Ele não está abrindo nenhuma gaveta, nem tirando nada. Um assassino? Enviado por um inimigo do Malvado para eliminar o companheiro de Milene?

Droga, que azar o meu!

Você deveria ter vindo há uma hora, seu idiota! Antes que o Malvado saísse!

Continuo observando o intruso enquanto ele anda por aí, verificando cada canto e recanto. Debaixo dos móveis, atrás das cortinas, até mesmo entre as almofadas do sofá. Ele está procurando alguma coisa?

Então não é um assassino.

Quando termina sua inspeção estranha, o bisbilhoteiro pega seu celular e vai para a cozinha.

— Fred, — ele diz baixinho para o aparelho. — Tem certeza de que está na sala? Porque não está aqui. Devo verificar o resto da casa?

O homem está longe demais para eu ouvir a resposta, mas deve ter sido algum tipo de instrução, porque o intruso se dirige ao armário. Meu armário!

Ele é um ladrão!

— Tudo bem. Vou tentar. — Ele acena com a cabeça enquanto alcança o interior. Tira uma lata que eu conheço muito bem. Coloca-a na bancada. Abre-a.

Que merda é essa? Ele ficou com vontade de fazer um lanche no meio do seu roubo idiota ou algo assim? Tanto faz. Ninguém entra no meu esconderijo sem

ser convidado. Ninguém rouba minha comida! Vou lidar com ele imediatamente e sem piedade. Eu vou... Foda-se! Estou começando a soar como o Malvado. Isso é terrível. De volta ao problema em questão.

Estou avaliando a distância entre meu esconderijo e o ladrão faminto. Calculando quantos saltos seriam necessários para cair nas costas dele. Planejando a força necessária para... Oh, que cheiro maravilhoso?

Hum, hum, hum! O cheiro divino de atum enche o ar.

Pelas nove vidas! A baba escorre da minha boca. Não tenho recebido nada além de ração sem gosto e zero guloseimas há semanas, e um simples cheiro desse aroma de dar água na boca me faz querer acelerar meu motor de ronronar.

— Aqui, gatinho, gatinho...

O intruso abaixa a lata de atum no chão da cozinha.

Não. Ignora-o. É algum tipo de truque.

Todo mundo sabe que não se deve aceitar peixe de estranhos.

Mas, caramba, cheira tão bem! Está me tentando. Me tentando.

Essa dieta forçada e idiota deixou meu pobre estômago do tamanho de uma ervilha. Quanto um gato faminto pode aguentar? *Mmm...* Talvez só cheirar? Uma mordidinha rápida - para recuperar minhas forças - antes de me concentrar em me livrar desse visitante indesejado.

Intoxicado pelo cheiro celestial, dispenso o cara, sem me importar mais com quem ele é ou o que ele quer. Seguindo meu nariz, pulo da estante e corro em direção ao banquete.

A primeira mordida no atum perfeitamente desfiado é pura felicidade. Tão bom que, na pressa de engolir, quase me engasgo.

Divino. Tão delicioso que...

Um tecido grosso e pesado cai sobre minha cabeça.

MEOOOOW. HISS. GRRR.

— Te peguei!

***

— Puta merda, Marv! Você pode acalmar essa coisa? Estou tentando dirigir!

— O que você pensa que estou fazendo? — grita meu sequestrador enquanto eu me debato dentro da armadilha, sibilando e tentando arranhar para sair. — Esta bolsa não vai aguentar. Devíamos ter trazido uma gaiola!

Uma gaiola! Como ele ousa! Eu solto outro miado furioso e cravo as unhas no que espero que seja a virilha do vira-lata. Esta bolsa de lona estúpida não é obstáculo para minhas garras imaculadamente afiadas. Não passei os últimos dois dias afiando-as nas cabeceiras da cama do Malvado à toa.

— Porra! O merdinha cravou as unhas nas minhas bolas!

Bingo!

Mudando de posição tanto quanto o espaço confinado dentro da bolsa me permite, perfuro o tecido novamente.

Um gemido doloroso ecoa pelo interior do veículo.

— *Merda!* — Marv, o intruso, geme.

Ha! Toma lá, sua barata gigante! Mais uma exclusividade para você: bolas rasgadas.

Minha empolgação dura pouco, porém, porque o idiota me empurra do colo e eu caio de cabeça no chão. *Ai!*

Ratos, não acredito que estou sendo sequestrado! Esses canalhas vão me pedir resgate ao Malvado? Isso é um plano para me roubar dos meus humanos?

Tive a sensação de que aquele palhaço era má notícia assim que o vi e senti o cheiro dele. Ele fede como o monte de cocô de cavalo seco ao sol que passei uma vez no parque da cidade.

— Que se dane o contrato. — Marv novamente. — Vamos simplesmente matá-lo. Não quero sair do estado com esse demônio no meu colo só para jogá-lo em algum lugar.

Congelo. Meu pelo se eriça instantaneamente.

Matá-lo?

Eu?

— Boa ideia, Marv. Vamos apenas...

Os pneus guincham e o carro para bruscamente. Isso me faz rolar dentro da bolsa até bater em algo. Nunca desperdiçando uma oportunidade, me debato de um lado para o outro, tentando encontrar uma maneira de escapar. Nada. O caminho para minha liberdade está rigidamente amarrado.

— Que merda está acontecendo com as pessoas? Esse idiota acabou de me cortar! Ele quase nos tirou da estrada! — Fred grita.

— Merda, cara. É ele. — A voz de Marv soa um pouco histérica. O fedor ao redor dele está se transformando em algo novo. — Que merda ele está fazendo aqui? Oh, merda, ele está vindo para cá. Nós estragamos tudo?

— Ah... Oi. Tem algum problema...

Um silvo agudo rasga o ar, seguido por outro imediatamente depois. Fico muito quieto, muito calado. Escuto para saber o que está acontecendo.

A porta do carro range quando alguém a abre, e então a bolsa em que estou é levantada do chão. Não! O que está acontecendo? Estou sendo sequestrado dos meus sequestradores?

Bem, eu não vou cair sem lutar!

HISS. GRRR. RONCO. HISS.

Eu me debato, arranhando o tecido da bolsa.

— Pare com isso! — ordena uma voz baixa e autoritária. — Gato defeituoso.

O Malvado?

Um miado longo e encantado sai da minha boca. Estou sendo salvo!

Espero pacientemente enquanto ele desamarra a bolsa, oscilando entre o alívio e a irritação. Estou feliz por logo voltar para Milene, mas o fato de estar sendo resgatado pelo meu inimigo parece de alguma forma degradante.

Sim, eu sei. Eram dois contra um, mas eu deveria ter conseguido vencê-los. Minha vida fácil com Milene me deixou mole demais. Merda, se a notícia se espalhar pelas ruas de que um humano teve de me salvar, isso acabará com a minha reputação. Eu seria expulso da Sociedade dos Gatos de Rua.

As laterais da bolsa finalmente estão soltas. Eu me sacudo, esticando os membros e empurrando a cabeça pelas dobras. Assim que saio, fico cara a cara com o Malvado. O Usurpador.

— *Demorou hein!* — mio, dando uma patada em seu queixo. Mas o pedaço de carne se afasta bem na hora.

— Eu deveria ter deixado eles te levarem. — Ele desliza as mãos pela minha barriga, me levantando e virando de um lado para o outro. — Eles te machucaram?

Sim! Eles destruíram minha autoestima em pedacinhos, e então você chegou e a enterrou completamente! Como ousa me ajudar, humano? Eu teria conseguido me libertar! Eventualmente.

— Você parece bem. Tudo bem. Vamos para casa, pestinha.

Peste? Eu? Talvez eu devesse ficar com os sequestradores. Eles obviamente têm um melhor senso do meu valor.

Enquanto o Malvado me carrega, estico o pescoço e viro a cabeça para ver os sequestradores, imaginando por que eles não estão fazendo barulho por terem me perdido. Mas os dois vira-latas estão encurvados nos assentos, com manchas vermelhas idênticas no meio da testa.

Mortos?

O Malvado os matou!

Por minha causa?

Levanto o queixo um pouco mais, assumindo uma pose mais digna. Claro que ele os matou. Ninguém mexe com a família Ajello, e eu sou um membro valioso do bando. Integral. Insubstituível. Riggs não conta, é claro.

Aquele gato é uma vergonha. E estou feliz que Milene tenha percebido isso. Ela nunca cometerá o mesmo erro novamente. Só existe um gato alfa em nosso bando, e sou eu!

— Você precisa começar a se comportar, pestinha, — tagarela o Malvado enquanto me coloca no banco do passageiro depois de se sentar ao volante. — Chega de brincar por brincar. A partir de amanhã de manhã, você será o irmão mais velho de uma ninhada de gatinhos. Milene mal consegue se conter.

Não!

Cena bônus 2

O Guru do Amor

Apresentador de rádio: Boa noite a todos. Sou James Williams e quero dar as boas-vindas ao episódio desta semana de *'O amor está ao virar da esquina*'. Hoje à noite, temos um convidado especial no estúdio. No entanto, devido à natureza delicada do seu trabalho, não podemos revelar o seu nome verdadeiro. Em vez disso, vamos chamá-lo de Don.

É um prazer ter você aqui, Don!

... [Apenas silêncio é ouvido pelo público através das ondas do rádio.

Convidado: Olá.

Apresentador de rádio: Senhoras e senhores, por favor, não levem isso a mal. Acredito que Don esteja apenas um pouco nervoso. Antes de entrar no ar, ele me confessou que nunca havia participado de um programa de rádio antes.

Vamos começar. Você poderia nos contar por que aceitou nosso convite para participar do programa desta noite? Pelo que entendi, você dirige um grande conglomerado, então não tenho dúvidas de que seu tempo deve ser muito limitado.

Convidado: Isso mesmo. Estou aqui porque fui chantageado e coagido a vir.

Apresentador de rádio: Não acredito! Coagido? Eu não fazia ideia. Você poderia explicar melhor?

Convidado: Um dos meus sócios achou que minha participação no seu programa seria útil. Infelizmente, ele compartilhou essa ideia maluca com minha esposa. Ela gostou e me obrigou a vir.

Apresentador de rádio: Ah, ela está ouvindo, então? Olá, Sra. Don! Envio-lhe muito amor e...

Bam!

Convidado: Isso é só um aviso, James. Ninguém além de mim manda amor para minha esposa. Entendeu? Da próxima vez, não vou parar em um olho roxo. Entendeu?

Apresentador de rádio: Com certeza. [*Gemido.*] Cem por cento.

Convidado: Pode continuar.

Apresentador de rádio: Hum... sim, claro. Você parece muito apaixonado pela sua esposa, Don. Como este programa é dedicado a dar conselhos sobre relacionamentos, talvez você pudesse compartilhar algumas palavras de sabedoria? Conte ao nosso público como você conheceu o amor da sua vida e suas experiências ao cortejá-la. Há algo específico que funcionou para você ou algo que você gostaria de ter feito de maneira diferente?

Convidado: Tudo bem. Nós nos conhecemos no estacionamento do hospital onde ela trabalhava. Foi um encontro breve, que durou cerca de dez minutos. Mas foi tempo mais do que suficiente para eu perceber que faria qualquer coisa para que ela fosse minha.

Apresentador de rádio: Isso parece tão romântico. Conte-me, qual foi o seu primeiro passo?

Convidado: Eu pesquisei sobre ela e depois a observei.

Apresentador de rádio: Ah, você descobriu as coisas que ela gostava e os lugares onde ela gostava de passar o tempo? Que fofo. Acho que poucas pessoas se esforçam para conhecer alguém hoje em dia. Vivemos em uma cultura de gratificação instantânea, você não acha?

Convidado: Não. Quero dizer que pedi ao meu chefe de segurança para fazer uma investigação completa sobre ela e instalar câmeras de vigilância para que eu pudesse observá-la 24 horas por dia.

Apresentador de rádio: Uh... Você quer dizer... você... a perseguiu?

Convidado: Sim.

... [Ahem. Tosse. Tosse.]... [O apresentador parece estar com algum problema. Uma equipe de primeiros socorros está de prontidão.]

Convidado: Isso foi definitivamente uma das coisas que funcionou. Para alcançar o resultado desejado, é importante reunir e analisar todas as informações pertinentes, James. Depois de entender melhor a pessoa escolhida, fica muito mais fácil atingir seus objetivos. Recomendo totalmente essa abordagem.

Apresentador de rádio: Hum... Certo. Entendo. Você não é um defensor dos meios convencionais. Como dar flores, por exemplo.

Convidado: Eu tentei isso.

Apresentador de rádio: Ah, tentou? Como foi? E o que você deu para ela? Rosas?

Convidado: Tudo o que a floricultura tinha disponível. Mas meu erro foi não escrever um bilhete. Então ela não tinha ideia de que eram para ela. Isso deve servir de lição para seus ouvintes. Sempre inclua um cartão assinado com as flores.

Apresentador de rádio: Esse é um conselho muito bom. Bem, já que conquistar sua amada com flores parece ter falhado, o que você tentou em seguida?

Convidado: Eu invadi o apartamento dela e enchi a geladeira.

Apresentador de rádio: Hã. Interessante. Não era o que eu imaginava que você diria. E por que fez isso?

Convidado: Os hábitos alimentares dela eram extremamente pouco saudáveis. Toda vez que eu a via nas câmeras tirando comida ruim da geladeira ou comendo fast food, eu ficava com nojo.

Apresentador de rádio: Câmeras? Na casa dela? Isso não é ilegal, Don?

Convidado: Onde você quer chegar com essa pergunta?

Apresentador de rádio: Ah, não. Eu só estava, você sabe, curioso. Vamos continuar. Sua futura esposa sabia que você estava... hum... interessado... nela? Vocês dois se viram pessoalmente durante esse tempo?

Convidado: Não. Foi algum tempo depois que decidi que era o momento certo para nos encontrarmos cara a cara novamente. Isso coincidiu com um tarado que intensificou sua perseguição indesejada por ela e não aceitava um 'não' como resposta.

Apresentador de rádio: Ela tinha *outro* perseguidor? Além de você, quero dizer.

Convidado: Sim. Mas, felizmente, esse problema foi rapidamente resolvido. Depois que eu dei um tiro no cara, ele rapidamente entendeu que perseguir a mulher de outro homem era errado. Meu conselho nessa situação é cuidar de todos os cretinos desagradáveis com a máxima rapidez.

Apresentador de rádio: Mas... você mesmo a perseguiu. Você a observava sem que ela soubesse.

Convidado: Eu estava me certificando de que minha futura esposa estava bem. São situações totalmente diferentes.

Apresentador de rádio: Entendo. E quando vocês se encontraram novamente? Ela se apaixonou por você imediatamente ou você teve que se esforçar para conquistá-la? Quanto tempo vocês namoraram antes de você pedir ela em casamento?

Convidado: Tivemos um encontro e nos casamos no dia seguinte.

Apresentador de rádio: Um dia? Ela aceitou se casar com você depois de um encontro?

Convidado: Não é nada de extraordinário. As pessoas tendem a concordar rapidamente, e praticamente com qualquer coisa, quando toda a sua família está ameaçada de destruição. Ter excelentes habilidades de persuasão é essencial para namorar. Acredito que essa tem sido minha maior força.

Apresentador de rádio: Certo. É bom saber. Hum... Presumo que vocês estão casados há bastante tempo. Então, deduzo que ela acabou desenvolvendo sentimentos por você, no final das contas?

Convidado: Claro.

Apresentador de rádio: Sério? Quero dizer... Como você pode ter certeza do amor dela? Ela expressou isso de alguma forma grandiosa ou...

Convidado: Ela levou um tiro por mim. É grandioso o suficiente para você, James?

Apresentador de rádio: Uau! Isso é... incrível. Hum... Posso perguntar o que aconteceu com a pessoa que atirou nela?

Convidado: Um pouco de filetagem.

Apresentador de rádio: Não sei se entendi o que você quis dizer.

Convidado: Você já viu um peixe sendo eviscerado e transformado em filés?

Apresentador de rádio: Algumas vezes, claro.

Convidado: Então você entendeu o que eu quis dizer.

...

Produtor: James, ainda estamos *ao vivo*.

Apresentador de rádio: [*Ahem*] Certo. Bem, nosso tempo está quase acabando. Eu... ah... tenho mais uma pergunta para você, Don. Como um homem que ama muito sua esposa...

Convidado: É um eufemismo.

Apresentador de rádio: Claro. Eu posso ver isso. Você poderia me dizer se há alguma coisa em sua esposa que você talvez... não goste? Uma mania, talvez?

Convidado: Minha esposa é a personificação da perfeição. Eu adoro tudo nela. Exceto Kurt.

Apresentador de rádio: Kurt?

Convidado: O gato defeituoso dela. Estou constantemente tentado a estrangular aquele diabinho. Infelizmente, ela ama aquela criatura. E por causa disso, mesmo odiando-o com toda a minha força, não consigo fazer mal a ele de forma alguma. E todas as minhas tentativas passivas de neutralizá-lo falharam. Deixar as

portas abertas na esperança de que ele fugisse. As janelas também. Nada. Até mesmo o plano de sequestro e mudança forçada.

Apresentador de rádio: Você tentou sequestrar o gato da sua esposa?

Convidado: Não seja ridículo. Eu só disse que não tocaria nele. Você não estava prestando atenção?

Apresentador de rádio: Hum...

Convidado: Contratei uma equipe profissional. Mercenários de primeira linha. Tudo foi planejado nos mínimos detalhes. Levei minha esposa para um jantar romântico, dei a noite de folga para os seguranças da casa e forneci meios de entrada para os perpetradores. Tudo o que eles precisavam fazer era entrar, pegar o maldito gato e levá-lo para fora do estado. Fácil, fácil.

Eles pegaram o pestinha em menos de quinze minutos. Recebi uma ligação de confirmação quando eles estavam saindo da cidade pela interestadual. Minha esposa e eu ainda estávamos saboreando o prato principal...

Apresentador de rádio: Meu Deus! Você realmente teve o gato da sua esposa sequestrado!

Convidado: Isso é absurdo. Desliguei o telefone e me retirei, informando à minha esposa que precisava lidar com um assunto urgente. Então, alcancei os sequestradores e me livrei deles.

Apresentador de rádio: Espere um minuto. O que você quer dizer com ‘me livrei deles’? Você não fez isso, fez?

Convidado: Claro que sim. E depois de fazer isso, levei o bicho para casa. Disse à minha esposa que precisava levar Kurt ao veterinário, mas que não queria

preocupá-la sem necessidade. [*Ahem*.]. Se você estiver ouvindo, *cara mia*, sinto muito.

Apresentador de rádio: Espere, espere. Não estou entendendo, Don. *Você* contratou os sequestradores! E depois *você* os perseguiu e... matou... eles? Por terem levado o gato?

Convidado: Não sei por que você está confuso, James. É muito simples. Ninguém sequestra o gato da minha esposa. Ou fica impune.

O que vem a seguir?

O próximo livro será de Adriano e Iris. Ambos apareceram pela primeira vez em *Sweet Prison*. Você pode esperar clichês como diferença de idade, herói perseguidor, opostos que se atraem e um herói extremamente ciumento e possessivo. Esta é a história de um homem que foi criado para ser implacável, que não se intimidava em fazer o que fosse necessário para garantir a continuidade do legado de sua família. O caminho de sua vida o levou a uma grande riqueza e a um enorme respeito, mas, nesse processo, ele perdeu algo muito importante. Seu coração. Ou talvez... ele não tenha sido perdido. Talvez tenha simplesmente congelado. O título do livro 12 é ***Frozen Heart.***

Frozen Heart será o último da série principal e será lançado em 30 de abril de 2026. E para aqueles que podem estar se perguntando por que a espera é tão longa (já que eu lancei livros muito mais rápido no passado), a principal razão é o tamanho do livro. Os primeiros livros da série tinham cerca de 50.000 palavras cada. No entanto, à medida que a série avançava, os livros ficaram mais longos, com os últimos tendo mais de 120.000 palavras, o que é mais do que o dobro do tamanho dos primeiros livros. Com isso em mente, não é realista para mim manter o mesmo ritmo de publicação de antes. Lamento pela espera, mas prefiro dedicar mais tempo para escrever a história e tornar o livro o mais perfeito possível, do que apressá-lo.

Obrigada pela compreensão.

Frozen Heart

Adriano

Amor.
Que ilusão patética, absurda.
Um conto de fadas inventado para fracos e inúteis, cegos demais para enxergar o mundo como ele realmente é.
O mundo é um ermo apodrecido, amaldiçoado, onde apenas a mentira e a traição prosperam.
Todos usam uma máscara.
Todos escondem uma lâmina.
Aqui não existem santos.
Nada resta além de tons de cinza.
Jurei por essa verdade durante anos, até conhecê-la.
Uma única alma inocente em um mundo encharcado de pecado.
Um raio de sol no abismo negro sem fim, uma flor delicada da qual eu deveria manter-me o mais distante possível.
Não consigo.
Vou roubar a sua luz, mesmo sabendo que ela nunca foi destinada a mim.

Iris

Amor.
O sentimento mais poderoso do mundo.
Ele pode fazer você atravessar os portões do paraíso, ou descer de bom grado às chamas do inferno, apenas para salvar a pessoa sem a qual você se recusa a viver.
E eu faço exatamente isso.
Prendo-me a um homem que não se importa com nada,
exceto riqueza e poder.
Um homem que acredita que tudo pode ser comprado,
até mesmo a vida de uma pessoa.
Um homem que matou a primeira esposa,

sem remorso,
sem pestanejar.
Ele não tem misericórdia.
Não tem alma.
Apenas gelo em seu terrível, congelado coração.
E agora... ele é o meu dono.